

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Museu Nacional

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

HIIPANA, EENO HIEPOLEKOA :

**Construindo um pensamento antropológico a partir da mitologia Baniwa e
de suas transformações.**

Francineia Bitencourt Fontes

Rio de Janeiro

2019

Francineia Bitencourt Fontes

Hiipana, Eeno Hiepolekoa : Construindo um pensamento antropológico a partir da mitologia Baniwa e de suas transformações.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Viveiro de Castro

PPGAS/MN/UFRJ

Rio de Janeiro

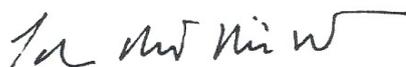
Fevereiro de 2019

**Hiipana, Eeno Hiepolekoa: Construindo um pensamento antropológico a partir
da mitologia Baniwa e de suas transformações**

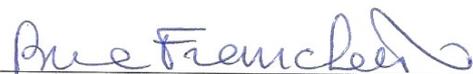
Francineia Bitencourt Fontes

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Aprovada por:



Prof. Dr. Eduardo Batalha Viveiros de Castro (orientador)
Museu Nacional - UFRJ



Prof.ª. Dr.ª. Bruna Franchetto
Museu Nacional - UFRJ



Prof.ª. Dr.ª. Tania Stolze Lima
UFF - aposentada

Prof.ª. Dr.ª. Aparecida Vilaça
Museu Nacional - UFRJ (suplente)

Prof.ª. Dr.ª. Oiara Bonilla
UFF (suplente)

Rio de Janeiro,
Fevereiro de 2019

Para Francisco e Lúcia, meus pais, porque sempre me ensinaram tudo.

Para Fabrício e Larissa, meus filhos, pois sempre estaremos juntos.

Para Sônia, Frank, Bianca e Diego, meus irmãos, porque sempre estarão comigo.

Agradecimentos

A trajetória deste trabalho começou na comunidade de Assunção do Içana, rio Içana, quase na fronteira do Brasil com a Colômbia. O rio Içana possui 93 comunidades Baniwa e Koripako, e em todas estas comunidades eu tenho parente por parte do meu pai Francisco Luiz Fontes. Ao longo dos anos fui construindo, aprendendo e sonhando com este trabalho e contei com muitas pessoas, com aqueles que diretamente ou indiretamente, sabendo ou não disso, citados aqui ou não, contribuíram para a minha formação de vida e de vivência que entrego agora em forma de uma dissertação de mestrado.

Na comunidade de Assunção, onde tudo começou, estão meus pais, Francisco e Lúcia, foram os maiores pilares de minha vida para chegar onde estou hoje, pois foram meus maiores mestres de vida, com sua simplicidade de fala souberam me guiar, para nunca desistir dos meus sonhos, dizer obrigada aos meus velhinhos seria pequeno diante de tudo que fizeram por mim, diante das noites em claro que meu pai passou, e a mãe pelos anos todos trabalhando na roça embaixo do sol quente. Junto a eles, agradeço aos meus irmãos Sônia, Frank, Bianca e o Diego os melhores que eu poderia ter, além de irmãos foram meus melhores amigos, e ter ajudado a cuidar dos meus pequenos (filhos). Agradeço em especial aos meus filhos, Fabrício e Larissa, por serem tão compreensíveis nesse momento por estar longe deles. Como era doloroso deixá-los e partir para um lugar tão longe de casa, e que com suas bravuras me diziam que tudo daria certo e que eles ficariam bem, que eles estariam na torcida por mim.

Agradeço em especial aos meus avós maternos, José e Cecília (*in memoriam*), Ramiro, Helena, Valdo, Tereza, Moisés e João, pelos ensinamentos transmitidos durante minha vida toda, desde o momento do meu nascimento até o dia em que partiram. Eles foram meus avós e meus pais, pois aprendi tudo com eles. Tudo que sou hoje, devo a eles, são minhas maiores riquezas que já tive na vida. Tenho certeza que estão orgulhosos de mim, pois só estou hoje aqui, por que minha avó me deu força para nunca desistir dos meus sonhos. Agradeço aos meus avós paternos, Luiz e Madalena (*in memoriam*), não tive sorte de conhecê-los, mas através da fala do meu pai, sinto que os conheço, através dos seus ensinamentos. Durante esta pesquisa eu conheci meu avô Luiz através de uma foto.

Agradeço os sábios e aos meus parentes da minha comunidade, com os quais aprendi muita coisa nessa vida, foram pessoas importantes na minha formação. Ao Mario Piloto (*in memoriam*), Irineu Fernandes (*in memoriam*), Quintina Cecílio (*in memoriam*), Augusto Olímpio (*in memoriam*), Francisco D'Ávila, Manoel Olímpio, Hermes Plácido, Ivaldo, Cleomar, Ademar, Antônio Almeida, Natália, Maristela, Paulino, Hilda, Valdivino, Fátima.

Agradeço às minhas tias, Bibiana e Anita, por terem compartilhado suas experiências e relatos de vida comigo ao longo dos anos, desde o meu nascimento, e por serem avós dos meus filhos, minha eterna gratidão. À minha tia Íris e ao tio Gracindo, por toda palavra de incentivo que recebi ao longo desses dois anos de estudo longe de casa.

À Escola Estadual Indígena Kariamã, por ter me dado oportunidade de fazer parte da equipe docente desta instituição na qual aprendi muita coisa e pude contribuir na formação dos alunos. Agradeço aos meus colegas professores e amigos, Liliana, Alzira, Elizangela, João Pimenta, Rubens, Claudio, Luiz Antonio, Edelson, Amarildo, Divinória, João Bosco (*in memoriam*), Clara, Lindalva, Valdenir, Jonilton, Laura, Josivaldo, Juracy, Emerson, Ademar Filho, Bernadete, Geraldo, Lílian, Esmeralda, Oseas, Verônica, Carlos, Dinéia). Por esses anos todos de convivências e aprendizados que sempre tivemos nessa comunidade, cada um foi para um caminho, mas continuamos juntos nessa luta, seja o incentivo através de palavras.

Aos meus parentes Hohodene e Walipere-dakenai da comunidade de Ucuqui-Cachoeira, por me proporcionar um grande parentesco muito presente na minha vida, e ter me ensinado sobre a importância dos mitos e ter entendido o seu significado. A Nazinha Fontes, Maria Fontes, Daniel Fontes, Sabá Fontes, Afonso Fontes, Albino Fontes, Graciliano Fontes, Pedro Fontes, Paulo Fontes, Leonor Fontes, Eliane Fontes, João Fontes (*in memoriam*), Mario Fontes (*in memoriam*), Feliciano, Docila, Frank, Rosinei, Laureano (*in memoriam*) e a todos os parentes que moram nessa comunidade, o meu muito obrigado a todos.

Agradeço a professora e tia Maria Bidoca e o professor Miguel Carlos por serem pessoas que fizeram parte do meu dia a dia, desde alfabetização ao Ensino Médio, obrigada por cada palavra de incentivo, para estar aqui onde estou, maior parte foi por

incentivo deles, acreditando na capacidade de que nós éramos capazes sim de sermos mestres e doutores. Estas palavras me colocaram onde estou hoje, o meu eterno reconhecimento de gratidão aos dois mestres da minha vida.

Em São Gabriel da Cachoeira pude conhecer pessoas incríveis através da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN). Agradeço aos diretores da FOIRN e dos demais setores, Isaias, Marivelton, Nildo, Renato Mattos, Almerinda, Raimundo, Adelina, Alcineide, Lucas, Anderson, Etevaldo, Edilene, Edineia, Ivo, Edson. Agradecer todas as mulheres rionegrinas, das diferentes regiões do Alto Rio Negro, da COITUA, CABC, COIDI, CAIARNX, CAIMBRN, e dos 23 povos que residem nessa região, pelas palavras de motivação, de incentivo e, principalmente por estarem comigo nessa caminhada de resistência e de luta.

As minhas amigas e amigos do peito que o mundo me apresentou durante esses anos de descobertas, trocamos ideias, choramos juntos e sonhamos, quantas vezes damos apoio através de palavras, por mais distante que fosse às palavras de incentivo e motivação estava perto. O mundo me apresentou e me presenteou com a dádiva que se chama amizade, cruzei o Brasil em busca de ser alguém na vida e os conheci, e aos quais sempre serei grata por tudo, à Paula Máximo, Malu, Júlia, Mariely, Bruno Marques, José Miguel, Kérsia, Raylene, Camico, Mirtes, Mariane, Gabriel, Kauã, Idjahure, Caio, Heitor, Igor, Railson, Yeza, Priscila, Luana, Danielle, Mateus, Bartolomeu, Juliano, Nely, Sandra, Guiseppe, Dandara, Willian, Ellen, Germana, Kércia, Cristina, Milena, Júlia Mariano, Vik, Leoneia, Neiva, Luciana, Quimoi, André Baniwa, Tiago Oliveira, Maria Rossi e ao Douglas.

A Eduardo Viveiros de Castro o meu eterno agradecimento, pois me cedeu a carta de aceitação para que pudesse efetuar a inscrição dentro do PPGAS, e por ter aceito a ser meu orientador, da qual me orgulho por ele ser antropólogo com uma bagagem rica de conhecimento sobre o mundo indígena, na qual me deu segurança e apoio, sem medir esforço para me ajudar. Escrever essa dissertação foi desafiador, mas foi o momento de muitos aprendizados, em especial a sua disponibilidade e atenção que teve comigo durante as conversas da orientação, sempre me dando direcionamento de como fazer e claro pelo seu conhecimento antropológico.

Ao João Vianna, meu co-orientador, agradeço pela sua atenção e compreensão, pela disponibilidade de conversar, que não mediu esforço para ajudar nas correções de textos, me deu estadia, me acolheu em sua casa e principalmente pelo parentesco construído ao longo da escrita da dissertação e também à sua esposa Nicole Soares-Pinto, uma leonina protetora, na qual me fez sentir em casa, com sua proteção, a quão era suave em suas palavras, dizendo força que vai dá tudo certo. Isso me fez ter mais força para continuar, minha eterna gratidão à minha nova família.

Além dessas fronteiras, sou grata ao apoio da instituição que recebi, foi fundamental para realização do estudo e da pesquisa. Agradeço, assim, ao CNPq, pela bolsa de estudo concedida durante os dois anos de mestrado. Aos professores do PPGAs com que tive maior contato e que me ajudaram em diferentes momentos da minha trajetória, especialmente Bruna Franchetto, Marcio Goldman, Luisa Elvira, Adriana Viana, Carlos Fausto, Aparecida Vilaça, Federico Neiburg, João Pacheco, John Comerford, Antonio Carlos, Maria Elvira, Moacir Palmeira, Otávio Velho, com aos quais realizei algumas disciplinas, e outros pela convivência do dia a dia dentro da instituição. Aos colegas de mestrado e doutorado, próximos no começo, distantes no final, estivemos juntos este tempo todo em torno de nossas pesquisas e interesses diversos. E aos demais que o Rio de Janeiro me apresentou, em especial a Tânia Stolze, Oiara Bonilla, Célia e o Amilton meus sinceros agradecimentos, pelas palavras, pela leitura e correções dos textos e pelas trocas que fizemos em relação as experiências. Enfim, atravessei do norte ao sul para realizar o meu estudo, sem medir esforço de viagem de casa de canoa e rabeta (um dia de viaje), de lancha de São Gabriel da Cachoeira à Manaus (26 horas de viagem) e, por fim, de Manaus ao Rio de Janeiro, uma viagem longa, mas nem por isso desanimei, ao contrário, tive que vencer a saudade de estar longe de casa daqueles que amo, daqueles que me inspiram a continuar.

“Quando o homem compreende a sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e o seu trabalho pode criar um mundo próprio, seu Eu e as suas circunstâncias”.

Paulo Freire

Resumo

Esta dissertação é um estudo antropológico indígena sobre a mitologia Baniwa, ele se dedica a compreender alguns dos mitos mais importantes que narram a criação do mundo, o que nos permite entender como o mundo é hoje, em seus diferentes contextos. Desde esta perspectiva, nós, Baniwa, povo Aruak do Noroeste Amazônico, compreendemos os significados dos mitos como sendo reais, é a partir deles que podemos entender como surgiram os cantos, as danças, os benzimentos, e que podemos saber como as transformações foram feitas, bem como a importância de afirmar que somos animais e humanos. Notamos as conexões heterogêneas que nos envolvem, entre seres humanos e seres não-humanos. Realizo a minha pesquisa a partir da minha própria vivência com o mundo Baniwa e da interlocução com o meu pai, um homem Baniwa, *madzero*, mestre de danças e cantos. Assim, analisarei os deuses míticos e suas transformações na criação do mundo, descreverei o mundo pequeno (animais e humanos), o surgimento dos Hekoapinai (gente-universo ou donos do mundo): Kowai, Amaro, Kaaly. Enquanto mulher antropóloga e indígena, tenho um ponto de vista diferenciado para descrever a mitologia. Portanto, o foco recairá no entendimento a partir dos mitos de como é a nossa relação com os não-humanos, deixando vir à tona linguagens que não são deste mundo, uma língua de seres invisíveis. A perspectiva feminina abre possibilidades que devem ser aprofundadas em estudos posteriores.

Palavras-chave:

Baniwa; Mitologia; Pesquisadores indígenas; Mulheres indígenas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
Minha escrevivência, experiências vividas.....	15
Gravando na memória: a pesquisa com meu pai	20
O mito é vivo e presente	26
Os desafios do meu pai para mim	27
As palavras sábias dos entes queridos que já não estão mais presentes	29
A nossa luta.....	30
As políticas das mulheres	32
A dissertação e suas partes.....	34
CAPÍTULO 1 - O MUNDO DOS <i>EENONAI</i> E O COMEÇO DOS <i>HEEKOAPINAI</i> ...	38
Surgimento dos Hekoapinai - 01 Narrativa (Osso De Inambú).....	46
Surgimento dos Hekoapinai- 02 Narrativa (Osso de Doemieni)	51
Os Hekoapinai vão em busca da vingança.....	55
CAPÍTULO 2 - O COMEÇO DE KOWAI	61
Ñapirikoli faz a primeira vagina e o nascimento do Kowai.....	62
O Kowai aparece aos Malinaliene	65
Kowai engole os Malinalieni	71
Kowai faz Kalidzamai dos Malinalieni e do Ñapirikoli	78
Morte De Kowai	82
Ressurreição de Kowai com outras aparências.....	84
CAPÍTULO 3 – ROUBO DE GRUPO DE ANIMAIS SAGRADOS.....	87
A Primeira Menstruação da Mulher.....	93
A morte da Amaro e a divisão para a quarta parte do mundo	97
<i>Kalidzamai</i> masculino/grupos de animais sagrados para os Baniwa.....	101

Kalidzamai do meu pai Francisco Fontes	111
Kalidzamai da minha tia Bibiana	114
Kalidzamai da minha tia Anita Fontes	115
CAPÍTULO 4 – KAALY E O COMEÇO DAS ROÇAS	119
Mito N° 01	120
A morte de Kaallitairi, filho de Kaaly.....	125
Mito N°. 02.....	129
Mito N°. 03.....	132
Mito N°. 04.....	135
Mito N°. 05.....	137
A importância da mandioca e os cuidados com a roça	141
Produtos n°: 01- Farinha de mandioca e seus processos de preparos.	143
Subprodutos da Farinha	152
Produto n° 02: Maçoca.....	152
Sobprodutos da maçoca	153
Produtos n° 03: Farinha de tapioca	154
CAPÍTULO 5 – WANHEEKAAWA: NOSSA SABEDORIA MITOLÓGICA	156
Morte do Irmão de Ñapirikoli	156
Ñapirikoli mata Konaferi (avô timbó) vingando a morte de seu irmão	160
Kalitadaapa a grande árvore	163
Iniríferi	167
Koittínawheri	171
Oliamali	175
Ñapirikoli procura a noite	184
Heemalipanalí	188
Ñapirikoli casa com filha de Omaiferi.....	194

Pinaiwali	202
Ńapirikoli procura o fogo	207
Kophé ikehoawa	208
CAPÍTULO 6 – ORIGEM DA HUMANIDADE	210
CONCLUSÃO.....	219

INTRODUÇÃO

“Somos guerreiras, somos mulheres, e acima de tudo, capazes de construir sonhos, pois somos filhas da terra, lutamos, choramos, mas acima de tudo vencemos. Somos fortes e capazes”.

(Lucicleide Kariri-Xocó)

Esse é um estudo antropológico indígena sobre a mitologia Baniwa que se dedica a compreender alguns dos mitos mais importantes que narram a criação do mundo e que nos permitem entender como o mundo é hoje. Um dos principais objetivos foi escrever e transcrever as narrativas mitológicas Baniwa da forma correta, fazendo análises e comentários de “dentro para fora” (quer dizer falar sobre meu povo para as pessoas não indígena), para o melhor entendimento dos seus significados. Os mitos são reais, sempre foram e continuarão sendo. Esta é a importância deste estudo, pois a partir dele eu pude entender como surgiram os cantos, as danças, os benzimentos e outros. Até então eu não tinha noção de como surgiram, mas hoje eu sei como tudo começou, são acontecimentos que ocorreram dentro das mitologias, e que se as pessoas não conhecem os mitos elas jamais vão ter uma compreensão clara sobre o mundo. Espero que este trabalho motive outros jovens a escreverem outros mitos, pois nós Baniwa, assim como outros povos, temos um conhecimento muito grande sobre o nosso mundo indígena. Além do mais, o nosso olhar é muito diferente em relação ao olhar antropológico não-indígena, somos autores de nossas próprias falas e da nossa própria história, pois vivemos desde sempre nesse mundo tão incrível, que nos ensina como devemos viver em coletivo.

Esta pesquisa surge a partir da inquietação do meu pai, sobre textos escritos por antropólogos em que chamaram os “animais sagrados” de “flautas sagradas”, hoje digo e afirmo que eles são “animais sagrados” vivos. É verdade que há grandes mistérios em torno disso, mas temos uma facilidade de compreensão sobre tudo o que está ao nosso

redor. A pesquisa foi com meu pai Francisco Luiz Fontes, ele é *madzero* (em Baniwa significa sábio, dançarino, toca todos os tipos de instrumento musical, cantor, benzedor e artesão), o que ele aprendeu com seus avôs e tios. Por ele ter o domínio deste conhecimento, eu fiz o trabalho para registrar a fala dele e dos meus finados avôs e tios dos clãs Hohodene e Walipere-Dakenai, escrevendo sobre a história do meu povo, sem precisar de um intérprete para explicar os significados. No decorrer desta introdução vocês irão conhecer mais o meu informante.

O resultado da pesquisa é um conjunto importante de mitos narrados pelo meu pai e um conjunto de análises dos seus significados em nossas vidas desde muito tempo até os dias atuais. Estas reflexões foram realizadas por mim a partir da interlocução que tive com meu pai, mas também a partir da minha própria vivência. Com esta pesquisa eu pude entender ainda mais como tudo se transformou, entender como são as camadas do mundo existente e, entender que nós somos animais humanos, aprendi um pouco a cantar e ouvir o canto do *Kalidzamai* (ritual de iniciação em Baniwa), pude entender os sentidos dos cantos. Compreender os personagens míticos e os mitos é mesmo que entender o mundo, assim percebi que a resposta para explicar o mundo sempre esteve dentro de mim, pois os mitos sempre fizeram parte de mim, pois toda noite ao me deitar na rede meu pai contava um mito diferente.

Nesta pesquisa ser mulher foi desafiador, pois certas coisas no primeiro momento pareciam tensas, mas ao longo da conversa as coisas que eu quis saber foram saindo sem precisar perguntar mais nada. Com as respostas do meu pai, eu percebia o quanto era lindo e enriquecedor ter um pai como ele, como é rico ser indígena, pois meu mundo era uma biblioteca viva e meus dicionários para explicação eram meus avós, avôs, meu pai e outros. Não estávamos aproveitando esses livros vivos. Ser mulher antropóloga e indígena é ter uma visão e ponto de vista diferente, um olhar diferenciado, pois temos um jeito de contar uma mitologia que valoriza a perspectiva e análise indígena e Baniwa. A perspectiva feminina abre uma possibilidade que deve ser aprofundada em estudos posteriores. Por fim, me orgulho de ser mulher indígena e antropóloga, falar sobre meu povo e poder daqui por diante falar na mesma linguagem com os outros antropólogos não indígenas, pois temos a mesma formação e temos muita a ensinar a eles sobre nós mesmo.

Minha escrevivência, experiências vividas

Sou Francineia Bitencourt Fontes, tenho 32 anos. Meu nome indígena é Hipamale, que significa o som da cachoeira de Wapuí-Cachoeira (*Hipana em Baniwa*) que é o lugar de origem do mundo. Eu sou do povo Baniwa, clã Walipere-dakenai (ou siucí em nhengatú), que significa “netos das cinco estrelas” (a constelação das Plêiades), ele é de uma hierarquia superior dentro dos clãs de sua coluna. O meu pai se chama Francisco Luiz Fontes, 60 anos de idade, Baniwa, clã Walipeli-dakenai, natural da comunidade de Ucuqui-Cachoeira, rio Waraná, afluente do rio Aiari, localizado na bacia do rio Içana e minha mãe se chama Lucia Bitencourt, Baniwa, 50 anos de idade, clã Pacú, natural da comunidade de Auxiliadora, foz do rio Cubate, Baixo rio Içana. Eu tenho cinco irmãos (Vicente, Sônia, Frank, Bianca e Diego). Meus pais se conhecerem na comunidade Assunção, se casaram e ficaram nessa comunidade, na qual nascemos todos nós, os seus filhos, nos criamos nesta comunidade chamada Assunção em português, mas em Baniwa a chamamos de Wanaliana, que significa Carará-Poço. Sou mãe de Fabrício Ruy Bitencourt Fontes de 14 anos de idade e de Larissa Bitencourt Fontes, de 12 anos de idade, eles são do clã Komadaminanai (Pato). Sou natural da comunidade de Assunção do Içana, que fica no Baixo rio Içana, no município de São Gabriel da Cachoeira (AM), na Terra Indígena Alto Rio Negro.

A bacia hidrográfica do Rio Içana tem suas nascentes na Colômbia, mas logo em seguida passa a delimitar a fronteira com o Brasil, adentrando o território brasileiro na direção sudoeste depois de um pequeno trecho. A extensão do Içana é de cerca de 696 Km. Das cabeceiras até o limite Colômbia/Brasil são 76 Km. Serve de fronteira com a Colômbia por mais 110 Km e daí até a foz, no Rio Negro, são mais 510 Km.

No Brasil, apresenta 19 cachoeiras. Em suas nascentes, o Içana é um rio de água branca e vai mudando sua cor para avermelhada e preta após receber as águas do igarapé Iauareté (ou Iauaiali, como chamam os Baniwa e Kuripako) e outros. Os maiores afluentes do Içana são os rios Aiari, Cuiari, Piraiauara e Cubate, todos eles rios de água preta. O Içana deságua no Rio Negro acima da foz do Rio Uaupés.

Os Baniwa estão distribuídos em 93 povoados, entre comunidades e sítios, perfazendo, no ano de 2000, um total aproximado de 15 mil indivíduos, estando cerca de 4.026 no Brasil. Em solo brasileiro, os povoados estão localizados no Baixo, Médio Içana

e nos rios Cubate, Cuiari e Aiari. Os Baniwa também estão presentes em comunidades do Alto Rio Negro, nas cidades de São Gabriel, Santa Isabel e Barcelos. Os Kuripako estão apenas no Alto Içana e somam, no Brasil, aproximadamente 1.115 pessoas.

Hoje, Assunção é uma das maiores comunidades Baniwa, junto com Canadá no rio Aiari, Tunuí no médio rio Içana e São Joaquim no Alto rio Içana. Essas são as maiores comunidades das aproximadamente 93 comunidades Baniwa que existem no Brasil.

A comunidade de Assunção do Içana foi fundada no ano de 1951, pelo padre José Leão Shnaider, está situada na margem direita do Rio Içana, na área denominada Baixo Içana, município de São Gabriel da Cachoeira, estado do Amazonas. Historicamente essa comunidade foi denominada 'Bitiro ponta' na Língua (nheengatú), nome de um pássaro. Posteriormente com a chegada do povo Urubu, a comunidade passa a chamar Carminha, já com influência do catolicismo com a chegada dos Missionários Salesianos, a comunidade recebe definitivamente o nome de Nossa Senhora da Assunção do Içana. A fundação da missão ocasionou grandes concentrações humanas no distrito, o que, por um lado facilitava o trabalho dos missionários, por outro, prejudicava a forma de organização social tradicional dos indígenas, provocando o esvaziamento das antigas aldeias, a perda das tradições e valores culturais.

Hoje todas as famílias da comunidade têm o bom relacionamento entre si, promovem e planejam atividades, discutem os assuntos de interesse de todos, promovem festas tradicionais e religiosas. Vivem nesta comunidade aproximadamente 70 famílias entre os Baniwa, Coripaco, Baré, Tukano, wanano, Werekena, Kubeu, Tariano, Puenawe procuram manter a identidade cultural conforme as situações cotidianas e nos momentos de manifestações culturais. As principais atividades de subsistências e econômica das famílias são: caça, pesca e coleta de frutas silvestres. Praticam o extrativismo vegetal, como: cipó, tucum, tururí, arumã e outras fibras e resinas vegetais. Além destas atividades, as famílias praticam as atividades agrícolas tradicionais no cultivo de mandioca e fruteiras adaptadas, nas roças e perto de casa, com a criação de aves em pequena quantidade para o consumo. A comunidade está organizada em sete vilas: Vila Mazarelo, Dom Bosco, Nossa Senhora da Assunção, Carará Poço, Santa Cruz, Sagrado Coração de Jesus, São Francisco, no qual as casas são feitas de madeira e coberta de alumínio e palha de caranã com paredes de madeira.

O povo Baniwa resistiu ao processo de extermínio pelo qual passou durante séculos: passou por experiências traumáticas na educação escolar nos internatos Salesianos, viveu o manifesto desprezo pela cultura sua língua: e os currículos das escolas eram elaborados fora da realidade do povo pelos colonizadores que chegaram nessa região. Atualmente pouco são os jovens que conhecem a cultura de seu povo pois a maioria das Escolas Indígenas seguiam o currículo de secretarias Estaduais e Municipais de Educação, impondo práticas educativas e conteúdos programáticos, que não levam em consideração, as especificidades culturais de cada comunidade e seus processos próprios de aprendizagem. Mas depois de muitos anos de lutas e reivindicações através do movimento indígena, hoje temos autonomia para ensinar e falar na própria língua indígena, temos escolas indígenas diferenciada, caminhando devagar, mas com esses passos chegaremos longe.

As populações Baniwa são de comunidades ribeirinhas e ali possuem vários conhecimentos tradicionais, cultivando plantas, frutas e ervas medicinais. Com o resgate cultural está sendo praticados os ritos cerimoniais de iniciação masculino e feminino que são comuns nas comunidades Baniwas da Região do Içana. A escola de Assunção do Içana atende oito (08) salas de Extensão do Ensino Médio. O funcionamento das salas de extensão funciona de acordo o calendário específico e diferenciado da escola matriz, e temos ambulatória, onde funciona atendimento de saúde.

Passei a minha infância, adolescência e a juventude na comunidade de Assunção, sempre trabalhei na roça, ajudando meus pais, e aprendendo sobre a importância da cultura e o valor que ela significa no nosso cotidiano. A minha vida nunca foi fácil, a base de toda minha vida sempre foram os meus pais, tudo que faço sempre foi pensando neles, sempre quis retribuir tudo o que eles fizeram por mim.

A minha formação escolar, das séries iniciais até o ensino médio, ocorreu na comunidade, tendo professores indígenas, eu não saí para estudar na cidade. Tudo que aprendi, foi dentro de uma escola indígena e com professores indígenas da comunidade. Isso para mim é muito gratificante e enriquecedor.

Ao longo da caminhada vivi e aprendi muitas coisas, e nela eu sempre me orgulhei de fazer parte de um entre mundos, no qual seguimos vivendo e compreendendo os seus significados. A minha vida foi rica em conhecimento e sabedoria transmitidos por meus pais, avós, tios, tias, primos e primas, principalmente dos meus antepassados. Eu cresci

ouvindo do meu pai que ele era da comunidade de Ucuqui-Cachoeira, que tínhamos muitos parentes lá. De alguma forma essas palavras me faziam viajar, eu imaginava que tinha parentes estrangeiros. Eu sempre tive sonho de um dia retornar para o lugar onde meu pai nasceu, eu sempre tive contato com os meus parentes de Ucuqui-Cachoeira, todos eles são meus parentes legítimos.

Fui crescendo, passei por ritual de iniciação feminina, levei surra nas costas, recebi conselhos, tenho *kamará* (em Baniwa que significa sua segunda mãe, o meu se chama Júlia, esposa do meu avô Hermes Plácido), quem fez benzimento do meu kalidzamai foi meu avô Hermes Plácido, clã Walipere-dakenai, passei por tudo e, ao longo dos anos, ouvi relatos sobre os mitos, sobre os seus acontecimentos e seus significados. Passávamos o ano todo estudando, mas sempre tínhamos momentos de curtir o espaço, tomar banho de rio, nadar, correr, pescar e caçar com cachorro na mata, ir para roça, carregar a mandioca, raspar e ralar a mandioca. Lembro-me que acordávamos às quatro horas da manhã para ralar quatro aturás¹ de mandioca. Nesse horário o sono é gostoso, mas tínhamos que fazer isso, pois pela manhã íamos para escola e, fazendo isso, a gente ajudava a nossa mãe. Então, ralávamos sem parar, disputávamos entre eu e minha irmã para ver quem ralava mais rápido, as vezes por descuido machucava as mãos, saía muito sangue, mas passávamos no cabelo e melhorava. Assim fizemos durante esses anos todos, fazendo a mesma rotina sempre, por isso somos ótimas mulheres Baniwa, sabedoras de todas as coisas.

Nas férias íamos para o nosso sítio que fica no igarapé *Uwíwa* (em Baniwa flecha), que fica abaixo da comunidade de Assunção. Esta é uma imagem que está guardada na memória, pois no mesmo dia todas as famílias desciam com os seus aturá ou sacos de trigo com redes dentro, pois não tínhamos bolsa ou mala. Era uma mudança total, da comunidade para o sítio, íamos com o sorriso até as orelhas, pois era o momento mais esperado, curtir as férias, no sentido de ir para roça, comer cubío, chupar cana, comer banana e abacaxi, assar cará e batata na roça mesmo, pular das árvores em altura de 25 a 30 metros e pular para o rio. Íamos remando, pois naquela época não tínhamos motor rabeta, tudo era na base do braço, remávamos seis horas em uma canoa de oito a nove metros de comprimento. Remávamos muito, pois a canoa pesava, e o meu irmão ia numa

¹ - É uma cesta feito de cipó titica ou cipó wambé, com a qual carregamos mandioca, frutas diversas, o tamanho do aturá varia. Mas usamos mais para carregar mandioca nas costas.

canoinha pequena, mas era divertido, pois durante a viagem, tomávamos banho, ouvíamos histórias, comíamos frutas na beira do rio, meu pai pescava e matava todos os tipos de peixe. Meu pai é um ótimo pescador com caniço, uma vara de pescar. Hoje eu vivo em dois mundos totalmente diferentes, me adaptei a uma nova realidade, eu conheço meu mundo e conheço o mundo dos brancos.

A verdade é que com todos esses anos vividos, entendi a importância da falar os, conhecimentos repassados e transmitidos na oralidade. Tive experiências incríveis na vida, já fui professora na minha comunidade, estudei em Manaus no curso de formação para lideranças indígenas. Eu sempre fui ativa na participação da associação de mulheres, já fui representante da minha comunidade, trabalhei no movimento indígena, na Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN), dentro do Departamento das Mulheres Indígenas do Rio Negro/DMIRN. Neste departamento eu trabalhava diretamente com as associações de mulheres dos 23 povos desta região, esses anos foram como uma universidade, pois foi um privilégio de estar dentro e aprender com as pessoas. Foram anos de experiências, além das experiências de vida.

Além disso, meu pai sempre me incentivou a escrever sobre os mitos, sobre o nosso mundo, sobre os lugares, mas tendo um olhar de dentro para fora. Assim, o meu interesse vai além, porque quero entender as questões importantes para o meu povo hoje, e através da pesquisa vou falar do modo de viver e de pensar, para um público que não nos conhece. Dessa maneira, quero direcionar algumas realizações e metas em termos da educação e da transmissão dos conhecimentos e valores tradicionais, da preservação do meio ambiente, e também das expectativas relativas ao contato com a sociedade brasileira e do cumprimento do respeito aos direitos indígenas.

Orgulho-me em dizer que eu serei a primeira mulher Baniwa a ser antropóloga. Nós já temos vários homens Baniwa que são mestres e doutores, e estamos indo atrás deles. Eu tenho orgulho de ser quem sou e estar aqui hoje é mais do que um sonho, uma conquista para mim e para as mulheres do meu povo e para as mulheres rionegrinas, às quais eu sou grata por todo apoio e incentivo. Todas essas experiências me levaram a querer ser antropóloga, pois elas me proporcionaram a realizar a pesquisa, falar sobre a importância dos mitos, levar a fala do meu pai e dos meus avôs/avós para explicar o mundo e a existência das coisas.

Gravando na memória: a pesquisa com meu pai

Quando iniciei meu trabalho de campo para mestrado, eu já sabia qual seria o meu trabalho, pois a minha vida toda eu ouvi a fala do meu pai sobre a importância em escrever e transcrever os mitos e explicar o porquê das coisas e falar sobre meus avôs e bisavôs, os quais não cheguei a conhecer. Meu pai Francisco Luiz Fontes dizia: “Filha, o José Marcelino é seu avô, ele é meu tio e primo da minha mãe Maria Madalena; o Ricardo Fontes é seu avô, ele é irmão do meu pai Luiz Fontes; o Manuel da Silva é seu tio, pois ele é meu cunhado; o Luiz Manuel é seu avô, pois ele é meu pai; o Inocêncio da Silva é seu avô, por parte do meu pai Luiz Fontes; Maria é a sua avó, pois ela é prima do meu pai”. Assim eu os conheci, apenas por nome e pelas histórias, ouvir falar deles a minha vida toda, ao deitar na rede para dormir.

O meu grande pensador, o meu pai, tem apenas a 3^o série de ensino inicial (antigo primário), mesmo assim ele sabe ler e escrever, ele é meu grande pensador e o principal motivador para eu estar aqui hoje. O meu informante e *madzero* (sábio, conhecedor e benzedor) é meu pai Francisco Luiz Fontes, 60 anos de idade, o seu nome de benzimento é *Matsape* (um peixe do rio), seu clã é Walipere-dakenai. Ele nasceu e cresceu em Ucuqui Cachoeira, no igarapé Waraná, afluente do Aiari, até mais ou menos 10 anos de idade. Com menos de um ano, ele perdeu a mãe, pois ela foi mordida por cobra jararaca enquanto estava capinando a sua roça. Ele foi criado pela irmã mais velha a Nazinha, ele foi amamentado por ela. Nessa época ela já tinha o seu primeiro filho, assim, ele também foi cuidado pelas suas outras irmãs, Maria, Bibiana e Anita, além do meu avô Luiz Manoel. Meu pai cresceu uma parte com o meu avô Luiz, uma parte com a sua irmã. No total meu pai tem quatro irmãs e um irmão chamado Mário Fontes (morreu ano retrasado), sendo assim ele é o único irmão que elas têm.

Meu pai passou no ritual de iniciação masculino quando ele tinha 02 anos de idade. “Nem lembro, nem sei se eu passei por esse ritual, mas eu me lembro, eu escutei conselho, mas eu nem cheguei a ver as pessoas que me aconselhou. Eu escutei, assim. Eu não me lembro de como era aquele homem que me aconselhou. Sei que é o finado meu tio Graciliano. Mas eu não vejo como é a aparência dele, eu escutei a voz dele, só que eu nem cheguei a ver. Nem depois de um tempo cheguei a vê-lo, mas todo conselho ficou para mim, nos mínimos detalhes de suas palavras”, afirmou meu pai Francisco. Quando

meu pai, tinha 05 anos ou 06 anos ele foi levado pelos padres Salesianos, para ficar no internato, mas durante a viagem ele quase morreu, pois eles alagaram com sua canoa numa cachoeira, e meu pai ficou preso embaixo dela. Esse foi o relato da minha tia Anita, pois a conversa foi conjunta, tendo a participação das minhas tias. Meu pai disse que pouco se lembra do momento, como se fosse um sonho mal lembrado no dia seguinte. “Eu não lembro muito bem, o que lembro é a praia. Só essa praia é que não sumiu de mim, da minha cabeça”, se referindo à praia do porto de Assunção, “Mas o restante, essa parte aí dos padres eu não sabia não. Não lembrava”. Depois de um ano, ele voltou para a comunidade de Ucuqui-Cachoeira que ficava muito distante de Assunção. “Depois eu voltei para comunidade com o pai, Com 10 anos de idade eu saí para trabalhar. Eu andei por dois anos no rio Içana, Rio Negro e Xié, eu era marinheiro, motorista. Quando eu estava com 12 anos para 13 anos de idade, saí para trabalhar em outro lugar. Saí dos comerciantes onde eu estava trabalhando e, eu fui trabalhar com uma pessoa na Colômbia, ele me convidou para trabalhar na cidade mesmo, cidade de Mitú, Alto Rio Waupés. Depois de dois anos eu fui trabalhar no seringal na Colômbia, para poder se manter e sobreviver, passei lá dois anos, dentro da floresta, me deparei com muitas colombianos caçadores de onça, pois naquela época, o couro da onça valia muito dinheiro. Meu pai voltou de lá em 1975, já estava com 15 anos de idade, ia completar 16 anos. Voltou para Ucuqui-Cachoeira e disse: “Meu pai era vivo ainda”, fiquei em Ucuqui com ele. “Essa época o finado velho veio esperar a gente para estudar em Assunção, era o último anos do internato dos padres. Assim foi a vida do meu pai, pois tão pequeno ele saiu para trabalhar, a história quando ouço ele contar, me faz ter orgulho do que ele é de fato, sozinho no mundo sem ter alguém para o proteger dos perigos da vida, aprendeu a fazer artes como cestaria sozinho, para poder comprar sua sandália, uma camisa, uma peça de roupa.

Durante as andanças dele teve um surto de sarampo na região do Alto Rio Negro, nessa época o seu pai Luiz Manuel, o meu avô, já estava morto. Meu pai estava muito longe de casa, trabalhando nos seringais no meio da floresta, mas numa certa noite, em seu sonho ele viu o seu finado pai Luiz Manoel, ele chegou lhe cumprimentando e dizendo que ele havia ido buscá-lo para ir visitar as suas irmãs, pois estava acontecendo uma doença forte. Ele dizia que meu pai precisava fazer uma visita a elas, em sonho. O seu finado pai estava com uma roupa toda branca e deu para o meu pai uma roupa branca

idêntica à dos enfermeiros, ele usou a roupa e foram embora juntos. Aos olhos do meu pai, eles foram andando numa estrada sem fim, até que chegaram numa casa, quando meu avô disse ao meu pai: “Fique aqui e escute bem, grave isso na sua cabeça, pois você vai precisar para curar suas irmãs”, e assim meu finado avô entrou numa casa, cumprimentando as pessoas que estavam dentro, meu pai ficou fora.

Nesse momento, meu pai disse, o meu finado avô começou a fazer benzimento de cura, e depois de muito tempo o meu avô saiu de dentro da casa e disse: “Agora vamos embora, elas vão ficar bem”. Meu avô foi deixar o meu pai no mesmo lugar que o buscou, assim se despediu dele e foi embora. Ao acordar meu pai entendeu o recado de tudo o que havia ouvido. O seu pai Luiz Fontes, o meu avô, havia ido até o meu pai e ensinado ele a benzer, em seguida meu pai começou a escrever o benzimento de cura em um pedaço de papel, tudo que ele havia escutado e gravado em sua memória. Depois disso o meu pai se dedicou a aprender com seus tios e cunhados sobre os benzimentos de cura.

Nesses 32 anos, a minha idade completa, o meu pai tem me apresentado essas falas, esses relatos, ele diz que eu preciso fazer algo, contar, escrever e transcrever. Por isso, desde há muito tempo eu venho pensando e sonhando isso com meu pai, mas dessa vez era diferente, não era uma conversa de pai e filho ou mãe e filha, era algo diferente, era entre *pai* e *filha*. Nessa conversa, durante a pesquisa, eu descobri através das minhas tias e do meu pai que meu avô Luiz Manoel era um grande homem. O meu “finado avô Luís” era considerado “*liminali*” (em Baniwa quer dizer dono) do trompete *kolirína*,² que

² - O trompete *kolirína* é um instrumento musical, um ressonador e um tubo que conecta esta parte à boca do músico. A sua base é um trançado de arumã (*poapoa*) feito sobre um molde de molongó (*Kadzaali*) Quando está pronto, este trançado é coberto com breu (*maíni*) em grandes quantidades. Para isso, deve-se aquecer o breu com ajuda de uma pequena lata e passá-lo sobre o trançado de arumã com ajuda de um pedaço de madeira. É também com ajuda do breu que se emenda o pedaço de jupati (*máwi*) que compõe a extensão do trompete em direção à boca do músico. Depois de esfriar e secar, inicia-se o acabamento com tabatinga (*kaali*). Pinta-se toda a peça que passa de preto uniforme, do breu, ao branco uniforme da tabatinga. Quando este barro seca, inicia-se a pintura do instrumento que representa as pintas do peixe surubim. A tinta para esta pintura é feita do solvente *iwidzolia*, leite de sorva, com pigmento de fuligem negra, *poolitai*. Ao final coloca-se um pendente de plumas de garça, *maali*, chamado *maalitana*, que é preso entre a parte inferior do artefato.

havia trazido da comunidade de Seringa Rupitá para a comunidade de Ucuqui-Cachoeira para fazer festas com seus cunhados. Entre eles só meu avô Luís sabia fazer o instrumento com jupati (*máawi* em Baniwa), arumã (*pooapoa* em Baniwa) e tabatinga (*kaali* em Baniwa).

A minhas tias se lembravam de uma foto dele que havia sido tirada por um homem branco barbudo. Elas diziam ainda que o meu avô havia dado o trompete *kolirina* de presente para este homem branco.



Meu avô Luis Manoel mostra uma flauta de surubim, marca registrada da identidade Baniwa, Alto Waraná, Alto Aiary. (Saake, 1959)

Quando retornei do Rio de Janeiro para realização da pesquisa de campo, chegando em casa, a minha irmã mais velha, disse-me que havia encontrado uma foto do nosso avô paterno, nosso primo Sebastião havia passado para ela, essa imagem dele em cores preto e branco. Até então eu nunca tinha visto uma foto sequer dele, quando eu ouvi isso, vieram lágrimas em meus olhos, pois meu pai havia me contado que ele ficou doente e que a Funai havia encaminhado ele para Manaus e de lá ele nunca mais voltou. Ele morreu e não sabemos o que aconteceu com ele e isso entristecia meu coração. Ao ouvir da minha irmã que ela tinha a foto, o meu coração pulou de alegria. Na descrição da imagem dizia o seguinte: “Fotografias de Wilhelm Saake levadas pelo antropólogo Robin Wright, que trabalhou na região de Ucuqui no final dos anos 1970”. Na fotografia o meu finado avô Luís Manoel aparecia seminu, portando apenas um “cueio” (tanga de envira e cordéis vegetais) encimado por um cinto – que poderia ser um presente do próprio fotógrafo para quem ele posava, ou uma mercadoria adquirida por ele em uma das inúmeras viagens nas quais se engajou, ao longo de sua vida. Quem conheceu meu avô dizia que ele era a cara do meu pai. Meu avô foi *madzero*, mestre de danças e cantos, assim como meu pai também.

Aprendi desde sempre com eles que temos que nos autodeterminar. Segundo Fernando e Cardoso, autores Baniwa, “Nós nos autodeterminamos como *Wakoenai* ou *Medzeniako*” (André Fernando, 2006), sendo assim, “A tradução literal do termo *Wakoenai* é “povos da nossa língua” ou “os falantes da nossa língua” (*wako*=nossa língua, *nai*=povos ou coletivos) e o termo *Medzeniako* refere-se ao fato que “nasce falando a língua (*medzeni*=nascido, *ako*=língua)” (Cardoso, 2018, pg. 233). Dessa forma, eu também fui aprendendo com meu pai as formas corretas de nos afirmar perante as outras sociedades.

Tive contato direto com esse mundo diferente, onde temos vários especialistas como: “*maliri* (pajés), os *iñapakaita* (benzedores), os *inaparotakaita* e os *yarokaita* (jogadores de água)”. Eu presenciei tudo isso e via o quanto era preciso falar disso, o quanto nossa forma de acreditar era diferente, pois sabíamos que isso era real. Cheguei a conhecer o meu avô José que era pajé, ele cheirava paricá e cantava.

A minha pesquisa de campo foi muito diferente em relação à forma como eu vejo que é feita pelos antropólogos não indígenas. Realizar pesquisa de campo em casa é a

melhor coisa, pois não era simplesmente uma pesquisa entre antropólogo e informante, mas era uma conversa entre pai e filha. É importante dizer que não era a primeira vez que eu faria isso, pois cresci ouvindo as narrativas, então a única coisa diferente é que tinha um gravador ligado no meio. É super interessante que nas conversas que eu gravei para a pesquisa não era apenas eu, mas também meus filhos, meus irmãos, sobrinhos, mãe, tias e o meu pai. Meu pai foi meu mais importante informante, mas não era apenas o meu pai que falava, mas todos estavam contando as narrativas, pois já havíamos ouvido isso muitas vezes pela mesma pessoa. As conversas foram realizadas também enquanto caminhávamos para roça, na roça, chupando cana, arrancando mandioca, no caminha para ir caçar, dentro da canoa enquanto estávamos pescando no rio, ao entardecer sentada numa pedra no sítio, e deitada numa rede embaixo de açazeiros, embalando. Toda vez que meu pai contava ele sempre estava fazendo algo, mesmo em casa ele estava sempre tecendo cestarias, sempre.

Este foi um dos trabalhos que fiz com todo prazer do mundo, eu sabia que era antropóloga, mas o que falava mais fortemente é que sou indígena. Meu pai dizia rindo, “Cadê minha antropóloga, cadê minha menina?” (risos). Em um dos momentos da conversa ele lembrou um fato que aconteceu comigo há muito tempos atrás, quando certo dia meu pai foi pescar e, como eu sempre fui um grude, não largava meu pai de jeito nenhum, pedi com insistência e ele acabou me levando. Eu não era menino, e ele não queria me levar. A canoinha era bem pequena, canoa de pescador. Todo vez que meu pai conta isso, eu choro. Assim fomos embora, ele me deixou sentar atrás no jirau da canoa, colocou um enorme chapéu de palha na minha cabeça, e fomos embora, mais adiante ele me deu sua camisa, a ponto de cobrir meu corpo todo. Lembro-me que ele começou a matar muitos peixes, eu dava muitas gargalhadas, depois disso o sono me atacou. Eu tinha uns 08 anos de idade, meu pai dizia: “Não vai dormir, você vai pular”, ele lavava meu rosto com água, mas nada resolvia, quando ele menos esperava acabei caindo da canoa, dei maior susto o meu pai. Eu estava com um enorme chapéu na cabeça, uma enorme camisa e não tinha como nadar, me lembro que ele me puxou pelos braços e começou a rir, e eu apenas chorei.

O mito é vivo e presente

Dentre outras conversas sobre a pesquisa com o meu pai, tudo já estava decidido, nós fomos organizando as falas, já na sequência em que elas seriam narradas. A ideia era fazer a descrição das narrativas, porque precisávamos explicar sobre os mitos, pois tudo que está presente nos dias atuais, podendo ser explicados a partir dos mitos, o mito não é do passado, um mito é uma narrativa presente e viva. Cada narrativa havia um debate, para explicar o significado. Neste processo aprendi a cantar, aprendi a benzer um pouco, entendi o que é um benzimento, viajei no benzimento do *kalidzamai*, descobrir o surgimento das danças, fiz traduções de linguagens de outros mundos, descobrir tudo e hoje eu tenho como explicar cada surgimento e cada transformações que aconteceu. Vejo uma pedra, vejo um pássaro, vejo um peixe, uma árvore, e eu sei o porquê de tudo isso, pois aprendi outra linguagem diferente, não a minha, mas a língua deles, de outros seres.

Entendi a importância de saber que Kowai é *mapatica* (criança que não é assumido pelo pai) para o mito. Essa é uma pergunta que não é comum ouvir, pois os velhos não falam muito abertamente sobre isso. Por muito tempo nunca eu pensei que Kowai pudesse ser *mapatica*, e quando a gente considera esse mito, percebemos o quanto isso fazia sentido e de fato era isso mesmo. Esse questionamento surgiu a partir de uma conversa com o antropólogo João Vianna, depois dessa conversa eu fiz a consulta com meu pai que, a respeito disso, sem muito a pensar, disse que sim, que Kowai é entendido dessa forma mesmo. O mito não pode ser pensado como algo morto, como algo do passado, o mito está vivo, e ajuda a pensar coisas do nosso dia a dia. Hoje, por exemplo, esse mito me ajuda a entender as crianças *mapatica* (em Baniwa é a criança que o pai não assumiu a criação). O mito do Kowai me ajuda a entender qual é a importância das mães no parentesco Baniwa, falamos muitos dos pais, mas não sabemos a importância das mães, o mito ajuda nesse entendimento. Descobri como o mito comporta uma multiplicidade. Dentro das narrativas sempre há descobertas e aprendizados sobre coisas diferentes. Para os *yalanawi* (brancos) é diferente, eles dizem, “Ah eu já li este livro duas vezes, já sei o que tem escrito nele, já sei tudo, sei da história”, mas para nós não é feito dessa forma, pois temos vários autores que são nossos pais, avós, tias, primos e irmãos, pois cada um conta de um jeito diferente tendo sempre um complemento, aprendendo com um jeito de contar. O mito é vivo, por que cada vez que for contado tem pessoas diferentes que vão

ouvi-lo, em contextos diferentes, se tiver, por exemplo, um grupo de crianças, o foco vai ser algo direcionado às crianças.

Muitas vezes o mito é visto como algo não verdadeiro. Mas essas histórias para nós são reais, por isso não são histórias dos nossos antepassados, são as nossas histórias.

Os desafios do meu pai para mim

A relação dos benzimentos com os mitos é total, por isso é importante o benzedor saber os mitos, não tem como ser benzedor se não tiver conhecimento dos lugares onde tudo aconteceu. Os benzimentos de cura são lugares onde tudo aconteceu, são orações que estão dentro dos mitos, os benzimentos de cura são os mitos cantados. Durante a pesquisa e quando eu estava fazendo a transcrição das conversas gravadas eu fiz reflexões em cima do que estava sendo dito, ou seja, eu estava tendo uma conversa com meu pai, para ele poder explicar com clareza. Mediante as várias conversas que eu tive com meu pai, me foi lançado um desafio por ele, e nesse desafio eu precisarei repensar sobre as coisas que eu aprendi de outro jeito, como antropóloga, eu terei que parar e pensar sobre ser desafiada por esse pensamento. Eu criei na pesquisa um diálogo diferente com meu pai, pelo fato de eu ser antropóloga/filha, por estar pesquisando sobre os mitos, e se eu fosse uma pesquisadora não indígena, o diálogo seria outro.

Mas como a minha pesquisa é sobre os mitos, isso me coloca em uma posição de muita responsabilidade. Numa conversa com ele sobre Kowai, demonstravam os meus interesses sobre as mitologias, mas de um jeito diferente de antes, por isso a partir desta pesquisa o meu diálogo com meu pai mudou e ele lançou-me o desafio que é: “passar pelo *kalidzamai* masculino, para conhecer os grupos de animais sagrados”, os quais são conhecidos pela literatura como sendo “flautas sagradas” e que até então é um ritual masculino, permitido apenas para os homens. Eu ainda não tenho resposta para esse desafio do meu pai, mas isso me mostrou que eu tenho de outro modo, o conhecimento da mitologia Baniwa. Meu pai disse que se for passar por este ritual, eu falaria sem medo, pois eu o saberia como é, sendo assim falaria com segurança sobre os animais sagrado, não falando dos segredos, mas eu saberia como é, e eu seria a portadora de voz entre as mulheres e os homens no momento do ritual.

A minha pesquisa é uma relação entre pai e filha, mas se notarmos na Coleção Narradores Indígenas da FOIRN que publica a mitologia dos povos indígenas do Alto Rio Negro veremos que todos os livros publicados são realizados a partir de narradores indígenas que são homens mais velhos, os quais narram as histórias para que os seus filhos homens mais jovens as transcrevam e organizem. Em todos esses livros trata-se da relação entre pai e filho, mas a minha pesquisa é diferente, tendo em vista que se trata de uma conversa do narrador com sua filha mulher. Com isso estou rompendo essa barreira, mostrando como é importante ter esse diálogo, de que a antropologia feita no Alto Rio Negro não considera a relação entre uma filha mulher e o seu pai, de que ela só considera a relação do filho homem e seu pai, mas isso não significa que exista a relação entre filha mulher e seu pai, é somente na antropologia e na literatura da região que isso não aparece.

Quando eu descobri que tinha passado para fazer mestrado em antropologia, eu já havia sonhado com essa pesquisa há muito tempo, mas não fazíamos ideia de que seria possível. Meu pai sempre quis que eu fosse antropóloga para que eu pudesse falar e levar o conhecimento dos meus avôs, avós. Ele queria que eu escrevesse da forma correta. Meu pai dizia que os meus avôs e bisavôs mal falavam português e muitos antropólogos brancos fizeram pesquisa com eles, então havia uma tradução distorcida. Na verdade, a tradução estava incompleta e meu pai queria que eu fizesse uma correção das pesquisas que foram realizadas há muitos anos atrás, para que escrevesse do meu jeito. Escrever numa língua que não é sua é desafiador, buscar palavras para tentar traduzir, às vezes não consigo, porque na minha língua há explicação, mas não sei como colocar isso em português, diversas vezes fiquei sem palavras em português, dava um branco nas palavras.

As palavras sábias dos entes queridos que já não estão mais presentes

A memorização dos relatos ouvidos e aprendidos para se chegar nessa pesquisa de dissertação de mestrado se iniciou também através de pessoas que já não estavam mais presentes, mas que permanecem dentro da memória de meus entes queridos. Então, ao entardecer ouvíamos esses relatos da minha finada avó e do meu avô, eles diziam:

“Na entrada da Porta do Sol Nascente, os nossos avós reuniam-se diariamente, sentavam-se em seus banquinhos, símbolos do banco da vida, passavam a cuia ou saquinho de ipadú e cigarro um para outro em meio a discursos de passagem e de recebimento”.

A repetição desse ritual atualizava atos criadores das divindades e da humanidade. Por isso, nossos avós aperfeiçoavam suas capacidades de memorização, narração de histórias de vida, superação das dificuldades e conquistas. Enquanto os homens conversam, as mulheres também se sentavam no outro extremo ou na outra porta, conversando temas femininos, contando suas histórias de músicas, de trabalhos, os seus segredos femininos. No fim do ritual os homens realizavam discursos desejando bom descanso e desejando novo encontro no dia seguinte. Depois cada um, deitado na sua rede, continuava meditando sobre as realidades da vida. Pelo poder da mente esses nossos avós visitavam outras terras, outros espaços para dialogar com os seres divinos, seres da vida, das doenças, das curas etc.

Nas festas aconteciam rituais solenes relacionados aos ciclos da vida humana e da natureza, seguindo calendários específicos. Os rituais cotidianos e festivos envolvem a pessoa de corpo e coração (alma) numa esfera especial e superior. Algumas vezes em que eu participei dos rituais Baniwa tive experiências extraordinárias e indescritíveis. “Ali eu ouvi discursos enunciados pelos *madzero* (pajé ou benzedor) anunciando as danças e realizando discursos de passagens de cuia de ipadú e cigarro”, dizia meu pai Francisco Luiz Fontes. Eu me lembro de uns dos vários momentos, vi meu pai e outros homens tocando cariço, um tipo de flauta pã, com diversas melodias e ritmos, dançando acompanhados por mulheres. Fui envolvido e senti a defumação de proteção contra as doenças. Vi meus parentes ornamentados com plumas sagradas que passam de uma geração para outra. Admirei as pinturas faciais e corporais com seus simbolismos. Durante as danças vi homens suados, dançando, comandando ritmos com instrumentos e pés envoltos por chocalhos, cantando as músicas com línguas míticas, incompreensíveis, misteriosas e vitais.

As cantorias masculinas e femininas cantam a vida como ela é. Entre uma parada e outra, uma boa gargalhada. Ouvem-se as vozes inconfundíveis das tonalidades dos discursos dos velhos, dos mestres de danças, das gargalhadas de nossas mães, irmãs, cunhadas, tias e avós, etc. Os sons se ampliam. Após a festa, as falas, as músicas, as vozes, sons incorporam-se dentro de nós e ficamos curtindo a sonoridade interna por muitos dias.

A participação nos rituais nos leva em contato com seres muito antigos, seres divinos, mitológicos e avós sábios. A Casa Ritual proporciona nossa própria transformação, gera a vida. Vejamos a cumeeira de uma casa, espinho dorsal da grande Cobra, os caibros são as suas costelas. No seu ventre estamos nós. Materialmente ela é nossa contribuição para a civilização universal. Uma Casa tão simples com um grande significado. O material trabalhado é palha, madeira e chão de barro batido. O tempo pode acabar com a palha e a madeira, mas ninguém acabará com a forma de construir. Os povos possuidores de Casas Rituais olham para elas há séculos, observam a sua beleza.

A nossa luta

Não é por acaso, a partir do que apresentei até aqui nesta introdução, que muitas pessoas olham para cá, cobiçam nossas terras, criam ciúmes por nossas culturas e muitas vezes querem apropriar-se de nós e de nossos saberes. É daqui que nós estamos pensando sobre nós mesmos, é daqui que temos que pensar em nós (mulheres), nós possuímos origens diferentes, somos herdeiras de filosofias próprias aos nossos povos. Quando se fala das mulheres indígenas dentro do contexto indígena, necessariamente temos que entender a mulher dentro de uma dinâmica que crie espaços políticos e ideológicos, espaços de troca de saberes, espaços de fortalecimento das identidades e das diferenças, de um espaço de negociação de interesses e de prioridades para atingir metas estabelecidas por muitos povos. Hoje, temos que pensar a especificidade dos nossos povos (nossas etnias) e pensar para todos os povos (todas as etnias).

Nós e o mundo global, mundo envolvente não-indígena precisa entender que nós formamos uma riqueza dessa região: diversidade de povos, culturas, línguas, práticas culturais, saberes, conhecimentos. Existem muitos povos indígenas nesta região. Cada

povo tem suas histórias, seus modos de organizar e viver a vida. Cada povo interage com outros povos. Por isso, entre nós em nossas práticas culturais temos muitas semelhanças. Porém, cada povo mantém sua diferença, sua identidade.

Tratando das línguas faladas podemos afirmar que uma pessoa que mora nessa região fala pelo menos duas línguas diferentes. Tem pessoas que falam muitas línguas. Mesmo quando não consegue falar a língua de outro povo, pode compreendê-la bem. Entre as muitas línguas faladas, a língua de interação entre nós é a língua Baniwa, Koripako e Nheengatú, mas para se comunicar com outros povos, falamos a língua portuguesa. Dentro dessa leitura a figura feminina contribui muito, pois ela está saindo do seu povo de origem e indo casar com homens de outros povos, assim, ela leva sua língua e a ensina para outros povos. Vejam que é importante a figura da mulher na política linguística da nossa região do Alto Rio Negro.

Os pesquisadores nos ajudam a compreender melhor sobre os povos que moram nesta região. Eles afirmam que os habitantes destas terras pertencem a quatro famílias linguísticas: Tukano, Aruak, Maku e Yanomami. A família linguística Aruak é composta pelos povos: Baniwa, Kuripaco, Baré, Werekena e Tariana. Esses povos se espalham pela região do rio Içana, Aiari, Cuiari, Xié etc. Os Tariano habitam a região do rio Uaupés, entre Ipanoré e Periquito. Mas como outros povos estes também se espalham desde os municípios de Manaus, Barcelos, Santa Isabel do Rio Negro e São Gabriel da Cachoeira. Também se encontram na Colômbia e Venezuela. Assim é que nós somos.

Enfim, somos pequenas diante das coisas que acontecem nas grandes cidades e no mundo. A dita civilização chegou há muito tempo. Enquanto civilização nós precisamos os produtos da floresta, reconhecendo o seu espaço e trabalho, por sem a floresta a nossa vida não tem sentido. Se a destruímos jamais ela voltará a ser o que era antes, pois as feridas se cicatrizam, mas deixam as marcas. Ensinemos aos que vem depois de nós qual é o melhor trabalho e o mais digno que existe no mundo. Não sabemos, mas sabemos que da terra brota tudo o que nós queremos como sustento, como o nosso alimento, mas também brota: o ouro, a prata, o petróleo, o ferro, água, o sal, as plantas e os animais. Nasceram da terra, alguns são produtos caros e outros de pouco valores. Vamos cuidar da nossa floresta, pois ela é o melhor planeta que existe para nós.

Por serem assim, nascidos da terra, os povos indígenas se relacionam com a terra como uma “mãe”. A mãe cuida dos filhos desde a concepção, desde o nascimento, cuida do crescimento, cuida na vida adulta, cuida durante a velhice e quando isso acontece, ela cuida novamente, pois quando se chega ao final da vida, a pessoa volta novamente para dentro da terra, em seus cuidados.

As políticas das mulheres

Falar sobre as mulheres é aprofundar nossas próprias histórias étnicas, histórias da educação de cada povo e descobrir nossas raízes culturais que fundamentam a vida feminina indígena. Dentro das culturas as quais as mulheres pertencem, entre muitas etnias, as mulheres são educadas e formadas para ser o *elo* de ligação, entre os membros da própria etnia e o dos maridos que são de outras etnias.

A figura feminina indígena é marcante também no processo de resistência e flexibilização das políticas indígenas. O seu compromisso com Movimento Indígena é muito importante, embora no primeiro momento não estivéssemos bem visível, mas nós que damos a sustentabilidade ao compromisso do marido. E porque não dizer: “Ela é mais corajosa do que os homens em muitos momentos históricos. O seu senso apurado de feminilidade (do seu ser mulher) ajuda a antecipar certas situações da vida, das organizações sociais”.

Outro espaço onde a mulher assume seu compromisso importante é o campo do trabalho, desde os trabalhos caseiros até os compromissos mais amplos. Quando olhamos para a figura feminina conseguimos ver que tudo é possível fazer. A mulher indígena vai na roça, trabalha, volta carregando maniwa, rala a maniwa, faz beiju, esquenta quinhampira, faz mingau, manicoera, lava roupa, busca lenha, etc. São centenas de atividades que ela realiza sem mesmo pedir recompensa.

Uma das metas que pouco a pouco vai se concretizando nas histórias das mulheres é seu aparecimento no campo da política partidária e eu acredito que nós conseguiremos ocupar os espaços e espaços que hoje somente homens ocupam. Não é por acaso, que nós hoje estudamos, lutamos e nos organizamos. Hoje, estou aqui falando por elas, levando as vozes das minhas avós e bisavós que já não estão aqui, mas seus pensamentos e falas

continuam vivos, os quais vão repassando para os nossos filhos e filhas e assim sucessivamente. Também somos nós que transmitimos conhecimentos para as crianças, pois possuímos linguagens próprias e adequadas, possuímos modos certos de transmitir conhecimentos para cada fase da vida dos nossos filhos. As avós e tias ajudam na educação. Somente com o tempo é que o pai ensinará aos seus filhos e filhas sobre os diversos saberes próprios de sua etnia.

Nós que somos indígenas vamos entender muito daquilo que eu estou me referindo. Nós cuidamos da vida, cuidamos da casa, cuidamos do ambiente fora de casa, cuidamos da comunidade com outras mulheres. Somos solidárias nos trabalhos de roças, quando somos convidadas, todas participam, somos solidárias quando alguém passa necessidade. Eu vejo em minhas andanças que em muitos momentos difíceis a última palavra é feminina.

Aqui nesse espaço precisamos nos organizar nos modos de cuidar da vida, de ensinar, de superar as dificuldades. Eu vejo que elas (avós, mãe, tias, primas, cunhadas) muito pouco escrevem sobre suas práticas educativas e experiências vividas. Se nós não escrevemos o que falamos, essas experiências vão se dissolvendo, evaporando e não sobra mais nada. Mas se estivermos bem organizadas teremos muitas forças e cuidaremos muito melhor da qualidade de ensino que será repassado aos nossos filhos.

Este diálogo sobre a linha do tempo da participação feminina em vários momentos levou-me a perceber a coletividade que existe e que sempre existiu. Ao longo das falas e da escrita vemos as conquistas e os desafios enfrentados por nós. A tensão provocada pelo enfrentamento possibilitou acionar o coletivo, na forma das nossas organizações, com intuito de somar forças para defender os nossos direitos. Assim, podemos continuar mantendo o nosso conhecimento, transmitindo-o sempre de forma oral, podendo ser contado em qualquer espaço.

A dissertação e suas partes

A partir da compreensão da narrativa de mito de origem e da evolução do mundo, a pesquisa se dividiu da seguinte forma. O primeiro capítulo fala sobre o mundo pequeno, onde todos eram animais e humanos, e o surgimento dos *Hekoapinai* que vai ocorrer com o aparecimento Ñapirikoli e seus irmãos (que são a gente-universo, eles são os donos do mundo). Há duas versões para o surgimento deles, em uma eles nascem a partir de osso de Inambú e em outra eles surgem a partir de osso dos Doemieni. Em ambas as versões a partir do seu surgimento eles passam por várias transformações, até chegar à aparência humana, havendo várias vinganças e guerras.

O segundo capítulo é sobre o nascimento do Kowai, começa quando Ñapirikoli engravida a sua tia, através do pensamento, comendo ipadú e fumando seu cigarro no pátio. Amaro ficou grávida sem ter vagina, por isso Ñapirikoli vai furar a Amaro com três tipos de peixe, os quais hoje são benzidos, pois eles são yopinai em outros mundos. Por fim, Ñapirikoli vai roubar o filho da Amaro e o envia para outro mundo, onde Kowai vai ser criado por sua avó preguiça. Kowai tinha aparência diferente, seu corpo era cheio de buracos que faziam sons diversos, Kowai aparece para os *Malinalieni*. Assim, ocorreu o primeiro resguardo dos *Malinalieni*, a morte dos *Malinalieni*, o primeiro benzimento *kalidzamai* de iniciação masculino benzido por Kowai, a morte de Kowai e a sua reencarnação.

O terceiro capítulo é sobre Amaro a mulher-Dzooli, ela se apropria dos animais sagrados (Kowai), ela na verdade pega de volta do Ñapirikoli, pois ela sabia que eles eram o seu filho Kowai, ocorre então, a primeira menstruação da mulher, o primeiro benzimento do *kalidzamai* de iniciação feminina feito por Amaro, sabemos neste capítulo que quem tinha esse conhecimento de benzimento era ela, a morte da Amaro e de suas irmãs, a distribuição destas mulheres Amaronai para os quatro cantos do mundo.

O quarto capítulo é sobre o Kaali, o dono da roça e de toda biodiversidade, dono da natureza, tudo era o seu próprio corpo. Neste capítulo há várias versões, mas tudo está interligado entre si, tudo eram mil maravilhas, tudo nesse mundo era perfeito, mas surgiram várias desobediências, por parte da mulher e também por parte dos homens, e as consequências ficaram para os seus filhos nesse mundo. Descrevo o desaparecimento

do Kaaly, a morte de seu filho Kaallitairi (a partir dele surgiu toda diversidade de manivas e frutas que temos hoje no mundo), o retorno do Kaaly com a família, o surgimento da primeira dança de maracá.

O quinto capítulo é dedicado aos mitos que contam como tudo aconteceu, sobre as transformações de pessoas em animais, dos surgimentos dos cantos, dos benzimentos, das danças, das vinganças, das traições, das desobediências e das consequências, aqui poderemos entender a importância de sermos animais e humanos, humanos se transformando em animais em outros tempos, os humanos e animais que se transformaram em pedra e que continuam vivos hoje.

Por último, o sexto capítulo é sobre a origem da humanidade que somos nós, sobre como surgiram os clãs Baniwa com os seus animais sagrados, descobriremos que Dzooli era o responsável por soprar com cigarro em cada um que nascia dentro do buraco da cachoeira *Hipana*, uma “vagina de pedra”, e que nós nascemos com um tabaco próprio, nós nascemos com benzimento: *Hohodeni*, *Wapilere Dakenai*, *Adzaneni*, *Awadzaro*, *Dzawinai*, *Dzoleemeni*, *Kadaopoliro*, *Kañhetalieni*, *Koitsinai*, *Kotteeroeni*, *Maoliene*, *Moliweni*, *Parrattana*, *Tomieni*, e todos os falantes de língua Baniwa. Além dos quatro que falam a língua Koripako que vivem no Alto rio Içana: *Kapittininanai*, *Komadeeni*, *Komadaminanai* e *Padzowalieni*.

Depois que fomos tirados do buraco viajamos na canoa de transformação, era uma enorme anaconda, mas adiante ele se transforma em uma enorme ave, que foi voando para deixar os povos e clãs em seus territórios específicos, nas casas de espíritos, que é pra onde vamos hoje depois que morremos. Os brancos surgem das larvas, mas eles também foram criados em *Hipana*, a “vagina de pedra”, mas Ñapirikoli resolve envia-los para *onidiaka* (oceano), porque eles queriam dominar o nosso mundo. Ñapirikoli, no entanto, anunciou que um dia eles retornariam para o lugar onde eles foram criados, e segundo essa profecia, isso já aconteceu.

Na nossa percepção do mundo Baniwa, o universo não está isolado de outros mundos, sempre estamos em conexões, assim como André Fernando Baniwa sintetizou no Seminário Internacional de Gestão de Áreas Protegidas na Amazônia, realizadas em Manaus (Maio 2015): “o mundo é grande e é pequeno. A humanidade é o mundo, não outra coisa”. Na expressão “o mundo é grande” deve ser considerada a escala

astronômica, o macrocosmo na teoria da relatividade e, na expressão “é pequeno”, deve ser considerada a escala do microcosmo da teoria quântica, assim propôs Dzoodzo Cardoso, professor Baniwa de física (Cardoso, 2018 pg. 236). Esses mundos são ligados por várias camadas. Todas as camadas estão conectadas umas com outras, delineando diferentes mundos coexistentes, na qual podemos pensar de uma forma outra que “universo”, mas mais apropriadamente designado de multiverso.

Por fim desta introdução, pretendo dizer que hoje entendo mais sobre esses mundos diferentes em que vivemos, pois não é apenas esse mundo chamado terra, temos outros mundos, onde vamos pegar a cura, as casas de almas, casas de outros seres. A pesquisa me fez ter outros olhares sobre as explicações, eu saí mais rica de conhecimento, tudo me foi contado, não teve negação nas explicações, pois além de escrever, colocamos em prática tudo aquilo que foi narrado, pegando nas pedras, pegando as árvores, vi tudo a olhos nus. Eu ouvi os mitos e pude vê-los em suas formas atuais: as aves, os peixes, os insetos, as pedras, os formatos das árvores. Ao ler este trabalho vocês entenderão o que estou dizendo. A única coisa que não foi me contado, foi sobre a aparência dos animais sagrados, mas fora a isso, sei tudo sobre eles, pois já havia participado do ritual de iniciação masculino e feminino. Eu sei o que eles são, apenas na imaginação, mas quem sabe depois do desafio que me foi lançado pelo meu pai, em breve posso ter ideia sim das suas aparências, seria uma nova história a ser contada por mim. Muitas coisas podem acontecer. Lembrando que o mundo antigamente tinha o tamanho do forno, Ñapirikoli desenhou na sua casa todos os tipos de desenhos que tem nas pedras hoje (petróglifos), para dizer aos seus filhos que ele existia, e os petróglifos são suas aparências. E que a terra é cocô de Kowai, à medida que ele ia fazendo necessidade a terra ia se esticando, e é por isso que o ouro, a mineração são coisas ruins, pois onde há exploração mineral sempre há desastre, seja morte de rios, de nascentes, dos igarapés, da floresta, de pessoas, pois o minério é cocô que saiu de pessoa ruim, por isso nós temos medo disso. Sendo assim, cuidamos da nossa casa, para mantermos a floresta sempre viva.

CAPÍTULO 1

O MUNDO DOS *EENONAI* E O COMEÇO DOS *HEEKOAPINAI*

Quando falamos sobre o nosso mundo, falamos de outros mundos. Iniciarei falando sobre a nossa cosmologia Baniwa, em que o universo é composto por múltiplas camadas, associadas a várias divindades, espíritos e “outras gentes”. De acordo com as visões de meu avô, o pajé Augusto José Fontes, do clã *Hohodene*, o cosmos é basicamente composto por quatro níveis: *Wapinakwa* (“o lugar de nossos ossos”), *Hekoapi* (“este mundo”), *Apakwa Hekoapi* (“o outro mundo”) e *Apakwa Eeno* (“o outro céu”).

Podemos então dizer que é parte de um complexo e completo mundo, *hekoapi* em Baniwa. A terra é a parte central, metade, do meio do mundo. Para cima da terra existem muitas outras camadas, *apakomanai* (“céu” em Baniwa), lugares de outras vidas, lugares de almas e espíritos de animais (animais como pássaros, macacos) *eenonai*, *iarodattinai* e outros. A última camada, acima do sol, é do criador do mundo e da terra – ninguém pode vê-lo, somente escutá-lo. Para baixo da terra existe outra camada, *Wapinkoa* em Baniwa, lugar de ossos dos mortos humanos, mundo ruim, que os brancos chamam inferno.

Em outras narrativas, nós Baniwa afirmamos que, além desses, ainda existem outros mundos, os quais não conseguimos enxergá-los. Os pajés têm acesso através do seu poder de ver esses outros mundos, através do seu paricá, do rapé e através dos sonhos, que os fazem viajar nesses outros mundos. Cada uma das camadas debaixo da terra é habitada por “gentes” com características distintas (gente pintada todo de vermelho, gente com boca larga, que são seres desde outro mundo, que são pessoas diferentes de nós, etc.). Acima da camada do nosso mundo são os lugares de diversos espíritos e divindades relacionadas aos pajés “*madzero ou maliri*”: espíritos-pássaros que ajudam o pajé em sua procura de almas perdidas; o Senhor das Doenças, *Kowai*, que o pajé procura para curar as doenças mais graves; os pajés primordiais e *Dzolíferi*, o Senhor do Paricá e Tabaco; e finalmente, o lugar do Criador e Transformador *Ñapirikoli*.

A cosmogonia Baniwa, ou seja, o tempo do começo do mundo é composto por um conjunto de mitos protagonizados por *Ñapirikoli*, *Kowai*, *Kaali*, *Dzoli*, *Amaro*: os *Hekoapinai*. O que entendo como cosmogonia Baniwa, inicia-se com o aparecimento dos *Hekoapinai* no mundo primordial e termina com o afastamento deles do mundo após a criação dos nossos primeiros antepassados. Os antepassados são os avós de cada clã e que

nasceram na cachoeira de Hiipana com a ajuda de *Ñapirikoli*; desde então conformam-se conjuntos de clãs que são parentes, e que não se casam entre si – o que se convencionou chamar pelos antropólogos brancos de fratrias Baniwa. Mais do que qualquer outra figura do panteão Baniwa, *Ñapirikoli* foi responsável pela forma e essência do mundo, razão pela qual pode ser considerado o ser supremo da cosmologia Baniwa. A seguir transcrevo a narrativa contada por *honili* (meu pai) Francisco, do clã *Walipere-dakenai*, sobre o começo do mundo para os Baniwa:



Todos nós somos animais/humanos, temos duas personalidades (desenho do Denilson Baniwa)

Antigamente o mundo era pequeno, antes da existência do *Ñapirikoli*. Havia pessoas chamadas *Eenonai*³. Nesse mundo pequeno dos *Eenonai*, havia nomes que eram importantes, nomes considerados de pessoas-animais daquela época.

³ - É uma linguagem usada pelos Baniwa para se referir aos animais/humanos no benzimento.

Certo dia, o Inambu⁴ pensou, pensou e se lembrou de que ia fazer Dabucuri⁵ para o Sucurijú: - “Vai começar a ter coisas ruins”. E assim foi feito.

O Sucurijú tinha duas filhas muito bonitas. O Inambu já estava chegando para a festa. O Sucurijú pensou que ele estava com intenção de roubar suas filhas e com isso resolveu escondê-las do Inambu. Fez um enorme *Paatto*⁶ e escondeu as filhas dentro. Nessa festa vieram várias outras pessoas para participar, entre elas estava o Mucura.

Então, o Inambu fez a festa, dançou, dançou e dançou... Até de madrugada.

As meninas pediram ao pai Sucurijú para que ele abrisse só um pouquinho a caixa, somente para verem quem era o rapaz que estava cantando e dançando tão bem. O pai obedeceu. A intenção delas era ver e sair correndo pra dançar com o Inambu, mas o seu inimigo Mucura estava junto dele dançando.

O Sucurijú começou a abrir o *Paatto* bem devagar e, sem esperar, suas filhas saíram correndo, direto para os braços do Inambu. Então o Inambu começou a dançar com as duas, pois ele era um rapaz muito bonito, sabedor de cantos e danças. Depois ele convidou para sua casa, dizendo a elas que deixaria um sinal na entrada do seu caminho. O sinal do Inambu seria um rabo de arara vermelha, diferente do sinal do seu companheiro, o Mucura, que seria uma pena de *komakomali*⁷.

As filhas de Sucurijú foram atrás do Inambu. Chegando lá, elas viram exatamente o que ele tinha falado sobre os sinais: - Rabo de arara e pena de *komakomali*. Uma das irmãs disse que algo estava errado, ela desconfiou que o Mucura pudesse ter trocado os sinais, mas a outra irmã não via motivo para esta suspeita. Elas acabaram caindo na armadilha do Mucura, pois ele havia mesmo trocado os sinais, por inveja do Inambu.

O Mucura estragou as duas com seu fedor, elas ficaram com mau cheiro.

⁴ Em Baniwa chamamos de maami, possivelmente seja o pai de *Ñapirikoli*.

⁵ Festa de oferecimento de frutas, de peixes, de artes ou de pesca e caça.

⁶ Em Baniwa é uma caixa feita com palha de Kuruwai, onde os antigos guardavam seus enfeites como: cocares, instrumentos musicais, todos os tipos de adornos usados nas cerimônias.

⁷ - Em Baniwa é um passarinho azul.

Na boca da noite, elas ouviram o Inambu cantando, e uma disse: - Ah! Escute onde ele está cantando, era atrás dele que viemos.

O Inambu tinha dois seguranças: um era o *ipekai*⁸ que vigiava o seu porto, e seu pescador era matraca⁹. Toda vez que os pescadores desciam pra pescar, as duas irmãs chamavam o matraca e perguntavam se eles podiam levá-las com eles, para o Inambu.

O matraca respondia: - O meu chefe não quer mais vocês, pois já se estragaram. Mas depois de muitas tentativas, finalmente eles aceitaram e as levaram.

Para limpar o fedor delas, o Inambu foi para a floresta buscar uma folha chamada *Waliwapikhaa*¹⁰. Com essa folha, conseguiu limpar as filhas de Sucurijú, mas o Mucura não largava do seu pé. Então o Inambu pensou e disse:

- Eu vou matar ele!

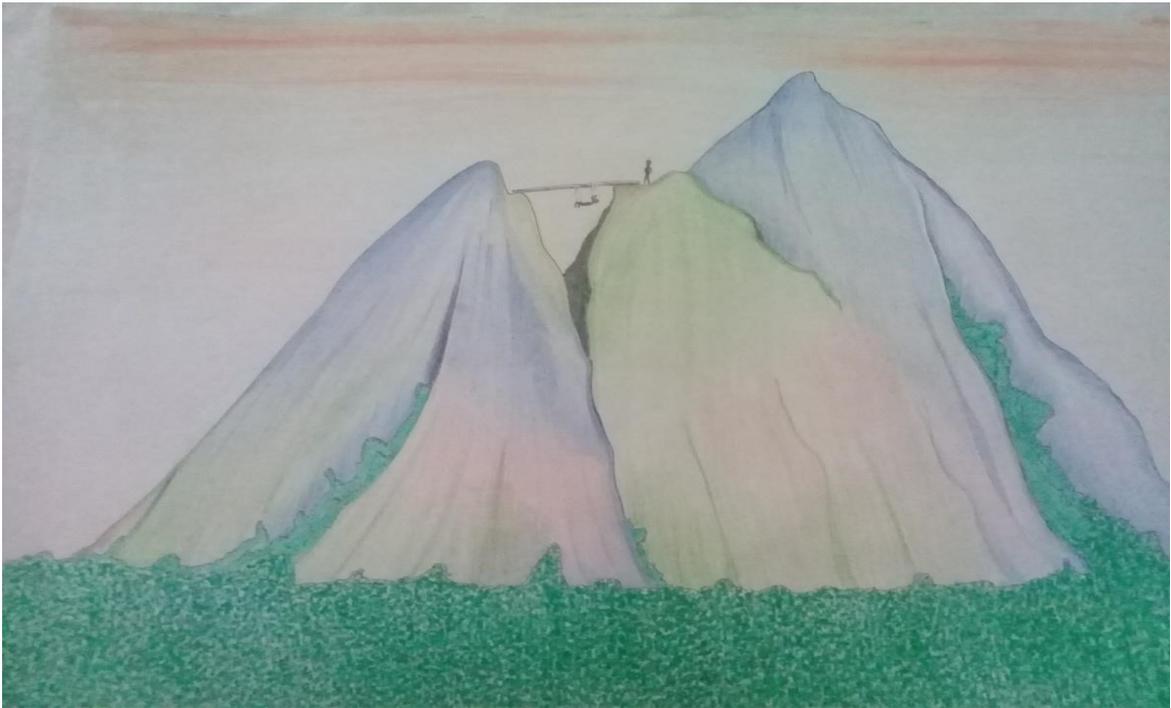
No dia seguinte, o Inambu convidou o Mucura: - Vamos brincar? Eu sempre brinco naquela serra.

O Mucura responde: - Vamos sim, será um enorme prazer brincar com você. E assim eles, foram. A intenção do Inambu era matar o Mucura.

⁸ - Em Baniwa chamamos de Pato do mato.

⁹ - Martim-pescador era o rapaz pescador.

¹⁰ - É folha estrela, uma planta muito cheirosa, possui o aroma maravilhoso. Na nossa tradição, usamos para proteger o corpo e alma das coisas ruins.



Inambu mata Mucura na serra de Waliitshi Dzapani (Desenho do Frank Fontes)

O Inambu foi buscar envira¹¹, prendeu-a entre uma ponte e outra da serra, fazendo uma ponte para atravessar o entremontes. Este lugar se chama *Waliitshi Dzapani*.

Em seguida o Inambu começou a correr nesta vara. Pra lá e pra cá, pra lá e pra cá. E disse ao Mucura: - Agora é sua vez de correr, mas eu vou segurar a vara pra você não cair. Quando o Mucura começou a correr, o Inambu virou a vara. O Mucura despencou de muito alto para dentro do abismo de pedra. Assim ele foi morto.

O tempo estava muito bom, com sol, mas ao entardecer, do nada, veio uma chuva. A avó do Mucura saiu correndo para fora de casa, colocou a mão para sentir a chuva e viu que eram de gotas de sangue. Ela disse: - Ele matou meu neto.

No dia seguinte, a avó de Mucura saiu em direção à serra. Chegando lá, viu seu neto morto. Ela tirou o coração dele, para fazer vingança.

¹¹ - É uma planta, tiramos a sua casca, por meio de uma técnica, ela serve para ser alça, servindo para ser peconha e subir açai.



Avó de Mucura fritando coração do seu neto morto pelo Inambu (Desenho do Frank Fontes)

Chegando a casa, ela fritou o coração com a intenção de criar um *peeri*¹², para que matasse o Inambu. Durante todo preparo, saíram de sua panela vários tipos de gaviões, mas nenhum deles era o que ela realmente queria. Quando estava por um fio de terminar, a velha disse: - Poxa, será que não vou conseguir encontrar o objetivo de vingança do meu neto? Quando finalmente terminou o coração, apareceu o tão esperado *peeri*, e ela disse: - Agora sim!

O Inambu já sabia que teria um inimigo a enfrentar. Ao anoitecer ele cantou de novo e as mulheres pediram para que ele cantasse mais. Ele disse: - Ah não! Agora já tem algo que veio me matar, se eu cantar agora ele vem me matar. Mas ele foi obrigado a cantar mais uma vez, pois elas lhe diziam: - Só mais uma vez pra gente ouvir? Na verdade, o seu inimigo já estava sentado na cumeeira da casa. Na hora que Inambu cantou, o *peeri* caiu em cima dele com suas garras afiadas e o matou.

¹² - Certo tipo de gavião.

A avó de Inambu já sabia que seu neto havia sido morto. Ela disse: - Ah! Foram eles que o mataram, os *Eenonai*. De manhã bem cedo, ela disse a um rapaz: - Vai ver o que eles estão fazendo.

Ele disse: - Tudo bem!

E assim foi. De manhã bem cedo, ele desceu o rio de canoinha. Chegou e se encostou no porto.

O rapaz disse: - Ei! O que estão fazendo?

Aqueles que estavam no porto responderam: - Nada. Estamos cozinhando Inambu, nós o matamos. Venha comer com a gente!

Ele respondeu: - Tudo bem então.

O rapaz tinha ido justamente para tentar roubar algum pedaço de osso ou qualquer coisa do Inambú, mas os *Eenonai* sabiam que chegaria alguém para fazer isso e, por isso estavam muitos atentos.

Os *Eenonai* tinham socado muito bem o Inambu, sem deixar nenhum osso, foi tudo bem esmigalhado. Eles começaram a comer e o rapaz até então não tinha encontrado nada, nenhum pedacinho. Mas por sorte, sentiu na boca que havia um grão bem miudinho de osso. Ele disfarçou, pegou esse grão e sem ninguém ver ele fez *litekota*¹³ com dedo. Ele havia encontrado um pedacinho de *lhiori*¹⁴, jogando o pequeno osso para onde o sol se põe que, quando caiu no lago, teve no mesmo instante o som de trovão. Naquele momento todos ali sentiram o choque. Eles disseram: - O que foi isso? O que aconteceu?

O rapaz ficou em pé e disse: - Eu não sei! Vocês não viram nada?

-“Agora sim”, disseram os *Eenonai*: - Agora sim, agora sim...

Eles sabiam que algo aconteceria que poderia matar todos.

Depois do acontecido o rapaz se sentou novamente, continuou conversando, como se ele não tivesse nenhuma culpa, como se não houvesse acontecido nada. Quando o sol já estava tarde, ele levantou e disse:

- Tenho que ir, já está tarde, foi muito bom vê-los.

E foi embora.

¹³ - É um gesto que fazendo com os dedos, quando agente joga alguma coisa para longe.

¹⁴ - Em língua geral chamamos de wakurawá da perna ou do joelho, era um pequeno grão que foi encontrado.

[Nesse mito se inicia a rivalidade e as desavenças entre as pessoas. Percebemos que o Mucura tinha inveja do Inambu e isso ficou para a humanidade. Um querendo ser superior ao outro, causando desavenças entre famílias e desavença entre cunhados. As mulheres se tornam perigo, causadoras de coisas ruins, por teimosia. É nessa parte do mito que começa a discussão entre mulheres: uma tenta falar a verdade e a outra não concorda. Por mais que uma possa estar falando a verdade, o que prevalece é a teimosia da outra. Às vezes a teimosia nos leva a cometer graves erros, de não saber ouvir e isso surgiu no mundo pequeno. E continua vivo.

As gotas de sangue na mão é uma maneira pela qual os mitos demonstram que, antigamente, quando o mundo era pequeno, todos tinham o poder de neparota que é sentir ou pressentir um acontecimento importante, uma intuição. Hoje em dia as pessoas não estão mais atentas a esses sinais, mas esses sinais existem e alguns sabem senti-los é o caso dos pajés e dos benzedores.

Esses acontecimentos se passaram nas proximidades de Urânea, que fica abaixo da Cidade de Mitú, na Colômbia. Em seus relatos, os sábios falavam mais de Queari para se referir à região do Alto Waupés, Conhecido mais como triângulo tucano, onde moram vários povos, falantes de língua Tucano, fica na fronteira com a Colômbia. Com a morte do Inambu, vai surgir o Ñapirikoli, a partir do osso, havendo algumas semelhanças entre as narrativas dos parentes Wanano e Tariano, quando afirmam que nasceu de dentro do osso.

Havia rivalidade entre os Eeonoi e os descendentes dos Heekoapinai. Naquela época, os Eeonoi moravam em Wapui-Cachoeira, juntamente com seus cunhados Doemienai, lembrando que dentro do benzimento é dito as seguintes palavras, referindo-se a essa passagem¹⁵:

“Nadananidami lhiinaakimi nhaa wadzolinai”

“Tãpinimawa kuera kua Urubu”

“O que foi desenhado pelos Urubus”

¹⁵ - A primeira linha é a transcrição em Baniwa, a segunda em nheengatu e por último a tradução para o português.

Os Wadzolinai, os Urubus, fizeram pintura corporal nas pacas, que nesse tempo do mito eram pessoas. Hoje percebemos essa pintura nas manchas do corpo da paca em sua forma animal.

“Nawini hiinaakimi nhaa Doemianai”

“Doemianai rimiara kuera”

“Caças que eram do Doemianai”

“As pacas que eram a caça dos Doeimianai”

Quando o Inambu disse que não poderia mais cantar, é por que ele já sabia, havia pressentido que deveria se prevenir para não morrer. Tentou avisar as filhas de Sucurijú, mas elas insistiram muitas vezes e assim ele caiu na tentação. Hoje isso continua vivo. Ao acordar pela manhã, através do sonho, já sabemos o que vai acontecer e então podemos nos prevenir e não sair para a mata, nem para pescaria, nem ir à roça.

Mas às vezes tem alguém que insiste para a pessoa ir caçar ou pescar e algo de ruim pode de fato acontecer, como picada de cobra e outros infortúnios. Se a pessoa não quer ir, é melhor não questionar. Se as filhas de Sucurijú soubessem ouvir e obedecer, o Inambu não teria morrido. A teimosia muitas vezes nos leva a cometer erros fatais. E esse legado ficou para humanidade, que somos nós, os Walimanai.]

Surgimento dos Hekoapinai - 01 Narrativa (osso de Inambú)

No tópico anterior, vimos a primeira narrativa do começo do mundo. O mundo era muito pequeno e nele viviam os Eeonai, os Doemianai e o Enonhere (avós dos animais). Vivia também o Inambu, que é avô dos *Hekoapinal*¹⁶ que vão dar origem à humanidade. É sobre os Hekoapinai que vamos contar, por meio de uma narrativa que continua aquela já descrita acima, também narrada pelo meu pai, senhor Francisco, do clã Walipere-dakenai:

O rapaz voltou da refeição com aqueles que tinham matado o Inambu.

Então, a velha, perguntou para o rapaz: - “E aí?”.

¹⁶ –Nome usado para se referir à pessoa do *Ñapirikoli*, Heeri, Dzoliwheri e Amaro que são criadores ou donos do mundo.

O rapaz respondeu: - “Eu não sei minha avó. Mas amanhã você tente (*upisaitika*) procurar algo com o cumatá¹⁷ no lago chamado *iipeeko ikalittani*¹⁸, para ver se encontra alguma coisa”.

Logo pela manhã bem cedo, ela foi embora. Chegando lá, pegou seu cumatá e começou a procurar no lago. Ela encontrou apenas três *dzoodzo*¹⁹ verdinhos bem miudinhos.

[Esse fato aconteceu ao lado de Urânea, lá existe um igarapé chamado Ipekuali. Indo mais para a cabeceira, tem um lago que se chama Ipekokalitani. O grão de osso do Inambu foi cair nesse lago, abaixo de Mitú na região do Alto Waupés, na Colômbia. Os dzoodzos que a velha buscou no lago, na verdade, é o osso do Inambu que foi jogado, pelo rapaz e que caiu nessa lagoa conforme narrado na primeira história, no tópico acima.]

A avó do rapaz foi buscar *kowaida*²⁰. Ela colocou os *dzoodzos* dentro do ouriço da castanha *kowaida* e assim os criou dentro. Todo dia eles eram alimentados com tapioca, dia após dia, até eles ficarem grandes e se transformar em pessoas. Assim, não tinha mais como esconder e resolveu mostrá-los. Então, começou-se a dizer que isso não era coisa boa, aparecer três pessoas do nada. O Hekoapinai cresceram com sabedoria e poder.

Quando seu avô e avó perceberam que eles tinham poderes, disseram: - Vamos matar os três? Eles não vão prestar! Assim foi feito.

Os três estavam brincando no sol quente e a avó disse: - Está muito quente! Não tomar banho. No entanto, o avô deles já havia se transformado em piranha esperando no porto para comê-los. Os meninos saíram correndo e gritando para

¹⁷- Tipo de peneira trançada com arumã.

¹⁸- Lago de macaco da noite

¹⁹- Em nhengatú chamamos de kurupíchu ou urumã suikíri, não comestível. Existem dois tipos peixes: um é comestível e o outro não.

²⁰- É uma árvore enorme que existe na terra firme, possui frutas e é conhecido como castanha da galinha.

tomar banho no rio. Na hora que eles iam pular, o Ñapirikoli disse: - Espera! Espera! Espera! Não pulem.

E outro disse: - Por quê?

- Porque tem algo esperando para nos comer. Ñapirikoli matou o mutuca e o jogou na água, na mesma hora piranha o devorou. O Ñapirikoli disse: - Está vendo? Esse é nosso avô, que veio nos esperar para nos comer. Vamos sair!

O velho cansou de esperar e saiu novamente para casa. Ele ouviu que eles estavam brincando no campo. Ele esperou, esperou e nada. Chegaram a casa e depois de um tempo o velho disse: “Onde vocês estavam”?

- “No campo brincando”.

Ele disse: Pensei que tivessem ido tomar banho! O Ñapirikoli disse: - Ah não! É por que você foi nos esperar para nos comer, é por isso que saímos.

O velho disse a sua esposa: E agora? Agora vou esperar eles no campo. Ele pensou, pensou e disse: - Vou me transformar em jacaré e devorá-los! E as crianças vieram correndo para brincar de novo e, chegando ao local, viram um enorme jacaré deitado. As crianças disseram: - “Olha o jacaré! Olha o jacaré”!

O Ñapirikoli dá uma alerta dizendo: - Ei, fica longe, fica longe. Esse é nosso avô, que quer nos comer, espera que vou amarrar ele. O Ñapirikoli ficou em pé, olhando para ele, e enquanto isso, com seu poder de benzimento, ele amarrava a boca e o corpo do seu avô. Ele não podia nem se mexer quando terminou o benzimento.

O Ñapirikoli disse: - Agora vamos para cá! Ele, e os outros Hekoapinai, foram pegar arco e flecha. Ñapirikoli disse: - Esperem aqui, vou buscar breu! Fizeram umas bolas grandes de breu e colocaram na ponta da flecha. Então, foram em direção ao avô deles. Chegando lá o Ñapirikoli disse:

- “Olha eu sei que você é nosso avô! Eu sei! Você quer nos comer, olha agora vamos flechar no seu nariz e no seu corpo”. Assim foi feito.

[Aqui se inicia o benzimento no mundo, quando o Ñapirikoli resolve, apenas com seu olhar e pensamento, amarrar a boca e o corpo do seu avô que estava em forma de jacaré. Aos olhos nus não se podia ver nada, mas com outros olhos, apropriados ao poder sobrenatural, podia se ver a forma como ele estava amarrando-o com as palavras. O poder das palavras tem um grande significado nas nossas vidas, através de palavras nós nos protegemos dos perigos.]

Os Heekoapinai eram apenas meninos, mas para ter poder e conhecimento não tem idade. Através de brincadeira eles fizeram estrago. É por isso que o nariz do jacaré é como é hoje, muito feio. É por que os Heekoapinai flecharam com bolas de breu no seu nariz. Ficou todo tipato, o que quer dizer todo deformado.]

O velho voltou e disse a sua esposa velha: - E agora? O que vamos fazer? Não conseguimos matá-los. Em qualquer lugar que os velhos iam, os meninos iam com eles.

E eles foram para a floresta. Eram crianças muito espertas, saíram correndo pelo caminho antes dos avós. Chegaram em um ponto e Ñapirikoli disse: - Vamos matar nosso avô, ele é muito chato! Eles correram antes deles e sumiram! Tudo estava em silêncio! O velho andou, andou, e viu um pequeno jabuti deitado. Ele disse: - Você deve ser o Ñapirikoli mesmo. Eu vou matar você. Pegou o jabuti e jogou contra um pau. Ele voltou como uma bola contra ele de novo e phááááá no peito dele. E o velho caiu morto.

A sua esposa chegou viu e disse:

- Como você está? Os meninos vieram correndo e perguntaram:

- O que aconteceu? O Ñapirikoli disse:

- Eu te avisei o que você vê não é para pegar. Ñapirikoli benzeu cigarro e soprou nele. Ele voltou a viver de novo. O velho disse: - Agora sim, eu não sei mais o que fazer.

[Eram crianças muito espertas naquela época. O jeito de ser de uma criança surgiu nessa época e hoje as nossas crianças são espertas que nem os Heekoapinai. Quando vamos pelo caminho da roça, as crianças vão correndo sem medo, mostrando

com toda clareza que são conhecedores do território ou do espaço. Elas vão pelo caminho da roça, cortando pequenas árvores, catando flores, folhas, cogumelos e insetos para depois brincar de faz de conta na roça.

E é nesse momento que surge o nome de Ñapirikoli. Quando o seu avô vê um jabuti deitado, logo veio à mente que seria ele. Em Baniwa, Inãpi é osso, Iri é filho e inãpi iri significa filho de osso. É por isso, que chamamos de filho de osso ou feito de osso.]

Na manhã seguinte, o avô deles disse: - Meus netos, vejam, hoje vamos queimar a nossa roça.

Os meninos disseram: - Vamos, vamos e foram correndo antes deles pelo caminho da roça. Naquele momento, Ñapirikoli falou para o seu irmão que a intenção dos seus avós era queimar os três. Eles já foram sabendo que algo podia acontecer e, ao mesmo tempo, já tramando estratégia para escapar, dizendo aos seus irmãos que pegariam três pedaços de embaúba, um pedaço para cada um deles.

[Quando os Hekoapinai foram levados para serem mortos por seus avós na queimada da roça, eles foram para o meio, obedecendo à ordem dada pelos avós. Toda roça, quando é queimada, sempre fica um lugar que não queimou. Na verdade, era o lugar onde os Hekoapinai ficaram em pé. Isso ainda hoje existe, ficando o legado para nós. A roça nunca é queimada perfeitamente, por que era o lugar onde eles ficaram em pé.]

Chegando ao local, o avô deles disse: - Vocês meninos vão para o meio, eu vou pela beira e a avó de vocês vai do outro lado. Assim eles foram, levando consigo pedaços de embaúba. Os velhos começaram a tacar fogo, rodeando a roça com fogo. A roça queimou, levantando enormes chamas de fogo e ele disse: - Agora sim, eles vão morrer, não têm como escapar do fogo!

Os velhos, vendo a roça queimar, continuavam falando:

- Agora sim, agora sim, vai ficar tudo bem, já conseguimos matá-los. Não demorou muito, fez um barulho Tthóooooo!!!

- Está vendo? Já espocou a barriga de um. Logo atrás era outro thóoooo!
Em seguida o outro fez thóoooo!

- Agora sim, já morreram, vamos voltar para casa. E assim o fizeram.

Na verdade, quando a roça começou a pegar fogo, os três se transformaram em morcegos e saíram voando junto com a fumaça. Jogaram os três pedaços de embaúba e o avô deles nem percebeu isso. Chegando em casa, ouviu barulho de crianças tomando banho. Correu e viu que eram os Heekoapinai que estavam pulando.

- Ah! Eles estão vivos. Meu deus! Eu não sei mais o que fazer!

E eles cada vez crescendo mais, e ficaram rapazes!

Narrativa 02: Surgimento dos Hekoapinai (osso de Doemieni)

O mundo era pequeno, muito pequeno. Havia outras gentes. Teve um tempo que mataram todos os *Doemieni*²¹. O chefe da gente que os matou chamava-se *Enonhere*²². Um dia ele estava comendo o osso de uma pessoa que ele havia matado. Pegou e jogou o osso rio abaixo: tháaaa, caiu no meio do rio.

Havia uma velhinha, era avó dos *Doemieni*. Ela chorava pela perda dos seus parentes, eles tinham sido todos mortos. O chefe *Enonhere* ouviu o choro de sua esposa e foi falar com ela: - Vá buscar o ossinho que joguei.

Ela pegou uma peneira, uma cuia e foi em busca do osso. Depois de muitas tentativas de busca, finalmente os encontrou. Dentro do osso, havia três seres que se transformaram em camarões. Na verdade, os próprios camarões eram osso, eles faziam barulho dentro. Ela os pegou e os trouxe para casa. Chegando, colocou-os do lado do fogo, debaixo da sua rede. O tempo foi passando e eles foram crescendo

²¹- Nomes de um grupo existente naquela época eram cunhados dos Eeonai.

²²- *Enon* = animais, *here* = avô, então *Enonhere* significa avô dos animais.

e se transformaram. Dessa vez eram pequenos grilos. Eram alimentados com tapioca. Na manhã seguinte, deu novamente a eles tapioca e rapidamente eles cresceram. Eram os *Ñapirikonai*.

No outro dia, os grilos cantaram:

- Tchiri, tchiri, tchiri.

- Háaa, disse ela batendo na cuia porque queria que ficassem calados, para que o *Enonhere* não soubesse que estavam vivos. Depois abriu a cuia e todos os três cantaram. Então, levou os três dentro do aturá²³ para a roça. Chegando lá, a velha abriu e eles saíram. Deu comida novamente, comeram, comeram tudo. E eles falaram:

- Já chega.

Retornaram para casa, colocou-os perto do fogo, foi buscar tapioca e deu a comida a eles de novo. Depois voltaram a cantar novamente:

- Tchiri, tchiri, tchiri, tchiri, era sua canção. Os três continuavam a crescer e crescer, e então começaram a ter aparência de gente. Depois ela disse:

- Não façam nada, fiquem quietos!

Mas eles responderam.

- Não, nós podemos fazer tudo e muito mais. Pois somos os *Heekoapinai*. Assim responderam à velha. Mais tarde subiram acima da fogueira e se transformaram de novo. Dessa vez em pica-pau. Mas logo em seguida houve outra transformação, sendo que agora eram pica-pau de cara pintada. A avó levou-os de novo à roça, colocando-os no aturá. Quando chegou lá, abriu o cesto e eles já eram rapazes. Dentro, eles faziam barulhos e a sua avó lhes disse: - fiquem quietos, estou ouvindo vocês.

²³- Cesto trançado a partir do cipó titica ou feito de wambé.

- Não, não ficaremos calados por que somos os Heekoapinai. Eles subiram em uma *oowada*²⁴ e foram até o topo. Vendo o perigo, a sua avó gritou:

- Desçam, vocês vão cair!

- Não, eles responderam.

- Nós não vamos cair, pois nós somos gente-universo. Ficaram no topo da árvore, pegaram uma fruta de *oowada* e chamaram a avó deles:

- Vó, olhe... Esse vai ser cutia! Jogaram a fruta e fez tse tse tse que girava guén guén guén e se transformou em cutia.

[É interessante perceber no mito que jogando essa fruta oowada, ela se transformou em animal cutia. É por isso que a cutia gosta de comer a raiz da mandioca, nas roças, pois foi criada nesse contexto, já prevendo seu lugar nesse mundo de hoje, criado e pensado por gente-universo, que são donos do mundo, que chamamos de Hekoapinai.]

Eles então desceram da árvore.

- Vocês vão cair! Disse a sua avó.

- Não vamos cair. Eles vinham descendo da árvore fazendo... tatatatata e dizendo “nós somos *Hekoapinai* gente-universo”. Até chegar ao chão. E assim era.

Os rapazes cresciam com sabedoria e poder, se transformando em tudo, do jeito que eles sabiam fazer, para pensar o mundo, e começaram a pensar em como se vingar das pessoas que mataram os seus ascendentes. Assim é. Eles ficaram crescidos.

O *Enonhere* tinha feito uma roça. Fazia *verão*²⁵ nessa época e ele chamou os Hekoapinai:

²⁴ É uma fruta comestível que encontramos na mata. Existem outros tipos, que encontramos nos campos, na capoeira, e nas beiras no rio no tempo da enchente que muitos conhecem por nome de Iwapixuna, em língua geral *iwá* =fruta, *pixuna* = preta, então seria fruta preta.

²⁵ É a época do ano que é o momento apropriado para fazer grandes roçados, para fazer roças seja na

- Hey! Vamos queimar a roça hoje.

- Tudo bem, disseram. Chegando à roça, o *Enonhere* disse: - Vocês vão para o meio. Eles foram, tacaram fogo na roça. Enquanto eles iam para o meio, o *Enonhere* correu para colocar fogo na beira. As chamas queimavam até o meio, cobrindo a roça inteiro de chamas enormes de fogo, subindo bem alto.

O *Enonhere* chamou:

- *Heeey... heeey... heeey... heeeyyyy... heeeyyyy*, vocês vão se queimar...

Os *Heekoapinai* sabiam que ele queria mata-los e falaram:

- Nós não vamos nos queimar. Somos a gente-universo!

Cada um dos três havia levado pedaço de embaúba e feito um buraco na extremidade. “*Eeeeeee*”. O fogo vinha rapidamente em suas direções, e vinha assim: *thililili... thililili... thililili... thililili*. Cada um dos irmãos entrou no buraco da embaúba e o tampou. O fogo era enorme, levantava bem alto com suas chamas.

De repente estourou uma das embaúbas: *Thóooooo!* E um deles saiu voando.

Em seguida estourou outra: *Thóooooo!* Saiu outro. E o terceiro foi a mesma coisa: *Thóooooo!* Os três saíram vivos.

- Por que, ele fez isso conosco? Disseram.

Eles estavam numa trilha e veio um jabuti chorando. O jabuti chorava assim: - O que vai acontecer?

Eles se queimaram, todos eram crescidos, todos crescidos... Lá tinha uma árvore com enorme tronco! Os *Hekoapinai* pegaram o jabuti. O *Ñapirikoli* pegou e jogou com toda força no tronco da árvore: *fiuuuuuu... táaaa* e seu avo caiu *thóóóó!* E morreu.

capoeira ou na terra firme.

Os três irmãos ficaram observando *Enonhere*, que momento estava morto. Com isso, *Ñapirikoli* pegou tabaco, benzeu e soprou nele. Depois desceram ao porto para tomar banho no rio. Mais tarde, o *Enonhere* veio para o porto chorando... Viu-os e disse:

- O que aconteceu? Vocês não se queimaram?

- Não, responderam. Nós não morremos queimados. Somos gente-universo, você não nos deixou queimar. E eles continuaram tomando banho, felizes e rindo sobre o ocorrido.

- *Hahahahaha*. Nós somos os *Heekoapinai*. Assim era. Assim aconteceu.

Os Hekoapinai vão em busca de vingança

A intenção do *Ñapirikoli* é se vingar da morte do seu pai (o Inambu), matar todos os *Eenonai* que eram os seus próprios avós.

No dia seguinte, seu avô pensou em ir fazer *dabucuri*²⁶ de *cumatá*²⁷ para sua filha. Ele fez vários *cumatás*. Nessa época, o *Ñapirikoli* e seus irmãos já eram rapazes. O *Ñapirikoli* disse ao seu avô:

- Nós vamos com vocês!

O avô respondeu:

- Não vai dar, a minha canoa é muito pequena. Podem ver. E ele tinha deixado os *cumatás* em toda canoa, justamente pra não levar eles. Ele disse:

²⁶- É uma festa que pode ser entendida como festa de oferecimento. Antigamente era feita entre cunhados. É uma forma de fazer troca entre os clãs. Eles trocavam raladores, remos, canoa, cestaria, ralos, faziam *dabucuri* de frutas para seus cunhados. Atualmente continuamos fazendo isso, mas como forma de agradecimento aos visitantes, depois de uma assembleia, uma reunião, aos professores, às lideranças pelo trabalho realizado. Sempre há um retorno depois, a pessoa que recebe vai fazer em outro momento para devolver e assim vice-versa.

²⁷- É uma cesta feita de arumã usado para passar caxiri, usado como coador.

- Não tem lugar pra vocês sentarem!

O *Ñapirikoli* ficou em pé vendo e disse:

- Você não sabe. Desceu na canoa e começou a organizar os *cumatás*, colocando um em cima do outro, um em cima do outro. - Está vendo? Sua canoa ficou vazia agora. Vendo isso o velho ficou sem saber o que fazer e pensar.

E assim foram com eles. Quase chegando ao destino, disseram para o avô:

- Vamos ficar aqui por enquanto, nós vamos para o mato fazer mais *cumatá* para você levar, por que tem muito pouco.

O *Ñapirikoli* disse ao seu irmão:

- Vem aqui comigo puxar a canoa, puxaram *carararararararara...* para o seco em cima da praia. O *Ñapirikoli* disse ao seu avô:

- Não vai mexer a canoa. No entanto, o *Ñapirikoli*, com seu poder, ele *soprou*²⁸ a canoa, para o velho não deixa-los para trás. Pois somente assim, seus avós não os deixariam ficar para trás. Sopro era coisa ruim, mas no momento foi preciso fazer isso, mas depois o próprio *Ñapirikoli* o curou.

Ele vendo que os rapazes já tinham sumido na floresta, olhou para sua esposa e disse: - Vamos embora deles. E correu para empurrar a canoa da frente. Na hora em que ele pegou, deu uma pontada embaixo do seu braço. No mesmo instante, ele caiu e rebolou no chão com muita dor. E aí ficou por um bom tempo.

Quando retornaram da mata, ouviram fortes gritos do seu avô. Eles disseram:

- O que aconteceu? E viram que o seu avô estava rebolando e gritando. Estava quase morrendo de dor.

²⁸- Nesse caso o sopro é coisa ruim, podendo causar morte. Pois a pessoa que benze o cigarro, e seguida fuma ela pode sopra em qualquer lugar, dependendo da maldade que a pessoa quer fazer. O poder do sopro é algo super interessante, pois apenas a fumaça tem o poder de fazer o mal a pessoa.

[Nesse momento do mito tem início o sopro, como algo ruim, o que hoje em dia ainda existe. No mundo há muitas pessoas invejosas. Às vezes pelo fato de você ser um grande trabalhador, que tem muitas roças, plantas, muitas frutas ou por ser um bom pescador. Dentro da comunidade pode ter uma com essa sabedoria ruim e, somente por inveja, esta pessoa te sopra pelo cigarro em qualquer objeto, às vezes na sua camisa, no aturá, no remo ou na sua canoa. No caso, a dor do sopro já ficou.

E, nesse mesmo mito, se inicia a sua cura. Existem esses estragos, os sopros ruins, mas também existe cura. São raras as pessoas que ainda detém esse conhecimento de cura, mas ainda existem muitas pessoas que tem o conhecimento ruim e isso também chamamos de estrago, pois a pessoa só quer destruir o outro. Tudo se inicia com Ñapirikoli, nesse momento com seus avós, deixando o bem e o mal. Assim começou o sopro hiwiathi e o benzimento para a cura Ñapakatti].

- Eu te avisei! Você passou por isso porque quis, eu te falei para não mexer na canoa, disse o Ñapirikoli que fez cigarro, benzeu e soprou no seu avô. No mesmo instante a dor desapareceu. E, no mesmo dia, chegariam ao local onde aconteceria a festa de oferecimento.

Naquela noite, vieram com *Káattiwa*²⁹, o dono das flechas que são na verdade raios ou trovões. Chegando lá, Ñapirikoli disse:

- Meu avô, viemos buscar com você *wirari uwíwa*³⁰! O velho disse:

- Por que meus netos?

- Para vingarmos a morte do nosso pai! Queremos com você dois feixes!

Assim responderam.

Kaattiwa disse:

²⁹- Camaleão verde, que era o nome da pessoa que possuía kurari, que morava em Tunuí-Cachoeira/Médio Içana.

³⁰- Se referindo ao raio/trovão, que eles usariam para matar todos os seus inimigos.

- Ah não! Se eu der dois feixes, vocês estragariam o mundo. Por que isto é muito perigoso! Ele deu apenas um. Dizendo o seguinte: - Têm esses dois, quais vocês querem?

- Queremos essa flecha que mata gente.

O *Kaattiwa*, muito sábio, pegou e deu a eles aquele feixe de fechas que não era venenosas. E assim eles retornaram para o local onde estavam os seus avós.

[Esse fato ocorreu próximo a Urânea, Colômbia. Os Hekoapinai vieram pegar o kurari com o Kaattiwa em Tunuí, Cachoeira, Médio Içana. Quem possuía esse uwiwa era o Kaattiwa. Ele tinha dois tipos: uma que tinha veneno e outra que não tinha. Refere-se a tipos de trovões que existem no mundo. Tem trovão que apenas faz barulho. Esse não tinha kurari na ponta do uwiwa. O outro faz barulho, dá choque e mata. É o que tinha kurari na ponta do uwiwa.]

Quem detêm esses poderes hoje são os pajés. Tudo começou quando os hekoapinai foram vingar a morte do seu pai e parentes. Nesse momento surgem os tipos de trovões. O Kattiwa não deu os dois feixes. Ele era muito sábio, deu apenas um. Se ele obedecesse aos hekoapinai, o mundo teria estrago enorme naquela época e isso ficaria para humanidade. Não sabemos que aparência teria o nosso mundo hoje. Percebe-se que o mundo ainda era muito pequeno, pois eles deram apenas um pulo para ir do Alto Waupés ao Médio Içana. Hoje, essa seria uma viagem de um mês para chegar de uma a outra localidade.]

Chegando ao local, eles jogaram o trovão. Fez barulho, mas não aconteceu nada. E assim retornaram novamente a Katíiwa. E disseram: - Ah! Esse não é bom, queremos aquele que mata. O Katíiwa ficou muito preocupado com isso, mas por fim, deu aquilo que eles mais queriam.

E assim, retornaram onde estavam seus avós. O Ñapirikoli disse aos seus avós que ele dançaria a partir de meia noite em diante. E o seu avô dançou do início da noite até o horário combinado.

Chegou o momento e seu avô disse:

- *Ñapiriko* agora é com você! E o *Ñapirikoli* disse a sua avó:

- Quando eu disser cantando que mataram *Ñapirikoli* não vai sair, caso contrário, morrerás junto. E começou a cantar e dançar no pátio, até certo horário. E todas as pessoas estavam nas malocas. E ele disse cantando:

- Mataram o *Ñapirikoli*... mataram *Ñapirikoli*...

No mesmo instante todos saíram correndo de dentro de suas malocas para ver. Eles só queriam ouvir isso mesmo: “*morte de Ñapirikoli*”. Naquele momento, ele jogou contra o chão o trovão, naquela hora todos tiveram pescoço arrebatados. Tinha pessoas para todo lado, deitados no chão, mortos. Depois do acontecido, os *hekoipinai* ficaram passeando e o seu irmão foi ver que a avó deles estava deitada morta. Correu e disse ao seu irmão:

- *Ñapiriko*! A nossa avó está morta, arrebatou o pescoço dela.

- Aonde?

- Está aí! Ele correu e viu ela deitada. E ele disse: - Por que você fez isso? Eu te falei pra não sair! Olhou para outro lado, estava o seu avô morto!

O *Ñapirikoli* pegou tabaco, fez cigarro, benzeu e soprou na sua avó. Na mesma hora, todos os demais também reviveram.

- Ah! Isso não é bom! O *Ñapirikoli* soprou cigarro novamente e todos ficaram do jeito que estavam, sem cabeça. Tentou soprar somente na sua avó e aconteceu a mesma coisa. Ele disse:

- Isso não é bom. E soprou cigarro novamente e assim todos morreram, inclusive seus avós.

E aqui os *hekoapinai* terminam com todos os seus inimigos *Eenonai*. Aqui termina o mundo pequeno e o mundo dos *Eenonai*.

Depois de todo o acontecimento, o *Ñapirikoli* procura seus possíveis aliados para construção e criação do mundo, pois era preciso. Na qual ele vai chamar *Dzooli*, *Amaro* e *Kaali*

[Enfim, percebemos que em vários momentos surgiram acontecimentos que ficaram para a humanidade. As rotas feitas durante a narração mitológica e suas consequências, tudo isso ficou para nós. Essa narração é de fato, ela nos ensina o quanto é viva no cotidiano, o quanto nós temos duas personalidades, o quanto dentro de mim sou humano e animal.

O meu, o seu interior. Temos duas vidas, usamos vestidos invisíveis. Elas fazem parte do nosso mundo e chamamos de pespectivismo, pois dela nos fortalecemos, usamos no outro lado, para nos proteger de nós mesmos, aos outros olhares que nos rodeiam e nos cercam. Por elas nós nos curamos e dela nos protegemos. Na verdade, nos protegemos de nós mesmo. Finalizo essa primeira parte como uma música muito linda que foi composta, por Jovem Ademir Santana, Baniwa, intitulado "Vida do povo Baniwa", que diz o seguinte:

"Nasce o povo Baniwa com sua tradição, que encanta todo mundo e mexe com seu coração". Chega o jovem guerreiro no ritual do Kariamã, com sua zarabatana para caçar". "Assim é a vida do povo Baniwa, assim é a vida do pogo Içaneiro". (bis)

"Chega à mulher guerreira com seu aturá, plantar sua maniwa para o seu sustento". "Assim é a vida do povo Baniwa, assim é a vida do pogo Içaneiro". (bis)

"Agremiação Kariamã vem para comtar os costumes vividos pelo povo Baniwa. No kariamã eu vou cantar no Kariamã eu vou dançar".]

CAPÍTULO 2

O COMEÇO DE KOWAI

Esta narrativa começa com uma linda música, composta pelo jovem professor Estevão Fontes Olímpio, do clã Komadaminanai (Pato), falando sobre a mulher Amaro. Retrata os lugares onde tudo começou. As palavras com os nomes dizem muito mais do que imaginamos. A canção diz o seguinte:

“Amaro, a mulher dzooli,
Nãpirikoli, o Deus do universo (bis),
Foi na cordilheira Mothípani, nas cabeceiras do Rio Waraná,
Dokoali é o nome original, Amaro se fez kalidzamai.”

Assim começa...

O *Nãpirikoli* nunca ficava em casa, ele sempre estava caçando, por que naquela época não existia noite. O sol não se movia, ele ficava apenas num único lugar. *Nãpirikoli* ia para a mata, voltava, descansava, depois pegava sua zarabatana e saía de novo para caçar. Assim era a vida dele.

Nãpirikoli não comia nada. A única coisa que comia era o *ipadú*³¹. Certo dia, ele ficou só, pegou e jogou o *ipadú* para sua boca. Ele pensava onde estaria a sua tia Amaro e fez o *inoparotti*³², para descobrir. Em seu pensamento, ela apareceu e ele a penetrou dizendo:

³¹- É uma planta usada para pressentir acontecimentos. Também é usada para não sentir fome. Quando os mais velhos vão caçar, eles ficam mastigando o tempo todo.

³²- Pressentimento de algo que vai ou pode acontecer.

- Quero que a Amaro fique grávida!

Ele fez isso através de pensamento e como ele tinha esse poder, acabou acontecendo isso com Amaro. Então ela apareceu grávida! Ela nem sabia o que estava lhe acontecendo, e ficou sem saber o que fazer.

A sua barriga cresceu... Cresceu... Até a hora certa. Quando ela começou a sentir dores do parto, não tinha como a criança nascer, pois não tinha vagina. Então, o *Nãpirikoli* pediu para Amaro sentar e se abrir na proa da canoa.”

Ñapirikoli faz a primeira vagina e o nascimento do Kowai

Nãpirikoli pensou em como fazer a vagina para que o filho dela pudesse nascer. Então começou a fazer isso. A primeira tentativa foi com o peixe *alawí*³³. Jogou-o na proa da canoa em direção a *Amaro*, mas não conseguiu.

A segunda tentativa foi com o peixe *kexekoli*³⁴. Jogou-o na proa da canoa em direção a Amaro, mas não teve resultado. Ela estava quase morrendo, suas forças já estavam por um fio. Finalmente, *Ñapirikoli* pegou o peixe *wawí*³⁵, jogou na proa, e dessa vez o peixe conseguiu furar a Amaro, fazendo a sua vagina.”

[Em linguagem usada pelos sábios na hora do benzimento, seja no kalidzamai feminino³⁶, no resguardo pós-parto ou no kalidzamai de criança, para ela comer pela primeira vez, a forma de chamar os peixes no benzimento é muito interessante. Eles são yopinai ou majuba. Esses três tipos de peixe são filhos de anaconda. Essa linguagem é usada para os peixes wáwi, aláawi e kexekoli.]

³³- É um peixe que chamado jacundá vermelho, em nhengatú chamamos de yacunda piranga.

³⁴- Peixe chamado de aracú de boca vermelha

³⁵- Em nhengatú chamamos de yacundá simã, que mora nas cabeceiras dos igarapés.

³⁶- Ritual de iniciação podendo ser masculino e feminino, na qual vai passar na fase adolescente para vida adulta (o), onde ele é preparado para fazer todos os tipos de trabalho, se preparando para outro momento, se caso tiver mulher ou marido.

Para lembrar do peixe Wawi e Aláawi, é dito o seguinte:

“ Omawali kodzainoma ienipe ropeeko littolhionaami Amaro ”(em Baniwa)

Anaconda/torta/boca/filho/vagina/que furou/amaro

“Maíwa menbira yapara waá iyurú, ipupewa waá umukuara amaru yara”(em nhengatú)

Filho de anaconda de boca torta, que furou a vagina da Amaro.

Para o peixe Kexekoli ou iraminali se diz:

“Omawali meepepiadoa ieniipe roopeko ittolhionaami amaro”(em Baniwa)

Anaconda/magro/filho/vagina//furar/amaru

“Maíwa yangaiwara waá raira, ipupewa umukuara amaru yara”(em nhengatú)

Filho de anaconda magra, que furou a vagina da mulher Amaro.]

Abriu uma passagem nela, nasceu o seu filho e ela desmaiou! Haaa tá, saiu o Kowai. Um tempo depois, Amaro acordou. Vendo a criança em seus braços, disse:

- Essa criança não é meu filho. Ela era sabedora disso, pois também tinha poderes.

O *Nãpirikoli* já tinha pegado a criança *Kowai* ³⁷e escondeu, colocando no lugar do seu filho verdadeiro um outro menino, que não era filho de Amaro.

³⁷ - -É uma pessoas com várias outras formas de aparências, com um corpo cheio de pelos e buracos por toda parte . Possui sons de todos os tipos de animais, que hoje chamamos de grupos de animais sagrados.

Nāpirikoli queria enganar Amaro, por que ele tinha roubado Kowai dela e enviado para outro mundo.

Ele enviou o Kowai para outro mundo. Outro mundo, só dele.

[Do mesmo modo que no tempo dos hekoapinai, nos dias atuais, quando se faz um trabalho pesado, os nossos avós e pais têm costume de fazer cigarro e sentar no pátio para conversar com seus cunhados, primos e tios. Assim fez Nāpirikoli naquela época, ele depois de voltar da caça sentou no pátio, mas sozinho pegou o ipadú e fez um inoparothí.

Esse momento, como aponta a narrativa transcrita acima, em que ele joga o ipadú e faz inoparothí é o instante em que ele pensou na Amaro e, através do seu pensamento, engravidou-a. Podemos então dizer que Kowai é filho de ipadú, pois Nāpirikoli colocou e mastigou ipadú, e na mesma hora usou as palavras pensando em sua tia Amaro. É por isso que nós dizemos Lhipatokairi: lhipato significa leite ou seio de ipadú, kairi é filho. Então o Kowai é filho do seio ou do leite de ipadú.

O ipadu de Nāpirikoli é tão poderoso que os pajés e benzedores ainda hoje usam essas palavras nos benzimentos, tal como quando um recém-nascido vem ao mundo. . Nesta ocasião, os benzedores ou pajés devem benzer a terra e, então, eles dizem “Lipoipere dzawi Nāpirikoli”.

Ou para benzer o recém-nascido contra os ioopinai, que são seres visíveis e invisíveis, eles dizem: “lipoipere itáda dzawi Nāpirikoli”(não sei como traduzir lipoipere itáda, mas da para dizer que os benzedores chamam Nāpirikoli de Dzawi, isto é, de “onça”. É interessante saber que é assim, que ele é chamado na linguagem de benzimento). Esta é a linguagem dos benzimentos, que não tem tradução literal, mas que faz toda diferença dentro do nosso mundo. É como se o pajé e o benzedor estivessem nos vestindo uma roupa ou um escudo de proteção, pois são palavras sagradas. “Lhipatokairi Dzawi Nāpirikoli”, é uma afirmação xamânica que este é o ipadú dele, Nāpirikoli.

Assim, Amaro ficou grávida, mesmo sem ter vagina. Ela não fez sexo com Nāpirikoli. Foi por meio de ipadu, inoparothí e pensamento que ele a engravidou. Nāpirikoli tentou fazer a vagina da Amaro com três tipos de peixes. Os peixes com os quais ele tentou fazer a vagina dela, percebemos hoje, têm essas manchas de sangue no

corpo, na boca e na cabeça. Pois, de fato, foi o sangue da Amaro que ficou marcado neles.

Nas reflexões sobre a narrativa de Kowai, o mais incrível foi descobrir a importância de pensar que Kowai é mapatica (crianças sem pai) para o mito. Uma pergunta que não é comum, pois os velhos não falam muito sobre isso claramente. Pois é raro ouvir o mais velhos falando sobre essa possibilidade, tenho me perguntado constantemente. Sobre o porque disso? Qual é a razão? Com isso, resolvi formular essa afirmação e levando isso para o meu pai Francisco Fontes, como já havia pensando, que de fato na concepção dele, o Kowai é mapatica sim.

Por muito tempo, nunca pensei que Kowai pudesse ser mapatica. Quando a gente o considera como mapatica, a gente percebe o quanto de fato era isso mesmo. Esse entendimento surgiu a partir da conversa com meu pai e as minhas tias. Pois o mito não pode ser pensado como algo morto, como algo do passado, o mito está vivo e ajuda a pensar coisas do nosso dia a dia. Esse mito me ajudou a entender as crianças mapatica de hoje em dia. Entender qual é a importância das mães no parentesco Baniwa. Geralmente, nós falamos muito dos pais, mas não sabemos a importância das mães. Hoje em dia, quando a menina engravida de um rapaz e ele diz que não vai assumir a paternidade, ele alega que a criança não é dele. O mito ajuda a entender as mães que acabam criando os filhos sem pais, com ajuda dos avós. No caso do mito, o filho foi tirado da mãe e enviado para outro mundo, para ser criado pela Wamondana (avó preguiça).]

O Kowai aparece aos Malinaliene

Nessa época, havia um homem chamado *Malinali*. Era o nome da pessoa que morava lá em *Hiipana*. Ele tinha quatro filhos: *Hmenakoiwa*, *Kerawidzona*, penúltimo e o menor. Depois de muito tempo, foram crescendo os filhos de *Malinali*. Eram os *kanhenkanai*³⁸.

³⁸-Meninos na fase de crescimento.

Um dia, eles resolveram brincar de forma diferente. Eles foram pegar *moone*³⁹ e colocaram num pote de *camuti*⁴⁰ pequeno. Eram seu *Kowai* de mentirinha.

Os meninos balançavam o *camuti* e os *moone* faziam barulho *hihihihihi tiriririri*. E assim os meninos se surravam entre si, para eles eram *ninbawas*⁴¹ deles. Eles faziam isso todos os dias. Eles dançavam em círculos se abraçando.

O *Kowai*, o verdadeiro, estava apenas observando eles do outro mundo. Cansado de ver isso, resolveu descer. Nessa hora, a luz do sol se apagou rapidamente, como se fosse uma sombra e voltou ao normal.

De repente, viram um lindo jovem, vindo em direção a eles. Era um *yalanawi*⁴².

Kowai disse: - Ei!

Os meninos: - Ei

Kowai: - O que vocês estão fazendo?

Os meninos: - Nada!

Kowai: - E esses? O que são?

Os meninos: - São nossos Kowai. Estamos fazendo dabucuri.

Kowai disse: - E como vocês fazem? O Kowai pediu para eles fazerem uma demonstração de como era feito. Bateram o *camuti* e os *moone* e as vespas começaram a zuar.

Ele disse:

³⁹- Abelha, em língua geral chamamos de mamangá.

⁴⁰- Pote feito de cerâmica.

⁴¹- Animais deles.

⁴²- Homem branco.

- Mas esses são seus animais? Vocês querem ver o de verdade? Os meninos responderam: - Mas esse é de verdade!

Kowai falou novamente, dizendo: - Essa não é de verdade. O que vocês chamam de Kowai, sou eu!

Eles ficaram olhando e disseram:

- Você?!

- Sim, sou eu!

Tinha um entre os meninos que era mais moleque, ele então desafiou o Kowai, dizendo:

- Então, se você é o Kowai, cante para ouvirmos!

O Kowai cantou e, quando terminou, eles pediram para ele cantar outra música. Ele cantou outros sons e assim por diante... Pois tudo estava em seu próprio corpo. Até seu peido e o barulho do xixi tinham um som diferente. E com a canção de Kowai eles se açoitaram de verdade, com *kapethí* (uma vara de pescar) a pedido do Kowai. Eles se açoitaram uns aos outros.

- Agora vocês já me viram, precisam ficar em resguardo a partir de hoje. . Kowai, então cuspiu a sua saliva na boca dos malinaliene, isto é, os filhos de Malinali. Não contem nada a *Ñapirikoli*! Não contem nada! Depois de amanhã virei novamente.

O Kowai disse: - Estou indo embora. Na mesma hora o sol enfraqueceu e voltou ao normal. Momentos depois o *Ñapirikoli* chegou e, como de costume, chamou os meninos: - Venham comer! Venham comer!

Mas eles não responderam, nem *xibé*⁴³ eles tomavam. E os meninos começaram a ir brincar no campo. Assim era.

⁴³- Água e farinha de mandioca é algo que não pode faltar na nossa mesa, é essencial na hora do almoço, nos intervalos dos trabalhos comunitários. Sempre tem *xibé* circulando.

[Ressaltando que nesse instante do mito se inicia o resguardo ou jejum. Quando o Kowai cuspiu a sua saliva na boca dos meninos, é como se ele estivesse dando um nome a eles a partir daquele momento. Esse resguardo ficou para nós, os filhos dele. A pessoa não pode comer nada, somente água, xibé (água e farinha de mandioca) ou caribé (pode ser dois tipos: um é deixar o beiju ferver ou deixar de molho e depois amassar com cuia e outro é feito de mandioca puba, que é conhecida como maçoça) benzido pelo sábio. Nesse tempo, Amaro também circulava por aí, pronta para dar o bote. É importante frisar que Ñapirikoli andou por muito tempo. Isso não foi um dia ou uma semana, isso foi por muitos anos. Os meninos obedeceram ao Kowai e, apesar de serem crianças, conseguiram guardar segredo, assim como foi ordenado por Kowai. A importância de saber guardar segredo também ficou para os homens. Eles continuam guardando segredo sobre as aparências dos grupos de animais sagrado, o Kowai].

Esperou o dia seguinte, aconteceu a mesma coisa. Ñapirikoli sentou e viu os meninos. Logo pensou: - O que eles têm? O que está acontecendo com eles? Eu acho que eles estão vendo Kowai!

Toda vez que os pais iam para a roça, os meninos corriam junto com os pais até a beira do rio e depois saíam correndo de volta para casa. Assim era feito todos os dias. No dia seguinte, o Ñapirikoli, atentou para os movimentos deles e disse: - Vou disfarçar de que vou caçar e voltar para ver o que de fato está acontecendo. E assim fez. Pegou sua zarabatana e foi embora de canoa. Os pais dos meninos estavam indo à roça também. Quando os meninos ainda estavam na beira, com os pais, o Ñapirikoli voltou e se escondeu atrás da porta que ficava para cima. Para os meninos, ele tinha ido embora caçar.

[As crianças têm um jeito muito interessante. O jeito de brincar e a forma que eles agem com tanta naturalidade de ver e fazer as coisas, sempre levando na brincadeira, mas sempre aprendendo. Nessa época já havia esse jeito, as crianças indígenas, quando os pais vão para roça, eles sempre vão correndo antes dos pais, e lá ficam tomando banho ou correndo na beira do rio, rindo e conversando, fazendo pedidos para a mãe trazer abacaxi, cana, cubio, banana e outras frutas. Assim era. E depois que viram que seus pais haviam ido embora, saíram correndo de volta para casa, sempre brincando no quintal também, brincando de faz de conta. Isso é feito quando eles ficam

em casa, mas tem momentos, na verdade a maioria das vezes, eles vão junto com os pais para a roça e para a pescaria.

As portas das casas antigamente tinham o formato da porta das grandes malocas. Era porta feita com palha de inajá, trançada e suspensa para cima, como se fosse uma garagem que, quando você entra para estacionar, ela se abre e vai para o teto. Então, depois de fingir que havia ido pescar, Ñapirikoli, muito esperto, voltou e se escondeu em cima da porta, para ficar vigiando os meninos e descobrir o que estava acontecendo com os Malinalieni.]

Logo que os pais foram embora, os Malinaliene saíram do porto e ficaram andando no pátio. Depois de um tempo, um deles falou: - Ei! Onde será que está Ñapirikoli nesse momento? No entanto, ele estava ouvindo eles. Um deles disse: - Ele foi embora para o mato!

Um deles deixou escapar, quando disse: - A qualquer momento Kowai vai chegar. Quando Ñapirikoli ouviu isso, ficou sem saber o que fazer e pensar. Disse: - Poxa! Eles já viram o Kowai.

Quando o sol ficou fraco, eles disseram: - Ah! Ele está chegando, está chegando!

Outro disse: - Aí está ele! Veio andando em direção aos meninos.

Eles ficaram em fileira e o cumprimentaram, pegando na mão do Kowai, dizendo: - Ei, Kowai! Você chegou! Tudo bem? Como vai?

O Kowai perguntou: - Cadê o Ñapirikoli?

Um deles disse: - Ele foi embora!

Ele olhou para eles e disse: - Será? Tem certeza? Eu tenho certeza que ele não foi!

Um dos meninos disse: - Foi embora desde hoje, já faz um tempo que ele saiu, fomos deixar ele na beira.

Kowai desconfiava que provavelmente ele estava escondido em algum lugar.

[A formalidade de recepção que está nessa narrativa, formalidade de ficar em fileira para cumprimentar a pessoa que está chegando à sua comunidade, guarda semelhança com os costumes dos Baniwas e Coripaco dos dias atuais. Quando chegamos a uma comunidade Baniwa, todas as pessoas irão te cumprimentar pegando na sua mão, um por um. Se houver 200 pessoas, terá que cumprimentar todas. É uma forma de saudar e desejar boas vindas a um visitante. Essa formalidade teve início com os Malinalieni, e nós continuamos usando o mesmo gesto.

Finalizo este comentário com uma música intitulado “Filhos da mata”, composto pelo professor Estevão Fontes Olímpio. A canção diz o seguinte:

Eh ya, eh ya, eh ya, ye (bis)

Á á á á á (bis)

Mãe natureza é o som que encanta esse mundo, sua beleza.

A cor que ilumina esse povo e o kariamã⁴⁴ vai mostrar ao mundo essa grande riqueza, a cultura, o costume e a beleza desta tradição.

Somos filhos do sol, somos filhos da mata, com a nossa tradição em pé e os nossos rituais.]

Depois de um tempo conversando, disseram para o Kowai: - Entra para casa Kowai, entra... Nós já vamos dançar.

O Kowai continua insistindo em saber se Ñanpirikoli tinha ido embora de verdade. - Será que ele foi de verdade mesmo? Naquele instante, o Ñanpirikoli saltou de cima da porta. Os meninos ficaram sem saber o que fazer, eles ficaram em pé olhando para Ñanpirikoli.

O Ñanpirikoli disse: - Ei Kowai!

O Kowai olhou para ele e disse: - Agora que você também me viu, está de resguardo junto com eles.

⁴⁴- É nome dado para esse momento do bezimento que é feito durante uma noite.

Disse isso cuspendo na boca dele: - Nesse dia voltarei para fazer benzimento da pimenta para vocês comerem.

E deu todas as instruções de como seria a festa. O Ñapirikoli disse: - Tudo bem! Como de costume, ele fez caxiri⁴⁵, de acordo com as recomendações do Kowai.

No dia marcado, Ñapirikoli comunicou para as pessoas que Kowai chegaria para fazer o benzimento do kalidzamai. Ele veio descendo do outro mundo, cantando até chegar a terra. O Kowai iria terminar de colher wakú, voltaria e benzeria a pimenta para eles comerem. Assim seria! Mas não foi assim que aconteceu.

Kowai engole os Malinalieni

Kowai chegou e Ñapirikoli, junto com outros meninos, foi recebê-lo. Kowai comunicou a Ñapirikoli que ele levaria os meninos para a mata, para ele subir e tirar frutas para fazer dabucuri de awiña⁴⁶. E assim foram. Chegando ao pé de awiña, disse aos meninos:

- Não podem comer nada, nem água.

E assim, ele subiu. Recolheu as frutas com gancho e os meninos embaixo, recolhendo o que estava caindo, espocando para tirar a fruta que está dentro. Eles espocavam o wakú, tiravam o caroço ou ouriço e desenhavam na casca. Quando ele levantou a sola do seu pé, viu que estava tudo desenhado. O Kowai disse: - Poxa, eles não sabem respeitar.

⁴⁵- É bebida fermentada usada para tomar em momentos de festas, dos rituais ou nos momentos de trabalhos coletivos, é a nossa cerveja indígena, feito de mandioca, e alguns ingredientes para fermentar como: batata, macaxeira, cará e cana.

⁴⁶- O awiña é uma árvore muito grande que fica nas matas virgens, tem aproximadamente uns 50 a 70 metros de altura, com diâmetro de 100 cm a 300 cm. Wakú é uma fruta comestível.

[O awiña possui ouriços de cor preta. Ela é muito amarga, podendo ser assada na cinza e cozida para fazer vinho. Seu óleo é ótimo para passar no cabelo e era usado pelos nossos avós e pais para lubrificar espingarda. Como ela é uma árvore grande, o Kowai gosta de fazer dabucuri com coisas que são difíceis de tirar, que requerem muito esforço físico. É bom lembrar que, antes de fazer o kalidzamai, ele foi para a floresta buscar awiña, e entender que as regras são regras, elas não podem ser desobedecidas, pois, caso contrário, há consequências.]

O Kowai foi bem claro com eles em relação a não comer nada e o que nos chama atenção é de como o awiña era ele mesmo, o seu corpo, e a casca da awiña, onde está o ouriço, era a sola do seu pé. Quando a gente vai buscar frutas na floresta, sempre tem como brincar ou rabiscar. Esse foi o caso dos meninos. Até então eles não sabiam de nada. Eles agiram naturalmente rabiscando a casca da awiña. É como se estivéssemos desenhando com caneta numa folha de papel em branco. Quando virou a sola do seu pé, viu que estava tudo rabiscado e ele ficou bravo, dizendo que os meninos não sabiam respeitar, dizendo: tiã te takua ara kua ita, que dizer “eles não sabem dia”, mas traduzindo mesmo, seria que eles não sabiam respeitar o outro.]

Nesse momento, um dos meninos disse:

- Phaaaa! São bons para comer. Vamos assar para a gente comer? Eles tinham fogo.

Os três concordaram em assar *wakú* para comer e o quarto, mas o irmão menor de todos, apenas ficou em pé observando.

Eles assaram o *wakú*. Então a fumaça subiu até o *Kowai*. Na hora que o *wakú* foi assado, o *Kowai* cantou:

“Pitiridawania... Pitiridawania... Pitiridawania”⁴⁷

pituna wasú andirá umusikindá waá yawé

noite grande morcego fechar como se fosse

⁴⁷- Em palavras ele estava dizendo que os morcegos os estavam fechando o tempo, pois estava vindo a escuridão, e isso era um pretexto para comer os meninos, é isso que significa pitiridawania.

Escureceu, como se fosse fechado pelo morcego

malinali ienipe, koawada pinã nonopa, keettani kerapokoli.

Malinali filhos, por que, comer, (sarumwasá), cheiro pacú

Malinali raíra itá, marãta pembauí pacú

“Filhos de malinali, por que vocês comeram, estou sentindo cheiro de pacú”.]

Com o cheiro que estava sentindo, ele desmaiou na mesma hora. Ficou encostado lá em cima do wakuzeiro. Na verdade, o que ele sentiu foi que o seu coração que estava sendo assado. O *wakú* era na verdade o coração do *Kowai*, por isso que ele desmaiou. Ficou pendurado no galho do wakuzeiro e a sua saliva escorreu para baixo. Terminou de cantar, voltou a respirar de novo e desceu até o chão.

O *Kowai* disse: - O que vocês fizeram?

Os *malinalieni*⁴⁸ responderam: - Nada!

No entanto, eles tentaram esconder o fogo.

O *Kowai* falou para outro menino: - Abra sua boca.

O menino abriu e ele disse: - Ah, você fica para cá.

Ele queria ver, se havia ficado restos na boca. Fez isso com todos os quatros meninos e foi separando.

Na hora que estava conversando com os meninos teve o som de trovão.

- Ah! Escuta só, vai chover. Vamos cortar palha para fazer nossa casa. Tentaram correr, mas foi sem sucesso. A chuva veio tão rápido que nem deu tempo de cortar palha, o tempo ficou escuro. E quando voltaram correndo, viram uma

⁴⁸ - Filhos de Malinali: meninos em fase de crescimento.

caverna de pedra. Na verdade, era a boca de Kowai. Ele já havia se transformado em uma caverna de pedra.

Outro menino disse: - Olha essa pedra, aqui é bom para nos escondermos da chuva.

Os três correram para dentro da caverna. Quando foi a vez do último menino, que não tinha comido wakú, na hora que ia entrar ele olhou para pedra e viu que ela tinha dois olhos e ela piscava pari... pari... pari..... Quando o menino disse que ela piscava, os três que estavam dentro tentaram correr para sair, mas o Kowai fechou a boca e assim os engoliu.

Na mesma hora o vento passou, mas continuava chovendo um pouco. No mesmo instante, *Ñapirikoli* mostrou sua mão e caiu sangue. E ele disse: - Ah, o Kowai comeu eles!

Automaticamente já sabia do acontecido.

O *Ñapirikoli* ouviu, ele já estava para outro mundo. Esperou os meninos e apenas um chegou.

O Kowai foi vomitar os três malinalieni em Jandú - Cachoeira, no Rio Içana e pediu pro *Ñapirikoli* fazer três cumatás, onde ele os vomitaria.

Depois disso, *Ñapirikoli* ficou sem saber o que fazer para reverter a situação, pois o Kowai tinha ido embora.

Ñapirikoli estava cansado de ficar em jejum, de ficar em resguardo, por isso começou a pensar de que forma ele traria Kowai do seu outro mundo, ele não sabia os meios para fazer isso.

Então resolveu chamar Kalimato⁴⁹ e disse: - Agora você vai com Kowai! A comida favorita dele era moodi⁵⁰. *Ñapirikoli* foi buscar o moodi e deu a seguinte

⁴⁹- É um inseto que faz sua casinha de barro.

⁵⁰- Em língua geral a chamamos de muxíwa, é uma larva que se cria dentro de uma palmeira bacaba. Depois de derrubada, a palmeira fica deitada, e essas larvas de desenvolvem dentro, e quando é assim, nós controlamos, para acompanhar e, no momento certo, estourarmos a palmeira e retirar as larvas dela. Ela pode ser comida crua, mas nós sempre comemos ela frita, acompanhada de beiju mole. É uma das

orientação: - Leva isto. Quando chegar à porta, vai direto até passar a segunda porta que está para cima. Passando essa porta, poderá chamar Kowai.

Tudo bem respondeu Kalimato. E assim seguiu a viagem, até chegar ao outro mundo. Chegando, entrou. Ele ainda estava na metade. Chamou: - Ei Kowai! Na mesma hora o Kowai tirou o fio que estava segurando a porta. No mesmo instante a porta caiu e amassou o Kalimato. Dizem que ele foi batido contra a porta do céu. É por isso que ele é tão pequeno. A perna do Kalimato ficou para dentro e a cabeça para fora, e não teve como falar com Kowai. Cansado de ver, Kowai empurrou ela para baixo. Ele voltou com Ñapirikoli de novo.

[No mito, quando Kowai vai para a floresta com os meninos para pegar a fruta para fazer o kalidzamai, era obrigatório fazer essa coleta de fruta; esse momento ficaria para nós para sempre. Hoje, os nossos bisavós, avós e pais fazem isso, pois essa é uma regra da iniciação masculina. Os meninos precisam ir para a floresta com seus grupos de animais sagrados que é Kowai, quando ele se transforma em vários tipos de animais.

Então, no momento que o wakú foi assado pelos meninos, no mesmo instante ele sentiu, pois o ouriço era seu coração. Essa árvore como um todo era o seu próprio corpo. É interessante notar que o Kowai tinha um poder incrível e único. E tudo acabou acontecendo justamente para ficar o legado para nós, para a gente poder seguir as normas e as regras, pois, caso contrário, sofreremos consequências, como foi o caso dos meninos que desobedecerem e foram devorados. Hoje temos que seguir firme as regras. Kowai dominava o tempo e, o que tiver que fazer para mudar e transformar o tempo, ele fará.. Para ele nada é impossível, tudo é possível. E deu para perceber que os meninos eram danados, assim como o são todas as crianças.

Logo depois que os meninos foram mortos por ele, Kowai voltou para seu outro mundo, sem saber fazer o kalidzamai para eles, pois ficou decepcionado pela desobediência dos Malinalieni. O menino que não foi morto e Ñapirikoli continuavam em resguardo. Ele já não aguentava mais passar por isso, esse fato aconteceu por um longo período. Certo dia Ñapirikoli resolveu chamar Kalimato. Era uma tentativa de chegar até Kowai e fazer o pedido. Ñapirikoli era sabedor que sua comida favorita era

comidas que tem um sabor delicioso.

o muxíwa, a larva e, então, pensou que se isso fosse levado para ele, não recusaria o presente. Mas o mensageiro não obedeceu a orientação do Ñapirikoli e acabou chamando Kowai logo na chegada, quebrando o protocolo de convidado. Sobre isso, meu pai comenta de uma forma que faz com que viajemos, imaginando a cena. Quando no mito diz que Kowai tirou o fio da sua porta para que a porta suspensa caísse em Kalimato, ele se referia ao estrondo, tipo um trovão, mas o estrondo possui uma melodia suave ou triste. Quando tem o som de estrondo hoje, isso significa que seu parente distante morreu e retornou para a casa de origem do seu clã. O estrondo é o som da porta da maloca de origem do clã e retorna para sua casa de espírito, pois o corpo se desfaz, mas continuamos vivos no nosso mundo.

Segundo o mito, quando Kowai tirou o fio da porta, ela caiu sobre o mensageiro do Ñapirikoli. Ele ficou com as duas pernas para dentro e sua cabeça para fora. A porta caiu na sua cintura. Ele ficou muito tempo nessa posição e o Kowai não estava nem aí. Mas em determinado momento Kowai ficou cansado de ver o encosto, abriu sua porta e ele caiu. O Kalimato ficou todo desfigurado, ele só tinha um fio para arrebeitar sua cintura. Ñapirikoli fez cigarro, benzeu, soprou nele, tentando conserta-lo, mas não teve sucesso. Por isso que todos os tipos de vespas, insetos, têm cintura bem fininhas, por causa do acontecido.]

- E aí? Disse o Ñapirikoli;

Kalimato responde:

- Ele fez isso comigo.

- Eu te dei orientação de como falar com ele, mas você não me obedeceu.

Chamou outro Kalimato, o menor.

- Agora você vai com Kowai, dando todas as instruções que havia dado primeiro para o outro. E assim o fez, levando consigo de novo o moodi para oferecer ao Kowai.

- Diga a Kowai que, com este, o Ñapirikoli lhe pagará.

E assim o fez. Ele se foi em busca do Kowai. Chegou ao mundo de Kowai, entrou... entrou e entrou. Quando estava mais perto do Kowai, ele chamou:

- Ei Kowai!

Na mesma hora ele tirou o fio da porta e o amassou, mas dessa vez a cabeça do Kalimato ficou para dentro. E o Kowai estava de costas.

- Kowai! Trago notícias do Ñapirikoli. É para você ir fazer o kalidzamai deles, que eles estão cansados de resguardar. Mas, com este, ele vai te pagar. Deu ao Kowai. Ele pegou e comeu.

- Ah, então tudo bem, disse Kowai enquanto saboreava o presente. Suspendeu a porta, pediu para Kalimato entrar. Foi se rastejando e começou a falar com ele.

O Kowai disse: - Todos eles estão?

- Todos, respondeu Kalimato.

Na verdade, Ñapirikoli já tinha ido pegar o molongó⁵¹ e fez os três meninos, cada um com seus adornos, os que Kowai tinha comido. O Kalimato disse:

- Todos eles estão sim, todos estão com cocares e seus corpos pintados. Ele espiou de cima para baixo e viu que tinha cinco pessoas mesmo. – Ah... disse Kowai:

- Tudo certo. Dê lembrança ao Ñapirikoli, diz a ele para fazer caxiri. Depois de amanhã chegarei para fazer o kalidzamai deles.

O kalimato desceu e deu a notícia ao Ñapirikoli, repassando o que Kowai havia dito a ele.

Ñapirikoli disse:

- Como foi?

⁵¹ É uma árvore que encontramos nos igapós, ela serve para fazer banco, pois é bem leve para carregar, e serve para fazer artesanato feito de madeira, tem facilidade para esculpir brinquedos.

- Conseguir falar com ele. Mandou-te lembranças. É para fazer caxiri que depois de amanhã ele chegará.

- Ah! Tudo bem! Disse Ñapirikoli. Começou a preparar caxiri!

Kowai faz Kalidzamai dos Malinalieni e do Ñapirikoli

No dia marcado, veio descendo com barulhos até chegar à terra. E cantou uma música:

“Ñapirikoli ino pipita nopedza hipadanakolhé”

Ñapirikoli levantou e, ouvindo isso, correu e contou a sua esposa:

- Ele está pedindo para você fugir antes de ele chegar. Agora corra e fique escondida no final da pedra para ele poder chegar aqui.

Sabendo que a esposa do Ñapirikoli já tinha ido, veio cantando até chegar o local, dizendo:

“Ñapirikoli ino pipita nopedza hipadanakolhé”.

“Esposa de Ñapirikoli, fuja antes de mim, para o final da pedra”.

Chegando ao entardecer, como é de costume, para a festa do kalidzamai. O Kowai já sabia que Ñapirikoli queria que ele fizesse seu kalidzamai, mas ao mesmo tempo sabia que ele ia matá-lo. Kowai estava ciente disso.

[O mito nos relata o processo de preparação e tentativas para trazer o Kowai do seu outro mundo e realizar o kalidzamai do Ñapirikoli e do outro menino que restou. Depois de duas tentativas, finalmente ele aceitou, pois sabia que Ñapirikoli lhe daria depois a sua comida favorita. Neste momento se inicia o modo de preparação do ritual de iniciação masculina. Sabendo que depois da desobediência dos meninos, e com toda razão, ele foi embora para seu mundo, deixando-os de lado.

O Ñapirikoli já não aguentava mais ficar em jejum, quando resolve fazer tentativas de trazer Kowai de volta e aprender com ele o benzimento, mas com intenção

de matá-lo depois. É interessante como a sabedoria, o poder de sentir e de se transformar em tudo, é tão natural dessa época, assim como veremos na narrativa a seguir.]

O Ñapirikoli não sabia nada sobre o kariamã. No início da noite, eles entregaram o kariamã para o Kowai fazer o benzimento. O Kowai pediu para seus meninos se surrarem um aos outros. Havia imagens dos meninos feito de molongó, mas nesse momento, onde o Kowai ordenava para se surrarem, era entre o Ñapirikoli e o menino sobrevivente, pois os outros eram apenas o vazio. O Malinali é o pai dos meninos que estavam no resguardo, por isso que ele os chamou de malinalieni, que significa “filhos de malinali”. Ñapirikoli e o último Malinaliene sentados perto do Kowai. Ele começou o benzimento e, ao mesmo tempo, Ñapirikoli começou a soprar o Kowai. No momento do cansaço, o Kowai dava um intervalo, e então o Ñapirikoli oferecia a ele o caxirí. Quando deu meia noite, disse o Kowai:

- Ñapiriko, ficamos por aqui! Agora vou dançar um pouco!

E começou a dança do “dalepapi” que chamamos de adabi⁵² simples.

Dalepapi linoka likapemi (2x)

Pimaliyee, maliye (3x)

Koyoliano linoka waliimerho (2x)

Pimaliyee, maliye (2x)

Heenko, heenko Ronoka walimerho (2x)

Pimaliye, maliye

Witsi witsi linoka likapemi (2x)

⁵² Ele é um cipó que fica junto com as grandes árvores na floresta. Esse cipó serve para fazer um instrumento com a qual o iniciado leva surra nas costas, ele vai sendo moldado com todo saber para se tornar um adabi, para o enfeite usamos nela fibra de tucum. É usado o crajirú para pintar o adabi; ele é feito com folha, ele é fervida até se tornar um pó cor de vinho.

Pimaliyee, maleye

“dalepapi linonka likapemi”

dalepapi uriku uikú nhãa adabí kuera

dalepapi/está vindo/vem/aquele adabi

balançando, está vindo aquele adabi”

nhenko, nhenko Rononka walimenro(novo),

(waruwá yawekatú paá uri uikú, nhaa uyukuakúwaá)

Espelho/como se fosse/veio vindo/aquele resguardo

O menino novo veio vindo como se fosse um espelho

“ Koyoliano linonka walimero”

Sasiara urikú kwa piasú waá

Triste/está/este/novo

Voce está triste?”

[Lembro esse momento como se fosse hoje. Meu pai me contando essa narrativa e eu, assim como meus filhos, irmãos, primos e primas viajando nela, pois tudo para nós, de fato, estava sendo contado de forma poética. Doía na nossa alma, além de fazer novas descobertas sobre isso. Quando o Kowai veio do seu mundo para fazer o kalidzamai do Ñapirikoli e do menino, ele já estava ciente de que ele seria morto, mas mesmo assim fez. E foi nesse momento que iniciou o sopro para as pessoas ficarem cegas, que até hoje em dia existe e é uma coisa ruim.

Enquanto o Kowai benzia, o Ñapirikoli estava gravando tudo em sua mente. Esse mesmo benzimento que meus bisavós, avós (em memória) usavam e hoje meus avós, tios e pai usam nos rituais de iniciação masculina. O benzimento, na verdade, são lugares de acontecimentos, rotas, momentos de guerras, percursos feitos ao longo dos mitos. É por isso que o benzimento dura uma noite, pois através de falas cantadas, eles vão fazer o

mesmo trajeto que foi feito nesse mito. Eles viajam o mundo, passando por todos os lugares que Kowai, Ñapirikoli e outros passaram, até chegar no mesmo lugar de onde saíram. Assim foi feito.

Um momento o Kowai já não aguentava mais, pois ele já estava sentindo o efeito do sopro, e foi dançar. Fez a dança mais simples, que hoje nós continuamos dançando. O canto e a dança que Kowai fez fala sobre a pintura do adabí, sobre a performance do balanço do instrumento que vinha dalhélhé, dalhélhe, ao que chamamos de “dalepapi”. Ele começou a cantar e o adabí dele fazia todo tempo witsi witi witi witi. Ele ia e voltava com ele, por isso é cantada: “witi witi linoka likapemi”.

Quando ele começa a cantar, era sobre como era o momento da dança e a postura do menino que estava no processo de iniciação. As palavras expressavam o momento do ritual em que o menino vinha vindo como um espelho e seu adabi balançava, mas ao mesmo tempo, ele estava triste, com autoestima baixa. Na língua Coripaco, Koyolé significa triste. Finalizo este comentário com uma música, o compositor foi o professor Estevão Fontes, que justamente lembra desse momento intitulado “maliye” que diz o seguinte:

Somo a tribo Baniwa fazendo Kariama acontecer,

Wanaliana é o seu ideal,

lugar da realidade e do saber.

Maliye, maliye vai começar,

pháima pháima o rito sagrado,

linoká waminalo, o ritual kariama.

Somos o povo guerreiro, mantemos a nossa tradição,

a cultura, o costume são a riqueza mantidas aqui em Assunção.]

Morte De Kowai

Terminou de dançar e se sentou novamente para dar continuidade ao benzimento do kalidzamai. Foi nesse momento que soube que o Ñapirikoli o estava matando. No entanto, Ñapirikoli já tinha trazido suas armas: terçado, machado e todo tipo de ferro. E o Kowai disse:

- Nhanpirikoli! Olha! Você quer me matar, mas não vai conseguir matar com essas ferramentas. Sabe por quê? Porque tudo isso faz parte do meu corpo, tudo é meu corpo. Porém, a única forma de você me matar é com fogo. Com isso sim poderá me matar, disse ele.

Na mesma hora, o Ñapirikoli chamou seus colegas e disse:

- Agora vocês vão cortar “wakarikuara⁵³, mirá piranga⁵⁴ e tronco de inajá” os que fazem mais calor.

- Você vai conseguir me matar, mas vou deixar ficar algo com que eles irão procurar e fazer a minha vingança, disse Kowai ao Ñapirikoli.

E continuou benzendo. O Ñapirikoli continuava dando caxiri a ele. Ao mesmo tempo Ñapirikoli estava gravando o benzimento do kalidzamai masculino completo. E foi até o amanhecer. Pela manhã, o dia estava claro. Na hora de umuseré⁵⁵ do Ñapirikoli, Kowai já não enxergava mais nada. O olho dele já estava fechado. E o fogo já estava pronto, a pedido do Ñapirikoli. Kowai apenas escutava, mas não enxergava mais. Foi quando Ñapirikoli o empurrou para o fogo. Nesse momento Kowai puxou seus pelos de toda parte do corpo, dizendo:

- Com estes, é com estes que eles irão me vingar. Deixando o veneno, é isso que ele deixou para aquela antiga e para a nova geração. E assim morreu

⁵³- Madeira de lei, chamado acariquara.

⁵⁴- Pau-Brasil.

⁵⁵- Momento em que alguém mais velho dá conselho ao jovem. Em seguida pega pimenta com a ponta do caniço com a qual ele estava benzendo e vai dar na boca do iniciado, mordendo a pimenta na boca. Em seguida vai cuspir num buraco que está embaixo dele ou dela. Esse é o que chamamos de umuseresá.

Kowai, dizendo ao Ñapirikoli que depois de algum tempo ele estaria de volta, mas com aparência diferente, outra forma: - Não mais eu, mas eu de outro jeito. Ele dizia ainda que o próprio Ñapirikoli cuidaria dele.

Aqui termina o mundo dos Eeonai, do Kowai, do Ñapirikoli e dos Hekoapinai.

[Eu me perguntava muito sobre essa narrativa, pois, como vimos, o Kowai era um dos deuses, com seus superpoderes. Essa inquietação me incomodava e eu questionava o meu pai. A resposta dele sempre foi que esse momento precisava acontecer mesmo, era preciso. Eu falava a ele que poderia ser diferente. Dentro do mito vimos que já existia terçado, machado e outros tipos de ferro, e de como tudo isso era o corpo do Kowai. Lembrando que ele sempre teve aparência de homem branco, pois, indo a fundo no mito, dizemos que o Kowai pode ser considerado pai dos brancos, pois eles detem o conhecimento ocidental sobre as tecnologias. Já em outros momentos vira um homem cheio de pelos por todo o corpo, um homem branco.

É por isso que Kowai alertou o Ñapirikoli de que os metais que havia trazido para mata-lo seriam inúteis, pois era seu próprio corpo. E disse qual seria a forma de matá-lo. As madeiras recomendadas pelo Kowai são as que dão maior calor na hora das chamas e que são muito duras e resistentes, muito boas para fazer fogo. Nesse momento surgiu o sopro, está é a pior coisa que poderia existir. Essa coisa ruim ainda existe, lembrando que nem todos sabem esse benzimento, somente pessoas ruins que detêm esse ensinamento ruim, que serve para fazer estragos e, que é motivado pela inveja. Ao amanhecer Kowai já não enxergava mais nada, seus olhos já estavam fechados, lembrando que isso era apenas o início de coisas ruins que ficariam para humanidade.

Quando ele foi empurrado para dentro do fogo com chamas enormes, nesse momento Kowai puxou seus pelos de toda parte do corpo, da perna, do sovaco, do braço e do corpo inteiro dizendo: - Tum, kuapé kuri se raíra ita uyupika ixé amú ára, unhee paá mairame usiki uikú isawa ita ipira suí. O que significa: - Com este veneno, meus filhos me vingarão em outros tempos. Ele se refere ao veneno que deixaria para a humanidade. Esse momento em que ele estava sendo queimado, o seu sangue escorria e todos os tipos de insetos chegaram para lambar o sangue. É por isso que todos os insetos como: formiga

de fogo, lacraia, tucandera, cobras venenosas, sejam elas da terra ou que moram na água são todos venenosos. E quando acontece algo precisa usar remédios tradicionais.

Tudo isso aconteceu ao lado de Wapui - Cachoeira. Segundo meu pai, aonde Kowai foi morto restou o seu veneno. Surgiram vários tipos de veneno, deixando seu legado para a humanidade. Antigamente, quando se falava em Kowai ou se ouvissem que uma mulher ou alguém viu Kowai ou coisa parecida, eles iam até a pessoa sem você perceber e acabavam envenenando a pessoa, assim levando à morte. Hoje isso ainda predomina em algumas famílias, mas há um grande problema.

Hoje, as pessoas que não sabem ou não fazem a mínima ideia sobre o acontecido, ficam dizendo que todos os Baniwa são grandes venenosos, porém são pessoas sem conhecimento, que precisam saber da história e assim poder falar do que é de fato verdadeiro. As falas podem gerar grandes consequências, por isso que somos ensinados a não falar daquilo que não sabemos. Para não generalizar. Pois dizer que são todos, isso não é o certo, pois eu não tenho veneno e nem meus familiares. Mas sabemos quem tem. Então, melhor não apontar ou generalizar, pois as pessoas que têm de fato, se ele ouvir que alguém falou, está colocando sua vida em risco, pois dizem que a pessoa que têm, ele só quer ouvir isso para ter pretexto de te matar. Até hoje existe esse lugar onde o Kowai foi queimado, restando carvão para mostrar que tudo o que aconteceu foi real.]

Ressurreição de Kowai com outras aparências

[Lembrando que nessa época não existia o “umbigo do mundo”. Antes da sua morte, o Kowai disse que retornaria, mas com outra aparência. O Ñapirikoli esperou para ouvir, se algo aconteceria em Hiipana. Até então, ele morava abaixo de Ucuqui, Cachoeira, lugar chamado Waarokoa⁵⁶. Não se sabe o horário exato do acontecido, mas em certo momento do dia teve um forte barulho: tsi ri ri ri, uyutuká iwaka ruaxá⁵⁷.]

Ñapirikoli disse: - Aaaaaaah, agora sim! Ainda vou ver o que é.

⁵⁶- Nome da comunidade chamada de ponta do papagaio.

⁵⁷- Em língua geral, dizendo que se bateu contra o céu.

Foi chegando lá, viu aquilo que *Kowai* havia lhe dito. Aqui surgem os grupos de animais sagrados. É neste momento que surge o umbigo do mundo. E ficou aí. Aquele que havia nascido pensou muito bem no que estava fazendo. A ideia do *Kowai* era matar *Ñapirikoli*. Ele estava na forma de uma grande armadilha. Se *Ñapirikoli* fosse mexer, ela cairia em cima dele e o mataria.

Mas o *Ñapirikoli* era muito esperto e disse: - Esse já veio pronto, pronto ele está. Se eu for mexer agora, ele vai me matar.

Sentou e começou a pensar. E sendo assim, chamou *Dzooli* e perguntou-lhe:

- O que sentes?

- Se for mexer, ele vai te matar. Essa é a forma que encontrou em te matar, afirmou *Dzooli*. Nasceu e ficou em cima como se fosse uma grande armadilha.

O *Ñapirikoli* já sabia de tudo, o que tinha dentro, quais tipos de animais sagrados estavam presente nela, o que ficaria para humanidade. Sentou e começou a pensar qual seria a maneira de resolver isso. E disse:

- Tem uma ave que pode mexer e passar direto. E foi chamar o Arapaço grande, que tem cabeça vermelha e disse ele:

- Ah! Meu avô, vem me ajudar!

- O que é *Ñapirikoli*? Respondeu o Arapaço.

- Eu penso assim, por que ele quer me matar? Falou o *Ñapirikoli* ao seu avô.

- Como você voa, pode tocar e passar direto. Ele não vai conseguir te matar! disse *Ñapirikoli* ao seu avô Arapaço.

- Agora eu não posso, se for tocar vai cair em mim e ele me matará.

O Arapaço veio do outro lado do mundo, atravessando. E vai atravessar para outro lado do mundo. Chegou, tocou e passou direto. E ele caiu. Não se sabe

o que é de fato, mas caiu. E assim o *Ñapirikoli* escapou. Essa é uma forma de eles virem ao mundo e serem o que são hoje, os Juruparis ou Yurupari.

O *Kowai* já havia dado instruções de como ele faria, para cuidar dele, na sua reencarnação. Dizendo que voltaria a ficar com ele de novo.

[Quando foi queimado e morto por seu pai ou seu mentor, ele disse claramente que em breve retornaria para ficar, e não seria com a mesma aparência, mas sim com outras formas. Quando teve um enorme barulho, Ñapirikoli foi ver o que era. Quando chegou, viu algo nunca visto por ele. Estava irreconhecível. Parecia uma moldura feita com paxiuba. Era grande e estava no ar. Essa forma de armadilha era para matar o Ñapirikoli, mas ele era sabedor dos perigos. Sendo assim, a única maneira de destruir a armadilha era uma ave com velocidade para passar e tocar, e assim ela cair. Ñapirikoli resolveu pedir ajuda do seu avô Arapaço. O seu avô ia voar do outro lado do mundo e sair voando para outro lado do mundo e assim destruir a armadilha. Assim foi feito. Quando tocou nela, ela desabou.

Eis o grande mistério que temos entre os Baniwa sobre “yurupari”, que são grupos de animais sagrados, e que não pode ser revelado. É um grande segredo.

*É por isso que chamamos esse lugar de Hiipana Eeno hepohekoa (Wapui - Cachoeira, Umbigo do mundo). Não pelo fato de que humanidade nasceu nesse lugar e sim pelo renascimento do *Kowai*, retornando de outra forma que é os juruparis que os homens têm hoje como seus animais nesse mundo, que ficou pra nós hoje.*

*Assim como é na Bíblia: deu seu filho, morreu na cruz, mas ressuscitou. Ele se torna invisível, mas sabemos que ele existe. Da mesma forma aconteceu com *Kowai*: morreu, mas ele encarnou de outra forma. Assim dizia meu pai, dando um longo suspiro e um sorriso nos lábios. Eu olhava em seus olhos da forma como era narrado. Ele sempre atento, fazendo suas cestarias.]*

CAPÍTULO 3

ROUBO DE GRUPO DE ANIMAIS SAGRADOS

A narrativa a seguir nos contará várias passagens e transformações que aconteceram de fato. Quando nos damos conta de como tudo se fez no mundo ficamos sem saber de fato o que pensar. Mas uma coisa é certa, não duvidamos disso, pois isso rege a nossa vivência, seja ela indígena ou não, tudo que aconteceu nestas narrativas mitológicas são acontecimentos, precisamos acreditar, pois caso contrário podemos sofrer consequências de nossos atos de teimosia.

Neste capítulo, falaremos sobre os grupos de animais sagrados que os antropólogos não indígenas que pesquisam no Alto Rio Negro chamam de “flautas sagradas”. No entanto, esse nome passa muito longe do que eles são de verdade; o nome correto é “Grupos de animais sagrados”, pois eles são animais, aves, peixes e assim por diante. Quando se fala em flautas, mesmo que sejam sagradas, logo vem à mente instrumentos musicais tocados nos rituais e nas festas cerimoniais. O nome que usamos muito é Yurupari. O meu pai, primos, tios, avôs chamam de “yané rimbáwa itá” que significa “nossos animais de estimação”. Vejam a narrativa a seguir:

Ñapirikoli foi cuidar dos animais sagrados. Ñapirikoli deixou a ele e seus companheiros, a pena de *Kamathá*⁵⁸. Separaram eles. Amaro estava perto. Então Ñapirikoli disse a ela:

- Kowai chegou! Aquele que é filho da Amaro.

Amaro quis vê-lo. Mas Ñapirikoli disse para ela:

Ah não, você não pode ver! Só eu posso vê-lo.

Ñapirikoli ia tomar banho com os animais sagrados na madrugada. Eles cantavam, e assim os sons de todos os tipos de animais e aves ecoavam. Ñapirikoli e seus companheiros tomavam banho ao amanhecer e eles a visitavam, fazendo

⁵⁸- Gavião real

obrigações de serem donos dos animais sagrados. Na outra madrugada, eles faziam o mesmo; e assim se passaram as madrugadas.

Certo dia, Amaro ouviu Ñapirikoli falando para seus companheiros que naquele horário eram para estar no local para ver *padzoma*⁵⁹.

“Vão ver...Eu deixei para vocês...para tomarem banho com eles”, disse Ñapirikoli. Assim.

Amaro automaticamente soube que era Kowai e disse: “Ah! Eu quero ver meu filho”. Na madrugada ela correu, juntamente com suas irmãs, as mulheres daquela época. Ela também sabia como cuidar deles, dos animais sagrados. Quando Ñapirikoli os ouviu cantando, levantou, correu e viu que todos os homens estavam na maloca dormindo. No momento os homens saíram correndo, chegaram e viram que era Amaro. Ninguém podia se aproximar dela, ninguém, pois os animais sagrados estavam valentes. Porque quando se chega perto deles não se pode fazer nada, eles ficam equipados com seus poderes.

[Quando o mito diz que Ñapirikoli não podia chegar perto dos animais sagrados, é porque de fato não podia mesmo, pois eles estavam se protegendo. Segundo meu pai, é por isso que para nós, nos dias de hoje, é difícil levantar e ficar na frente deles, deve se ficar atrás deles, por conta das lanças com que Kowai afastou Ñapirikoli.

Podemos dizer em nhengatú que Umutawasá (assustar) continua, motivo pelo qual quando se chega perto deles deve-se ser ligeiro para entrar e sair durante o ritual de iniciação, porque a dor (sasisá) está de fato nas flechas que estão indo e voltando ao redor deles. Essas flechas se referem aos poderes dos grupos de animais sagrados. Quando as animais sagrados começam a cantar, é como se eles estivessem soltando dos seus corpos flechas venenosas, isso existe sim, mas eles não os vêem com os olhos, apenas sabem que isso existe, pois se fizer algo na mesma hora sofre as consequências é por isso que digo que eles não os veem a olhos nus mas eles (homens) sabem do que se trata e sabem dessas flechas.

⁵⁹- É uma planta que é usada para se lavar, que chamamos de sabão indígena, por fazer espuma.

Quando Ñapirikoli falava sobre o padzoma, se referia aos animais sagrados, pois o padzoma serve para tomar banho, e toda madrugada eles iam tomar banho com eles, isso acontecia todas as madrugadas. E até hoje isso se repete, quando os homens vão para ritual de iniciação juntos com os meninos em iniciação, na madrugada pode-se ouvir as batidas na água, pois há uma técnica de bater na água, emitindo sons muito incríveis, as batidas da água na hora do banho são feitos pelos meninos, que estão em resguardo e os animais sagrados com seus sons e cantos. Lembro-me das palavras da minha finada avó Cecília Bitencourt e das minhas tias, irmãs do meu pai: com palavras trêmulas elas demonstravam sua emoção, lembrando-se dos seus filhos e maridos que estavam no ritual, ao ouvir o som deles, e identificando quais animais eram, com seus corações cheios saudade e preocupação com seus entes.

Quando Ñapirikoli disse aos outros homens que era para eles irem ver o padzoma na mesma hora, Amaro sabia que era seu filho e queria vê-lo. Ela muito esperta, porque foi antes dos homens, e quando ela e suas companheiras chegaram viram eles, os grupos de animais sagrados, que chamamos de Jurupari. Na mesma hora fizeram barulho, os homens correram, mas era muito tarde, elas já havia tomado posse deles.

Agora sim. Eles estavam sobre o poder da mulher Amaro. Ñapirikoli não sabia o que fazer. Por pouco tempo Amaro esteve em Wapui-Cachoeira. Ela andava catando matiti⁶⁰, mandzafti⁶¹ e outros tipos de frutinhas para fazer dabucuri. Na verdade os animais sagrados não estavam se sentindo bem, por que isso não era o que eles faziam de fato o que eram de verdade. Porque a mulheres não subiam em pé de bacaba, açaí, patuá e outras palmeiras, o que requer força física. Kowai não se sentia bem com a situação e nem o Ñapirikoli, mas Amaro queria dominá-los. As mulheres iriam dominar Ñapirikoli e o mundo todo.]

Amaro sabia que Ñapirikoli queria tomar eles de volta, então disse:

-Vamos fugir! E começaram a ir.

⁶⁰- Essa é uma plantinha bem pequena que encontramos nos campos, ela também pode ser rasteira, tem vários tipos de matiti, elas são comestível e doces.

⁶¹- Em nhengantu chamamos de *buyuyu*, são frutinhas vermelhos que encontramos somente nas roças, o gosto é doce e azedo, mas é uma delícia, ela não é plantada, surge sozinha na roça.

Ñapirikoli era obrigado a seguir, porque não podia ultrapassá-los. Fazia de tudo para agourar, para tentar paralisá-los, mas Amaro sabia de tudo.

Primeiro ele se transformou em tataré⁶² ou *kakau* e foi gritar. Amaro parou e ficou ouvindo e disse:

- Eu sei quem você é! Ô *Ñapirikoli*! Quer me agourar, mas não vai conseguir fazer isso. Na mesma hora ele sabia que ela estava sabendo quem era.

A segunda tentativa foi se transformar em *Marré*⁶³ e foi esperar mais adiante, onde tinha duas grandes pedras chamadas *marrenaithá*. Ele foi gritar *kuyá kuyá kuyá*. Amaro estava vindo, fazia muitos barulhos. *Ñapirikoli* já estava antes dela gritando, ela novamente levantou e ficou atenta:

Ah! Eu sei quem é você! Quer me agourar, mas não vai conseguir.

Ela seguiu a viagem.

Então *Ñapirikoli* resolveu se transformar em *Kiarro*⁶⁴, e foi cantar *kia kia kia*. Ela ouviu novamente, usou as mesmas palavras, dizendo que sabia quem era. E assim continuou a viagem sem parar. Amaro viajava dia e noite. O destino dela era ir ao outro lado do mundo levando os Yurupari, que eram do *Ñapirikoli*.

-“E agora, o que faremos para conseguir parar Amaro?” comentou *Ñapirikoli* com seus companheiros. Ele pensou, pensou e pensou qual seria a solução. Logo lembrou que Amaro tinha uma irmã, que não tinha ainda ficado moça.

No mesmo instante Amaro soube que ele havia pensando na sua irmã mais nova e disse: “Ah! Isso não é bom. *Ñapirikoli* está pensando assim...”, ela disse para suas irmãs. “Daqui em diante, você vai ficar no meio de todas nós, se não o

⁶²- É uma ave que chamamos também de *kakaum*, quando ela vê algo na mata começa a gritar, dando aviso que viu algo.

⁶³- Ave jacú

⁶⁴- Tucano pequeno

Ñapirikoli vai estragar a gente”. O grupo de animais sagrados ia cantando, em nenhum momento eles param de cantar.

Ñapirikoli conseguiu ultrapassá-las e foi mais acima delas, das Amaronai. Porque elas estavam viajando pelo igarapé. Enquanto isso, Ñapirikoli começou a preparar sua arma. Primeiro, ele subiu em um pé de *manákhe*⁶⁵, preparou e jogou o açaí socado no pé de árvore, mas viu que não escorria como sangue. Foi buscar *porámo*⁶⁶, socou, colocou dentro da zarabatana e atirou; essa se parecia um pouco com sangue, disse Ñapirikoli:

“Essa parece um pouco, mais ainda não dá”.

“Talvez essa!”, disse ele, e foi pegar a fruta de *tsiatsi*⁶⁷, bem madura. Colheu todas as frutinhas pretas, voltou e socou novamente as frutas, colocou dentro da arma e atirou. Essa sim correu como sangue, e ele disse: “Ah! Essa sim. Agora vamos!”.

Colocou dentro da armadilha e foi até chegar nelas. Amaro sabia das intenções e movimentos do Ñapirikoli, e disse para suas companheiras:

— “Não a deixem! Porque o Ñapirikoli já está aqui. Vocês, juntamente com os grupos de animais sagrados, vocês vão cuidar desses animais sagrados, se dividam em grupos, eu com as demais vamos cuidar dos outros”. “Você”, Amaro disse para irmã nova, “vai para o meio das mulheres, sem dar nenhum espaço, justamente para que elas protejam você do Ñapirikoli”.

[Quando falamos dos momentos de transformação nos mitos, percebemos como foram acontecendo os fatos. Depois da sua reencarnação, isto é, depois da sua morte na fogueira, os animais sagrados ficaram sob o cuidado de Ñapirikoli, seu pai. Lembrando que depois do roubo elas ainda ficaram no Rio Aiari; com a perseguição do Ñapirikoli, elas resolveram fugir, a intenção delas era ir para o outro lado do mundo, onde ele não

⁶⁵- Açaí do mato

⁶⁶- Açaí chumbinho que fica na caatinga

⁶⁷- Caruru, uma plantinha, encontrada nas rocas de terra firme, comemos as folhas dela, pois possui frutos bem pretos, que quando são amassado ficam cor de sangue, e são venenosos.

pudesse encontrar os animais sagrados. Amaro também tinha poder de pressentir. Ñapirikoli tentou de todas as formas agourar elas, se transformando em vários pássaros, mas tudo foi em vão, até o momento em que ele pensou na irmã mais nova das Amaronai.

Nessa época, antes de tudo, nós mulheres não tínhamos vagina. Mas quando Amaro deu a luz à seu filho Kowai, Ñapirikoli fez vagina para Amaro com os peixes (recordemos a narrativa anterior). Depois disso, elas já tinham vagina, mas as mulheres não menstruavam; é nesse momento do mito que se inicia essa nova fase na vida das mulheres. Ñapirikoli fez três tentativas para que as mulheres menstruassem, e apenas na terceira é que conseguiu. Com as frutinhas de tsíatsi, Ñapirikoli finalmente conseguiu, percebe-se que é de fato sangue. A partir do momento que souberam que Ñapirikoli estava lá, Amaro tentou proteger a irmã mais nova de todo jeito, como veremos na narrativa a seguir.]

A Primeira Menstruação da Mulher

*Ñapirikoli foi moldando a estrutura do igarapé, fazendo curvas para que em algum momento uma parte do corpo da irmã de Amaro aparecesse. Ñapirikoli em alguns momentos a via, mas ele queria mesmo ver uma parte da bunda. Diante disso surgiam outras ideias para ele refazer as estratégias, melhorando as curvas para melhor resultado das tentativas, e assim continuou modificando o formato do igarapé. Quando fizeram a curva, uma parte do corpo dela apareceu, e o Ñapirikoli flechou na bunda, na mesma hora correu sangue para frente dela. Amaro virou e olhou para a irmã e viu ela sangrando e disse: “Poxa! Agora sim, Ñapirikoli conseguiu! Ele conseguiu parar a gente”. Na mesma hora ela pensou na serra do *Mothípaní*⁶⁸.*

*Ñapirikoli sabia da existência do *Mothípaní*. Ela ia benzer nessa serra. Assim, ele voltou com a turma dele, sabendo que Amaro ficaria em *Mothípaní*.*

⁶⁸- São cordilheiras que fica na cabeceira do Rio Waraná, lugar onde Amaro fez *kalidzamai* de sua irmã.

Assim fez, ele preparou as armas para guerrear com as mulheres. Depois de terminar a preparação e sabendo que naquela noite Amaro faria o benzimento do *kalidzamai*⁶⁹ feminino, disse: “Agora vamos!”.

Chegando quase perto, ouviu barulho deles em *Mothípaní*, disse aos demais.

“É ai que ela vai benzer, vamos lá”.

Chegando ao local, chamou o *Adzaana*⁷⁰ e disse: — “Você meu avô vai fazer caminho, saindo de tal ponto, e sair onde Amaro está”.

Mas Amaro já sabia da estratégia dele e disse: — “Se vocês ficarem aqui comigo, o Ñapirikoli vai chegar aqui conosco, então vocês vão ficar lá fora”, disse ela aos grupos de animais sagrados, “Fiquem aqui e eu vou ficar dentro de casa. Vocês vão esperar Ñapirikoli”. Nesse momento ele passa a dominar o conhecimento um pouco mais que ela, porque ele vai fazer com que ela se esqueça de algumas coisas do saber dela.

Ao entardecer, Ñapirikoli fez chover. A turma dele já estava pronta, ele e seu irmão se transformaram em *Okoé*⁷¹, depois da chuva eles começaram a cantar *okoé koé, okoé koé, okoé koé....*e eles foram. As vigias da Amaro estavam em pé, atentas, observando, pois tinha um enorme caminho que descia até o porto. Eles viram os *okoé* pulando e imediatamente correram para avisar e disseram para Amaro: - “Lá fora têm uns *okoé*, talvez seja Ñapirikoli”.

Nesse momento o Ñapirikoli já havia tirado de Amaro o seu poder de pressentir, para ele poder passar no caminho. Por isso Amaro pensou, pensou e disse: — “Ah não! Vocês viram que choveu né? É por isso que os *okoé* estão cantando, depois da chuva isso sempre acontece, é normal”, respondeu ela.

⁶⁹- É um ritual de iniciação masculina e feminina, onde a cerimônia dura uma noite inteira, o benzimento é cantado, passando por todos os lugares de acontecimento.

⁷⁰- Tatu canastra.

⁷¹- Um tipo de sapinhos bem pequenos; após chuvas eles sempre saem pulando nos pátios.

A outra mulher disse: — “Não! Tinham dois pulando e cantando, mas eles tinham cocares”. “Verdade?”, perguntou Amaro. — “Verdade” respondeu ela.

O cocar do Ñapirikoli fazia *witi witi*, quando ele atravessou o caminho. Atrás dele vinha o seu irmão e fazia o mesmo *witi witi witi witi*.

Amaro afirmou novamente. — “Ah não! São apenas *okoé* mesmo”.

Ñapirikoli correu e entrou na casa, correu para entrar no balaio, juntamente com seu irmão e ficaram ali sentados. E sabendo que seu avô *Adzaana* estava trabalhando a noite toda, fazendo um túnel na terra, para ao amanhecer sair onde estavam os grupos de animais sagrados. No entanto, Amaro era muito sábia e pediu para os animais sagrados ficarem fora da casa. Eles saíram cantando. Dentro ela estava fazendo o benzimento e os animais sagrados estavam do lado de fora.

Ao anoitecer, *Adzaana* começou a trabalhar, e Amaro começou a fazer o primeiro benzimento do *kalidzamai* feminino na serra *Mothípaní*. Ela benzeu. Isso aconteceu durante uma noite inteira. Ao amanhecer, o dia estava clareando, Ñapirikoli saiu correndo, porque sabia que o seu avô *Adzaana* estava para sair.

Amaro estava finalizando o benzimento, pronta para *umuseré*⁷², dar pimenta na boca da sua irmã.

Ñapirikoli correu: — “vamos agora! “Vamos, vamos, vamos!”

Ele e seus companheiros entraram pelo caminho que *Adzaana* tinha cavado. As mulheres estavam dentro da casa, os que estavam fora eram os grupos de animais sagrados.

Contudo, Ñapirikoli e os demais saíram na frente dos animais sagrados, não tinha como os seus soldados escaparem. *Maokoli*⁷³ com barulho de suas vozes flechavam eles *tsá tsá tsá tsá* com suas flechas. Ñapirikoli e seu irmão saíram e viram que eram os animais sagrados, não eram as mulheres que estavam de vigia.

⁷²-Momento mais importante do benzimento é esse momento em que a iniciada vai comer pimenta; em seguida ela cospe num buraco feito entre suas pernas, depois vem a surra com *adabi*.

⁷³-Era o nome da flecha deles, no sentir deles, como se fosse.

Quando Ñapirikoli viu que eles estavam do lado de fora deixou para o seu corpo e o do seu irmão o arumã que chamamos de *jacamim canela*⁷⁴. Ele usou esse arumã para pisar de um lado na terra e do outro para pisar no céu. Assim, não tinha como as lanças acertarem eles, só fazia, *hará, hará, hará*, passando de um lado para outro, sem conseguir feri-los. As lanças eram venenosas.

[Assim era. Assim aconteceu, dizia meu pai para mim. Sobre isso vieram muitas coisas em minha mente, dúvidas, inquietações, questionamentos, mas sempre tinha resposta, eu com olhar de antropóloga (risos). Percebe-se que ao longo dos acontecimentos, tanto Amaro quanto Ñapirikoli tinham poderes. Tanto que ele cria as curvas, ele vai fazendo isso com seu poder, de fazer mais curvas, fazendo mais pontas no igarapé, ele tinha esse poder, criou tudo isso. Amaro também fazia tudo que nem o Ñapirikoli. Amaro era única mulher que sabia fazer o benzimento do kalidzamai feminino, mas Ñapirikoli vai roubar esse conhecimento dela.

Apesar de todo o cuidado que as Amaronai tiveram com a irmã mais nova, não foi o suficiente para escapar da armadilha do Ñapirikoli. Mothípani foi o lugar escolhido para fazer o benzimento kalidzamai, isso não foi coincidência, mas estratégia de Ñapirikoli. Na falha da defesa, ele a estragou e todas as mulheres que viriam depois que somos nós. Quando Amaro olhou para trás e viu sangue escorrendo das pernas da caçula disse: “Poxa ele nos estragou!”.

Assim, eles seguiram até Mothípani, na cabeceira do rio Waraná, afluente do rio Ayari. Elas são lindas cordilheiras hoje, lugar sagrado para nós.

Ñapirikoli só ficava monitorando enquanto preparava suas armas para o dia marcado para Amaro benzer o kalidzamai. Eles foram embora, e ele fez chover. Amaro sabia do plano dele, mas ele foi mais esperto, pois usou seu poder para fazer o apagamento da memória dela, ele fez que ela se esquecesse desse momento. As vigias alertaram ela sobre os dois sapinhos que tinham passado no caminho, eles tinham cocares, colares e estavam todos pintadinhos. Ela pensou e disse que não era, pois era normal ter sapinhos depois de uma chuva. Teve esquecimento, ou melhor dizendo

⁷⁴ - É um tipo de arumã que usamos para fazer esteira e tipiti. Então quando Ñapirikoli viu que os animais sagrados estavam matando seus soldados, com seu poder, deixou através do benzimentos que as pernas dele e do seu irmão fossem esse tipo de arumã.

Ñapirikoli fez lavagem cerebral nela através das palavras dos benzimentos que percebemos o quão poderosos são, uma arma poderosa.

Ñapirikoli se transformou em okóe para poder ouvir o benzimento todo e poder roubar dela esse conhecimento. Na verdade, Ñapirikoli não sabia de nada, lembrando que ele fez a mesma coisa com Kowai e agora era a vez de fazer com Amaro. Pois quem tinha esse conhecimento até então era Kowai, que sabia o benzimento masculino, e Amaro o benzimento feminino. Por isso Ñapirikoli passou uma noite ouvindo Amaro benzer e gravou em sua mente.

O que ele não esperava é que os animais estivessem fora, sendo como vigias delas. No momento certo, Ñapirikoli e seu irmão saíram correndo, minutos antes de ela finalmente dar a pimenta na boca da sua irmã, calculando que seu avô Adzaana estivesse chegando para matar todas as mulheres: essa era a ideia.

Mas quando eles saíram viram que não eram as mulheres e sim os animais sagrados. Quando ele viu que eram eles, ficou sem reação, e viu seus homens mortos um por um com as flechas. Flechas é uma maneira de dizer, pois eram dessa forma que sentiram, como se fossem flechas, mas isso é em outro sentido, mas essa era a sensação.

Nesse momento Ñapirikoli com seu poder deixou a ele e para seu irmão o arumã chamado “perna de jacamim”, com um qual de um lado ele pisava na terra e do outro lado ele pisava no céu. O veneno era visto na forma das flechas dos animais sagrados que chegavam no céu e batiam, passando direto, sem feri-los. Com isso ele e seu irmão foram salvos.]

A morte da Amaro e a divisão para a quarta parte do mundo

[Muitas coisas foram feitas. Durante a narrativa aprendemos que elas viajavam no rio; mas percebemos que não era um rio, pois até então elas andavam, Ñapirikoli foi fazendo as pontas de igarapés e isso é super interessante, perceber que dentro da narrativa é como se elas estivesse andando num caminho, mas ao mesmo tempo o Ñapirikoli ia moldando as pontas do igarapé, dois lugares em um, mas na verdade não era, somente depois que de fato ficou como igarapé. É muita coisa para entender e

compreender, palavreado que não acaba mais. Digo: “escrevo pouco, por muito ter o que dizer. Mas não digo, fecho a boca e me ponho a escrever. E me ponho a escrever. Para todo assunto há palavras. Ainda que tortas. Amargas. Devagar. Perigosas. A palavra mata”. Dizendo isto, seguimos a narrativa dando continuidade nessa viagem de transformações]:

Ñapirikoli viu que não tinha conseguido. Jogou trovão em Amaro. Jogou na outra. Jogou na outra. Quando a menina moça viu isso, ela saiu correndo, levando consigo os grupos de animais sagrados, fugindo com eles. Quando ela estava correndo com eles, Ñapirikoli também saiu correndo atrás dela, em direção à beira do rio. Ele finalmente a alcançou e jogou um trovão nela, cortando-a. Os grupos de animais sagrados ficaram parados. Ele esquartejou Amaro. As quatro mulheres mortas, todas eram Amaronai e, assim, elas foram distribuídas para os quatro cantos do mundo.

Ñapirikoli disse para a primeira que foi morta: - “Você vai cuidar dos meus filhos que estão nesse lugar”; para a segunda “Você vai ser mãe destes meus filhos”; para a terceira “Você será mãe destes meus filhos”, e para a quarta “Você será mãe dos meus outros filhos”. Assim ele jogou as mulheres para os quatro cantos do mundo.

Depois de esquartejar Amaro, Ñapirikoli levantou e ficou vendo o sangue dela correr. O sangue dela fazia *dzoko, dzoko, dzoko...* “Ah!”, disse ele: — “Esse igarapé vai se chamar de Dzokoali”. O sangue foi correndo até sair no *Phiitsiali*⁷⁵, por que ele sabia que o sangue que estava correndo, e se tornaria em um igarapé.

Todos os companheiros de Ñapirikoli estavam feridos. Ele tentou vir com eles, remediando cada um, mas as flechas eram muito venenosas, sendo que os grupos de animais sagrados já estavam junto a eles novamente. Eles seguiram a viagem, mas durante o retorno os soldados morriam. Morreu o *Páitsi*⁷⁶, depois

⁷⁵- É um lugar chamado de igarapé de cutia

⁷⁶- É um tipo de rã comestível.

morreu aracú, depois *kuatí* (um animal), depois o gavião e assim foram morrendo os seus soldados. Assim foi feita a viagem, com perdas e ganhos.

Chegando a *Warrokoa*⁷⁷, perguntaram: - “Cadê Amaro?” — “Ela está morta, foi dividida para os quatro cantos do mundo”. As mulheres daquela época sentaram e começaram a pensar, elas eram as esposas do Ñapirikoli.

Ñapirikoli disse: — “Depois de amanhã eu vou fazer dabucuri, quero que façam caxiri”. E começaram a pensar. Ele foi benzer e mudou todo o pensamento delas, sobre o que elas tinham visto antes. Após isso, elas não faziam a mínima ideia de como era a aparência dos grupos de animais sagrados. Ele perguntou a elas depois disso: — “O que é isso? Vocês sabem o que são? Reconhecem essas vozes?”. Elas ficaram pensando e disseram: — “Não sabemos o que é isso”. Simplesmente elas havia se esquecido de tudo. Então, Ñapirikoli disse: — “Esse som é de aracu, macaco, paca, cutia, jacamim” e assim por diante.

Ñapirikoli voltou a conquistar Kowai, em palavras corretas são grupos sagrados por que são animais, tem sons ou vozes de animais. Assim se inicia o surgimento do umbigo do mundo, não de onde surgiu a humanidade, mas sim de onde teve o renascimento de Kowai.

[Depois de muita espera, Amaro apenas pegou de volta o que sempre foi dela, o filho que ela nunca conheceu, quando soube que ele tinha reencarnado. Ela queria ver seu filho, lembrando que Kowai foi tirado dela e enviado para outro mundo, onde foi criado por uma enorme preguiça, sua avó. Ela pegou e não roubou, pois ela tinha o direito. Ela resolveu sair com eles, os animais sagrados andavam, andavam, coletando frutinhas como matiti, camapu, buyuyu, que são plantinhas que tem pelos campos. Mas eles não se sentiam muito bem com isso, pois os animais sagrados de fato foram enviados para os cuidados dos homens e a forma de dabucuri com eles era diferente, pois eles iam buscar patuá, bacaba, açaí do mato, wakú que são frutas cuja coleta exige muita força física.

⁷⁷- Era o nome da comunidade de Ñapirikoli , quer significa “ponta de papagaio”.

Depois de perseguir e guerrear com as mulheres Amaronai, vendo que ele perderia a guerra, Ñapirikoli resolveu matar todas elas, e assim as quatro foram mortas com raios de trovão. A irmã mais nova tentou fugir dele junto com os animais sagrados, mas ela logo foi pega e morta da mesma forma que as demais. Quando elas foram mortas, Ñapirikoli jogou-as para os quatro cantos do mundo, pois era necessário acontecer isso, porque elas mesmas seriam as mães dos seus futuros filhos, que somos nós.

Mediante esse fato acontecido, surgia para mim muitas perguntas e questionamentos que eu dirigia ao meu pai. Com olhar de quem entendia tudo, ele abria um sorriso bem escondido e falava que tinha que ser assim, para podermos estar hoje neste mundo. Então, de fato, toda a humanidade existente no mundo tem uma única mãe, todos nascemos de uma mesma mulher; a mitologia é bem clara em relação a isso. É por isso que todos os não indígenas têm ascendência indígena, pois de fato os seus ancestrais são uma indígena. É por isso que no mundo todo há indígenas, em qualquer lugar que for tem indígenas em todo lugar do mundo. Sejam eles brancos, japoneses, asiáticos, portugueses, espanhóis e assim por diante, seja de que raça ou cor, somos todos iguais, pois nascemos de uma mesma mulher.

Na Bíblia diz que todos nós nascemos de Eva, ou melhor, nós todos nascemos de Amaro. Ela poderia lutar e usar seu poder para não morrer, mas ela precisou morrer para ser nossa mãe nesse mundo, por isso toda a humanidade está hoje neste mundo chamado “planeta Terra”.

É por isso que as mulheres são guerreiras, lutadoras por seus direitos, elas vão em busca de seus sonhos, pois a bravura das Amaronai ficou para todas as mulheres do mundo. Nesta parte é importante lembrar a persistência delas, e nós mulheres herdamos isso. Amaro era mulher-Dzooli, sabedora e detentora do ritual de iniciação feminina e isso foi roubado dela, roubado de nós, se não fosse isso continuaríamos sendo donas do benzimento do kalidzamai feminino. Mas mesmo assim, hoje somos detentores de vários conhecimentos, somos mães, parteiras, xamãs, rezadoras, curandeiras, cantoras de handé handé, preparadoras de caxiri.

Disse ela aos meus ouvidos “Sou mulher negra, sou mulher branca, sou mulher mestiça, sou mulheres de outras mulheres do mundo e por fim sou mulher indígena, aquela que sofreu golpe nas mãos de homens, por não admitirem perder a batalha, fui

morta, meu conhecimento foi roubado, mas continuo resistindo por minhas filhas mulheres. E sou guerreira e vitoriosa por ser mãe de toda humanidade, então valeu a pena morrer”. E nós nos protegemos, não soltamos a mão de ninguém.

Após isso, Ñapirikoli ficou olhando para Amaro e seu sangue corria fazendo dzoko dzoko dzoko, quando viu aquilo, ele disse: “Este se chamará Dzokoali”, pois fazia um zigue zague, onde o sangue se tornou igarapé, que foi sair para riozinho de cutia, onde é o rio Waraná hoje. Lá água é bem cristalina e transparente.

Nessa guerra os soldados foram atingidos pelas armas dos grupos de animais sagrados. Mesmo assim, Ñapirikoli tentou retornar com eles, mesmo sendo medicados ao longo da viagem os soldados foram morrendo. É uma coisa muito importante, pois é o surgimento dos lugares. Morreu o aracu, e nesse lugar surgiu uma cachoeira que passou a ser chamado de Aracu-Cachoeira, Jandú-Cachoeira, Wirawasú-Cachoeira, Kuati-Cachoeira. Os lugares passaram a ser chamado dessa forma, pois eram soldados que foram morrendo ao longo do retorno da guerra. Ao longo do rio Içana e do alto rio Negro, as cachoeiras, os igarapés e nomes de comunidades têm nomes de animais, aves e peixes, pois naquele lugar eles morreram, todos são lugares sagrados, que são lembrados na hora do benzimento.

Retornando para Warokoa, onde era a comunidade de Ñapirikoli, abaixo de Wapui-Cachoeira. As mulheres perguntaram a ele: —“cadê Amaro?”. Então ele disse a elas que estava morta junto com as outras irmãs. Elas ficaram sem saber o que fazer com a notícia, ele logo pediu a elas que fizessem caxiri, pois ele faria dabucuri. Era só um pretexto e enquanto isso fez benzimento para apagamento de memória delas. É por isso que existem algumas mulheres que são boas de memória e algumas que não se lembram muito, pelo fato de que Ñapirikoli tinha feito esse benzimento para elas esquecerem o que elas tinham visto. Nesse momento teve apagamento de memória, houve um esquecimento sobre a aparência dos animais sagrados

A maioria não se lembra, porque o coração delas está para baixo, Ñapirikoli fez o coração delas ficar embaixo, mas as vezes elas lembram de algo, outras vezes não, as vezes ela fazem fofocas, só para fazer confusão, outras são firmes nos seus pensamentos. São as consequências deste momento que ficaram para nós nesse mundo.

Enfim, muitas explicações e entendimentos da importância dos acontecimentos e fatos muito importantes nessa passagem dos mitos para as nossas vidas. Assim, continuamos praticando as regras.]

Kalidzamai masculino/grupos de animais sagrados para os Baniwa

Na narrativa mitológica acima citada falei sobre a importância dos grupos de animais sagrados, seguiremos abordando sobre as práticas desses rituais nos dias atuais. Entenderemos qual é a importância do ritual de iniciação masculina que chamamos de kalidzamai nas nossas vidas e nas vidas dos nossos bisavós, avós, pais, irmãos e tios partindo da experiência própria do meu pai sobre vários momentos que viveu e conviveu com tudo isso, suas experiências em rituais de iniciação.

O ritual de iniciação masculino e feminino sempre é feito com dabucuri de frutas. Ele não é feito em qualquer momento, mas costuma ser realizado nos meses de abril ou maio, quando há fartura de açaí do mato; em janeiro ou fevereiro, época de fartura de bacaba; setembro, outubro ou novembro, quando há fartura de patuá. São meses em que se sabe que vai ter essas frutas em abundância e as pessoas já se programam para realizar o ritual. Todo ritual de iniciação masculina e feminina sempre terá dabucuri de frutas, pois se inicia com isso.

Lembro-me claramente do momento que teve *kalidzamai* masculino, na minha comunidade Wanaliana; no meio do ritual estava meu irmão. Nesse dia, bem cedo em suas casas, as mães, tias e avós dos jovens em iniciação estavam alimentando-os pela última vez, cada um em suas próprias casas. Logo em seguida, o capitão da comunidade responsável tocou um sino no centro comunitário chamado Wirapurú,⁷⁸ chamando todos os meninos para que se dirigissem a este local. Todos os rapazes foram chegando, vestindo apenas uma bermuda idêntica à que usamos para jogar futebol. Essa era a única coisa que eles tinham no corpo, todos estavam sem camisa. Neste local estavam as mulheres mais velhas, as moças, as meninas pequenas, as mães, e os pais, a comunidade em geral estava presente.

⁷⁸ - É um lindo passarinho, que sempre anda com muitos pássaros.

Cada pai e mãe procurou, ou o jovem mesmo escolheu, quem seria a pessoa que iria pintá-lo com *kerawidzo*⁷⁹. Essa mulher seria a partir daquele momento sua *kamará*⁸⁰ para o resto de sua vida; é o momento de muitas emoções, pois você ganha mais uma pessoa que fará parte da sua vida, ambos irão se chamar mutuamente de *kamará*. Na hora da pintura corporal dos iniciandos, todos eles ficam em fileira. O velho sábio chama todos os rapazes em iniciação e diz para cada um que a partir daquele momento eles ficariam em fileiras o acompanhando, sem olhar para trás. E assim foi. Nós fomos indo atrás deles, uns com cara de alegres e outros não, por não saber o que encontrariam pela frente. Quando chegaram ao porto, já tinham duas canoas grandes de oito metros e já tinha o senhor Alberto Batista, o senhor Germano Malaquias, o senhor Ivaldo Luciano, o senhor Ademar Ricardo, meu pai Francisco Fontes e meu avô Hermes Plácido. Estes são os nomes que me recordo. Estes velhos estavam com roupas de exército, com botas, chapéus e bonés bem velhinhos, cigarro na boca, e traziam consigo suas espingardas.

Os meninos desceram ao porto sem fazer barulho, sentaram na canoa e, sem olhar para trás, foram embora. Nós da comunidade toda ficamos para trás; eles foram acampar no sítio chamado *Kunhã mesa*⁸¹, que fica dentro do igarapé Uwiwá. Isso foi o que eu presenciei com os meus olhos, a narrativa a seguir é relato do meu pai que esteve presente com eles no lugar de preparação.

Nas falas do meu pai ele diz que antigamente e hoje também os velhos mostram os nossos animais sagrados para os meninos e eles ficam lá. Eles ficam num lugar longe, onde vão ficar sós; meu pai disse que eles passam o dia tomando só água e no dia seguinte vão tomar *padzawaro*;⁸² depois seguem para o local apropriado. Mas antes disso os meninos precisam comer bem, porque lá não vão poder comer nada, durante um dia eles só vão beber água, e no entardecer do outro dia vão tomar *Padzawaro* benzido.

⁷⁹- Carayuru ou grajiru.

⁸⁰- A pessoa se torna a sua segunda mãe ou sua madrinha.

⁸¹- Louva-a-deus.

⁸²- Bebida tradicional mas não fermentado, mas também é feita de mandioca, própria para ser tomada nesse momento.

Mas as pessoas responsáveis pela pescaria vão conversar com os pais dos jovens a data certa para fazer o benzimento, a partir disso já se programam de quando vão retornar da pesca e caça. Enquanto isso os meninos estão na sua formação e preparação do corpo e da mente para a vida adulta.

Eles tomam banho às quatro horas da manhã junto aos seus animais sagrados. O benzedor lava o estômago dos meninos que estão em resguardo com *padzoma*⁸³. Isso acontece bem cedo antes de amanhecer. Eles raspam esse *padzoma* numa panela ou bacia; ele tem um cheiro muito forte, meio perfumado, e deixa o estômago bem incomodado com seu cheiro, a pessoa vomitar tudo que tiver na barriga. O menino por obediência é obrigado a beber tudo que está dentro da cuia e todos os meninos passam por isso.

Antigamente, os meninos não podiam comer caranguejos ou *dethó*⁸⁴ porque estragam a garganta, pois o *padzoma* acaba fechando a garganta e, por esse motivo não era recomendado comer caranguejo e nem *dethó*, que não os deixariam vomitarem na hora certa, como deveria ser. O velho responsável em cuidar dos jovens oferece a eles pedindo que tomem tudo. Isso é feito na beira do rio, depois deles colocarem tudo para fora pelo vômito até sair tudo, em seguida vão tomar banho e termina.

Tomar banho de manhã é para evitar a velhice para nós indígenas, cheirar pimenta pelo nariz, tudo é para proteger o corpo e a mente, se tornando anticorpos. Para os brancos seria uma cirurgia plástica para renovar o rosto ou partes do corpo, para nós é o momento do banho na madrugada.

Durante o resguardo os iniciandos não podem sentar de forma torta, não podem ficar com pernas cruzadas, nem sentar na porta, nem dormir torto e sim deitar de forma bem alinhada.

Essa preparação serve para homens e mulheres, pois é momento muito importante. Se for homem, o mesmo estará se preparando para sua futura mulher e seu filho, pois aquele que está vindo (Yurupari). Se o menino não for obediente, Kowai diz :“se você não se preparar sofrerá com seus filhos”; se ele for danado ou inquieto no momento do

⁸³- É casca de uma árvore que é dada para os meninos.

⁸⁴- Um tipo de besouro comestível.

resguardo ele (Kowai) diz: “ sua mulher será assim, já que você não resguardou direito para mim, eu que vim te ver”. Tudo isso é algo muito verdadeiro; as regras precisam ser seguidas, pois tudo que o jovem fizer nesse momento terá as consequências boas que ficará para a sua mulher, mas também pode ter consequências ruins que sua futura esposa sofrerá, e assim por diante.

Durante os dias de resguardo os meninos fazem artesanato, como tipitis⁸⁵, peneiras⁸⁶, aturás⁸⁷ e outros. Esses objetos serão pendurado neles, assim que forem ao encontro com as mães. Nesse momento o *kamará* vai pular e dançar com sua *kamará*, que em seguida retira dele esses objetos.

Eles já avisam para os pescadores em qual local vão estar e onde encontrá-los depois. O velho sábio já leva os meninos para subir nos pés de bacaba, patuá, açaí do mato ou outros tipos de frutas como *ukuqui*. Um dos animais sagrados fica para levar os caçadores atrás dos meninos que estão em preparação. Neste dia, eles vão sofrer muito, pois além de estarem em resguardo, vão subir nas palmeiras, e isso requer muita força, pois é preciso estas frutas para fazer dabucuri na chegada à maloca.

O dono da festa passa direto para a comunidade, para entregar a caça e pesca para preparar a comida. No final da tarde, os meninos chegam, e na mesma noite o pajé faz o benzimento do *kalidzamai* deles.

Na chegada à comunidade, os meninos entregam o dabucuri para as pessoas, os pais, avós, irmãos mais velhos e tios, que já passaram por essa iniciação em algum momento da vida. Os meninos que estavam em resguardo, quando saem do porto, estão com barriga lá no fundo, suas costas estão cheias de marcas ou sangrando, em sua mãos

⁸⁵- É um espremedor que usamos para secar a massa para fazermos farinha e bejú, é feito com arumã específica chamado de canela de jacamim e é feito com jacitara é como fosse um cipó que fica na beira do rio. [é feito com canela de jacamim e jacitara?]

⁸⁶- É com o qual peneiramos a massa depois que a colocamos dentro do tipiti. Existem dois tipos de peneira; um é para farinha e a outra é para bejú, feito de arumã.

⁸⁷- É uma cesta com a qual carregamos mandioca, mas ela serve para carregar tudo dentro.

está o *adabi*⁸⁸. Enquanto isso o *kariamã* (é o ritual de iniciação, mas essa palavra se refere à preparação da comida) preparado pelas mulheres.

Ao anoitecer o *kalidzamai* (comida que é uma mistura de vários tipos de peixe e carne, com muita pimenta, é o que vai ser levada para ser benzido pelo *madzero*⁸⁹, preparada pelas mulheres, mas também é o momento que vai dá início ao benzimento) é levado da cozinha pelas mulheres até ao meio da maloca, e elas se surram com *adabi*. Depois os homens levam um pouco mais e deixam sentar a comida que está dentro de um pote de cerâmica, ai eles se surram com *adabi*; Por fim, mais dois homens levam a comida e entregam ao pajé, e em seguida os dois rapazes se surram com *adabi* um ao outro, pois a regra é assim. São três momentos até chegar aos benzedores e eles já sentados no banco, com seus *adabis* nas mãos e cigarro no boca, temos a impressão que estão se defumando, pois vemos só fumaça. Suas costas estão cheias de marcas de surra, seu corpo está cansado.

Nessa parte, meu pai conta como é feito o ritual e o significado de alguns de seus momentos. Segundo ele, depois de todo o benzimento, que dura uma noite inteira, os rapazes que estão nesse aprendizado, se referindo especificamente à dança do “*adabi*” que é o momento que o pajé benze os meninos que estão em resguardo. Neste momento ninguém pode vê-los, somente um velhinho os vê, isso antecede a ida deles à maloca para ver suas mães, depois de lamber a pimenta junto com os animais sagrados. Na regra, os meninos que estão em resguardo devem lamber a pimenta no meio dos grupos de animais sagrados, na regra que deve ser seguida, cada um dos meninos está com seu animal sagrado. Depois disso, eles vão deixar os grupos de animais sagrados no lugar adequado e, assim vão podem sair do local onde estavam para irem ao encontro de suas mães. Eles saem dizendo:

Iwaté/kurasi/yasemu, yané rimbáita ruka sui,

⁸⁸ - É um instrumento de dança, mas, além disso, é uma peça principal nesse ritual, pois está presente o tempo todo, todos os iniciados tem seu *adabi*. É um cipó, antes do ritual eles vão em busca da matéria prima na mata para construir e enfeitar o *adabi*.

⁸⁹ - Para nos referir sobre um sábio, pajé, benzedor, conhecedor, alguém importante na nossa comunidade ou na região.

Em cima/sol/sáimos, nós/animais/casa/de

Iwaté/kurasi /yaxari yurupari ruka,

Em cima/sol/deixamos/animais sagrados/casa

Em outras palavras eles dizem que “quando saímos da casa dos nossos animais, o sol já estava forte, alto e foi muito tarde quando deixamos os animais sagrados”. Neste momento ele pede autorização para entrar e pede para que a porta se abra para entrar, isso quando ele diz *Kaleda wili pananuma*, é isso que o canto diz na hora que está sendo cantado. Todos os rapazes ficam na posição de fileira, e junto vão levando nas mãos ou no pescoço o artesanato que fizeram durante o resguardo.

O canto de *wamoto loiya kowai panale* é o canto apropriado para a entrada dos meninos na maloca. Eles cantam Assim:

wamoto loiya, kowai panale,

dzenoni kamoï, umaka kowai panale,

wamoto loiya kowai panale,

dzenoni kamoï omaka komai panale,

wamoto loiya, kowai panale,

kareda kareda, yawelipananuma,

kareda kareda, yawelipananuma,

wamoto loiya, kowai panale,

dzenoni kamoï omaka komai panale,

wamoto loiya kowai panale

Eles cantam isso quando os meninos estão saindo da casa dos grupos de animais sagrados, dizendo assim: o sol está já está alto quando saímos dos grupos animais sagrados e o sol já está alto quando deixamos os grupos de animais sagrados ficarem na sua casa. Quando se diz *kaleda yaweli pananuma* se está dizendo “onde está a porta do Yawili”, isso para poder entrar na maloca onde estão as mulheres agora. Em relação à

música acima citada, meu pai disse que é de fácil tradução. A seguir transcrevo um outro canto de *adabí*, que pode ser dançado a qualquer momento, sem precisar ser na presença dos animais sagrados, que diz o seguinte:

pimaliye maliye, pimaliye maliye,
witi witi linoka likapemi, witi witi linoka likapemi,
pimaliye maliye, maliye maliye pimaliye, maliye
darepapi linukal ikapeni, darepapi linuka likapeni,
pimaliye maliye ,
nheeko nheeko ronooka walimero
pimaliye maliye, maliye maliye maliye maliye,
karedapa yawili pananuma, karedapa yawili pananuma,
pimaliye maliye,
koyoliono ronooka walimero,
pimaliye maliye,
witi witi linoka likapemi, witi witi linuka likapemi,
pimaliye, maliye

Falarei aqui sobre a importância dos significados das palavras, tem o verso *maliye, maliye, maliye*, essa palavra não tem como traduzir, é difícil, ele me disse. Quem dançou essa música primeiro foi Kowai quando ele estava benzendo para os meninos e Ñapirikoli. Kowai parava de benzer e depois dançava, a mesma coisa fez Amaro, a mulher-*Dzooli*, ela parava de benzer e dançava cantando *maliye*.

O *dalepapi* é a dança do *adabí*, o canto vai se referir a forma como é o instrumento, sobre a pintura, e sobre a performance do *adabí* no olhar das pessoas. A palavra *pimaliye* não tem tradução. O canto seguirá abaixo. A palavra *witi witi* é o som quando balança a ponta do *adabi* que faz “*witi witi*” na medida em que é tocada no chão para dançar na festa, pois na ponta tem uma vassourinha feita de tucum. O *adabi* é amarrado com tucum

e pintado com grajirú fazendo uma pintura no *adabí*. A palavra *koyoli* na língua Koripako significa "tristeza" motivo pelo qual se diz *koyoleno dzonooka walimero*, pois às vezes o menino que está nessa ritual vem triste e é por isso que às vezes nem todos os animais sagrados vêm, pois eles não gostam de indisposição. Por contas de atitudes como essa dos meninos em resguardo, os animais sagrados acabam não vindo, mas se os iniciados vierem com alegria, eles também os acompanham com a mesma disposição.

A palavra *nheeko* *nheeko* é a dança do iniciante que está muito feliz, pois os animais sagrados olham o corpo do menino como um espelho, uma luz que brilha no seu reflexo de tanta felicidade, dançando para frente e para trás. Assim como os iniciantes estão felizes, os animais sagrados também estão felizes, chegando para benzer o *Kalidzamai* dos meninos, pois eles vêm a felicidade nos seus. Os animais sagrados são os que vão benzer, junto com os velhos detentores deste conhecimento do benzimento. Aos olhos deles (animais sagrados), eles veem os corpos dos meninos brilhando como um espelho, uma luz, ou seja, como relâmpago, isso na visão dos animais sagrados, porque os dois estão alegres, humanos e não humanos, os dois estão com conexão entre os dois mundos. Assim, podemos perceber que além de traduzir as palavras, vemos a importância delas.

Assim é dito sobre o momento, pois quando Kowai fez isso, ele levantava e dançava essa dança. O pajé benze e depois de um tempo ele se levanta para dançar durante a noite, fazendo a mesma coisa que Kowai fez, falando para seus auxiliares em partes estão no benzimento, pois às vezes eles não conseguem acompanhar, e em seguida começa a benzer de novo. Às vezes, nesse momento, as mulheres já estão quase dormindo, os homens vão dançar o *adabí* para se surrar, levar *adabí* nas costas para espantar sono. Assim era e assim é. O meu vovô Hermes Plácido parava e explicava aos seus auxiliares sobre o benzimento, dizendo em qual parte está, em qual momento está, em quais lugares; ele parava para fumar tabaco, além da surra e das danças.

Pegando essa conversa de como é a preparação da cerimônia de iniciação, falo mais um pouco sobre os animais sagrados. Meu pai diz que Kowai é apenas um, mas o corpo dele é todos os tipos de animais. Alguém diz para o Kowai (animal sagrado), “Eu quero ouvir inambu”, “Está bem”, e ele faz o som do inambu; “Ah eu quero ouvir paca”, ele faz; “Ah eu quero escutar a voz da *Waleadoa*” (única mulher que tem no meio dos

animais sagrados), assim responde ele. Tudo o que se quiser ouvir ele faz, pois tudo é ele mesmo em um só corpo.

Você que já andou na mata, percebeu os animais andando ou cantando compreenderá que o cantar do tucano é a mesma coisa, que o andar de jacamim e sua voz é a mesma coisa que nós ouvimos com os animais sagrados no ritual. *Waleadoa* é quando o Kowai se transforma em uma mulher, a qual tem um enorme cabelo até os pés; no momento do ritual você pode entregar a ela um pente novo, ela penteia o cabelo e te devolve o pente. Outro animal é o veado, ele dá remédio para as mulheres não sofrerem na hora do parto, pois a fêmea do veado não sofre, o filho dela vai saindo; para isso a mãe da menina diz:

Se aríya, aputai maa rema pusanga, nerimiarirú supé, tiara upurará imenbira, “Minha avó queria que desse remédio para sua neta não sofrer na hora do parto”. Lembrando que esse remédio dado é uma água com folhas dentro, mas para o animal sagrado que é veado, no seu olhar é como se fosse uma coisa gosmenta, tipo gel de cabelo, é por isso que a mulher não vai sofrer, pois vai sair bem rápido, o bebê se torna liso. Meu pai fala com todas as letras que isso de fato é muito verdadeiro, as mulheres antigas, como sua bisavós, avós, mãe e suas irmãs não tinham em sua época enfermeiros e nem médicos e muito menos hospitais. Mas elas também nunca precisaram disso, elas sentiam dores do parto iam para mata dar à luz o seu filho ou filha sem precisar de ninguém para ver o seu corpo, um tempo depois voltava com crianças em seus braços, pois elas tomavam o remédio dado pelo animal sagrado que é o veado. Isso é um grande mistério para nós e não há risco de vida nem para a criança e nem para a mãe. Isso significa que elas estavam bem preparadas para isso.

Atualmente temos graves problemas em relação a gestação, e, por conta dos riscos, muitas vezes as mulheres acabam sendo encaminhadas para ganhar seus filhos dentro do hospital na cidade, tendo o seu corpo exposto, fazendo cesárias para poder tirar a criança. Mas isso é consequência do não cumprimento das regras. Muitas vezes a teimosia fala mais alto e, na hora do parto, algumas mulheres acabam sofrendo as consequências dos seus atos de desobediência.

A respeito de como é feito para que cada jovem tenha o seu animal sagrado, perguntei ao meu pai se eram eles que escolhiam ou cada animal é que procurava o seu

dono. Quando o menino vai pela primeira vez, ele vai procurar seu animal sagrado e segundo meu pai o mesmo será seu filho. Ele vai chamar ele e laçar seu animal sagrado. A escolha no caso de ele não saber qual é o clã do pai, o rapaz pode optar pelo clã da mãe.

Perguntei ao meu pai qual era animal sagrado dele, a resposta foi que o dele é o chefe, significa que como ele já passou por essa iniciação há muito tempo, isso permite que ele pode ter qualquer um, podendo escolher um diferente para cada ritual. O animal sagrado do meu irmão Frank é *Maami* (inambu). Do meu finado avo José Emílio era *Nerri* (veado).

A pessoa que for nesse ritual de iniciação está consciente que vai levar muita surra nas costas com *adabí*. Antigamente era nesse momento que eles iam brigar com seus cunhados. Em vez de pegarem faca ou terçado e furarem seus cunhados, eles surravam seus cunhados com o *adabí*, perto dos animais sagrados, pois nesse momento é muito difícil brigar, discutir entre eles. O ideal, quando se vai participar desse ritual, é sempre levar diferentes tipos de *adabí*: o simples, o achatado, o redondo e um que é amarrado com breu. E é preciso calcular para que acerte o peito mesmo, embaixo do peito, mirar onde vai pegar o chicote. Se seu cunhado te surra com *adabí* achatado, você também puxa o seu, idêntico ao dele, e assim por diante. Lembrando que as surras tiram o couro, de tão forte que são os golpes com *adabí*. É nesse momento que eles vão colocar tudo para fora; se seu cunhado é bravo, é nesse momento que eles vão colocar tudo a limpo. Em preparação para esse momento é preciso comer desde pequeno um peixe chamado *paitháli*, um mandi que mora dentro das pedras, bem fundo do rio, muito difícil de encontrar. Isso ajuda a proteger dos ferimentos ou cicatrizes, pois quando a pessoa come esse peixinho, o couro dele se torna resistente, é como se o couro fosse borracha, te protege, pois o couro do peixe *paitháli* é bem duro.

Existem também remédios para a surra ser bastante dolorosa, de doer até a alma. O remédio pode ser ingerido ou passado direto no braço. Essas folhas podem ser de surucucu, jibóia e sucurijú; depois de uma surra, passados alguns minutos, logo vem a dor muito forte que vai perfurar seu coração. O outro remédio é a formiga da árvore tachi, formigas vermelhas daquelas que quando ferram provocam uma dor insuportável. Quando ainda são meninos, os homens vão nessa árvore e começam a sacudi-la; ficam embaixo, aguentando as ferroadas quietos, em pé, sem correr. É assim que eles se

remediam para que, na hora da surra, a dor do seu braço seja sentida por aqueles outro que vão levar as chicotadas.

Kalidzamai do meu pai Francisco Fontes

Os depoimentos que transcreverei a seguir foram feitos dentro da casa de farinha, na qual eu estava fazendo beijú e conversando com a minha mãe Lucia, as minhas tias Bibiana Fontes e Anita Fontes. Essa conversa foi muito emocionante, pois era sobre a vida do meu pai, na qual ele nunca teve coragem de me contar tudo que passou nessa vida. Além do *kalidzamai* do meu pai e vou contar os delas também, muita coisa eu conseguir traduzir e transcrever, mas passando somente perto do que seria de fato a tradução. Eu gostaria de poder traduzir a linguagem dos animais sagrados, pois elas cantaram como é que cada animal sagrado faz, isso foi o mais emocionante ver e ouvir. A forma da conversa foi muito diferente, pois elas eram muito abertas para chorar, conversar, rir e cantar. O tempo estava dentro das narrativas, pois a fala era para mim. A seguir começo a ouvir sobre meu painho Chico do Waraná, como é conhecido por alguns.

Essa é a fala da minha tia Bibiana Fontes, sobre o *kalidzamai* do meu pai Francisco Luiz Fontes, todos são do clã Waliperedakenai. Minha tia Bibiana disse que meu pai tinha 02 anos de idade quando foi iniciado no ritual Masculino. Ela se lembra muito bem quando meu finado avô Luiz Manoel foi tirar ele do colo dela, para levar ele junto com os demais. Nesta ocasião o meu pai já era órfão, ele perdeu a mãe quando tinha uns 09 meses de vida por conta de uma mordida de cobra que ela sofreu. Segundo as minhas tias, esse ataque da cobra foi decorrente de uma vingança e, por isso, foi fatal. Um pajé, sob encomenda pode se transformar em cobra e morder uma pessoa, isso é um feitiço. Então, elas vendo aquela cena do meu avô Luiz levando o meu pai bem pequeno partiu coração dela e, nesse momento da conversa, choramos, pois relembrar isso é triste para elas, pois as minhas tias acabaram sendo mãe para meu pai, quer dizer as irmãs cuidaram do próprio irmão.

Enquanto isso a minha tia Nazinha era a primogênita, ela que amamentou meu pai. A minha bisavó Maria começou a preparar caxiri antes dos iniciados. Enquanto isso os homens foram para um igarapé, onde os novos vão pegar seus animais sagrados, e no

ritual quem levou surra no lugar do meu pai foi meu finado avô Luiz Manoel, pois quando o filho é pequeno, os pais levam surra por eles. Elas disseram que do nosso clã *Waliperidakenai*, neste ritual, devem pegar o veado, somente animais grandes, os *Hohodene* pegam o *Thowiriferi*, ou seja, o *japu*. Eles ficam sumidos por uma semana, pescando e caçando. No dia marcado, as mulheres estavam prontas esperando por eles na maloca. O caxiri estava pronto, e alguns dos homens vieram buscar para beber, junto com seus animais sagrados, pois assim eles vão ficar alegres junto com seus donos. Eles começam a fazer barulho quando chegam, eles saem com seus dabucuri (festa de oferecimento), isto é, oferecendo frutas como bacaba, ucuqui, açaí e umari, chegam, colocando-as dentro do balaio e, em seguida é entregue à pessoa responsável. Depois disso, as mulheres vão fugir, por isso fomos sentar na beira da capoeira, enquanto isso os homens vão trazer os animais sagrados para um lugar específico, no qual não podíamos ver, pois é segredo dos homens, disse a minha tia Bibiana Fontes.

Depois é o momento da pintura corporal dos kurumins (meninos pequenos), mas enquanto isso, disse ela, as vozes dos animais sagrados faziam tremer o chão *tiririririri tiririririri*. Meu finado pai, o teu avô, disse minha tia para mim, veio tirar dos meus braços o seu pai, apenas chorei, disse ela. Esse era o momento do conselho que é muito importante, nesse momento ela olhou para mim com lágrimas escorrendo, a sua voz estava trêmula, afirmando que essa parte meu pai nunca esqueceu.

É lindo de se ver, disse ela. Ao anoitecer e na madrugada eles vão tomar banho com seus animais sagrados (*yurupari*), fazendo um barulho que não tem com explicar, mas era lindo. Segundo ela, os iniciados dançam com seus animais, e afirmando mais uma vez que era proibido de as mulheres verem, pois se isso vier a acontecer temos pouco tempo de vida. Ao amanhecer, pela manhã o *kalidzamai* está benzido, e os meninos estão prontos para morder pimenta e ouvir conselhos. Nesse momento os velhos já estão bêbados, pois passaram a noite cantando (o benzimento), era gostoso de ouvir e ver o momento, disse minha tia Bibiana, pois era emocionante.

Quando pimenta é colocada na boca dos iniciantes, somente estão presentes eles com seus animais sagrados e os sábios, as mulheres e os demais estão na maloca, distantes, ouvindo apenas os sons deles. Depois, eles chegam na maloca para dançarem com as kamará (tipo madrinha) e em seus pescoços estão penduradas vários utensílios

como balaio, urupema (peneiras), cumatá, tipiti, tudo o que eles aprenderam durante o resguardo com os velhos. Eles ficam todo de vermelho com as pinturas feitas por seus mestres. Ela disse que ao olhar os meninos, eles ficam diferentes, pois estavam em contato com seres inexplicáveis e poderosos, pois os meninos ficam com aparência diferente e estranho, afinal, eles estavam com seres sobrenaturais. Após isso, vão deixar os seus animais sagrados em lugares onde não podem ser vistos, guardá-los com todo cuidado.

Ai sim, disse ela, respirando bem fundo. Nesse dia a festa continua, muito caxiri para tomar, tendo muito dança como: ambaíwa, adabí, maraká, kariçú. Enquanto isso tem comida de fartura. No dia seguinte vão cozinhar tudo que tiver para comer depois da festa. Assim era, disse-me minha tia.

Kalidzamai da minha tia Bibiana

Quando ficou menstruada pela primeira vez, quem decidiu que seria com animais sagrados (yurupari), foi de sua irmã mais velha (Nazinha), e da sua finada avó Maria, a minha bisavó Maria. Ela ficou em resguardo por um mês, olhou para mim dando risada, e a passou a contar como foi: acho que é por isso que, não sinto muita fome hoje, pois fiquei um mês sem comer nada, apenas xibé e caribe. Esse resguardo serve para fazermos nosso trabalho, para sentimos o quanto a fome dói e com isso fazermos o trabalho. Durante resguardo fui para roça plantar, capinei a roça, arranquei mandioca, fiz farinha e bejú, pois era o momento de eu aprender a trabalhar e cuidar de casa. Cortaram meu cabelo, pois se não fizer isso é agouro (maraúna), por isso cortar cabelo é uma regra. Assim dizem os velhos, disse-me ela. Eu mesmo fui para a roça arrancar mandioca, raspar e ralar a mandioca, para fazer meu caxiri para a festa. E depois foi a minha irmã mais velha, ela queimou o bejú para fazer os preparos da bebida e enquanto isso meu pai e os demais já tinham ido para pescaria.

No último dia do resguardo, os pescadores chegaram ao entardecer, chegaram fazendo dabucuri. No início da noite o kalidzamai é entregue ao benzedor, para iniciar o benzimento. As 8:00 horas da manhã é o momento de morder a pimenta e ouvir conselhos duros. É por isso que ainda estou assim, forte e saudável, por seguir as instruções e as regras, disse ela. Afirmando que kalidzamai é um momento muito único na nossa vida.

Quem fez o benzimento dela foi o seu finado tio Ricardo Fontes, meu avô. E quem deu surra nela foi finado Laureano dizendo: “ixé pu kurí amee resara se yuwá sasisá” quer dizer “eu te darei a surra para sentir a dor e o peso do meu braço”. Depois disso continuaram a festa, bebendo caxiri. E finalizou a conversa dizendo: - Hoje continuo seguindo todas as regras que aprendi nesse momento, e repasso hoje para as minhas filhas e para os meus netos (as). Olha uma mulher guerreira é ela minha tia em todos os sentidos de ser mulher indígena.

Kalidzamai da minha tia Anita Fontes

Iniciou dizendo que no meu kariamã (o mesmo que *kalidzamai*), teve muito caxiri, muito caxiri, minha mãe Madalena Fontes, sua avó, fez em grande quantidade, disse ela. Isso aconteceu em Seringa Rupitá, o primeiro povoado em Waraná, após isso é que vieram construir comunidade em Ucuqui-Cachoeira, Rio Ayari, afluente do Rio Içana. Sentei em resguardo durante um mês, igual da minha irmã Bibiana, ela me fez sofrer a finada velha (risos). Elas usavam como calendário a lua. Eu já não sentia fome, não tinha mais vontade de comer, me sentia muito fraca, disse ela. A mãe, a sua finada avó, me levou para roça que ficava muito, muito longe. Chegando lá na roça, a minha mãe disse: - irá arrancar mandioca aqui, seja rápida. E nessa conversa ela me lembrou que a tia Bibiana era bem pequena quando minha avó faleceu e falou entre choro que nessa época meu pai nem comia nada, nem bejú, pois ele tava com menos de um ano. Com a voz trêmula, ela relembra dos momentos difíceis de ficar sem uma mãe e cuidar de um bebê. Só de lembrar isso, vem choro, pois quando minha avó Madalena morreu, no final do dia o meu pai Francisco estava com o corpo mole e fraco, pois não tinha mais como mamar o peito, e meu finado avô Luiz Manoel benzeu para ele tomar caribe feito de bejú. Depois dei para seu pai tomar caribe, em meio a choro me disse que foi muito difícil. E é por isso que amo o seu pai, pois para mim é como se fosse meu filho. A minha tia Bibiana disse que ajudou muito a carregar ele, e a tia Anita completa dizendo que a tia Maria foi quem cuidou mais. Mas nessa época minha tia Maria acabou casando e novamente sobrou para elas. Contaram-me que quando ele estava com cinco anos de idade, os padres salesianos trouxeram ele para ficar no internato de Assunção e, com isso, ele quase morreu. Isso

porque numa cachoeira a canoa alagou, meu pai ficou preso embaixo dela, mas com todo esforço conseguiram salvá-lo.

Depois dessa conversa voltamos novamente a falar sobre o resguardo dela (risos). Disse que sua mãe Madalena cavou cará e eram enormes e, além de carregar aturá nas costas, ainda tinha frutas para carregar. Chegando em casa raspou e ralou mandioca sempre com rapidez, depois colocou no tipiti, já para fazer o bejú com o qual iria comer. O meu pai estava na mata caçando, eles já haviam matado 03 queixadas e pescado um aturá de aracu já moqueado. Os parentes da minha mãe haviam ido buscar umarí (fruta), bacaba, eles trouxeram em grande quantidade. Minha mãe me disse que meu pai estava para chegar e minha mãe era muito brava, disse minha tia Anita para mim.

Quando deu 17:00 horas, finado papai chegou com aturá só de aracu moqueado, e outro aturá estava cheio de queixada, macaco, paca e jacaré tudo moqueado (comida defumada). Chegou e me disse: - Minha filha amanhã já poderá comer tudo isso, já passou muita fome, já está ótimo. Ao anoitecer as minhas tias começaram a cozinhar e a minha finada mãe disse: - Agora levanta e vai entregar o seu kariamã para o benzedor. Levantei e fui levando em minhas mãos o pote (dentro dela tem pimenta, peixe e caça e todos os tipos uma mistura para ser benzido). Eu tinha um tio, era um homem enorme e alto, minha mãe disse a ele: - meu irmão vem puxar (surrar) ela, bate com toda força, sem pena e sem dó, pois os jovens de hoje não nos ouvem mais. Nessa hora meu tio veio e me deu duas surras com adabí, que fiquei com coração seco, pois eu já estava fraca, respirei fundo e me recompus, em seguida levei duas surras do meu primo, a dor foi o mesmo, mas me mantive firme, eram adabí de verdade e eram enormes. E fui sentar no banco em posição bem reta. E minha finada mãe disse aos demais: - se caso ela começar a dormir, pode vim puxar e dá surra nela. E em seguida teve muitas surras entres os meus primos e tios. E foi entregue finalmente ao benzedor, e quando os animais sagrados viram o kariamã, começam a cantar, fazendo o chão estremecer. E assim meu finado tio Ricardo Fontes começou a benzer (ritual cantado).

A coisa mais linda de se ouvir é meu finado tio fazendo o benzimento, que é cantada durante uma noite, no meio da noite vieram me puxar de novo, e quando estava amanhecendo minha mãe veio me buscar para ir tomar banho e tomar padzoma pois tomando isso poderia vomitar, para lavar minha barriga antes de comer, e bem perto de

mim Walé estava cantando (é animal sagrado que se transforma em uma mulher de cabelos compridos) e outros, disse a minha tia para mim.

Nessa parte me emocionei bastante, pois aqui ela conseguiu imitar a voz deles, e não tinha como descrever, e sim apenas ouvir a melodia, ela reconhece todos eles por suas vozes, um por um. Ao amanhecer, meu pai e os demais foram esconder os animais sagrados em seus lugares. Em seguida minha mãe e as outras começaram a pintar meu corpo todo, e minha mãe disse para ficar pronta. Nesse momento começaram a bater por fora da casa, dando sinal de que era para sair correndo. Eu sai com meu balaio na cabeça e um outro onde eu pisaria, eram todos balaios lindos, muito bem desenhado com vários grafismos neles.

Meu finado tio Ricardo entregou ao meu pai, dizendo: - Aqui está ela! Agora você, como pai, é hora de dar conselhos a sua menina. Meu pai olhou para o meu outro avô e disse: - “Eu quero que dê conselhos para sua neta, se ela ouvir seus conselhos será bom para ela mesmo, caso contrário, já não será a nossa culpa”. Nessa hora meu avô veio e disse: - “Minha neta! É hora de comer pimenta, a sua mãe deixou você sentir fome por um mês” (voz trêmula e choro, pois ela estava lembrando tudo que passou). A seguir vou descrever os conselhos que recebemos neste momento, assim como meus antepassados, meus tataravós, bisavós, avós, mãe, pai, minha geração e a dos meus filhos, o conselho é o único. As palavras de conselhos se dividem em dois momentos muito importantes. O primeiro são os princípios e diretrizes das práticas, que são:

Ipedzokhetti (tratar tudo, as pessoas ou próximo com amor, inclusive o inimigo);

Itaãeetakhetti (respeito, respeitar tudo e aos próximos, o que traz longevidade);

Imawadakakhetti (obedecer a ética da vida traz paz);

Imanaakakheetti (tratar as pessoas, parentes segundo tradição, não somente pelo nome, mas pelos pronomes de tratamento segundo organização social do povo);

Ideenhikheetti idzekatti iyo ou mheeninaatsa, makonatsa phaa, kakona tsakhaa phaa (trabalhar com arte, ter sempre o que precisa, evitando imagem negativa, investir na imagem positiva);

Iponitti (oferecer sempre o que tem ao próximo como um presente sem cobrar, isso traz amizade duradoura e reciprocidade);

Itarawatakhetti (ter paciência é a regra para fixar no mesmo lugar e cuidar da herança ancestral deixada, do território tradicional, da tradição e cultura);

kheenaali pakapaka apaita (ser misericordioso com as pessoas, pois é assim que ordena o criador para promover o bem viver e união);

A segunda é os conselhos para bem viver e viver bem que são:

Mañaitotsa, mhepatsa apaita idzaada (não roube, não pegue as coisas dos outros);

Makaxaatatsa, makaitepetsa apaita (não minta, não fale mal de outra pessoa);

Pideenhi pirhiokaro pidzaadawa (trabalhe para que tenha a coisa sua);

Mainoatsa newiki, kheena pikapa phiponda (não mate pessoas, tenha pena do inimigo);

Kheena pipaka pikitsinda, pia liiñawa, ima kaiwika mawittakai (ame seu próximo, dê comer e de beber, pois a fome dói);

Mhemakarhoetatsa apiata, pikeeroatada watsani (não provoque alguém senão criará ira contra você);

Makaitetsa iakotti makadadalitsa (não fale coisas indecentes alguém pode não gostar, isso é ruim);

Pidzekata pirhiwawa kiniki, itsaapo, kaapawi, dopitsi, tseeto piino irhio (faça tudo para ti como roça, caniços, arco e flecha, peneira, aturá...);

Pikaite iakotti hapeedali (fale somente a verdade);

Pideenhi manakairotsa watsa pirhio koakadaka (trabalhe para que não lhe falte nada em casa);

Pioma ianheketti matsiaperiminita (procure e pegue para si somente conhecimentos bons);

Pitarawata maatshidali ikhoette (tolere as maldades provocadas contra você);

Pidzeekata matsiadalimitsa (procure sempre fazer o bem);

Kattima phia liyo pirhioli (seja feliz com o que tem);

kattima piwapaka pikitsinda (receba seu próximo sempre com alegria); e, por fim, em Baniwa, dizemos “*Walhiotsa wadaanataka nheette wamhettaka wahipaite*” quer dizer “*temos que proteger e cuidar do nosso território*”.

A pessoa fica em sua frente apontando o dedo para você e o adabí na mão e finaliza dizendo: - Se for gente guardará tudo que te falei, mas se não for não guardará as minhas palavras. Seja pessoa boa para sua mãe e para seu pai. Em seguida eu mordi a pimenta e em seguida levei a surra. Assim foi meu Kalidzamai, disse a minha tia Anita.

[Vivemos num mundo que está em constante mudança, mas essas práticas jamais mudam, sempre estará presente no nosso mundo. Concluo este capítulo, afirmando que ritos de passagem ou de iniciação são especiais para capacitação de aprendizagem para a vida indígena. Este é o ponto supremo de experiência da vida como ela é idealizada. O rito é o momento em que o jovem demonstra que está preparado para assumir suas responsabilidades pessoais e como membro de uma coletividade].

CAPÍTULO 4

KAALY E O COMEÇO DAS ROÇAS

Assim começou a terra. Ñapirikoli sabia da nossa existência, assim como de todas as pessoas do mundo e procurou terra para nós, por isso Ñapirikoli entregou-a para Kaaly para que ele fosse o responsável por cuidar e olhar a terra. Junto com a terra vieram as árvores, mas também havia dor, os perigos da mata. Nessa época as árvores e os insetos todos possuíam veneno, eram enormes como: *ame* (formiga de fogo), *mané* (tucandera), *dzaré* (lacraia), *amaalí* e, *wayaraté usasemusá*. Diante disso, pensou qual seria a estratégia de aniquilar aquele mundo e acabar com tudo, exterminar esse perigo. Ñapirikoli era sabedor de que a terra tinha seu perigo, pois quando ele acabou com seus inimigos os Eeonai, no mundo pequeno, ele usou veneno muito forte, então esse veneno ficou para esses animais. Para não deixar ficar como estava.

Ñapirikoli foi procurar fogo, para queimar o mundo e todos os seres perigosos que tinham venenos; se não fizesse isso nós não conseguiríamos sobreviver à dor da picada, da mordida e dos ferrões, seria fatal para todos os humanos. Se eles nos ferroassem com esse veneno, nós morreríamos, a dor era muito forte e cruel. Então, Ñapirikoli pegou fogo e queimou o mundo todo, em seguida trouxe água e lavou a terra. O mundo todo ficou submerso, só tinha água no mundo. Depois ele fez secar o mundo. Com isso Ñapirikoli tentou diminuir os seres venenosos e os insetos, todos os seres que possuíam venenos. Esses insetos além de sentirem o efeito do veneno que Ñapirikoli usou para matar os Eeonai, eles também foram lambar o sangue de Kowai quando este foi morto, é por isso que eles são venenosos, e o ferrão deles é insuportável, pois é o veneno e a dor do Kowai.

Depois de tudo isso, Ñapirikoli fez secar a água, o mundo ficou seco. Os animais, insetos e todos os seres continuaram perigosos e venenosos, mas não mais enormes como eram antes. Assim aconteceu. Assim Ñapirikoli fez para restaurar ordem no mundo e criar uma nova terra para seus filhos.

Com tudo o que foi feito, vamos viajar nesse outro mundo, no qual não chegamos a conhecer o caos, as consequências. Mas sempre pensando nos filhos que viriam, tudo foi pensado em como preparar a terra antes da nossa chegada, os Walimanai. Com isso, inicio mais um episódio da nossa mitologia.

Mito N° 01

Narrado pelo senhor Franciso Luiz Fontes, povo Baniwa, 60 anos, clã Waliperi Dakenai

Entre os Baniwa de diferentes clãs, a mitologia explicava os sentidos e os significados para cada ato cometido, pois temos uma forma muito particular de descrever a origem das coisas. Contudo, quando digo que somente a mitologia pode explicar os acontecimentos, estou me referindo a partir das narrativas que é narrado por meu pai. Assim como outras narrativas, há várias versões contadas sobre Kaaly, cada um com suas falas ou jeito próprio de narrar, conforme veremos mais abaixo. Sabemos que Ñapirikoli lutou com outros seres para que pudéssemos ser o que somos hoje, e desde muito tempo o Kaaly já fazia parte dessa construção, junto com Ñapirikoli em alguns momentos.

Nessa narrativa vamos ver que Kaaly é o dono da alimentação, nós o conhecemos como o “dono da roça”, porém o seu filho Kaalyttairi é que será o verdadeiro herói, conforme a narrativa a seguir:

Quando Ñapirikoli fez tudo, se perguntou quem seria o dono. O escolhido para cuidar foi o Kaaly. Ñapirikoli o chamou e entregou a ele a terra sem nada, já limpa como se fosse uma roça queimada.

Entretanto, quem seria a maniva e outras variedades, era ele próprio, o Kaaly, pois tudo era seu corpo, tais como; *maniwa*⁹⁰ (todas as variedades), frutas (todos os tipos de frutas), todas as variedades que existem no sistema agrícola estavam nele próprio; a cana era o braço dele; o *buyuyu* eram seus olhos; melancia e jerimum eram sua cabeça; a banana e *warinhã* eram seu pênis; as batatas eram os seus testículos; a batata que nasce rasteira na roça e vai se espalhando na terra, essa era a sua urina escorrendo. As únicas frutas que não estavam no seu corpo

⁹⁰- Rama da mandioca destinada ao plantio

eram o abacaxi e a banana comprida, ou banana da terra. A banana era osso de costela de Kowai e o abacaxi era a cabeça dele.

[Neste caso quando há um doente, cujo a doença é causada por envenenamento, a banana da terra e o abacaxi, por serem parte do Kowai, não são recomendáveis comê-los podendo levar a óbito. Pois com a morte do Kowai surgiu o veneno. Por esse motivo é proibido comer, precisa jejuar para poder ser curado da doença. Isso quando a causa da doença for envenenamento, nesse caso precisa ficar em resguardo por tempo recomendado por pajé e não comer o abacaxi e nem a banana da terra.]

Tudo foi entregue a ele. Neste momento Kaaly ficou pensativo, imaginando qual seria a forma de fazer aparecer a maniva. Ele tirou dele mesmo, do seu corpo, e foi fazer uma roça já na terra fértil. O nome “Kaaly” quer dizer “Kaliro”, que significa “vento”. O nome dele é vento, mas é uma pessoa. Ele era o sabedor de como fazer as coisas relacionadas ao cuidado com a natureza.

Ñapirikoli deixou tudo isso para nós, para não sofreremos. Pois tudo que deixou, deixou pronto e sem erro. Tudo estava tão perfeito, não tinha sofrimento, eram mil maravilhas, sem dor e sem suor.

Kaaly fazia roça; nela tinha todos tipos de frutas comestíveis. Quando a roça ficava no ponto de colher, apenas ia-se arrancar e todo o resto se fazia sozinho, sem esforço. O aturá voltava sozinho com toda a mandioca já sem casca. Kaaly fazia roça e deixava seus frutos ficarem maduro, então as pessoas iam para roça arrancar mandioca, enchiam o aturá e voltavam da roça para casa, sem precisar carregar peso nenhum, deixavam o aturá na roça mesmo. Quando as mulheres calculavam que o aturá já tinha chegado em casa, desciam na beira do rio e viam que a mandioca já estava raspada. Apenas pegavam a mandioca já sem casca e levavam para ralar e fazer farinha. Mas essa alegria duraria pouco, pois a nora de Kaaly iria estragar tudo.

Certo dia, a nora de Kaaly não conseguiu mais acreditar, ou, por teimosia, quis saber como o aturá podia vir sozinho da roça para a beira do rio perto de casa. Por isso ela disse:

— “Agora eu vou esperar para ver como o aturá vem!”

As mulheres foram para roça, e voltaram como sempre fizeram. Chegando em casa, a nora de Kaaly esperou um pouco, mas logo desapareceu. Ela tinha ido escondida ver qual era o segredo. O aturá vinha sozinho no caminho mas, quando o aturá a viu, na mesma hora ele caiu, *thíííí*, e sentou no chão. No mesmo instante, ela correu de volta para beira do rio. Ela esperou aparecer o aturá, então resolveu sair e ver o que tinha acontecido; chegando no caminho da roça, viu que o aturá estava no mesmo lugar onde ela o vira pela última vez, quando ele caiu. E assim ela teve que carregar aturá nas suas costas. Ñapirikoli já sabia do acontecido e disse: — “Ahhh...! Assim será, meus filhos, daqui por diante”. E então a partir daquele momento tudo havia mudado, as mulheres é que passaram a carregar, raspar e ralar a mandioca usando suas forças. Assim foi.

Kaaly sabia que talvez sua nora pudesse estragar ainda mais e, por isso, ele pensou em ir falar com ela para não cometer mais erros. Mas alguém contou para a esposa de Kaaly que ele estava tendo um caso com sua nora e, por isso, ela brigou com ele.

Kaaly disse: “Eu quero aconselhá-la para não estragar mais aqueles que virão, os Walimanai. Mas todo dia sua esposa brigava com ele.

Então Kaaly disse: “Agora eu vou embora sumir de vocês, eu quero ver se vão ter roça para se alimentarem”, falou isso para as pessoas. No outro dia ele sumiu. Mas antes disso, deixou goma de tapioca para seus filhos menores, um casal. Kaaly disse a eles: “Onde ouvir o coachar de *pathóoli*⁹¹, lá vocês vão *upisaitika*, pegar onde ele estiver cantando”. O *pathóoli* vinha cantar bem perto da casa deles; os dois irmãos iam lá pegar com peneira no lago a tapioca já pronta. Eles esperavam todos dormirem, e então comiam a tapioca. Os dois estavam super bem, e tranquilos. Em compensação, a mãe deles, o filho mais velho e a nora dela estavam morrendo de fome. Kaaly desapareceu sem dar nenhuma pista, mas passou por três lugares em sua fuga. Eles iam atrás dele e não o encontravam. Um dos lugares foi em Jándú-Cachoeira, lugar chamado de *Wiripipi ponta*⁹²(ponta do

⁹¹-Sapo que conhecemos em Nnheengatú como burujá

⁹²- É um dos lugares que Kaaly ficou escondido, o nome se refere a um pássaro.

pipira), no rio Içana, que é dito "*kaliro*" em *Baniwa* ou "*Kaaly rendá tayensá*" em *nheengatu*, que significa era o lugar do Kaaly". O outro lugar chamado de *kaliro* foi na cabeceira do Rio Cubate, no baixo Içana. O terceiro lugar foi em Táwa, em São Gabriel da Cachoeira. Ele ficou mudando de lugar, por muito tempo.

Certo dia, a mãe percebeu que seus dois filhos estavam muito bem brincando para lá e para cá, e disse: "Por que meus filhos estão desse jeito? Agora vou vigiar para descobrir o que está acontecendo", e assim fez. Ao anoitecer, a mãe começou a vigiar. Quando eles pensavam que todos haviam dormido, a menina levantou, pegou a peneira e foi em direção ao lago onde *Pathóoli* estava cantando. Com a peneira, tirou a tapioca. Ela voltou e deitou-se novamente perto do seu irmão. Eles começaram a comer tapioca, e por descuido deixaram cair um carocinho na rede da sua mãe. A mãe pegou, colocou na boca e sentiu que era tapioca.

No dia seguinte, a mãe falou a eles: "Acho que vocês estão vendo o pai, é por isso que ele deixou para vocês comerem". Os dois sempre viam o pai, todo dia ele ia aparecia para os dois. De manhã a mãe perguntou: "Onde está o pai de vocês?". — "Ele pediu para não te falar, por que você brigou com ele, junto com seu filho e sua nora. Agora estão sentindo como é não ter nada para comer, é cruel. Vocês que fizeram nosso pai ir embora, afastaram ele de nós", disse o menino a sua mãe.

O filho mais velho de Kaaly fazia sim roça; mas não tinha sol para queimar.

Algum tempo depois, Kaaly apareceu para os seus dois filhos e disse: "Vejam só! Dêem lembranças a seu irmão e digam a ele para fazer roça e depois de um dia ir queimar a roça, mas a chuva caia todo dia sem parar". Assim, disse o Kaaly aos seus filhos menores. Chegando a casa o menino passou, para seu irmão mais velho as instruções que recebeu do pai; o irmão fez como Kaaly havia dito. Fez a roça, e depois de um dia ele foi queimar.

No outro dia Kaaly apareceu novamente para seus dois filhos e disse ao menino: "Agora digam a seu irmão! Peçam para ele fazer *coivara*⁹³, juntar muita

⁹³- É quando queima a roca, mas não queima como deveria, então o dono vai cortar as árvores e vai

lenha e fazer um enorme fogo e peçam a sua mãe para pintar teu corpo todo com vermelho, amarelo, branco, todas as cores que existem no mundo. Ele vai acender o fogo e vai te empurrar para o fogo”, disse ele ao seu filho, que respondeu: “Tudo bem!”.

Chegando em casa, o menino disse ao seu irmão e a sua mãe: “O nosso pai disse assim, é para você fazer um fogo e me empurrar para dentro, e minha mãe vai me pintar com todas as cores. Um dia depois de me queimar é para você ir na roça, ver e fazer caxiri, antes do nosso pai, que ele vai voltar com a gente”.

A morte de Kaallitairi, filho de Kaaly



Kaallitairi dentro do fogo (desenho de um aluno da Escola Kariamã)

juntando, para depois queimar.

O filho mais velho fez a coivara, juntou as lenhas, fez o fogo e seu irmão menor disse: “Agora venham me pintar”. Ele ficou perto do fogo. “Assim que terminar pode me empurrar para o fogo”, disse ao seu irmão. O seu irmão mais velho disse: “Mas porque eu faria isso com você, meu irmão?” — “Não!”, falou este, “nosso pai pediu isso!”. — “Tudo bem”, respondeu o seu irmão. Ele o empurrou para o fogo, jogou lenha em cima dele. As chamas do fogo eram enormes; ele voltou para casa.

Na manhã seguinte ele foi ver: tinha todos os tipos de variedades de manivas, a roça estava deslumbrante, com tantas variedades quanto se podia imaginar; era uma roça cheia de frutas. Então ele chamou suas irmãs para ver. Elas chegaram no local e viram o quanto era linda a roça. A sua irmã de tão alegre que ficou e, ao mesmo tempo assustada que estava de ver o tamanho da roça com sua variedades, fez xixi na roça e a partir de lá cresceu o *capim*⁹⁴; quando a sua outra irmã viu chorou de preguiça. O filho mais velho de Kaaly arrancou mandioca e fez caxiri, conforme o pedido de seu pai.

⁹⁴— Trata-se de um conjunto de ervas daninhas que afetam negativamente a produção dos cultivos na roça, o que exige a contínua prática de capinar.



Filha de Kaaly faz xixí na roça (desenho feito por aluno da Escola Kariamã)

[Depois que o filho mais velho empurrou seu irmão mais novo para o fogo, como seu pai havia ordenado, na manhã seguinte ele foi ver a roça. De tão grande que era a roça, ele não podia enxergar o outro lado. As suas irmãs ficaram tão felizes a ponto de cometer alguns erros. A primeira irmã quando viu, de tanta felicidade correu, sentou e fez xixí, na mesma hora cresceu o capim, sua urina se transformou nisso. Hoje em dia, logo depois da queimada já começa a nascerem matinhos e se você não começar logo a capinar a sua roça desaparece. Nessa época, a roça era bem limpa, sem nenhum capim, mas hoje dá muito trabalho para a cuidar, caso contrário sua roça será sempre cerrada. Essa irmã mais nova se transformou em um passarinho preto, chamamos de maniaka mânia (mãe da mandioca). A outra irmã só de ver o tamanho da roça começou a chorar, pois ficou com tanta preguiça. Ela se transformou em um gavião, esse gavião que hoje fica sempre voando em cima da roça, sempre chorando. Diz meu pai que o ideal é não mostrá-lo para as crianças, pois a preguiça dessa irmã gavião pode ficar para as crianças].

No dia marcado, Kaaly chegou gritando na beira, como fosse fazer um dabucuri. Neste momento vai começar a dança de *Kottliroapa*⁹⁵. Kaaly dançou

⁹⁵-Dança do maraká.

“*heemapani*” e seu filho dançou o “*kaliene*”, palavra que significa “filho de Kaaly”. Kaaly dançou e cantou a música mais simples:

kolinã, kolinã, kolinãka yapiyo yakarewayá piyamaliyeeê

yomainã yonako daana danayoli, piyamaliye

yomainã yonako kelawi kelawiwa, piyamaliye

yomainã yonako kepelá kepeládana piyamaliye

Este momento foi o reencontro entre pai e filho, neste momento o filho disse, “que deixou seu povoado limpo”. E seu filho por sua vez cantou e dançou:

kolinã kolinã kolinãka yapiyo

yakarewayá kaliyúya piyamaliyé,

yomainã yonako daana danaholi, kaliyoya, piyamaliye

keninaka konako kelawi kelawiwa kaliyoya, piyamaliye

yomainã yonako kepilá kepiládana, kaliyoya piyamaliye

Nesse momento, o filho diz ao pai que limpou a sua comunidade, “ayusí puranga seredá Kaaly suí”, em palavras disse: “Limpei bem minha comunidade do Kaaly”

Quando o seu pai gritou da beira e seu filho respondeu de sua casa. Kaaly ouvindo isso disse: “Ah! O meu filho é igual a mim mesmo!”. Ele começou a cantar na beira dizendo “Isima, amusima serendá” o que quer dizer “liso, limpei a comunidade”, para mencionar que tinha limpado bem a comunidade, ao passo que seu filho responde de sua casa, dizendo que tinha limpado bem a sua comunidade, a comunidade de Kaaly.

Enfim eles se encontraram novamente. Assim Kaaly voltou para casa. Dizendo a sua família que sem eles não conseguiriam sobreviver. “Daqui por diante vamos viver bem em harmonia”, eles voltaram a trabalhar juntos novamente.

Quando ele fazia roça, depois de queimar, ele pegava apenas um pedaço de maniva, da saída do caminho, jogava a maniva no meio da roça, e assim voltava para casa. A maniva multiplicava sozinha. De manhã a roça estava cheia com todas as variedades de maniva e frutas, era bem grande. Assim era. Mas certo dia a mulher resolveu ir quebrar maniva e jogar na roça, com intenção de ver como isso acontecia, e descobrir o seu segredo. Ela ficou rondando perto da roça e foi ver novamente como era feito, quando chegou a hora que a maniva estava começando a andar, ela percebeu que alguém estava olhando, então, ela parou e ficou no mesmo lugar. Assim tudo começou.

Ñapirikoli, sabia da nossa existência e que nós precisaríamos da terra para viver e sobreviver dela, que ela seria o nosso pilar e que a humanidade toda do mundo inteiro precisa de terra.

A seguir tem outras narrativas sobre o Kaaly, cada um com suas especificidades de contar, mas todos tem algo em comum, como veremos.

Mito N°. 02

Narrado pelo senhor Francisco Figueiredo Brazão, 57 anos, do povo Baniwa e do clã Walipere-dakenai



Família de Kaaly (desenho feito por aluno (a) da Escola Kariamã)

Segundo a mitologia Baniwa, desde o começo do mundo existia um deus criador de maniva chamado Kaaly. Esse deus tinha uma família formada de três filhos; o primogênito era casado com uma mulher. Kaaly era um ser nômade visível e invisível. Certo dia, ele pediu a sua nora que não jogasse o pote de *manicuera*⁹⁶ fora no chão ou no quintal, se fizesse isso a manicuera penetraria no seu estômago. A nora, desobedecendo à ordem do sogro, pegou e jogou a manicuera, que logo penetrou dentro do seu estômago e ela ficou barriguda. Essa foi consequência da primeira desobediência da mulher. No dia seguinte ele viu que a nora não tinha feito conforme o pedido. Mandou preparar caxiri para

⁹⁶ É suco de mandioca. Cozinhando ela bem vira tucupi, tempero que não pode faltar, pois usamos para colocar no peixe, para tirar o cheiro e temperar a comida, dando aroma maravilhoso, podendo ser dois sabores, doce e azedo. Mas a manicuera em si depois de fervida, quando estiver no ponto, colocamos goma de tapioca, e depois tomamos, é muito doce, como se fosse mingau, mas fervida durante um dia.

tomarem em família; enquanto tomavam, ele pediu a ela que deitasse no chão para tentar tirar o *Kalitiapi*.

Porém ele, não conseguiu, por motivo de a esposa pensar que ele estava abusando de sua nora, e foi avisar ao filho. O filho e sua mãe estavam muitos revoltados e brigaram com Kaaly. Depois da briga, Kaaly chamou os seus dois filhos caçulas e disse que iria embora, levando consigo todos os alimentos da família. Os filhos ficaram preocupados sem saber de que se alimentariam depois da ida do pai, e perguntaram a ele como sobreviveriam na sua ausência. O pai Kaaly indicou-lhes onde estava o sapo Burujá e pediu que eles o pegassem com um cumatá⁹⁷; assim que o sapo saltasse, ele se transformaria em uma bola de tapioca com que eles se alimentariam. Ele porém proibiu que eles dessem à mãe, ao irmão mais velho e à cunhada. Em uma segunda vez, Kaaly levou seus filhos mais novos para o mesmo local novamente, onde pegaram o sapo burujá. Ele pediu a sua filha que pegasse o sapo; enquanto isso, ele desapareceu e os dois filhos ficaram com a tapioca. O restante da família após o desaparecimento começou a passar fome e emagrecer.

Ele se transformou em um pássaro chamado matraca, e veio pelo rio Içana, chegando ao sítio denominado *Waliro* que fica ao lado de Aracú-Cachoeira. No porto, ele encontrou uma moça que estava na fase de formação. Ele passou voando três vezes na sua frente; vendo isso, ela pediu que ele se retirasse, pois era proibido aparecer a uma pessoa para conversar com ela. Então a matraca (*Kaaly* transformado) foi embora, mas mais tarde retornou novamente ao mesmo local e perguntou à moça se os pais dela se encontravam na sua casa. Ela respondeu dizendo que não e o convidou para ir até a sua casa. Lá chegando, ofereceu-lhe o *caribe*⁹⁸ de *urupê*⁹⁹. Kaaly não aceitou, pois aquilo não era caribé de beiju; nesse instante, puxou um pedaço de beiju, amostrou e mandou a moça experimentá-lo.

⁹⁷- Cesto feito de arumã, pelos mais velhos, servindo também para coar caxiri e com ela também tiramos o suco da mandioca, para ser a goma de tapioca.

⁹⁸ -É feito de beijú, deixamos de molho depois amassamos com cuia, mas nessa época era caribé de cogumelo.

⁹⁹- Cogumelo

A partir desse dia ela não tomou mais caribe de urupê. A mãe, desconfiada, perguntou o motivo de ela não estar se alimentando. Ela respondeu que tinha conhecido um rapaz que lhe ofereceu um alimento bem melhor que o urupê. Logo a mãe mandou chamar o rapaz (Kaaly). Kaaly foi explicando; ouvindo isso, a mulher ficou emocionada e chorou. Então ele convidou os pais da moça para irem à mata. Chegando ao local, explicou como era o procedimento para se fazer uma roça. Pediu que fizessem um grande fogo e o empurrassem para dentro dela. Mas ninguém teve coragem, e ele se jogou sozinho. Depois de três dias, retornaram novamente ao local do fogo e encontraram uma roça cheia de manivas e fruteiras de varias espécies.

No outro dia, Kaaly mandou arrancar mandioca. As raízes saíam da terra sem a casca, só bastava sacudir a terra e colocar no aturá. O pé da mandioca era replantado no mesmo local sem ser quebrado. A principal recomendação de Kaaly era que durante o trabalho na roça não tomassem nada; somente após o término do trabalho poderiam tomar banho e comer. As mulheres desobedeceram: enquanto trabalhavam, sentiram fome, e comeram sem se preocupar com a mandioca. Terminando de comer, perceberam que as mandiocas já estavam com casca e a massa ralada tinha ficado roxa. Vendo isso acontecer, Kaaly disse a elas que daquele dia em diante elas sofreriam para ter uma roça, tendo que derrubar, queimar, plantar, tudo isso por causa da desobediência, porém disse que elas ainda tinham uma última chance. Ele mandou todas as mulheres do clã *Kowaidakenai* (Yurupari), fazerem um caxiri e chamou a sua primeira família, que há muito tempo havia deixado. Enquanto isso, ele preparou cinco *kamuti* de cerâmica. Assim que ficou pronto, chegou sua família. Ele pediu que ficassem em fila na frente de cada pote e deu a folha de maniva para sua esposa, para que ela enfiasse na garganta, fazendo isso ela vomitou caroços de patawá, matiti e outros. A mesma coisa aconteceu com sua outra esposa e o seu filho, por estarem passando fome na sua ausência. Os dois filhos que ficaram com a bola de tapioca para se alimentar vomitaram caxiri ao redor do pote. Depois Kaaly pediu que eles fossem pegar as folhas de imbaúba para cobrir os potes, e assim fizeram.

No outro dia Kaaly foi experimentar o caxiri, tomou um pouco e disse que estava bom e convidou toda a família para beber. Quando todos estavam

embriagados, Kaaly mandou fazer um grande fogo no local onde estavam reunidos e pediu que um deles caísse dentro, pediu também a sua esposa e ao seu filho que caíssem também no fogo, mas todos desobedeceram. Vendo que ninguém tinha obedecido, ele mesmo se jogou no fogo e no mesmo momento o fogo se apagou e ele desapareceu definitivamente.

Mito N°. 03

Narrado pelo senhor Irineu Fernandes, etnia Baniwa, 74 anos, clã Kowaidakenai



Derrubada da Roça (desenho ilustrado por aluna da Escola Kariamã)

A terceira versão da roça se originou através do homem chamado Kaaly, o dono da roça, enviado ao mundo por Ñapirikoli, deus dos povos indígenas Baniwa. Ele fazia a derrubada, após isso fazia a queimada e em seguida o plantio.

Naquela época o plantio era feito com apenas quatro pedaços de maníva, jogados por Kaaly nos quatro lados da roça. Depois dessa atividade Kaaly deu ordem para a sua esposa, dizendo que ela só poderia ir ver a roça depois de algum tempo. Como a desobediência da mulher era muito forte, ela foi ver a roça antes do tempo, ela viu uma roça bonita com bastante maniva e voltou para sua casa. A parte da roça que ela viu, ficou sem maniva.

Kaaly fez então uma segunda roça e, deu novamente as mesmas ordens, a mulher repetiu o mesmo erro de antes, porém dessa vez, ela viu a roça toda. A consequência foi que a roça inteira ficou sem maniva. Depois disso o dono da roça pediu que a mulher quebrasse a maniva, pois a roça precisava ser plantada, disse ainda que quando fosse quebrar a colocasse dentro do *panaku*¹⁰⁰ e o deixasse no lugar, pois o panakú andaria sozinho até a roça. No entanto a mulher às escondidas foi ver o panakú andar, na mesma hora que ela avistou o panakú ele ficou parado, que para poder chegar à roça teve que ser carregado nas costas, do mesmo jeito que as manivas tiveram que ser plantadas com a própria mão (como é feito atualmente).

¹⁰⁰- A sua aparência é como jamaxi, cesto feito com folha de patuá. Usamos muito para quebrar maniwa e colocar dentro e carregar nas costas.



A mulher fica escondida para ver como ela vinha sozinha (desenho ilustrado por um aluno da Escola Kariamã)

Depois disso foi feita a última roça com o mesmo processo de plantio, o dono foi ver essa roça depois de um longo tempo quando já era uma roça completa e madura. O processo foi da seguinte maneira, ele puxava a maniva, sacudia para que a mandioca caísse dentro do aturá, depois desse processo a dona já podia voltar para casa, pois o aturá de mandioca chegava sozinho até em casa, mas a mulher novamente desobedeceu à ordem do Kaaly, que não podia olhar o aturá andando pelo caminho, mas ela se escondeu e viu. Quando ela pôs os olhos no aturá, na mesma hora ele ficou parado. Assim, para ele chegar até em casa, a mulher teve que carregá-lo nas costas, como é feito atualmente. Se a mulher não fosse desobediente ninguém sofreria tanto no trabalho, porque o aturá de mandioca chegaria em casa sozinho, com a mandioca já raspada e limpa, pronta para ser ralada, sem nem precisar ser carregada nas costas. A consequência da desobediência da mulher foi que a mandioca criou casca e, para poder ficar descascada foi necessário ela convidar várias pessoas para ajudar, uma delas é um

peixe chamado *patito* (peixe achatado) idêntico ao bodó, que sempre fica encostado no fundo do rio, principalmente nas cachoeiras. De tanto raspar mandioca, esse peixe ficou com a boca achatada. No início não havia nenhuma dificuldade no trabalho da roça, mas depois da desobediência tudo ficou mais difícil.

Mito N° 04

Narrado pelo senhor Francisco Macedo, Baniwa, 62 anos, clã Waliperi-dakenai. (In Memoriam)

Conforme sua versão, Francisco Macedo afirmou que a roça se originou através de homem chamado Kaalyttairi. Disse ainda que existem três tipos de solo: preto, amarelo e branco. Essas são as terras apropriadas para fazer roça, há também, segundo ele, um quarto tipo de solo, chama-se *harapakali*¹⁰¹ que não serve para nenhum tipo de planta nem maniva. Junto com a roça se originaram também várias plantas como cará, batata, abacaxi, abio, cana, pimenta, e banana que são próprias para alimentação das pessoas

¹⁰¹- Caatinga



Kaaly plantando maniva (desenho ilustrado por aluno da Escola Kariamã)

Na terra boa a maniva e as plantas crescem bem; onde não há adubo as manivas não se desenvolvem. Antigamente a maniva não existia, ela era tirada das costas do poderoso Kaalyttairi de onde ela se originou. Eram somente duas manivas que, na hora da plantação eram retiradas das costas de Kaaly e em seguida jogadas no centro da roça por ele próprio, a maniva se espalhava pela roça inteira. A maniva crescia naquela época e para fazer a colheita era preciso o próprio dono ir a roça, apresentar às mulheres o modo de realizar o processo da colheita: O primeiro passo era arrancar a mandioca e sacudi-la dentro do aturá até enchê-lo, depois enfiar de volta a maniva no mesmo local de onde ela foi arrancada. Francisco Macêdo afirmou ainda que na época não tinha fogo para fazer a queimada da roça, o fogo foi encontrado através de um homem chamado *Yawahiferi*¹⁰². A partir deste fogo é que Kaaly fazia queimada das roças e, deixando passar apenas um dia depois da queimada, a roça já estava completa, com manivas, plantas frutíferas etc.

¹⁰²- Dono do fogo.



Roça do Kaaly era cheio de farturas (desenho ilustrado por aluno da Escola Kariamã)

Mito N°. 05

Narrado pela senhora Bibiana Fontes, 56 anos, Baniwa, clã Walipere-dakenai

A origem da roça foi através do Kaaly da seguinte forma: foi feita a primeira roça sem queimar; vendo essa dificuldade, o dono da roça pediu que seu irmão o empurrasse para dentro do fogo. Com muita pena ele o empurrou e, após isso, voltou chorando pelo caminho a perda do seu irmão que, na verdade, era o poderoso Kaaly, o dono da roça. Quando chegou ao igarapé ele viu que era seu irmão que caiu no fogo estava tomando banho e logo parou de chorar.

Kaaly conversou com ele e pediu que dissesse à sua esposa que eles só poderiam ver a roça depois de três dias. Passou-se três dias e ela foi à roça, estava bonita cheia de manivas, bem limpa e com plantas como cana, abacaxi, cará e outros. Depois disso o Kaaly deu ordem a mulher para não urinar na roça, se por

acaso isso acontecesse a roça ficaria com mato. Para arrancar as manivas, era necessário somente puxá-la e sacudi-la para dentro do aturá e colocar novamente no lugar uma maniva, em seguida amarrar um feixe de lenha e colocar em cima do aturá. Depois disso já podia voltar para casa, porque o aturá viria sozinho pelo caminho até em casa. Mas a desobediência era bastante forte, a mulher queria ver como o aturá chegaria em casa e ficou esperando no caminho; quando o aturá a viu, no mesmo instante ele ficou parado e não andou mais.

Então Kaaly pediu que a mulher carregasse o aturá nas costas até a sua casa (como é feito até hoje). Com o passar do tempo, a mulher começou a sentir dificuldade no trabalho. Vendo isso, Kaaly fez com que a roça toda sumisse e quis passar o seu poder para o irmão, mas não conseguiu. Depois da separação Kaaly disse para sua filha que, quando ouvisse o coaxar do sapo depois da chuva, colocasse o puçá¹⁰³ que ele lhe dera na sua direção. A menina obedeceu. Um dia choveu; ela ficou esperando o sapo coaxar, então colocou na água o puçá e pegou a tapioca na forma de um *kuradá*¹⁰⁴ e colocou dentro de um *kamuti* para que a sua mãe não comesse. Mas ela deixou cair algumas migalhas; a velha deduziu e perguntou o que ela estava comendo. A menina respondeu dizendo que não era nada; a velha então pôs na boca a migalha e logo sentiu “suas forças voltarem”, pois estava quase morrendo.

Kaaly então fez a última roça; o único artefato que ele utilizou para isso foi um pedaço de fio. O primeiro trabalho foi a marcação da roça com o pedaço de fio; com o mesmo fio ele foi puxando e derrubando as árvores. Nesta ocasião, o homem cometeu o mesmo erro que a mulher, pois depois da derrubada da roça ninguém podia ver, mas o homem foi e viu, e na mesma hora as árvores ficaram paradas, a partir de então para derrubar as árvores era preciso usar a força e o machado como é feito atualmente. Este é o trabalho dos homens, roçarem,

¹⁰³- É um objeto trançado, com formato de funil. É feito de tucum fiado. Pode ser feito de duas formas: a grande serve para pegar peixe dentro da armadilha chamada cacuri, usada nos momentos da tinguijada para pegar peixe, e o pequeno para pegar camarão nos igarapés para pegar isca.

¹⁰⁴- É um beijú feito com massa de mandioca e goma de tapioca, feito para comer com peixe.

derrubarem e queimarem; já o plantio e os cuidados geralmente são trabalhos da mulher.

[Esta é a única variante do mito sobre Kaaly que mostra que os homens também são curiosos e desobedientes. Certamente não por acaso, este tenha sido contado por uma mulher; nos outros, contados por homens, somente as mulheres aparecem como desobedientes e curiosas. É intrigante pensar na forma da criação de todas as coisas e nas transformações de tudo, dos animais em humanos, dos humanos em animais, dos humanos em plantas, dos humanos em pedras, dos humanos em cachoeiras, simplesmente pessoas em coisas. A minha tia me falava sobre isso durante nossas conversas, afirmando que tudo era humano, mas a gente não percebia isso. Dizia que os homens também são causadores de muita coisa má, que nós carregamos as consequências pelos atos deles. Dizia também que os homens eram que faziam tudo, pois nós éramos chefes e os homens eram nossos subordinados (risos). Como eles não se conformaram com isso, acabaram revertendo a situação, nos deram um golpe, dizia ela.]

Aprofundando a questão, dizemos que a mandioca é o corpo de Kaaly; em Baniwa dizemos: “ikaletti hidzaakowa”, que significa “para o coração agir forte no corpo humano.” Por isso os Baniwa e Koripako cuidam tanto das suas roças, da sua mandioca, manejando-a para nunca deixar acabar; pois sabemos que todos os dias Kaaly está ali vendo.

Aquilo que a sociedade ocidental chama de mitologia é para os povos indígenas o conjunto de princípios e diretrizes fundamentais de suas culturas, de sua ética, são ensinamentos e transmissão de conhecimentos da sua organização social e política, sua economia e sua tradição. Por exemplo, neste estudo, umas das memórias escritas na fundamentação do Kaaly é história da mandioca, que diz que houve tempo, no começo do mundo, quando Kaaly andava na terra, que as mulheres não sofriam no trabalho da roça e no processamento da mandioca. Bastava marcar terreno e surgia a roça. Bastava fazer o aturá e deixá-lo na roça a caminho do igarapé para se banhar que ele aparecia na comunidade, lotado de mandioca já descascada! As mulheres só faziam imaginar e tudo acontecia nos conformes; até mesmo o beiju estava pronto para comer.

Hoje os mais velhos ainda lembram das frases certas, as orações evocativas para esses verdadeiros milagres, mas a curiosidade dos humanos – que tentaram desvendar o

que se passava na roça do Kaaly – estragou tudo e, aos poucos, foram sendo castigados, perdendo os privilégios, condenados a trabalhar duro.

Os homens pagaram primeiro e houve um tempo em que a eles cabia o trabalho da roça e do processamento da mandioca. Dizem que foi nesse tempo que os homens ficaram com a parte interna do braço chata, de tanto raspar mandioca. Mas o herói ancestral dos Baniwa retomou a ordem, e a divisão sexual do trabalho foi instituída. Pelo fato de Kaaly ser homem e dono da roça, ele fazia tudo, então teve momento que os homens eram detentores destes conhecimentos, mas foram ocorrendo transformações e hoje quem cuida dessa parte do trabalho são as mulheres, que fazem tudo em relação aos cuidados da roça, até a produção final.

Vimos ao longo da narrativa o quão difícil é de fato obedecer a uma ordem, e percebemos por isso vários momentos de transformações. A desobediência e a teimosia sempre falaram mais alto. Por essas atitudes, sofremos as consequências até hoje. Nasci nesse mundo, e desde muito pequena vivo nesse aprendizado. Meus pais são agricultores, e além disso tive avós que seguiam as regras e os cuidados com a roça. Em outras palavras, nasci na roça, sabemos o que fazer. Quando muito pequena ainda, o meu finado avô José Emilio, clã Pacú, fez um mini aturá para mim e eu já carregava uma única mandioca nas costas, eu chegava em casa caindo pelo caminho. As roças dos meus pais e avós eram idênticas à roça de Kaaly; eram roças enormes, cheias de frutas, nelas ficávamos sem saber por onde começar a colher ou o que comer, pois eram tantas plantas e frutas. Viver nesse mundo foi uma das melhores coisas da vida. Aos poucos, fui aprendendo através do brincar os cuidados necessários, tudo é brincar, mas na verdade tudo era conhecimento e aprendizado. Cresci sendo uma mulher sabedora de como arrancar mandioca, como quebrar as manivas, como plantar depois, se posso queimar as folhas ou não, qual é o dia pra fazer isso. Minha finada avó Cecília Bitencourt dizia que se fossem queimar as folhas, ela iria chorar e que não podíamos jogar maniva fora, pois ela dizia que se fizéssemos isso teríamos castigo, a roça nossa poderia não ter muita raiz, Kaaly poderia nos dá uma lição, e era por isso que seguíamos as orientações de como devemos cuidar da roça.

A roça em si é um mundo desconhecido, um lugar do tamanho do mundo de tão diversificado que é. Nesses anos em que eu vivi com a minha finada avó Cecília Bitencourt, clã Komadaminanai (pato), ela me ensinou o que é ser mulher indígena, é

por isso tínhamos que saber de tudo. Se fosse para resumir quem sou, eu diria que sou multifuncional, pois sei cuidar da roça, plantar, arrancar mandioca, fazer farinha, beijú, tapioca, maçoça; conheço a floresta, os lugares de pesca e de caça. E assim como minhas irmãs, somos pescadoras, deixamos anzol à noite com lanterna. Eu sei subir em açai do mato. Além de saber os segredos da roça e seus mistérios, nós entendemos a linguagem dela. Pois ela se comunica com a gente por sinais.]

A importância da mandioca e os cuidados com a roça

No processo de produção de alimentos, a mandioca ocupa um lugar de destaque entre os Baniwa, assim como para os demais povos que vivem na região do Alto Rio Negro, para os 23 povos que nesta região vivem.

Para nós, povos indígenas do Rio Negro, entretanto, é a mandioca “brava”, suas formas de manejo e os processos de sua transformação, que envolvem técnicas e conhecimentos sofisticados, garantindo a segurança alimentar das comunidades da região.

A região é um foco de diversificação de plantas cultivadas, como a banana, o abacaxi, a pimenta e, sobretudo, a mandioca brava. De acordo com levantamento realizado para registro do sistema agrícola, o cultivo da mandioca é amplamente difundido entre os ameríndios.

É da mandioca que provêm os ingredientes fundamentais para a elaboração do beiju, farinha, tapioca, curada, maçoça etc. Assim como o processamento da mandioca, a elaboração do beiju é tarefa feminina. Várias vezes por semana, ativa-se o fogo sob o forno onde se assa o beiju, e ali a mãe se alterna com suas filhas. A derrubada e o plantio das roças costumam ser individuais, mas podem ser atividades coletivas, por meio do que chamamos de *wayuri* (mutirão). Nestas ocasiões, o dono da roça convida os ajudantes que por isso recebem comida e bebida. Nos dias atuais ainda é comum que pelo menos os membros da família ajudem na preparação das roças de seus familiares.

Uma vez preparado o roçado para o plantio, as mulheres participam de todo o processo, desde o plantio até a colheita. Elas não participam diretamente nas etapas de

derrubada e queima do roçado, mas mantêm sempre uma boa alimentação para o consumo dos convidados e ajudantes que fazem esse trabalho. A mandioca tem sua época certa de ser colhida, quando a raiz já está crescida — dependendo da variedade, da fertilidade e do clima, ela pode estar boa dentro de poucos meses ou até em alguns anos. Na colheita da mandioca, nos cuidados da roça, o trabalho envolve a participação do marido e dos filhos.

A transformação da mandioca brava em alimento constitui um complexo de práticas de conhecimento que se estendem do trabalho nas roças, pautado no manejo de plantas e espaços, aos modos de consumo em diferentes contextos sociais. Seus produtos são diversificados: farinha de mandioca são (amarela ou branca), beiju (amarelo ou branca), curadá (beiju de goma com massa de mandioca), maçoca (farinha fina especial para produção de bebida servida aos convidados em momentos de festa), tucupi (caldo de mandioca cozido – diversas formas), tapioca (farinha de goma de mandioca), farinha especial para recém-nascido, etc.

A farinha serve para fazer xibé (água com farinha – especialidade do Rio Negro) e mingau para tomar bem cedo ao acordar; também acompanha o peixe e a carne assada, pilada, cozida, moqueada; é utilizada para fazer mojeca (sopa de peixe). Com o beiju se faz caribé (bebida de beiju e água), curadá para comer com peixe assado e carne e a maçoca. O tucupi cozido é uma iguaria que, acrescentado à quinhampira (calderada de peixe) junto com pimenta, traz um sabor singular para o peixe cozido. São também muito apreciados na região os vinhos de açaí, patauí e bacaba, acompanhados de farinha ou tapioca.

No cenário mundial de preocupações com a segurança alimentar e com os limites ecológicos de sistemas produtivos verticalizados, pautados no monopólio de sementes, na baixa diversidade genética e no uso abusivo de todo tipo de insumo industrializado, o valor de sistemas tradicionais de manejo e produção agrícola torna-se evidente. A vitalidade das formas indígenas depende, em grande medida, do reconhecimento e valorização de sua riqueza e dos serviços ambientais prestados por nós indígenas.

A seguir apresentaremos os principais alimentos derivados da mandioca consumidos na minha comunidade de Assunção do Içana e o jeito próprio de fazer, pois cada um tem uma técnica de fazer. É de suma importância falar um pouco disso, pois

muitas das vezes não sabemos de como é feito os processos dos alimentos para chegar as nossas mesas.

Produtos nº: 01- Farinha de mandioca e seus processos de preparos.

A farinha constitui um dos principais produtos da mandioca, e seu uso é muito difundida na comunidade, fazendo parte da refeição diária das pessoas. Para fazer a farinha é muito simples, porém exige alguns cuidados como:

1. Seleção da matéria-prima (colheita da mandioca): a farinha é produzida na comunidade geralmente com mandiocas bravas. Muitas pessoas usam preferencialmente mandioca de tubérculo amarelo, poucas usam a branca. Dependendo da quantidade que se produzir a colheita enche três ou quatro aturás. A mandioca colhida é colocada dentro de um saco e colocada na água para amolecer, durante três ou quatro dias (dependendo da temperatura da água pode amolecer em menos dias).

2. Descascamento: Quando a mandioca estiver mole ela é descascada e levada dentro de uma bacia para a casa de forno.

Após o término deste processo a mulher vai à roça novamente para tirar mandioca dura e fazer a mistura. Geralmente as mulheres quando colocam dois aturá de molho tiram para fazer a mistura o dobro, isto é (quatro aturá).

3. Raspagem: A mandioca dura é raspada e posteriormente lavada para eliminar a terra aderida à sua casca. A raspagem é feita de forma manual usando facas afiadas.



Minha finada avó Cecilia raspando a mandioca (imagem do arquivo da escola)



Mandiocas lavadas (imagem do arquivo da escola)

4. Ralação das raízes: A mandioca lavada é levada para ser ralada. Existem duas maneiras de ralar a mandioca, tradicionalmente ela é realizada com o ralo indígena ou então com um ralador de metal. Neste momento também a mandioca mole é ralada e deixada separadamente numa outra bacia.

5. Espremer a massa para tirar a goma: A massa da mandioca ralada depois é lavada para extrair a goma. Põe-se a massa dentro de um balde ou de uma bacia de alumínio e acrescenta-se água, depois ela é colocada dentro de um cumatá (peneira feita de fibra de arumã) e é espremida para tirar a goma. Esse processo não é obrigatório, mas é comumente feita pelas mulheres, pois os seus derivados (farinha de tapioca, curadá etc.) são muito apreciados pelas pessoas da comunidade. Após isso a massa de mandioca dura é misturada com a massa de mandioca mole deixando ficar em pouso durante uma noite.

6. Prensagem da Massa Ralada: A massa misturada passar em seguida para prensagem que tem como objetivo principal tirar o máximo de umidade ficando mais fácil o processo anterior. A secagem da massa é feita com o tipiti indígena confeccionado a partir do arumã ou de jacitara, geralmente o tipiti usado para secar a massa de farinha é

grande. A massa em si deve ficar um pouco úmida para que os grãos saíam bem formados. A maioria das pessoas da comunidade usa o tipiti feito de arumã para secar a massa de beiju e o tipiti feito de jacitara para secar a massa de farinha, que ele é mais resistente ao peso.



Tipiti esticado no prensador (imagem do arquivo da escola)



Enchendo a massa no tipiti de arumã (imagem do arquivo da escola)



Tipiti prensando a massa com o peso de duas pessoas (imagem do arquivo escolar)

7. Peneiragem da massa: Ao sair da prensa, a massa ralada está compactada, havendo necessidade de ser peneirada. Esse processo é feito com auxílio de uma peneira feita de fibra de arumã, passa-se a massa na peneira, na qual ficarão uns pedaços grosseiros de mandioca contida na massa, chamada Carueira (em nheengatú) que pode ser utilizada na alimentação de animais. O tamanho do trançado da peneira definirá a grossura dos grãos de farinha.



Tirando a massa do tipiti (imagem do arquivo da escola)



Peneirando a massa



Massa peneirada

8. Torração: Após a peneiragem, a massa é colocada em pequenas quantidades no forno com auxílio de uma vasilha, e passa a ser mexida por um pedaço de madeira em forma de meia-lua chamado de Tarubá (em nheengatú). Essa fase exige maior experiência e muita atenção, pois são muitos os detalhes para que a farinha fique boa: intensidade do fogo, rapidez na hora de mexer e o ponto certo de tirar a farinha do forno.



Forno aquecido com lenha



Início de torração usado um tarubá



Mantendo a massa sempre em movimento para não queima

Subprodutos da Farinha

A farinha depois de pronta é consumida como alimentação de diversas formas pelas pessoas da comunidade como:

1. Mingau: Para fazer o mingau de farinha, primeiramente põe água numa panela e adiciona dois ou três copos de farinha, leve ao fogo e deixa ferver durante uns dez minutos, misturando sempre. Após a fervura o mingau é tirado do fogo e aguado com água fria ou ainda pode ser com vinho de açai ou outros tipos de vinho (de bacaba, patuá). Depois dependendo do gosto da pessoa ela pode colocar ou não o sal. Isso depende dos costumes de cada família o mingau é tomado geralmente pela manhã.

2. Xibé: O xibé é um dos subprodutos da farinha mais consumido por crianças jovens, idosos, brancos, indígenas etc. Para fazer o xibé são necessários somente dois ingredientes: a farinha e água. Ele ainda pode ser feito da mistura de farinha com vinhos de açai, bacaba, patuá etc. é servido de forma fria. As maiorias das pessoas oferecem xibé para visitas em forma de boas-vindas. E é consumido diariamente nos trabalhos comunitários, em casa, nos ajuris de roçagem, derrubada, capina de roça, plantio etc.

3. A farinha também pode ser consumida em forma de pirão: O pirão é feito da mistura da farinha com caldo de peixe, de carne ou de outros tipos de alimentação.

Produto nº 02: Maçoca

A maçoca é uns dos produtos derivados da mandioca, que necessita de mais tempo para ser produzido. Ela é feita geralmente pelas pessoas da comunidade para ser consumido nas grandes festas tradicionais ou nas festividades religiosas.

Para produzir a maçoca é necessário seguir os seguintes passos;

1. Colheita da matéria-prima: A maçoca é produzida a partir da mandioca de tubérculo branca. Primeiramente é feita a colheita da mandioca em torno de quatro a cinco aturas. Após isso ela é colocada de molho em torno de três a quatro dias.

2. Descascamento: Quando a mandioca já estiver toda mole é descascada. E levada até à casa de forno.

3. Ralação: A mandioca descascada deve ser ralada no ralo tradicional, para sair bem fininho. A massa para fazer a maçoça não precisa de nenhuma mistura é feita somente de mandioca mole.

4. Prensagem: Logo depois a massa passa a ser enchida no tipiti de arumã para ser prensada, devendo ficar bem seco.

5. Defumação: A massa compactada é colocada em cima do fogo num giral e passa a ser defumada durante uma noite.

6. Peneiragem: Em seguida ela passa a ser peneirada numa peneira de arumã com trançados finíssimos para tirar o excesso de carueira que tem dentro.

7. Torragem: Para torrar a massa, o forno deve estar morno, toda massa é colocada de uma vez. E deve ser mexida constantemente com o tarubá ou amassada com a própria mão. Para ficar bom demora entorno de duas ou três horas.

Sobprodutos da maçoça

A massoca é um dos alimentos apreciados pela comunidade, o seu consumo é feito através de:

1. Caribé quente: O caribé quente de massoca é feito da seguinte forma: coloca água dentro de uma panela e junta dois ou três cuias de massoca dentro e leve ao fogo para cozinhar, misturando sempre para não grudar no fundo. Quando já estiver bem cozido, é retirado do fogo e em seguida agitado com água ou com outros tipos de vinho. É tomado pelas pessoas pela parte da manhã.

2. Caribé frio: Para fazer o caribé frio é necessário deixar de molho a massoca durante uns cinco minutos. Logo após é amassada com a mão ou pode ser batido no liquidificador. Em seguida acrescentar mais um pouco de água e está pronta para ser consumida.

Produtos nº 03: Farinha de tapioca

A farinha de tapioca é feita de goma extraída da massa de mandioca que é tirada para fazer a farinha ou beiju. A extração é feita da seguinte forma:

1. Extração da goma: - uma vez a mandioca ralada, adiciona-se uma boa quantidade de água na massa para permitir a separação da goma; a massa contendo água é colocada dentro do cumatá para ser espremida em cima de uma vasilha; o processo pode ser repetido várias vezes dependendo da quantidade de massa que tem; a manieira extraída então é deixada descansar por várias horas, para que a goma possa se separar; Após isso ela é jogada fora ficando somente a goma; põe a água novamente na goma sendo mexida, pois a goma decanta rapidamente para que qualquer impureza presente na água suba, ficando no fundo do recipiente somente a goma; após algumas horas a água é jogada fora, e é retirada a camada superficial da goma onde ficam as impurezas para que o produto final fique mais branco e puro;

2. Secagem: Para secar a goma não é necessário usar o tipiti a goma é colada para secar ao sol; algumas pessoas fazem da seguinte forma: colocam a goma dentro de uma bacia ou outro recipiente e em cima põe um pano velho e sobre o pano colocam uma quantidade de cinza tirada de debaixo do forno, a cinza tem a capacidade de sugar a umidade deixando a goma bem seca. Estando bem seca, ela passa a ser peneirada numa peneira de trançado mais grosso e depois mexida com a mão para deixar seus grãos uniformes;

3. Peneiragem da goma: A goma seca passa para o processo de esfrelamento com ajuda de uma peneira específica feita de fibra de arumã de trançados médio. Depois de peneirada ela é mexida com a mão para criar os grãos.

3. Torragem: A torragem é feita durante uns dez minutos, leve a goma peneirada ao forno quente pouco a pouco, mexendo sempre para não grudar quando os grãos estiverem pulando dentro do forno a mexida deve ser mais rápida para não queimar, logo depois ela já pode ser retirada do forno. A farinha de tapioca está pronta. Para fazer uma quantidade bem maior (uma lata) a extração da goma deve ser bem grande. Ela pode ser

consumida em forma de xibé (água misturada com tapioca), ou como acompanhante no café da manhã.

Enfim, tudo isso nos mantém vivos, sabendo das regras, temos conhecimentos sobre tudo, você vivendo e praticando é o que chamamos de "Bem Viver e Viver Bem", pois para continuarmos sendo nós mesmo, precisamos de tudo isso para sermos felizes. Nós Baniwa trabalhamos muito dia após dias, sem um dia de folga.

Olhava os avós maternos que hoje já não se encontra neste mundo, continua vendo os meus pais, com suas mãos cheios de calos, mão áspero, corpo cansado, olhar de cansado, corpo cheio de suor. As vezes fazendo isso por que amamos, mas as vezes por não termos outra opção, mas fazendo isso com muito orgulho de termos a nossas raízes vivas, a nossa maneira de viver, de pensar, de cultivar, de plantar. O nosso mundo ele é único, pois temos uma conexão forte com a terra, com a floresta, com o rio, com os lugares e com outros seres visíveis e invisíveis, pois somos animais e humanos, nós sabemos disso, mas o mundo ainda o desconhece, temos dupla personalidade. Quero frisar a importância dessas narrativas para nós e para os nossos filhos, para um dia eles saberem o quão valioso é o nosso saber, e com isso dizer ao mundo o quanto é preciso valorizar e preservar a floresta e poder amenizar a mudança climática. Precisamos ensinar aos brancos que a floresta tem vida e que dependemos dela para continuarmos existindo, pois nós nascemos dela e com ela.

CAPÍTULO 5

WANHEEKAAWA: NOSSA SABEDORIA MITOLÓGICA

De uma forma geral, em todas as culturas indígenas, os mitos surgem como formas de explicar, compreender e dar sentido aos fatos e eventos da vida e do mundo. Muitos mitos explicam a origem das coisas, como certos alimentos; práticas culturais, como a agricultura, e fenômenos naturais, como o trovão e os lugares sagrados.

Geralmente cada povo indígena tem seus mitos de origem, de como seu povo veio a ser. Estes são os mitos cosmogônicos. Eles são transmitidos oralmente, de geração em geração, e são muito importantes na nossa formação, reforçando a nossa identidade étnica. Mas é mais que isso. Desde tempos imemoriais, os mitos descrevem eventos que ocorrem no mundo indígena e a floresta é o elemento concreto, visível e tangível desse mundo. Mediante a tudo isso, transcrevo vários mitos, para mostrar que não são apenas “mitos”, mas sim algo presente em nossas vidas, pois as consequências estão presentes em nosso mundo. Essas narrativas foram passadas de geração em geração oralmente e por fim, estou pondo isso no papel, a partir do que contou meu pai Francisco Luiz Fontes.

Morte do Irmão de Ñapirikoli

Acima de Wapui-Cachoeira existe uma pequena ilha, que dá para ver o outro lado dela, onde tem um rio que a corta, este se chama Dzateriko¹⁰⁵. O irmão de Ñapirikoli casou com a irmã de um Eeonai. Os Eeonai foram cercar esse riozinho. Eles não conseguiram matar Ñapirikoli, então, decidiram matar o seu irmão.

O seu irmão disse ao Ñapirikoli: “Vou visitar os meus cunhados”. No entanto, eles (Eeonai) já haviam feito armadilha. Chegando com seus cunhados disse: “O que vocês estão fazendo?”, o outro respondeu: “Nada! Só estamos

¹⁰⁵ – Em nhengatú chamamos de Tukano paranã miri, quer dizer pequeno rio de tucano.

cercando o Paraná-mirim, daqui a pouco vamos tinguíjar¹⁰⁶, tem muito peixe”. Eles estavam batendo o timbó.

“Ah!”, disse irmão do Ñapirikoli, “eu tinha vindo visitar vocês, mas já que estão ocupados, volto depois.”. — “Ah não”, disse o outro, “Fica para tinguíjar com agente”, — “Está bem, está bem!”, respondeu o irmão de Ñapirikoli.

Começaram a tinguíjar, muitos peixes ficaram bêbados, tinha peixe para todo lado boiando. Quando estava quase passando o efeito do timbó, seu cunhado veio para perto dele, colocou o remo para baixo da sua canoa e fez *cobó, cobó*, parecia como se fosse peixe e disse: “Cunhado, olha aí surubim, pula para zagaiar”. Então ele pulou para zagaiar, mas quando caiu na água, foi zagaiado com uma lança nas costas pelo seu próprio cunhado. Ele tentou gritar no fundo *um gum gum*, e foi transformado em surubim.

[Os Eeonai fizeram de tudo para matar Ñapirikoli, mas não conseguiram. Então, para se vingar dele, resolveram se vingar do seu irmão que tinha casado com a irmã de um deles. Isso também ficou para nós, pois tem várias pessoas que tem esse tipo de maldade, quando trabalhamos no movimento indígena ou nos outros cargos, por inveja tentam nos matar, fazendo de tudo, mas às vezes eles não conseguem. Por esse motivo, as vezes eles acabam matando o seu pai, ou seu filho ou um parente muito próximo, pois isso começou nesse momento. O irmão de Ñapirikoli foi culpado e acabou sendo morto pelo seu próprio cunhado, transformando-se em surubim que também é conhecido como pintada. Existem dois tipos de surubim, um tem carne amarela, esse é peixe de verdade e, a outra tem carne branca, esse era o irmão Ñapirikoli. Quando matamos surubim, sempre vemos essa diferença entre as carnes, o que nos remete a esse fato].

¹⁰⁶ – É uma técnica que usamos para matar peixe através de um cipó. Tiramos a raiz deste cipó, batemos e misturamos depois com argila branca, e depois colocamos no rio, na mesma hora os peixes começam a boiar para todo lado, então, zagaiamos ou pegamos com puçá.

Nessa hora a chuva caiu, Ñapirikoli colocou sua mão para sentir as gotas que caíam do céu, e notou que eram gotas de sangue: — “Ah! Eles mataram meu irmão, os Eeonai”. Os Eeonai vieram até abaixo, na foz do rio Waraná, na cachoeira de surubim. Lá eles foram tratar os peixes, limpando-os para depois cozinharem. Os Eeonai eram sabedores de que Ñapirikoli sabia da morte do seu irmão. Por isso, o pai disse aos seus filhos: “Tomem cuidado, pois a qualquer momento Ñapirikoli pode chegar. Vão pegar *tinta rãna* (vassoura indígena)!”. Então, eles foram para a mata cortar e trouxeram muitos feixes de vassouras, com isso vocês vão bater nele. Cuidado, porque ele poderá se transformar em qualquer coisa, para roubar o coração do irmão.

Trataram o surubim, retiraram o seu coração e o deixaram atrás, justamente para que ele não fosse roubado, ou seja, com a intenção de vigiar e não deixar Ñapirikoli roubar o coração de seu irmão. Quando o sol estava quase se pondo, Ñapirikoli chegou dizendo: “Ei!”.

Ei!, o que estão fazendo?”, perguntou Ñapirikoli, —“Nada!”, respondeu o outro, “estamos apenas tratando surubim que matamos onde a gente tinguizou”. Havia muitos pedaços de carne de surubim deitados na pedra. Nos dias atuais, nesse local existem pedras, que eram as carnes de surubim deitadas.

Ñapirikoli os soprou, fazendo que esquecessem tudo que havia deixado atrás, “o coração”. Com o seu poder ele se transformou em *takaíro*¹⁰⁷ e foi cortar todas as vassouras que estavam em feixes, deixando-as como se fosse gargantas de louva-a-deus. Depois disso, perguntou: “Cadê meu irmão?”, e seu cunhando respondeu: “Ele ficou lá no rio vendo se ainda tem peixe. Ele volta amanhã”.

“Está bem, está bem” disse Ñapirikoli, “eu só vim ver vocês, pensei que meu irmão estivesse aqui. Mas como ele não está eu vou indo”. E assim Ñapirikoli foi embora subindo o rio, desaparecendo numa curva. Para os Eeonai ele tinha ido embora, esquecendo-se do coração do irmão de Ñapirikoli, nem estavam mais ligando para nada.

¹⁰⁷

– Besouro cortador

Ñapirikoli se transformou em *awarrana*¹⁰⁸. Ele veio voando e passou por cima, indo direto onde estava o coração do seu irmão. Eles, os Eeonai, nem sequer perceberam. Ele pegou, mordeu bem o coração, e saiu voando. Quando ele já estava bem alto, alguém viu e disse: “Olha isso! Ele está levando o coração”. Correram para pegar as vassouras para bater, mas na hora de bater, as vassouras quebraram *daré, daré, daré*. — “É o Ñapirikoli, é o Ñapirikoli... bate, bate, bate”, gritavam. Assim, Ñapirikoli levou consigo o coração de seu irmão.

No dia seguinte, pela manhã, lá vinha Ñapirikoli descendo de canoinha. Chegou cumprimentou e disse:

— “Cadê meu irmão?”. Tinha moqueado para todo o lado e ele disse: “Poxa, vocês mataram muito mesmo né?”.

“Sim, respondeu o outro. Só matamos surubim. Come com a gente?”.

“Está bem !”, respondeu Ñapirikoli. Ele sentou e comeu junto com eles.

Na visão dos Eeonai, o Ñapirikoli estava comendo o surubim. Mas, na verdade, ele não estava. Depois de uma longa conversa, quando deu meio dia, despediu-se e foi embora, alegando que seu irmão não havia chegado.

“Agora sim”, disse Konaferi¹⁰⁹, “Ñapirikoli vai se vingar do irmão dele”. Eles estavam muito preocupados com a situação.

No outro dia, Ñapirikoli foi trabalhar ao lado de Wapui-Cachoeira, no mesmo lugar onde matou Kowai. Levou seu *bapá*¹¹⁰, começou a fritar, fritou....fritou, deste preparo saíam vários tipos de gaviões pequenos. Mas ele estava em busca do *kamathá*¹¹¹. Quando o coração estava quase terminando, disse: “Será que eu não vou encontrar o *kamathá*, o que vai vingar do meu irmão?”. Na

¹⁰⁸ – Vespa de cor preta. Em qualquer lugar, onde tem peixe sendo tratado essa vespa sempre está nesse local lambendo sangue de peixe, eles conseguem sentir o cheiro e chegam imediatamente.

¹⁰⁹ – Avô timbó

¹¹⁰ – Prato feito de cerâmica.

¹¹¹ – Gavião real

hora em que o coração acabou, finalmente saiu o *kamathá* que esticou um lado de sua asa¹¹². -Agora sim! Encontrei finalmente”, falou Ñapirikoli. Ele fez cigarro, soprou nele e diminuiu, ficou todo pelado, filhotinho de gavião fazia *fi fi fi fi fi fi fi*.

Antes de ir, testou se ele era capaz de carregar o Konaferi. Foi cortar três metros do tronco de inajá, três metros de pau brasil e três metros de acariquara. Primeiro pediu para carregar o tronco de inajá, e saiu voando para outro mundo, rodando com o tronco, fazendo malabarismo ao ar livre até que deixou cair, e desceu; então, pegou o tronco de pau brasil, saiu voando para o mesmo lugar; pegou o último tronco, de acariquara, e fez a mesma coisa, ficou rodando. Ñapirikoli disse: “Agora, sim!”.

Ñapirikoli mata Konaferi (avô timbó) vingando a morte de seu irmão

Ñapirikoli fez chover dois dias, sem parar. Na manhã seguinte, lá vinha Ñapirikoli de novo, já para se vingar. Eram umas três da tarde, no horário em que a saúva voa. Nesse momento também Ñapirikoli com seus poderes do benzimento. Até então, os Eeonai tinham várias armas, como: zarabatana, curare¹¹³, arco e flecha. Por isso, Ñapirikoli se transformou em *karimattó*¹¹⁴ e foi flechar todas as zarabatanas deles com barro, e depois se transformou em *takairi*¹¹⁵ e foi serrar todos os arcos e flechas deles.

¹¹² – Hoje, o lugar onde ele esticou um lado de sua asa se tornou uma enorme campina.

¹¹³ – Veneno usado na ponta da fecha para matar caça, que era muito usado pelos nossos bisavós, mas isso ainda é usado hoje em dia.

¹¹⁴ – É uma vespa, ela sempre faz sua casa de barro dentro da zarabatana ou coisa que tem furo.

¹¹⁵ – Besouro serrador.

Chegando lá, com o filhote de gavião bem pequenininho, todo peladinho, Ñapirikoli pensou: “O que vou fazer agora?”. Ele pegou caroço de urucum e jogou perto de casa. Quando jogou os carocinhos de urucum, eles se transformaram em saúvas, conhecidas também como tanajuras. Ele chegou conversando com eles. O filhote de gavião estava numa capara¹¹⁶, fazia *fi fi fi fi*. E as filhas do timbó disseram:

— O que é que está fazendo barulho, Ñapirikoli?

— Nada! É meu xerimbabo.

— Mostra para gente ver?

Ele o tirou da sua patrona e mostrou a elas, ele ficava correndo na palma das mãos delas. Ñapirikoli, então, fez aparecer bicho de pé no avô timbó, o qual disse as suas filhas: “Estou sentindo uma dor aqui no meu pé, vejam o que é?”. Uma das filhas viu e falou: “Olha só! É um bicho de pé”. “Tira de mim!”, disse o velho para as suas filhas. Elas cavaram e tiraram.

Então, Ñapirikoli disse a elas, “Tenta dar para o meu xerimbabo, para ver se ele come”. Elas deram e ele comeu. “Ah!”, disse uma delas, ele comeu sim!”. “Eu sabia, ele come qualquer coisa”, respondeu Ñapirikoli.

Naquele instante apareceram as mães-de-saúvas¹¹⁷, voando em cima deles. “Por que estão aqui? Quem sabe não é revoada de saúva?”, disse Ñapirikoli a elas; “vão ver!”. Elas correram para ver, e tinha mesmo saúva, estavam deitadas, parecia beiju. — “Tragam saúva para o meu xerimbabo, para ver se ele come”. Elas trouxeram e o filhote comia tudo. — “Ah... Ele come sim, vão pegar mais.”. Ñapirikoli cada vez mais jogava para longe os caroços de urucum, e as filhas do timbó iam mais longe.

¹¹⁶ – Um funil feito com folha.

¹¹⁷ – São certos tipos de aves, que chamamos de mãe da saúva, pois esses pássaros nos dão sinal sobre a revoada de saúva. Eles ficam voando em círculo no céu, fazendo performance.

Enquanto isso Ñapirikoli falava, “tem aqui”, “outro ali”, “do outro lado” e assim por diante. Elas traziam saúva para o gaviãzinho comer. O velho Konaferí o pegou e deixou sentá-lo no seu braço. Ele subia e descia, subia e descia, chegava ao pescoço e descia novamente. Konaferí estava alimentando ele. E finalmente, chegou ao pescoço. As filhas de Konaferí e Ñapirikoli estavam cada vez mais longe, pegando saúva.

Sabendo que elas estavam longe, Ñapirikoli benzeu e soprou cigarro para o *kamathá* crescer. Na mesma hora ele cresceu, levantou e beliscou no pescoço de Konaferí. O velho gritou: “Ei o xerimbabo de vocês está me matando”. Ñapirikoli estava no mato e continuou gritando: “Ei, aqui tem! Aqui tem!”, orientando o trabalho das filhas de Konaferí. Quando elas retornaram para dar mais saúva ao filhote, elas viram seu pai. O *kamathá* estava sentado no ingazeiro¹¹⁸. As filhas foram correndo chamar o seu pai: “Ñapirikoli seu xerimbabo esta matando nosso pai”. Mas o Ñapirikoli estava longe, atrás das saúvas. Depois de um tempo Ñapirikoli respondeu: “O que esta acontecendo?”, e elas responderam: “O seu xerimbabo está matando nosso pai”. Nesse momento Ñapirikoli pediu as meninas para pegarem a zarabatana. Ele então a soprou uma, duas, três vezes, mas não funcionava, pois *kalimathó* havia trancado o buraco com barro; em seguida, Ñapirikoli pegou o arco e a flecha, mas na hora que ele puxou, o arco quebrou. Isso fazia parte do seu plano, enquanto isso o gavião *kamathá* voava mais alto.

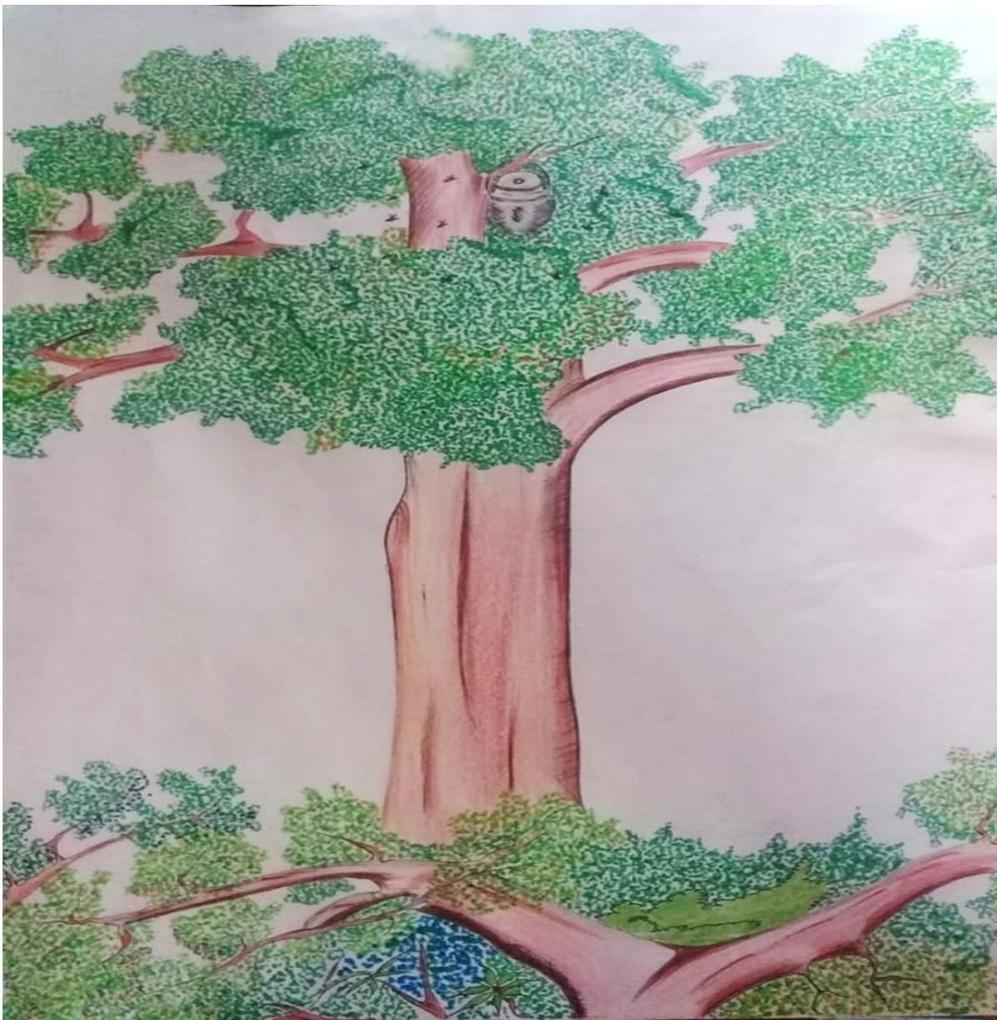
Em seguida, Ñapirikoli mandou as filhas de Konaferí pegarem sua zarabatana, que estava na beira na sua canoa. Ele pegou e flechou o velho Konaferí de propósito, e suas filhas disseram: “Você flechou nosso pai e não o gavião” e ele disse: “Eu acertei no peito do gavião”, então pegou outra flecha e atirou de novo. Assim o Konaferí se foi.

Kamathá o levou pelo mundo inteiro, voando pelo céu, é por isso que, em toda parte existe o timbó, pois era o seu sangue ou parte do seu corpo que foi

¹¹⁸ – É uma árvore, cujas frutas são comestíveis. O ingazeiro nunca cresce para cima, sua copa e seus galhos sempre vão para baixo, é por causa desse acontecimento, porque o *kamathá* havia sentado em cima dela com Konaferí. De tão grande que era o peso deles juntos que seus galhos caíram, ficando assim para a geração de hoje.

ficando para trás. A maior parte do seu corpo foi deixado nas bandas de Wawiari, na Venezuela. Antigamente, nessas localidades, as pessoas não podiam comer de qualquer jeito, era permitido comer somente um tipo de comida, se houvesse mistura pegaria malária, porque foi nesse lugar que ficou a maior parte do veneno do Konaferí. E foi assim a vingança de Ñapirikoli pela morte do seu irmão provocada pelos Eeonoi.

Kalitadaapa a grande árvore



A grande árvore Kalitadaapa (Desenho do Frank Fontes)

Esse fato ocorreu na região de Jutica, Alto Vaupés. Nessa região ocorreram vários acontecimentos, e uma deles é sobre uma grande árvore que havia na região, a *Kalitadaapa*. Todos os seres queriam a cesta que havia nesta árvore.

A anta estará lá e esse animal não pensa direito, então a mandarei para cercar o igarapé para pegar peixe. Assim o enganarei”, disse Ñapirikoli. “Meu avô”, Ñapirikoli falou à anta, “na próxima semana vamos derrubar a árvore grande para tirarmos a cesta, então você vai à cabeceira do rio pegar peixe, moquear e trazer e quando você chegar derrubaremos a árvore”. A anta respondeu: “Está certo”. Ñapirikoli disse ao esquilo: “você vai junto com ele”, e então os dois partiram. Eles chegaram ao lugar chamado *Remapellenai*¹¹⁹, que fica acima de Wapui–Cachoeira, no rio Aiari, afluente do rio Içana. A anta chegou no local e começou a preparar a armadilha de peixe para colocar no igarapé. Enquanto isso, Ñapirikoli começou a derrubar. No dia seguinte, quando a anta terminou de colocar a armadilha, ela disse ao seu companheiro esquilo: “Ficaremos hoje, amanhã e depois voltaremos”. E então, a anta começou a mergulhar no igarapé, para matar peixes.

Ao entardecer depois da pescaria eles voltaram, e a noite moqueariam os peixes, na manhã seguinte retornariam, mas nesse momento o inambu cantou, *Hoooo, hoooo!* Traduzindo essa linguagem, o inambu estava dizendo à anta que a árvore estava caindo. O inambu viu que a árvore estava sendo derrubada e o esquilo perguntou: “Já caiu?”. A anta saiu do rio e perguntou: “O que você ouviu?”. O esquilo respondeu: “Não ouvi nada”. Então a anta voltou a mergulhar de novo, pegando os seguintes peixes: aracú, araripirá, pacú e, traíra. Depois de pegar os peixes, ela saiu à superfície e perguntou de novo, “Você ouviu alguma coisa?”. O esquilo falou que não.

A anta mergulhou novamente, mais dessa vez não mergulhou fundo, ficou submersa perto da beira do rio, para ouvir. Ao escutar que a árvore tinha caído, ela saiu correndo da água e pisou no seu *pari*¹²⁰, pegou os peixes, e levou na mão e

¹¹⁹ – Armadilha de tala de inajá, feita pela anta.

¹²⁰ – É uma armadilha feita com talo de paxiúba, apropriado para isso, para cercar um determinado

foi correndo. Quando estava correndo, o primeiro peixe que caiu no caminho foi o pacu, ela pisou nele e o peixe entrou na terra; depois caiu o aracú, ela pisou e o peixe entrou na terra também; em seguida, caiu o araripirá; por último, caiu o peixe traíra; a anta pisou e o peixe entrou na terra. Por fim, ela disse: “Tudo isso ficará para os meus netos que virão” — já pensando na humanidade de hoje, para a qual os peixes se transformaram em saúvas ou tanajuras.

[Neste tempo, porque a anta era vista como uma pessoa inconsequente, sem medo de nada e considerada valente, ela foi designada para ir pescar. Mas quando ela soube que a árvore grande tinha caído, saiu correndo junto com os quatro tipos de peixe que ela tinha pegado quando estava mergulhando. Quando ela saiu correndo, a anta pisou no seu pari, quer dizer sua armadilha, que quebrou, e é por isso que nessa região não tem muitas cachoeiras, por que ela acabou pisando, fazendo o pari quebrar.]

No momento que os peixes começaram a cair, surgiram quatros tipos de saúva ou tanajura: kadadali (saúva da caatinga), kaiwiri (saúva ardosa), kofhée (saúva não ardosa) e phiti (saúva da noite). Lembrando que as saúvas são uma delícia, têm um gosto saboroso e delicioso. Comemos as saúvas de várias formas; elas podem ser comidas cruas ou torradas no forno para durarem por mais tempo e serem consumidas mais tarde. Elas também servem de isca para peixes como o pacu, o aracu de todos os tipos, e outros peixes. A saúva é gostosa porque ela era o peixe mais delicioso que existia e continua existindo; mesmo tendo se transformado em saúva, seu gosto continua. As saúvas são figuras superimportantes para acompanhar as estações climáticas, quando há chuvas durante um dia e meio, no final da tarde sempre há revoada de saúva. Este é sinal que na manhã seguinte terá piracema de peixes, que é o momento da reprodução de peixes, dependendo de cada estação.]

A árvore já estava no chão, mas não dava para chegar perto, pois existiam vários tipos de vespas. A cesta que todos queriam estava no fim da árvore.

lugar ou de preferência cercar um igarapé para tinguíjar na época da seca, para matar peixe.

Ñapirikoli tentou de várias maneiras tirá-la, mas não conseguiu, então disse, “A qualquer momento o meu avô vai chegar”, já pensando na anta.

Quando terminou de falar, no mesmo momento, a anta chegou e perguntou: “Conseguiram tirar?”; — “Não conseguimos”, respondeu Ñapirikoli. A anta disse: “Eu vou tirar para nós”. Ela saiu correndo em direção da árvore, nem quis saber se tinha vespas e, por fim, pegou a cesta. Ñapirikoli ficou preocupado e pediu para a anta lhe entregar a cesta, mas a anta se recusou. O motivo da preocupação de Ñapirikoli é que nessa cesta havia um tipo de paricá e vários tipos de coisas destinadas para o bem e para o mal, coisas poderosas. Ñapirikoli chamou a anta e falou: “Você precisa me entregar, não pode ficar com isso, eu posso cuidar melhor que você, pois se ficar com você, pode prejudicar a vida dos meus filhos que virão”.

Depois de três dias, a anta resmunga: “Vamos ver como vai ficar”, mas Ñapirikoli sabia que a anta queria usar o paricá para se transformar em onça. Este era o motivo pelo qual Ñapirikoli não podia deixar a cesta nas mãos da anta. Depois de três dias, Ñapirikoli levou os seus companheiros para o campo, mas a anta já havia entregado para alguns grupos o *marakãinbara* (veneno) para fazerem caxiri com o intuito de matarem Ñapirikoli. Ñapirikoli soprou o paricá no nariz deles. O primeiro foi no *makolotona*¹²¹; com o efeito do paricá o pássaro começou a voar, voar, voar, até onde ele pudesse voar, e depois desceu; segundo foi *wimalli*¹²², que voou também, mas não tão alto e desceu; o terceiro foi em um homem, ele ficou doido e pulou no rio, transformando-se em *amaná*¹²³; o quarto foi na ariranha, que ficou doida, gritou e pulou no rio; o penúltimo foi a anta, que correu pra beira do campo, gritando como onça;

Ñapirikoli foi atrás da anta e perguntou: “O que você tem, meu avô?”. A anta respondeu: “Quero comer gente, quero comer gente”.

¹²¹ – Um pássaro que tem sua casa na areia.

¹²² – Um pássaro.

¹²³ – Boto.

Ñapirikoli disse: “Você não pode fazer isso, é muito perigoso!”. Naquela hora, Ñapirikoli pegou folhas de embaúba e outros tipos de folhas, dando para a anta comer. A anta estava sob efeito do paricá e acabou comendo as folhas. Por último, Ñapirikoli soprou paricá no esquilo, pois ele não era bravo; ele virou a onça. Assim foram usados os benefícios que havia na árvore grande *Kalitadaapa*.

[A partir do momento em que Ñapirikoli soprou no nariz de cada um, eles foram se transformando; é nesse momento que surge a forma de cada animal, como por exemplo a de ariranha, que gritou e acabou pulando na água, transformando-se. Até hoje, quando a encontramos no rio, ela possui as mesmas qualidades. Ela sai da água gritando e nós a reconhecemos pela sua voz. O boto tem um jeito de sair para respirar e faz um barulho de soltar o ar. Este é o efeito do paricá que de tão forte e poderoso essas pessoas não conseguiram resistir, transformando-se no que são hoje em dia. Nesse mito podemos dizer que as transformações são de suma importância, pois tudo tinha que ser dessa forma, para que pudéssemos saber o porquê das coisas, e entender o porquê elas são o que são hoje.]

Iniriferi

Iniriferi é um grande *yopinai*¹²⁴, que é o avô traíra. Então, teve uma época, que *Heeri*, irmão de *Ñapirikoli*, era muito *marupiara*¹²⁵: ia pescar, logo voltava com muitos peixes. Assim era. Todo dia era isso, ele pegava seu caniço de pescar, sumia por pouco tempo e já voltava com muitos peixes.

Certo dia, Ñapirikoli resolveu perguntar ao filho de Heeri, porque o seu pai matava peixes com tanta facilidade, “Por que o seu pai mata muito peixe quando vai pescar? Porque quando vou pescar, eu quase não mato nada”, o disse ele ao seu sobrinho. “Ah não!”, disse o filho de Heeri, “O meu pai mata muito

¹²⁴ – São seres invisíveis e visíveis que se transformam em qualquer coisa, para te fazer o mal. Em nhengatu chamamos de *maíwa*.

¹²⁵ – Ótimo pescador

peixe por minha causa. Eu sou o remédio”, “Cadê o remédio?”, disse Ñapirikoli, “Está aqui”, o seu sobrinho lhe mostrou. Era uma ferida que ele tinha na bunda e que se parecia como *meréwa*¹²⁶. “Então vai comigo, eu quero matar muito peixe”, disse Ñapirikoli ao seu sobrinho. Ele assim o levou consigo. Chegando ao local, Ñapirikoli o deixou sentar em um galho de *idzapa*¹²⁷, e da sua ferida caía um líquido, no mesmo instante os peixes começavam a se aproximar. Ñapirikoli começou a flechar os peixes, ele estava muito empolgado em ver tantos peixes querendo lambe o líquido que caía da ferida de seu sobrinho para água.

Não demorou muito e o filho de Heeri chamou o seu tio, “Ñapirikoli, vem me buscar, está vindo o *maíwa*¹²⁸, que vai me comer”, “Ah não! Deixa ele vim que eu vou flechar e matar ele”, respondeu Ñapirikoli, pensando que o *maíwa* chegaria perto para morder e assim o mataria. O *maíwa* estava quase perto e falou novamente, “Ñapirikoli, vem logo me buscar, ele já está quase perto, o meu pai não me deixa sentar desse jeito. Vem logo me buscar, ele já está perto”, “Deixa chegar perto que eu vou flechar ele”, respondeu Ñapirikoli. Os peixes cada vez mais se aproximavam dele. Quando ele disse que o *maíwa* já estava ali, não deu nem tempo de o Ñapirikoli ver, o *maíwa* puxou de longe, fazendo um redemoinho. Não deu tempo de salvar o menino.

Ñapirikoli voltou para casa, sem saber o que fazer. Heeri chegou em casa e procurou o filho, “Cadê o meu filho?”, “*Maíwa* comeu”, respondeu Ñapirikoli, “Oh! E agora?”, respondeu o Heeri Assim ele foi. Desde então Ñapirikoli fez planos de matar a sucuri. E começou a construir armadilhas para poder matá-lo.

¹²⁶ – É uma ferida que não sara, como aquelas decorrentes da hanseníase. .

¹²⁷ – Em tradução seria árvore de chuva, pois traduzindo essa palavra de baniwa para nheengatú seria *amãna mirá*. Em nheengatú chamamos essa árvore de *pirá abadí*, que em tradução seria de *adabí* de peixe. Essa árvore sempre tem galhos caídos para baixo, por que foi ai que o filho de Heeri sentava.

¹²⁸ – Sucuri

[A gente pode pensar que se Ñapirikoli não fosse teimoso, hoje seria fácil pescar. Essa história parece com a história de Kaali e da mulher teimosa na roça, que se ela não fosse teimosa, hoje seria fácil roçar. Mulheres e homens neste caso são teimosos.]

Começou cercando o rio com *matapí*¹²⁹. O primeiro *matapí* foi colocado numa cachoeira acima da comunidade de Santa Cruz, uma hora de distância do Urânea. Ao chegar perto do *matapí*, o *maíwa* fez o rio encher rapidamente e conseguiu escapar. Assim foi. Em seguida, abaixo da comunidade de Jutica, no rio Waupés, fez outro *matapí*, o *warokana*¹³⁰, deixando na cachoeira. Ele cercou bem, fez os preparos, mas mesmo assim *maíwa* conseguiu escapar passando do outro lado do rio. Assim, o *maíwa* vinha descendo o rio e sempre escapava, vendo isso Ñapirikoli fez outro *matapí* e cercou acima da cachoeira da comunidade de Carurú, ele escapou outra vez, chegando às proximidades de Iauaretê, onde escapou de novamente até chegar na cachoeira do Ipanoré, e lá escapou outra vez.

Ñapirikoli começou a refletir que não iria mais conseguir matar o *maíwa*. Não sabemos como surgiram os Baré e nem a sua origem, mas chegando em Ipanoré, lá tinham dois homens e uma mulher que dominavam essa região, tal como Ñapirikoli dominava o Alto Vaupés e o Wapui no rio Aiari e o seu afluente, o rio Waraná, além de outros rios desta região. Ñapirikoli pensou em negociar com eles para ajudarem a matar o *maíwa*. Assim foi e encontrou o Buburi e Curucui, dois irmãos, e Adana, uma bela índia. Conversou com eles, dizendo que o *maíwa* havia engolido o seu sobrinho. Então os três cercaram a cachoeira do Buburi e deixaram o *matapí* na cachoeira onde se encontra hoje a cachoeira do Curucui, em São Gabriel da Cachoeira. Assim, eles cercaram a cachoeira e fizeram o *matapí*. Ele dividiu os seus vigias que iriam ficar entre Táwa e Camanaus. Cada vigia tinha um ponto estratégico para monitorar. O *dokotiali*¹³¹

¹²⁹ – É uma armadilha que tem formato de funil, feito com talos de paxiúba apropriado para isso, tecendo ela com cipó titica. Usamos o *matapí* para pegar peixe, nas cabeceiras de igarapés.

¹³⁰ – *Matapí* que tem goela.

¹³¹ – É um passarinho, em nhengatú chamamos de *tamboripará*

ficou onde se encontra hoje o município de São Gabriel da Cachoeira; entre Camanaus e Táwa ele deixou o titiro¹³²; e na descida da estrada de Camanaus deixou o *tatalhé*¹³³. Ele recomendou para que gritassem informando quando o *maíwa* entrasse dentro do matapí.

Assim, todos ficaram prontos, por isso que o *kakão* grita alto, e nunca grita à toa. Assim, por um tempo, os vigias começaram a gritar avisando que o *maíwa* já estava entrando e ficando preso na armadilha. Ouvindo isso, Ñapirikoli correu e viu que o *maíwa* já estava preso. Vingando-se da morte do seu sobrinho, o filho do Heeri, Ñapirikoli matou o *maíwa*, e, puxando o seu corpo de dentro do matapí, começou a despedaçá-lo. Assim começou o surgimento dos peixes que estão no rio Solimões, Amazonas e no oceano. A cabeça do *maíwa* é a origem dos peixes que se encontram no baixo rio Negro e Amazonas; por isso os pajés e benzedores sempre começam a benzer a partir desse rio, onde se encontram hoje o peixe boi, o pirarucu, o aruanã e outros tipos de peixes.

[Esse fato aconteceu Alto Vaupés, próximo a Urânea, Colômbia. Nessa região muitas coisas aconteceram antigamente. Meu pai falava muito, usando a palavra Quiari, para se referir à região do Alto Vaupés e Papuri. Lembrando-se da narrativa anterior, sobre a grande árvore, que seus galhos também se transformaram em grandes cachoeiras perigosas e traiçoeiras, que eram galhos de Kalittadapa. É por isso que na maioria das vezes em que há um naufrágio, dificilmente há sobreviventes. Lembrando que as armadilhas que foram deixadas por Ñapirikoli e seus ajudantes também se transformaram em enormes e perigosas cachoeiras. Quando o peixe entra no matapí, não sai mais, ficando preso. O mesmo se passa quando pessoas caem nas cachoeiras. Quando algum barco alaga e caem dentro destas cachoeiras, em outros olhares elas são grandes matapis. Ao nosso olhar são apenas cachoeiras, mas aquilo que não vemos nelas as tornam muito perigosas. Quando navegamos nessa região onde tudo aconteceu, além de apreciarmos as belezas naturais, nos sentimos corajosos, pois esta paisagem remete

¹³² – Um arapaço preto

¹³³ – Um pássaro chamado *kakão* em nheengatú

sempre a sua importância quanto aos fatos acontecidos. Por isso sempre conversamos com os donos dos lugares pedindo para que nada de ruim aconteça. É de admirar a bravura e coragem das pessoas que navegam constantemente nestes lugares, conhecendo todos os pontos, sempre fugindo do perigo, contando com a sorte ou contando sempre com a proteção deles próprios.

Nessa luta de querer matar a sucuri que engoliu seu sobrinho, Ñapirikoli contou com as pessoas que fazem parte da história de São Gabriel da Cachoeira: Adana, Curucui e Buburi. A formação da ilha de Adana, localizada no Rio Negro, envolve um caso de amor. Bem ao meio do Rio Negro existem duas corredeiras, Buburi e Curucui. Eles são dois bravos guerreiros que disputam o amor de uma linda moça chamada Adana. Adana fugiu com Curucui de canoa; Buburi foi atrás do casal, os alcançou no meio do rio e numa altercação, todos morreram afogados; os corpos dos dois guerreiros se transformaram nas cachoeiras ou corredeiras, e o da bela índia na ilha que, em homenagem a ela, chamamos hoje de ilha de Adana.

Quando se sonha mal¹³⁴, melhor não arriscar a passar por essa cachoeira. Um desses guerreiros era mau e outro tinha um bom coração. Devido a essa diferença de caráter, às vezes algo acontece. É um lugar sagrado, muito respeitado, que carrega linguagem de benzimento específica. Lá no fundo existem cavernas imensas, e muitas pessoas acabam desaparecendo; os corpos ficam guardados lá com eles. Essa é uma das hipóteses que eu penso, pois tudo está vivo, eles estão vivos, sempre foram e sempre serão eternos. Sempre há mistérios, não duvidamos disso. Eles como bravos guerreiros ajudaram Ñapirikoli a matar o maíwa.

Com a morte de Maíwa, surgiram alguns tipos de peixes que só existem em alguns lugares específicos. Tudo vai ganhando sentido para a construção e transformação do que viria a ser nosso mundo.]

¹³⁴ – Quando se sonha à noite, é muito importante saber o significado do sonho, pois sabendo isso, pode-se evitar várias coisas. Exemplo: se de noite você sonhou vendo uma linda mulher de olhos azuis, esse sonho não é bom, pois se for caçar ou ir para roça, você pode ser picado por uma jararaca, então o sonho já te avisa — é melhor ficar em casa..

Koittínawheri

Num lugar em Urânea, próximo à Colômbia, existe um lago chamado de *yurupari macaco lago*¹³⁵. Koittínawheri sempre se transformava em mutum, e sabia que o Ñapirikoli caçava. Naquela época ele não sabia o que era noite, pois ela ainda não existia. Um dia Ñapirikoli ouviu mutum cantando e disse, “Um dia eu vou caçá-lo”. Depois de um tempo, quando já havia noite, ele ouviu o mutum cantar novamente. Ele pegou o seu *turi*¹³⁶ e a sua zarabatana e foi em direção do cantar de mutum, chegando em embaixo de um wapuizeiro, ele estava deitado e continuava cantando.

Ñapirikoli olhou e, de repente, não tinha nada. Estava meio escuro, chegando mais perto e com isca, *koittínawheri* deixou o seu rabo chegar na terra. Ele na verdade era uma cobra. Ñapirikoli ouviu um canto assim, *hum, hum, hum*, e nesse cantar ele dizia: “Ñapirikoli não vai me flechar”. Ñapirikoli pensou consigo mesmo: “Por que ele está me falando isso?”. Já estava amanhecendo e o mutum continuava cantando: “*Ñapirikoli makotsa hoa*”, ou seja, “Ñapirikoli não vai me flechar”.

Ñapirikoli continuou procurando pelo mutum, já estava clareando, mas no wapuizeiro ele não via nada, estava escuro. Mas Ñapirikoli sempre anda com seus equipamentos, sempre prevenido, tudo o que precisava carregava com ele. Na sua patrona¹³⁷ tinha o *ipadú*, cigarro, tabaco, peneira, *japurá*¹³⁸, *ukuki*¹³⁹, tudo que

¹³⁵ – É nome de um lago que é macaco da noite. Hoje em dia as pessoas ouvem o canto do mutum, mas não deve ser caçado porque é cobra que canta igual mutum, existe muito isso nessa região.

¹³⁶ – É uma árvore, dela nós tiramos uns talos para ser a nossa lanterna indígena, ela acende bem e demora para apagar, muito usado por nós para fazer o fogo.

¹³⁷ – Essa sacola é a origem dos benzimentos. É como se fosse uma bolsa, que nossos avós sempre usaram para guardar tudo.

¹³⁸ É uma fruta comestível, mas tem todo processo para se tornar uma pasta cremoso, como se fosse um queijo. Possui um cheiro muito forte, usado para colocar na comida.

¹³⁹ É uma fruta amarela, muito doce, mas a casca dela possui uma camada, se parecendo muito com uma carne. O caroço serve para fazer apito, brinquedo indígena.

precisava. Já estava mais claro; sem querer, Ñapirikoli pisou no rabo do *koittinawheri*, que caiu em cima do Ñapirikoli e o comeu. Ñapirikoli entrou na barriga dele, pegou a sua peneira e fincou na frente dele, pois sabia que a cobra iria engolir várias coisas na intenção de matá-lo.

A cobra desceu com ele para o rio e engoliu o *dzakapedali dzakale*¹⁴⁰, mas não chegava nele porque a peneira tampava; depois de um dia Ñapirikoli pegou o seu japurá e espremeu, fazendo com que a cobra arrotasse e expelisse um cheiro de podre. A cobra disse, “Ñapirikoli já morreu, mas vou comer mais areia para matar ele de verdade”. Assim foi. Ela comeu a areia num lugar chamado *kaidakoadzale*¹⁴¹ e Ñapirikoli fez o mesmo. Depois de dois dias ele espremeu a massa de japurá e arrotou um fedor mais forte, dizendo: “Ele já morreu mesmo”. A ideia da cobra era vomitar Ñapirikoli no oceano. Mas ela ainda, numa terceira vez, comeu *motowha koadzakale*¹⁴², e Ñapirikoli fez a mesma coisa, espremendo o japurá. Dessa vez a cobra tinha absoluta certeza de que havia matado ele e disse: “Agora sim morreu mesmo”, seguindo sua viagem para baixo até o oceano.

Ñapirikoli falou consigo mesmo: “Como você não vai conseguir me matar, eu é que vou te matar”. Antes disso, a cobra resmungou: “Vou vomitar para ver se ele morreu mesmo, e se já está podre”. Ouvindo isso, Ñapirikoli pegou *ukuki* e raspou e ao vomitar a cobra viu que saiu muitos pedaços de carne, pensando, “Ñapirikoli morreu mesmo”.

“Agora eu é que vou te matar, já que você não conseguiu me matar”, disse o Ñapirikoli. A cobra ia descendo o rio com ele em direção ao oceano, Ñapirikoli então puxou a sua sacola onde ele tinha de tudo para se defender e matar os seus inimigos. Ele pegou a flecha com curare e enfiou na barriga da cobra; a flecha quebrou, ele pegou outra e fez o mesmo e mais outra, e disse, “Com esses já é suficiente para você morrer”.

¹⁴⁰ – É nome de um lugar, mas na qual só tinha folhas, seria lugar de folhas mortas, que estão no fundo do rio.

¹⁴¹ – Praia

¹⁴² – Lama

A cobra morreu e foi boiar no *onidiaka*¹⁴³, lugar onde as águas dão volta. Depois disso Ñapirikoli ouviu o barulho de *mooné*¹⁴⁴ — “Acho que estou em cima da água”, e pensou: “Como vou sair da barriga da cobra?”. Ele pensou, pensou e depois de um dia ouviu o *demo* (beija flor vermelho) falar. Ñapirikoli possuía um *hiwaroya* (tipo de faca); “*Corta a barriga da cobra com seu hiwaroya para você poder sair*”, dizia o *demo*. Na mesma hora, ele pegou a sua faca e cortou e conseguiu sair. Ñapirikoli viu que estava no mar e se transformou em *iwido*¹⁴⁵ e ficou cambaleando. Como ele estava muito fraco, se transformou para poder se esconder dos seus inimigos, e foi para a praia. Assim começa o benzimento para devolver o espírito dos doentes que estão em estado grave. Vendo isso os Eeonai, que eram os inimigos de Ñapirikoli, deram água para ele beber e recompor a sua saúde. Todo lugar para onde Ñapirikoli ia, os seus inimigos os seguiam até voltar para a sua casa que é Warokoa, no Rio Aiari, afluente do Rio Içana. Nesse retorno, eles davam água para ele beber, seguindo-o até chegar ao chamado *karapaá*¹⁴⁶, lugar onde está a árvore angelim; todos os tipos de animais e *maíwa* bebem o néctar das flores dela durante a madrugada. Os Eeonai tiravam o néctar das flores e davam para ele beber, não somente o néctar das flores de *karapaá*, mas de todas as frutas. Isso estava devolvendo força para ele não cambalear; onde eles paravam davam nome a esse lugar. Quando chegou no *ira* (mel), deram para ele tomar mel e nesse lugar existe uma pedra, ele ficou com esse mesmo nome de *ira*.

Eles foram seguindo viagem até chegar a *Dodoriwheri*¹⁴⁷, um igarapé que fica ao lado de Tunuí Cachoeira. Lá ficava uma cobra do tamanho do igarapé, que sabia que Ñapirikoli ia passar por ali para matá-la. Entraram com ele num buraco

¹⁴³ – Oceano

¹⁴⁴ – Tipo de vespa, em nheengatú é *mamanga*. Quando a gente toma banho ela sempre voa em cima do cabelo.

¹⁴⁵ – Pássaro maçarico, ele tem um jeito de andar, mexendo seu corpo de um jeito. Pois Ñapirikoli estava quase morrendo de fome, quando conseguiu sair, e de tão fraco que estava, por isso maçarico tem o seu jeitinho de andar, que era Ñapirikoli que se transformou para fugir dos seus inimigos

¹⁴⁶ – Angelim, uma madeira de lei.

¹⁴⁷ – Coral

chamado *idzana*¹⁴⁸ e foram sair na foz do Cuiari. Deram para ele beber a água da cuia, *koyadali dzakale*¹⁴⁹; durante a viagem, deram para ele tomar água do *doomate*¹⁵⁰, *cucura*¹⁵¹ e de outras frutas, até chegar à Cachoeira de Wapui. Acima de Wapui deram para ele tomar água do *cucura*, neste lugar existe uma pedra de *cucura*. Viajaram até chegar em Warokua (Ponta do Papagaio), sua terra ou sua comunidade. Lá deram para ele tomar a água da flor do *wana*¹⁵². Chegando à sua comunidade, Ñapirikoli sabia que a cobra que havia matado já estaria podre; então, resolveu voltar e ver se ela realmente estava. Viu que estava podre e cheio de tapurus (bichos).

[Esse mito inicia um momento muito importante, pois Ñapirikoli conseguiu sair da barriga da sucuri nos seus últimos momentos, pois estava quase morrendo. Assim, ele conseguiu voltar do oceano até Warokoa, que fica no rio Aiari, afluente do Içana. Nesse momento em que ele retorna, seus inimigos por perto estão querendo matá-lo, mas os Eeonai foram muito importantes nesse processo de salvá-lo. O percurso dele de volta para casa é o mesmo percurso feito pelo pajé ou benzedor para recuperar e salvar o espírito do doente. Eles fazem tudo que foi feito por Ñapirikoli, os tipos de néctares das flores no benzimento são os mesmos, passando pelos mesmos lugares. Ele foi salvo por seus inimigos, que davam a ele de beber os néctares de todos os tipos de flores.]

¹⁴⁸ – É nome de um lugar chamado de poço de chuva, em Nheengatú é *amãna poço*

¹⁴⁹ –

¹⁵⁰ É uma frutinha comestível, existem vários tipos e cores. Encontramos as frutinhas na beira do rio ou igarapés, são doces.

¹⁵¹ É uma fruta muito doce de cor preta e vinha. Mas é conhecido como fruta da Amazônia.

¹⁵² – Flor de embaúba.

Oliamali

Houve um tempo em que Ñapirikoli andava com suas netas, cunhadas, sobrinhas, tias, avós, tendo-as como suas esposas. Certo dia, lá em sua comunidade de *Warokoa*¹⁵³, no rio Aiari, sua esposa estava tendo um caso com *Oliamali*. Ela se encontrava todo dia com ele quando Ñapirikoli saía para caçar. Ñapirikoli sempre pescava e caçava o dia todo, ele não ficava em casa, estava sempre caçando pela floresta. Naquele tempo, os *Dapathiaro*¹⁵⁴ eram duas crianças que gostavam de pescar com seus caniços na beira do rio, sempre dando gargalhadas. Eles espantavam os peixes do Ñapirikoli com suas brincadeiras e acabavam atrapalhando; ele então pediu para que eles fossem embora para casa, dizendo: “Ah! Vocês não escutam, saiam daqui e me deixem pescar, ou vou bater em vocês”. Assim ele disse aos Dapathiaros.

[Essa narrativa já começa com uma questão muito importante sobre a sociedade de hoje, no mundo em que vivemos. Nessa época, Ñapirikoli tinha caso com sua tia, suas sobrinhas e assim por diante, todas elas eram suas esposas. Mas ele fazia isso não porque gostasse, mas já pensando nos filhos e filhas da nova geração que estavam por vir. Em outras palavras, diria que foi poligamia, pois tinha várias mulheres. Pois bem, ele fez isso porque queria ver se seus filhos teriam uma cabeça boa de não cair em tentação; ele estava imitando esse mundo na qual estamos vivendo hoje.]

Hoje o mundo está um caos, várias notícias falando sobre mortes e sobre a questão de pedofilia nas famílias. Quantos casos têm hoje, é uma situação muito preocupante. Hoje há homens com várias esposas. Nesse mundo de antes, tudo era uma simulação, não eram verdadeiras mulheres dele; ele estava prevendo para nós hoje em dia, sabendo que em nosso mundo haveria muitas maldades. Ele na verdade já estava imitando nosso mundo.

Isso tudo aconteceu abaixo da comunidade Warokoa. Hoje, nesse lugar, existe uma enorme pedra no meio do rio, com o formato de um sofá, bem plano, onde Oliamali deitava com a esposa de Ñapirikoli. Toda vez que Ñapirikoli ia pescar, os meninos sempre

¹⁵³ – Comunidade de Ñapirikoli, chamado de ponta de papagaio

¹⁵⁴ – Passarinhos pretos que vivem sempre na beira do rio, essa época eles eram meninos e se transformaram em passarinhos.

estavam por perto, brincando e pescando. Como de costume, as crianças são muito espertas, sempre brincam na beira do rio, mergulhando ou pulando de árvores para a água. Quando elas ainda são pequenas, costumam pescar no porto, na beira do rio, perto das canoas onde tomamos banho. As crianças têm esse jeito de pescar perto de casa, ainda são incapazes de ir para longe pescar.]

Mas não deram ouvidos a ele. Ñapirikoli disse aos *Dapathíaro*: - “Vocês não escutam mesmo né? Para não bater em vocês, vou quebrar os seus arcos e flechas”. E correu atrás deles, tomou os arcos e os quebrou *dalé...dalé...dalé*. Assim o fez.

Os dois *Dapathíaro* ficaram apenas observando a atitude do Ñapirikoli. Um dos meninos disse: “Ñapiriko? Você é sem noção e não sabe respeitar, é por isso que você não sabe o que sua mulher faz pelas suas costas.” “O que minha esposa faz?”, disse Ñapirikoli. “Digam-me, mas antes disso vou consertar o arco e a flecha de vocês, depois me contem”. Assim o fez.

Eles disseram ao Ñapirikoli: “Sua mulher tem um homem! Tal hora você vai esperar para ver. Ela sempre vai dar um sinal através de uma batida, repare para ouvir”, “Está bem!”, respondeu Ñapirikoli. Assim, os meninos *Dapathíaro* foram embora.

Toda vez que o Oliamali ia com ela, sempre dava uma moeda de prata, como se fosse o pagamento.

Ñapirikoli esperou no horário para ver se era verdade o que os meninos tinham lhe dito e começou vigiar a sua esposa. Ela ia para roça rapidamente, chegava, raspava e ralava mandioca tudo com rapidez. Por que ela sabia do horário da chegada de Ñapirikoli da pescaria. Então, ela precisava fazer tudo com rapidez para descer para a beira do rio. Virava o ralo para água e batia *tó τό τό τό τό to*, isso era para chamar o Oliamali, que vinha em forma de um homem branco e bonito.

[Quando Ñapirikoli quebrou o arco e flecha dos meninos, surgiu o “kurasí ruwíwa” em tradução seria “flecha do sol”: é um tipo de bambu pequeno que temos hoje. Ele pode ser encontrado nos campos. Esse bambu tem nódulos de onde foi emendado, eles são as marcas de onde foi consertado; as marcas são bem visíveis. O sucurijú se transformava em um homem branco e bonito, mas no outro mundo ele era um ser muito diferente, apenas colocava uma capa ou uma roupa para ter outra aparência.]

Ñapirikoli apenas observava de longe a atitude de sua esposa. Ele foi atrás dela para vigiar, e viu quando Oliamali chegou com ela. Para ela, o seu marido estava na pescaria. Na verdade, Ñapirikoli havia enganado, dizendo que iria caçar, e voltou para vigiá-la.

Depois de ter visto que tudo o que os meninos haviam lhe contado era verdade, ao descobrir que sua esposa teve relação sexual com Oliamali. Ñapirikoli ficou com muita raiva e quis se vingar: “Agora eu vou matá-lo!”.

Ele ficava sempre atento a tudo que ela fazia. Todo dia ela fazia beiju¹⁵⁵. Ñapirikoli via as moedas de prata que ela recebia de Oliamali; ela as enrolava na beira da sua saia. Certo dia, Ñapirikoli esbarrou nela de propósito; a moeda caiu e ele disse: “O que é isso? Onde encontrou?”. —“Ah! Eu a encontrei”, respondeu ela. — “Ah, tudo bem”, falou Ñapirikoli, fingindo acreditar nela. Toda vez que ela voltava do porto, ele esbarrava nela de propósito.

Certo dia Ñapirikoli disse: “Depois de amanhã vou matar o Oliamali”. Ñapirikoli usava uma zarabatana normal para caçar, mas não a apropriada para matar um ser do outro mundo. Então, ele chamou o *Hoiniri*¹⁵⁶ e pediu ajuda. Além disso, chamou os vigias dele, os mesmos que o ajudaram a matar *Iniriferi: tamboripará, dokotiali, japu e tatalé*. Ele sabia que o Oliamali vinha de baixo. O primeiro vigia foi o cação (pássaro); no meio deixou o japu, e por último deixou

¹⁵⁵ – É feito de massa de mandioca, massa pura sem nenhuma mistura com goma. Seria o nosso pão de cada dia, que não pode faltar na mesa, para comermos com peixe.

¹⁵⁶ –Curupira da floresta que tinha flechas com veneno. Ele é o dono da zarabatana.

o *dokotiali*. “Quando o Oliamali passar grite para me avisar”, disse Ñapirikoli ao *tatalé*.

Demorou uns minutos o *tatalé* começou a gritar *cá cá ca' cá cá cá*. “Ah! Lá vem ele”, disse Ñapirikoli. Depois de um tempo, o japu gritou: “Ah! Lá vem ele”; finalmente, Ñapirikoli o viu vindo: um homem branco numa canoinha. A mulher já estava sentada na pedra, esperando Oliamali. Chegando, ele saiu e perguntou: “Cadê o Ñapirikoli?”. —“Ah! Ele foi para a floresta caçar e ainda não chegou”; —“Será?”, respondeu Oliamali, “tem certeza?”. —“Sim, ele foi embora”. Na verdade, Ñapirikoli estava em pé, escondido entre as árvores, vendo a eles. No entanto, o Oliamali já sabia que algo não estava certo. Sabia que talvez ele os pudesse estar vendo.

Mesmo assim, foram se deitar na pedra e começaram a ter relação sexual. *Hoiniri* disse a Ñapirikoli, “Agora pode flechar”, ele apontou a zarabatana e soprou, mas a seta foi em cima da água, se transformando em cobra *surucucu*. Quando colocou a segunda, o *Hoiniri* disse, “Ñapirikoli, você estragou os seus filhos, pois na ponta da fecha tinha *kurári*, veneno. Não é assim quando se quer matar alguém”.

[É superimportante notar que nos lugares onde tudo aconteceu, tudo se transformou em pedra. No lugar onde Ñapirikoli se escondia para vigiar sua esposa, hoje há duas enormes pedras bem altas, porque onde ele estava ele tinha uma boa vista da esposa e seu amante.

Eu sempre penso na importância dos vigias, como eram pessoas. Conforme sua fala ou sua voz eles se transformaram em aves, mas eles continuam com todo talento para nos alertar dos perigos existentes na floresta. Eles foram os vigias de Ñapirikoli e continuam sendo os nossos hoje em dia.

Além dos vigias, Ñapirikoli chamou Hoiniri, ser da floresta que é o dono da zarabatana. Na hora certa, Hoiniri pediu para Ñapirikoli flechar os dois na hora que estavam fazendo relação sexual. Ñapirikoli pegou a zarabatana e soprou, mas não sabia a forma correta de fazer isso. Foi fazendo do jeito que sabia, e quando soprou a flecha

ela caiu na água, transformando-se em cobra muito perigosa, a surucucu. Ñapirikoli não sabia manusear a zarabatana, eram três flechas para as primeiras três flechadas, mas mesmo assim ele não conseguiu acertar da maneira que queria. Ñapirikoli fez três tentativas de matar, e com esses três flechadas é que deu origem as três cobras mais venenosas: a cobra verde, a jararaca e a surucucu.

Quando Hoiniri viu a besteira que Ñapirikoli tinha feito, disse, “Ñapiriko, você estragou seus filhos”. Ele tinha criado desta maneira cobras que são traiçoeiras, isso porque na ponta das flechas tinha o kurári, que é o veneno da cobra. De fato, isso ficou para nós, tem vezes que conseguimos escapar, tem vezes que as cobras nos levam à morte, mas podemos remediar com as próprias plantas da floresta.]

Hoiniri pegou de volta a sua zarabatana que estava com Ñapirikoli e disse: “Assim não se faz com zarabatana, vou te ensinar”. Então, pegou a zarabatana, apontou para cima e com a palma da mão bateu; a flecha subiu e foi bater no céu; quando voltou, atingiu *Oliamali* no ombro, mas ele não sentiu nada. Hoiniri pegou a segunda flecha que também bateu no céu e voltou atingindo *Oliamali* no quadril, aí ele sentiu, levantou e pulou na água, e não mais na canoa dele. A mulher levantou e ficou olhando ao redor para ver se tinha alguém vendo, mas não encontrou ninguém. No entanto, Ñapirikoli estava lá em cima, bem na barreira.

[Além das flechas se transformarem em cobras venenosas, Hoiniri fez aquela técnica única para matar Oliamali. As pontas das flechas que entraram no corpo do Oliamali se transformaram em walama que é uma doença muito grave: sentimos dores no corpo, dor de cabeça, dor de estomago, dor de dente. Ela pode afetar qualquer um, pois esses sintomas são considerados como doença da vingança. Os pajés quando querem se vingar de alguém fazem isso. Os nossos pais não nos permitem jogar bola no sol quente, pois há esse perigo, o da doença do mundo que vem através do vento. Ela também pode vir através do raio. Os mais velhos sempre se referem a isso, como se as flechas viessem da mesma forma, como se estivesse atirando seu veneno sobre alguém.]

Logo em seguida, ela saiu para casa. Depois disso Ñapirikoli foi embora caçar. Horas depois, Ñapirikoli chegou em casa com caça.

— “Como vai?”

— “Tudo bem!”, disse sua esposa

— “Alguém chegou com você?”.

— “Não”, respondeu ela.

— “Verdade?”

— “Verdade”

— “Ah! Tudo bem então. Mas é que quando temos *awasá* (amante), às vezes nós o escondemos”, disse Ñapirikoli.

Três dias se passaram e, sabendo que sua esposa faria beiju, Ñapirikoli disse, “Vou pescar para fazer um assado”. Ele pegou sua canoinha e desceu. Na verdade ele nem foi pescar. Ele sabia que o Oliamali já estava podre e que os seus filhos já tinham saído do seu corpo em forma de peixinhos: esses eram seu esperma. Ñapirikoli foi buscar o filho de Oliamali, transformando-o em um peixinho chamado *maiwa rakunha*¹⁵⁷. Apenas um era de verdade que era seu filho de verdade, os outros eram peixinhos normais.

Ele retornou da pescaria e foi assar os peixes na brasa do fogo, enquanto sua esposa fazia beiju. Ele disse que ela não poderia comer o assado com ele. Quando ficou pronto, ele tirou o assado e deixou deitado, pegou pimenta e começou a comer. “Ñapiriko, dá o assado para eu comer também?”. — “Ah! Não, esse assado é meu, é só para mim”, disse Ñapirikoli. Ela voltou a pedir novamente; a resposta foi o mesma. Na terceira vez, ele disse: “Phá! Você sim, não escuta”.

Na verdade, ele já havia separado o filho de verdade do *Oliamali*. Pegou-o, colocou no beiju e deu para ela comer. Com isso Ñapirikoli *umusarunwã* ela, ou seja, a estragou.

Depois de engolir o último pedaço do peixinho, ele disse: “Ah! Como é gostoso comer o pênis do *awasá kwera* (amante)”. — “Ñapiriko, por que você fez

¹⁵⁷ – Pênis de Sucuri. Esse peixinho tem um cheiro de pitiú. Ele não é comestível para nós.

isso?”, disse ela, pegando uma cuia e correndo para o porto para tentar vomitar. Outros peixinhos saíram, menos o *maíwa rakunha*, que não saiu. Com isso, ela engravidou. Quando o filho nasceu, nasceu como *maíwa* (sucuri); mas quando ele se transforma, ele é um homem branco.

[Quando Ñapirikoli disse que ela não podia comer, pois de fato ela não poderia, ele estava testando para ver se a mulher obedeceria. Pois tudo o que acontece nesse momento, as consequências ficaram para nós. Nesse momento surgiu a teimosia das mulheres, em não saber ouvir um não, elas ficam teimando e insistindo. Esse legado ficou para as mulheres, a da teimosia, nem todas, mas algumas têm isso muito forte, mas não é somente mulheres, os homens também são desobedientes, como contou minha tia Bibiana sobre Kaaly.]

Sarumwasá é uma palavra sem tradução, mas seria algo inacreditável, pois quando você come peixe cru, você começa a ficar doente, muita diarreia, dor de barriga insuportável, isso é saruwã. Algumas vezes, quando não tiver pajé para te chupar e tirar sua doença, a sua barriga começa a crescer, fica como se você estivesse grávida. Para os brancos isso é conhecido como mioma, para nós isso é maíwa, mas para isso tem uma planta que se chama “maíwa timbó” (timbó de sucuri). Quando se toma esse remédio, na noite seguinte você terá um sonho e nesse sonho você vai ver alguma coisa saindo de seu corpo, mas ao acordar não poderá contar nada do que viu a ninguém. Caso contrário, o efeito do remédio na pessoa pode fazê-la parir um maíwa, que assumirá qualquer aparência. É por isso que eu, assim como outros, não como coisa crua, e sim algo muito bem cozido, assado ou frito, pois a carne mal passada nos faz mal, nossa barriga é frágil, temos que ter todo cuidado.]

O filho dela cresceu, mas ele não desgrudava de sua mãe em nenhum momento. Ela ia para um lugar, lá estava ele. Sua mãe já não comia direito, não sabia mais como fazer para respirar um pouco, isso a incomodava. Certo dia, ela

inventou de pedir para ele subir no pé de *kumã*¹⁵⁸. Ele subiu no pé de *kumã*, mas o seu rabo ficou enrolado no pescoço da sua mãe. A cada minuto ele chamava por sua mãe e ela respondia. Então, ela resolveu pegar *sapukaya castanha*¹⁵⁹, cuspiu dentro, e assim toda vez que ele chamasse o seu espírito o responderia.

Ela tirou o rabo dele com muito cuidado e o deixou segurando na beira do *sapukaya castanha*. Ele chamava e a saliva da sua mãe respondia. Com o passar das horas a saliva foi secando; chegou um momento que já não tinha mais nada. Sua mãe fugiu para casa, dizendo: “Eu já estou cansada dele. Vocês poderiam me esconder dele?”. — “Tudo bem”, disseram os seus parentes. Assim fizeram. Eles tinham um enorme prato chamada de *bapaá*, colocaram ela dentro. Mas eles sabiam que o filho dela era muito inteligente.

O filho percebeu que a mãe o havia deixado, e disse: “A minha mãe me deixou”; desceu rapidamente da árvore, dizendo: “Cadê você, minha mãe, cadê você?”. Ele chamou *akali*¹⁶⁰ (*taúka*), para eles fazerem uma varredura e encontrar sua mãe. Eles entraram em cada burquinho; havia um burquinho no *bapaá*, mesmo assim não conseguiram encontrá-la, mas quando já estava acabando ele disse: “Ah! Vocês ainda não sabem”, chamando o *dzawarro*¹⁶¹. Eles entraram na casa, foram *mulilililili*, vasculhando cada mini-buraco, ela não aguentou mais de ficar dentro do *bapaá*, pulou e saiu.

— “Ah!”, disse seu filho, “Olha aí a minha mãe”. O filho estava benzendo, ele estava sentado na cumieira da casa.

¹⁵⁸ – Árvore de onde é extraído o látex, a seiva serve para rebocar canoas; sua fruta é comestível.

¹⁵⁹ – Castanha da galinha é uma fruta.

¹⁶⁰ – Tipo de formiga, ela tem ferrão muito doloroso. Segundo minha finada avó, quando fossemos picados por elas, apesar da dor, não poderíamos coçar, pois se fizéssemos isso, na hora de fazer mujeca ou mujica (peixe com farinha e pimenta), não ficaria gostoso. Ficávamos, então, apenas pulando com a dor (risos).

¹⁶¹ – Em nheengatú chamamos de *doido*, são formigas, elas não ferram, mas ficam apenas mordendo, fazendo cosquinha.

[Quando ele chama *taúka* e *dzawarro*, essas formigas sempre andam em montes, vão entrando em cada buraco, o que eles encontrarem pela frente vão botando para correr. Aqui se inicia o *mutawarisá* (benzimento). Quando os nossos avós antigamente e nossos pais hoje em dia, vão buscar terra firme para fazer roça, através do benzimento invocam esses tipos de formigas para fazer uma varredura antes de ele começar a roçar e derrubar. Quando se faz isso e não se encontra nada, é porque tudo já está limpo, em outros olhares].

Ñapirikoli procura a noite

Antigamente, no tempo do Ñapirikoli, não havia noite e o sol não mudava de lugar. Ele era o dono de tudo. Um dia, Ñapirikoli foi buscar sua esposa, que é filha de *Dephíferi*¹⁶². Naquele tempo se trabalhava, voltava-se para casa, ia-se caçar e pescar, mas o dia sempre continuava. O dia era sem fim.

Quando a filha do *Dephíferi* veio para mundo de Ñapirikoli, viu que era diferente. Então ela disse: “Ñapirikoli? Esse mundo em que você está é ruim. Onde meu pai está é bom”, disse ela. O meu pai vai trabalhar e volta ao entardecer, faz a comida, e vai dormir.

— “Onde fica?”, perguntou Ñapirikoli.

— “Fica no lado do mundo”, ela disse.

— “Então, vou buscar para nós”, disse Ñapirikoli.

— “Está bem”, respondeu sua esposa.

Assim foi. Chegando na casa de seu sogro *Dephíferi*, Ñapirikoli cumprimentou-o e disse: “*Nofhé* (meu avô), eu vim pegar com você a noite”. — “Ah, tudo bem Ñapirikoli! Tudo bem! Cadê a vasilha?”. Ñapirikoli tinha feito um

¹⁶²

– Dono da noite.

enorme *panakú*¹⁶³, “Está aqui”, o seu sogro olhou e disse, “Se eu te der tudo isso, você vai matar seus filhos que virão, eles não iam acordar mais, esse muito é forte. Eu vou te dar a noite nesse”, e foi buscar o carocinho de tiririca, que é do tamanho de um grão de pimenta do reino. “Eu vou te dar nesse, Ñapirikoli”, disse *Dephiferi*. “Está bem!”, respondeu seu genro.

O tamanho do caroço que ele deu era miudinho. Dentro dele ele colocou a noite. “Amanhã você vai retornar e você só vai poder abrir quando chegar na sua casa, mas esse *panaku* vai pesar muito”, disse o *Dephiferi*. Ele botou a alça, colocou nas costas e foi embora. No meio do caminho ele já não aguentava mais; tentava andar, mas logo parava de novo.

Ñapirikoli disse, “*Phaá*, o que tanto pesa aqui?”, na verdade, o que pesava era o vento. “Vou abrir e ver o que está pesando tanto”. Ao abrir o caroço bem pequeno, saiu o vento, e fez *chiii*. Ele olhou para cima e viu o sol andando, *fiuuuuuuuuuuuu*, tentou fechar, andou, andou e viu que cada vez mais e mais estava ficando tarde. Ñapirikoli estava no meio do caminho e começou a escurecer.

Sentou e olhou para onde o sol estava se pondo. Amaro naquela época morava no mesmo local, mas não como sua esposa. Ela sabia que era Ñapirikoli que estava passando por aquela situação, sorriu e disse:

“Olha como ele passou, vai sofrer muito essa noite”. Então ela tirou os seus pelos do sovaco e disse: “*Tummmmm* Ñapiriko”, e jogou em sua direção. Nesse momento surgiram os pernilongos, que começaram a picar ele: *tchain tchain tchain*. Ñapirikoli fez um cigarro e disse, “Ah, essa é Amaro que está zuando”, Ñapirikoli benzeu e direcionou os pernilongos para o tatu.

[Acho incrível como as coisas vão surgindo, nessa parte quando Amaro puxa seus pelos do sovaco e eles se transformam em pernilongos. Como as coisas foram surgindo

¹⁶³ – É uma cesta feita de folha de patuá, parecido com o jamaxim; poderíamos pensá-la como uma mochila de viagem que carregamos nas costas. Usamos para carregar mandioca, maniva para o plantio ou para carregar frutas como patuá, bacana e ucuqui.

depende muito do momento, cada coisa tem seu momento para acontecer. Durante a noite, existem vários tipos de insetos, na mata existem muitos pernilongos. Mas Ñapirikoli, muito sábio, direcionou os pernilongos para o tatu, é por isso que conseguimos identificar o rastro de tatu, através dos pernilongos dentro da mata.]

Ñapirikoli ficou sentado no caminho, no meio da floresta. Lá pelas duas ou três horas da manhã estava começando a clarear; esse foi o momento em que ele chamou a preguiça e disse: “Minha avó, agora você sobe nessa árvore e veja de onde o sol vai nascer”. “Está bem”, respondeu a preguiça. Ela subiu na árvore, foi lá em cima e disse:

— “Ñapiriko?”

— “Ei!”, respondeu ele.

— “Vai ser daqui!”

— “De onde, *Nofhê (meu avô)?*”, disse Ñapirikoli.

— “Vai ser daqui”. Na verdade, era o ânus da preguiça que abriu, por isso Ñapirikoli viu que tinha um clarão vindo.

Ñapirikoli esperou, esperou e nada de amanhecer. Ele ouviu o urumutum¹⁶⁴ cantando e falou: “Como será? Será que está amanhecendo?”, e começou a ouvir que algo tinha mudado nas vozes de *pituna kíwa*¹⁶⁵, então Ñapirikoli percebeu essa diferença e disse “Acho que agora está amanhecendo”. Ele ouviu o jacu¹⁶⁶ batendo asa *tu, tu, tu, tu*. Os que deram sinal de que estava anoitecendo e amanhecendo foram o jacu e o mutum.

¹⁶⁴ – Ave.

¹⁶⁵ – “Piolhos da noite”; são insetos.

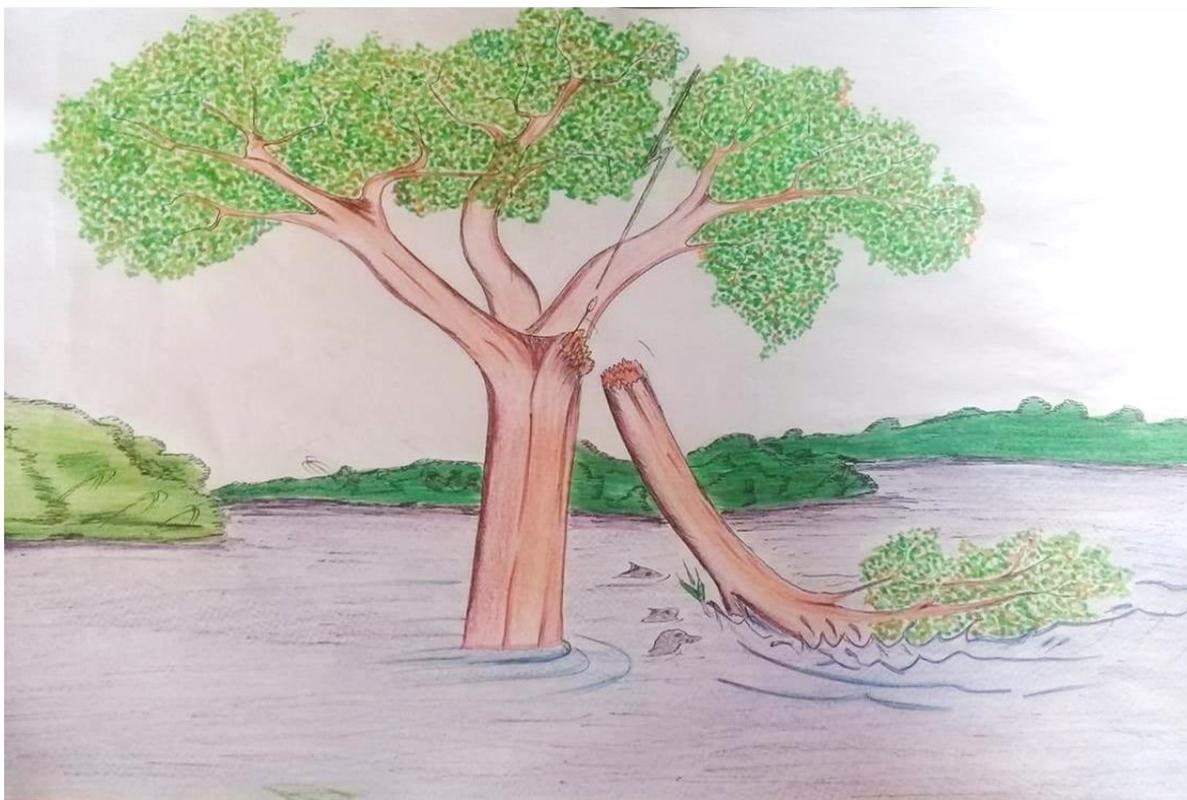
¹⁶⁶ – Ave

[É por isso que jacu, mutum e um outro pássaro, no benzimento, é dito “hekoiapitaya hionami dzawi Ñapirikoli” ou usãwa karuka e usãwa kuema. Eles cantam ao anoitecer e ao amanhecer. Eles sentem essa mudança de tempo.]

No entanto, atrás dele estava claro, o sol já havia nascido. Estava olhando para onde o sol sumiu. Em seguida, colocou nas costas o caroço de tiririca e continuou andando. Quando chegou à sua casa, sua esposa disse: “Você não acreditou nas palavras do meu pai. Ele te avisou e olha o que aconteceu contigo, você foi teimoso”.

A partir daquele momento, Ñapirikoli tinha o mesmo mundo de *Dephiferi*. Trabalhava, caçava e pescava o dia todo e ao entardecer fazia sua comida e a noite eles dormiam. Assim era. É por isso que ao dormir, é como se tivéssemos morrido, nos tornamos mortos naquele momento, é por isso que *Dephiferi* não quis dar a ele o tamanho da noite que havia pedido. Por que se desse daquele tamanho dormiríamos para sempre, seria sono mortal.

Heemalipanali



*Pé de Heemalipanali (igual como abú), onde Ñapirikoli matou todos os Eeonai
(desenho do Frank Fontes)*

Nesta narrativa mitológica, vamos viajar num mundo de muitas transformações. Esse lugar é conhecido como *Watídza nomana*¹⁶⁷ na linguagem de benzimento. Hoje ele é conhecido como Ilha das Flores, localizada rio acima de São Gabriel da Cachoeira.

Ñapirikoli matou todos os seus inimigos, seus próprios cunhados, os Eeonai. Pensou qual forma usaria para exterminar eles de uma vez. Ele lembrou que existia um pé de *Heemalipanali* e disse que seria nesse lugar. Então, desceu

¹⁶⁷ – *Watídza* significa água doce, onde o sol cozinhou os peixes antigamente, e *nomana* significa foz. Esse lugar fica na Ilha das Flores, na foz do Vaupés. Os peixes do rio Vaupés são cozidos no outro mundo, é por isso que dentro do bezimentos, os peixes desse rio não são lembrados, pois já são cozidos e não fazem mal.

de sua casa até chegar a *Watidza nomana*. Esta árvore permanece bem na foz do rio Kayari, para se referir a foz do Rio Vaupés, na Ilha das Flores.

Quando chegou, viu que a árvore tinha quatro galhos: um estava voltado para leste, outro para oeste, outro para norte e outro para sul. Todos os galhos estavam carregados de frutas bonitas, amarelas, doces e saborosas. Ñapirikoli observou bem o pé dessa árvore.

O *Heemalipanali* estava cheio de frutas amarelas. Ele chamou a preguiça e pediu para anunciar para os animais do mundo todo sobre a existência do *Heemalipanali*. Assim foi feito. Todos os animais começaram a chegar e ver o pé de *Heemalipanali*. Naquele tempo, a árvore ficava no meio da floresta. Os Eenonai estavam ao redor do Ñapirikoli, mas ele não autorizou ninguém a subir. Eles queriam subir, mas Ñapirikoli dizia se subissem iriam cair.

“A minha avó vai subir para ver como é. Vai subir pra ver como é! Tira a fruta, dê uma mordida e nos diga como é, se é doce ou amarga”, disse Ñapirikoli para sua avó preguiça.

[É bom lembrar que só existe preguiça fêmea, é muito difícil ver preguiça macho, pois é Curupira, nunca vemos, é como no caso do tamanduá macho. O meu pai Francisco Fontes disse que nunca viu preguiça macho e nem tamanduá macho. Pois eles são Curupira, protetores da floresta.]

A preguiça subiu lá em cima nos galhos de *Heemalipanali*. Ela pegou a fruta, espocou, mordeu e falou a eles, “*Potíla* ou *putídza* (é doce). É muito doce! É muito doce”, disse a preguiça. “Podem subir que as frutas são muitas”, disse preguiça para seus primos. Todos eles correram em fileira para subir, mas logo em seguida ela falou “*Hipíthi* (é amargo!)”¹⁶⁸, e todos correram para baixo novamente.

Todos eles começaram a subir, mas quando já estavam na metade da árvore a preguiça desceu ao encontro deles e disse: “Ei! As frutas são amargas, amargas!”, os animais voltaram desceram para terra. A preguiça tornou a subir na árvore e disse, “É mentira! Estão doces! Muito doces! Venha vocês também”, os animais voltaram a subir.

Ñapirikoli chamou *Hoiniri*. Enquanto todos os Eeonai estavam em cima da árvore. Ñapirikoli fez cigarro, benzeu e colocou ipadú na boca; assim ele previu que conseguiria matar todos. Com benzimento ele conseguiu arrebentar o fio do sol, que rapidamente pousou e veio o entardecer. Todos ficaram assustados quando se deram conta de que havia anoitecido. Um deles ergueu a cabeça e viu que o sol estava escurecendo. Murmuraram entre eles: “E agora? O que fazemos?”. — “Nada!”. A intenção do Ñapirikoli era vingar-se pela morte do seu irmão, Heeri.

Ele sabia que todos tinham subidos e estavam deitados na árvore. Enquanto isso Ñapirikoli já tinha chamado a água, transformando a terra que circundava a árvore em um lago com várias espécies de peixes assassinos para devorarem os inimigos dele. Este lago estava repleto de jacaré, piranhas, sucurijú e outros assassinos perigosos. Quando tudo estava feito, ele se afastou para a beira do rio. Os inimigos não pensaram em nada, sobre o que poderia acontecer com eles durante a noite. E assim o fez, quando foi à meia noite, o *iipeeko*¹⁶⁹ estava comendo as frutas e de repente escapuliu da sua mão, então, ele ouviu que a sua fruta tinha caído na água. Logo percebeu o engano, pois ao redor da árvore estava cheio de água. Ele correu para o final do outro galho, pegou a fruta e jogou, quando a fruta caiu na água os peixes assassinos pularam para pegar e devorar a fruta. Ele fez a mesma coisa nos outros galhos e disse, “Puxa! O que é que está acontecendo? Isso não é bom!”. Ele tinha percebido que estavam cercados de água e peixes assassinos a espera para devorá-los. “Agora sim Ñapirikoli vai matar todo mundo”, disse *iipeeko* com muita tristeza, “Nós estamos mortos”.

Mas *iipeeko* pensou, ele pegou uma fruta seca e atirou novamente para baixo, quando esta fruta seca caiu na água os peixes não fizeram nada. “Ah!”,

¹⁶⁹ – Macaco da noite.

disse *iipeeko*, “nesta fruta seca escaparei da morte”. Assim o fez. Ele pegou uma fruta seca, tirou o caroço, e se enrolou dentro, despencando do alto da árvore. Os peixes assassinos nada fizeram. Ele ficou flutuando até chegar à beira do *onidiaka* (oceano). Rapidamente o *iipeeko* saiu da casca da fruta seca para terra e retornou pela beira para avisar aos seus amigos que estavam na árvore *Heemalipanali*.

Ele vinha beirando o lago pela madrugada, chorando, “*Uuupppp...uuuppp*”. Traduzindo essa linguagem, ele estava dizendo “*Kuximã pemanú penhê*”, ou seja, “Vocês já morreram faz tempo”. Assim, ele veio chorando e subindo o rio desde abaixo, “Já estamos mortos! Já estamos mortos”, disse *iipeeko* avisando aos seus parentes.

[Este sinal ou cantoria do iipeeko para humanidade hoje, também é presságio de morte na família ou de alguém que você conhece. É raro o macaco da noite chegar e chorar perto da comunidade. Quando isso ocorre é melhor procurar benzedores, porque pode ser aviso de que algo de ruim pode vir a acontecer, é melhor se prevenir e afastar isso. Desde o princípio já começou assim.]

Quando ouviram esta cantoria, ou choro de *iipeeko*, todos ficaram pasmados e começaram a se espreguiçar, ao olharem para baixo viram o lago ao redor deles e disseram, “Agora sim, estamos mortos pelo Ñapirikoli!”, e quando Ñapirikoli ouviu o choro do *iipeeko*, ele disse, “Assim será para nova geração o sinal da morte, a cantoria do *iipeeko*. Este será sinal de presságio para a Humanidade”. Realmente isso prevalece hoje na nossa sociedade.

Quando amanheceu, Ñapirikoli já estava pronto para acionar a morte dos cunhados. Ele pegou a zarabatana, enfiou uma seta dentro e, com a palma da mão, bateu na boca da zarabatana; a seta saiu, indo até o mais alto no céu e de volta bateu no primeiro galho, levando-os para dentro da água. Todos foram para dentro da água. Os peixes assassinos já esperavam para devorá-los.

Novamente Ñapirikoli enfiou outra seta e bateu com a palma da mão; ela foi para céu e voltou, levando desta vez o segundo galho para dentro do rio. Novamente os peixes os devoraram. Ñapirikoli colocou novamente a flecha, derrubando o terceiro galho para dentro da água. Todos os seus inimigos estavam apavorados, mas ninguém podia fazer nada.

[Todos foram para água. No benzimento, esse local é lembrado por todos os benzedores e pajés, os principais peixes que são lembrados são: jacaré, piranha, cayuanã, anujá e carawataí. Eles foram chamados para comer os Eeonai, nesse momento eles surgiram e hoje em dia temos esses peixes. Em linguagem de benzimento se diz:

“katíri nairionami Eeonai”

“umbaiúwaita kwe suí itá”

“os que comeram os animais”

Nesse mesmo lugar se benze os três tipos de Omai (peixe piranha), no benzimento se diz:

“omawali miomiona”

“omawali malimalinari”

“omawali liwichoadá henipeti”

Esses são os nomes dos peixes piranhas assassinos que devoraram os Eeonai, mas eles são chamados por esses nomes somente no benzimento, pois seus nomes enquanto peixes são outros. Nesse mundo de benzimento eles são visto como seres perigosos. Enquanto caíam na água e eram devorados, de seus corpos saía banha, a gordura dos Eeonai, e a gordura se transformou em carawataí, uns peixinhos que ficam correndo em cima da água, porque é assim que a banha se espalhou em cima da água.]

Colocou a última seta dentro da zarabatana e o *Tsíti*¹⁷⁰ percebeu que poderia pular na hora que a seta estivesse saindo do céu, antes de cair no galho, por isso o *Tsíti* pulou e, logo em seguida a seta caiu, levando o último galho. Mas ficou apenas o tronco onde o macaco rabicó (*Tsíti*) ficou solitário, gemendo e tremendo de medo e sentindo dores pelo acontecimento.

Tsíti queria atravessar o lago, mas não tinha como, pois o rio estava sem fim, não havia nada, apenas água e o *Tsíti* estava sentado no tronco. Depois de uma semana o *Tsíti* se cansou. De repente apareceu o Arapaço e o *Tsíti* chamou, “Meu neto, vem me buscar! Me leve com você para outro lado”, “Posso sim”, respondeu o Arapaço, “Mas a minha canoa balança muito, não sei se você vai aguentar”.

- “Aguento sim meu neto”, disse sua avó *Tsíti*.

- “Vamos”, e lá foram eles, com o arapaço levantando o seu primeiro vôo!

O arapaço voou, voou e voou, mas com apenas uns dez metros de distância a sua avó começou a gritar. “Ah meu neto, eu tenho medo, o seu vôo é muito perigoso, não posso ir com você. Deixa-me no mesmo lugar, meu neto”, então, arapaço voltou e a deixou no tronco novamente.

Um dia depois apareceu o jacaré boiando no rio, depois de devorar os outros. “Meu neto, vem me buscar e me tira desse sofrimento e leve-me contigo para outro lado do lago”, disse *Tsíti*. O seu neto Jacaré obedeceu, levando a sua avó em suas costas. O jacaré desceu no canal, bem devagar, *fuiim, fuiim, fuiim....* Assim eles iam indo. No caminho o jacaré arrotou, soltando o fedor, fedor daqueles que ele devorou. E perguntou para *Tsíti*, “Está cheirando o fedor?”, “Não, meu neto, está muito cheiroso”, respondia *Tsíti*. Ele então arrotou o fedor novamente e perguntou, e *Tsíti* continuou negando. Sempre dizia que era cheiroso como abacaxi. O jacaré continuava acreditando.

Quando este estava bem próximo de chegar à terra, no alcance do *Tsíti*, o jacaré arrotou fedor novamente. *Tsíti* muito assustada, tremendo de medo gritou

¹⁷⁰ – Macaco rabicó

para o jacaré, “É muito fedor, meu neto”, disse Tsíti, pulando de susto e conseguiu segurar num galho bem pequenininho que, no entanto, balançou jogando-a de volta para cima do jacaré. Neste instante o Jacaré pulou para mordê-la e arrancou o rabo dela. Acertou no rabo do Tsíti e é por isso que hoje em dia *Tsíti* não tem rabo. Depois o *Tsíti* andou pela mata sozinha, ao encontrar *Kowaida*, espécie de castanha, cuspiu saliva dentro e foi se embora.

[O acontecimento dessa narrativa é muito forte, com as transformações que teve tudo foi previsto, nada foi por acaso. Nos dias atuais esse macaco rabicó tem pulo incrível, ela pula uma distância enorme, por isso também que os animais comem frutas de árvores, pois começou nesse tempo.

Atualmente, o local desta árvore se localiza na Ilha das Flores, próximo a São Gabriel da Cachoeira (Amazonas). Os galhos hoje em dia são as ilhas que tem nesse local. Existe uma grande pedra esse era o tronco de Heemalipanali, nesse local podemos tirar vários tipos de remédios, chamados monottí em Baniwa, para colocar dentro do cacuri (armadilha para pegar peixe), para caçar, para o homem atrair mulheres e para mulher atrair homens, basta pegar a planta e dizer qual será a sua utilidade.

Quando o macaco rabicó cuspiu sua saliva, dentro da castanha de galinha (kowaida), logo depois se ouviram barulhos, eram os macacos que Tsíti tinha criado para reprodução de todos os tipos de espécies de macacos, os que existem hoje na floresta amazônica e para os demais lugares do canto do mundo. Eles surgiram nesse momento do mito.

Ñapirikoli só espiava o acontecimento. Aquela pessoa que pratica maldade para alguém, também pode esperar a sua vez com maldade. Assim, termina a vingança e surge a paz entre Ñapirikoli e seus descendentes. É o símbolo que Ñapirikoli deixou para humanidade. Somente há paz, quando o objetivo é alcançado. Este exemplo preside até hoje na nossa atualidade, começa assim e assim deve terminar. O mal se paga com mal. E o bem se paga com o bem e o respeito com o próximo.

Falar sobre koadá para os Baniwa pode ser em termos de “troca”, “volta”, “retorno”, “vingança” e koadá do que em termos de “maldade” e “paz”. Para os

indígenas a guerra e a paz tem outro termo. Exemplo: se uma família pediu uma menina em casamento para seu filho, e se caso a família da menina disser “não”, é uma coisa grave, pois haverá vingança, podendo levar a óbito, seja ela mesmo, o pai, a mãe ou irmãos, então aqui a palavra koadá, tem consequências sérias, a rivalidade entre os indígenas é algo sério mesmo. Antigamente havia guerras entre clãs e como vingança matava-se o outro, moqueava e comia de raiva, isso era uma forma de vingança também. Então isso é o que ficou como legado do Ñapirikoli para seus filhos hoje.]

Ñapirikoli casa com filha de Omaiferi

Ñapirikoli tinha um pé de *ucuqui*¹⁷¹, a qual sempre ia ver e apanhar as suas frutas. Certo dia, ele foi apanhar *ucuqui*, mas não encontrou nenhuma fruta. No dia seguinte aconteceu a mesma coisa, mas na verdade, as filhas de *Omaiferi*¹⁷² haviam encontrado o pé de *ucuqui* de Ñapirikoli. Toda vez que ele ia ver, encontrava somente as cascas de seus frutos. Um dia ele encontrou a velhinha *dzawikaro*¹⁷³, lambendo a casca de *ucuqui*, seu aturá estava perto, e logo Ñapirikoli disse, “É você mesmo que não deixa a minha fruta”, ele quebrou umas varinhas e deu uma surra na *dzawikaro* que gritou “*Ai ai ai ai ai*, por que você me surrou meu neto, não sou eu que como sua fruta, estou apenas lambendo as cascas que elas comeram?”, disse a velhinha *dzawikaro*. “Quem comeu?”, perguntou Ñapirikoli, “Eu vou lhe contar”, disse *dzawikaro*, “Então me conta, que eu vou te consertar”, disse Ñapirikoli.

Ele pegou cigarro, benzeu e soprou nela, na mesma hora ela levantou novamente. “Então”, ela disse, “Ñapirikoli quem comeu o seu *ucuqui* são as mulheres, filhas de *Omai* (piranha). Elas vão chegar pela manhã bem cedo”, disse

¹⁷¹ - É uma fruta de cor amarela, muito deliciosa e doce, que pode ser comida crua ou em forma de mingau com farinha. O pé dela tem aproximadamente uns 70 metros de altura e diâmetro de 100 a 200cm, é uma árvore gigante.

¹⁷² - Sucurijú avô do piranha (peixe).

¹⁷³ - Borboleta enorme de cor azul que encontramos na floresta

dzawikaro ao seu neto, “Venha cedo e espera para ver”, “Tudo bem”, disse Ñapirikoli. Depois da conversa, ele ficou um tempo embaixo do pé de ucuqui, esperando cair mais frutas, encheu o aturá de sua avó *dzawikaro* e pediu para ela voltar para sua casa.

[Percebe-se hoje, em lugar onde se comeu algumas frutas do mato que tem cheiro como ucuqui, inajá e outros tipos de frutas, sempre haverá dzawikaro, encostado na casca lambendo os restos. Quando Ñapirikoli deu surra nela com vara, isso fez com que ela ficasse toda quebrada, sua cintura estava por fio de arrebentar, mas Ñapirikoli a benzeu com cigarro depois e conseguiu salvar sua avó. É por isso que as borboletas têm a cintura fina, todos tipos de borboleta têm cintura fina, e as borboletas ficaram com essa aparência hoje.]

Ao acordar, Ñapirikoli disse, “Agora vou pegá-las. Foi buscar *jacitara de morcego*¹⁷⁴, tem tipo ganchos, parece como prendedor, se encostar no cabelo ele fica preso. Chegando ao local, ele viu as pegadas delas, o caminho estava bem limpo e disse, “Ah! Vai ser aqui mesmo, ponto ideal para pendurar armadilha no caminho”.

No dia seguinte bem cedo ele já estava no local. De longe ele as ouviu vindo, *heheheeee, heheheeee*, dando muitas gargalhadas, e vinham, *cubu cubu cubu* fazia a remada delas, *hehe hehe hehe hehe*. Assim vinham vindo elas.

Ñapirikoli levantou e disse, “Cadê elas? Onde elas estão? Eu não estou vendo ninguém”, de repente, do nada, quando menos percebeu, elas saíram de dentro da água correndo. Chegando ao local, a irmã mais velha disse, “Sejam rápidas na coleta, sejam rápidas, daqui a pouco Ñapirikoli vai chegar”, no entanto, ele já estava as observando. Quando Ñapirikoli viu que os aturás delas já estavam cheios, ele correu ao encontro delas, e elas saíram correndo. Ñapirikoli queria pegar a irmã mais nova. O cabelo da irmã menor encostou-se no gancho de

¹⁷⁴ - É *jacitara fino*, tem aparência como de um cipó, e possui ganchos, se pegar no cabelo é difícil sair.

jacitara, Ñapirikoli estava quase chegando, mas ela conseguiu escapar, “Ah!”, disse Ñapirikoli, “Essa não presta”.

No dia foi buscar a *jacitara grande*¹⁷⁵, em seguida foi colocar armadilha de novo, no mesmo caminho. Na manhã seguinte bem cedo, lá vinham elas de novo, dando gargalhadas. Chegando ao mesmo local fizeram o mesmo processo na rapidez da coleta, a irmã mais velha, sempre dizia: “Sejam rápidas, Ñapirikoli pode chegar a qualquer momento. Sejam rápidas!”. Nesse momento, ele saiu correndo com intenção de laçar a irmã menor (caçula), por sua vez, elas pegaram os seus aturás e saíram correndo e pularam novamente para o rio. Dessa vez, o gancho de Jacitara, pegou no cabelo da caçula que ficou presa, Ñapirikoli a pegou. “Agora você vai comigo”, disse Ñapirikoli a ela, “Já que estão roubando o meu ucuqui, você vai comigo, para ser minha esposa”. Assim, Ñapirikoli a levou consigo.

Chegando a sua casa, lá também morava o jacaré. Naquele tempo o pênis do jacaré era de pedra. Ñapirikoli queria ter relação sexual com sua esposa e ela disse, “Ñapirikoli você não pode fazer relação sexual comigo, por que meu corpo é feito de piranha”, –“Ah meu irmão”, disse o jacaré, “Eu vou”. Na hora que o jacaré fez sexo com ela, o pênis dele foi mordido pelas piranhas que tinham no corpo dela, “Eu te avisei que não podia”.

[É por isso que o jacaré não tem pênis, por que as piranhas o morderam, deixando-o ficar sem pênis que era feito de pedra. O corpo da mulher de Ñapirikoli era feito de piranha. O jacaré acabou sendo mordido, ficando sem sua parte íntima, ele tem pênis, mas é bem miudinho, foi por causa desse acontecido.]

A filha de *Omaiferi* disse ao seu marido, “Ñapirikoli, se quiseres fazer sexo comigo, terás que me *tinguijar*¹⁷⁶. Faça *cacuri*, deixe me levantar dentro e vai

¹⁷⁵ - Essa é matéria prima para fazer tipiti e serve para amarrar cestaria como o urutu e o balaio.

¹⁷⁶ - É uma técnica que usamos para matar peixe em grande quantidade. Vamos para mata cavar a raiz de timbó, às vezes se o rio é grande, temos que ter 10 a 15 feixes de timbó, depois bater, um por um contra pedra com cacete, em seguida colocar o sumo nas canoinhas de pescaria, pegar argila e misturar com timbó, em seguida colocamos no rio. Isso é feito por mais velhos, pois eles sabem como fazer. Depois de uns cinco minutos os peixes começam a boiar.

me tinguíjar”. Ele seguiu as instruções que sua esposa lhe deu. Fez cacuri, pegou dois feixes de timbó e quando tudo estavam pronto, levou-a junto e a deixou ficar em pé, dentro do cacuri, a água estava abaixo dos seus peitos. Ele começou a *tinguíjar* sua esposa, da sua vagina saíram muitas, mas muitas piranhas, de todos os tipos e tamanhos. Ao mesmo tempo a mulher começou a ficar diferente, ela queria morrer, estava bêbada com o veneno, quando não aguentou mais, disse ao seu esposo, Ñapirikoli, Chega! Venha me buscar.” Ñapirikoli abriu o cacuri e tirou-a dali. Depois disso, no seu corpo, não havia mais piranha.

Um dia depois do acontecido, sua esposa lhe disse, “Ñapirikoli vai me esperar visitar os meus pais?”, “Está bem!”, respondeu Ñapirikoli, “Partiremos depois de amanhã, bem cedo”. No entanto, antes, era para ele fazer chover um dia, para fazer revoada de *maniwara*¹⁷⁷, fazer *cupim*¹⁷⁸ voar, e assim eles cairiam na água e os peixes iriam comê-los. E assim o fez. A chuva caiu e de repente a sua esposa disse, “Ñapirikoli, olha isso! O que são? O que é isso?”, “Isso é *maniwara*, vai pegar para mim”, disse Ñapirikoli. Ela foi pegar, a intenção de Ñapirikoli era alimentar o seu sogro com *maniwara*, prevenindo-se para não ser devorado por eles. Encheu quatro *talewa*¹⁷⁹, encheu só com mãe de *maniwara*, Ñapirikoli sabia um *talewa* já seria suficiente encher barriga de uma pessoa. Assim, eles não o devorariam.

No dia seguinte eles foram embora, visitar os seus sogros. Ñapirikoli se auto benzeu, protegendo o seu corpo e deixando a aparência de sua canoa na forma de *Tirípi*¹⁸⁰. Assim a deixou. Na hora que desceu na canoa, usando apenas seu poder e através de pensamento, ele começou a jogar as *maniwara* na água, no

¹⁷⁷ - São certo tipo de formigas que é encontrado somente na terra firme ou nas serras. Conseguimos identificar essas formigas, por que onde tem isso, o local é bem limpo. Pegamos uma vara, e agente vai perfurando, se cair do nada, é por que ai passa o caminho. Tem uma palha específica que eles gostam, não podemos pegar com a mão, pois elas mordem. Mas é uma formiga muito consumida por nós, é muito delicioso, colocamos na quinhapira peixe com pimenta.

¹⁷⁸ - São insetos que sempre voam depois de uma boa chuva, anunciando que terá revoada de saúva e *maniwara*, e através da revoada de *cupim* que sabemos que vai ter piracema (reprodução de peixe)

¹⁷⁹ - É instrumento musical, uma flauta tocada muito pelos Tucanos do Kaiary (Waupés). Conhecido também pelo nome de *membí*.

¹⁸⁰ - Andorinha

mesmo instante os peixes começaram a comer, isso sem a sua esposa saber. Ele foi jogando. Os seus sogros e cunhados já estavam na água, pronto para devorar o Ñapirikoli, mas ele já sabia, por isso levou consigo os seus companheiros: *matraca* (Martins- pescador), *carará* (ave mergulhão), *wakará* (garça), *onoli* (socó). Esses seus companheiros comiam peixe cru, e hoje essas aves continuam comendo peixe cru em sua forma de ave, pois surgiu nesse momento do mito.

Ñapirikoli ia remando tranquilamente e os peixes boiando perto da sua canoa. Em outro olhar, ele era visto não da forma que era, mas sim na forma de um pássaro, e com seu pensamento, ele estavam os alimentando com *maniwara*. É por isso que os peixes boiavam perto da sua canoa, mas era impossível ver o que estava acontecendo de fato. As *maniwaras* continuavam caindo na água e os peixes comendo, os cunhados de Ñapirikoli se encheram com *maniwara* e nem se lembravam da existência do Ñapirikoli.

[Quando Ñapirikoli tinguiu sua esposa a pedido dela, com isso saiu vários tipos de piranha que existe, pois tudo estava em seu corpo. Uma coisa muito interessante é imaginar como era o seu corpo. É por isso que hoje em dia, quando vamos tinguijar, mal começa a mistura do timbó na água, as piranhas começam a boiar para todo lado, pois elas são fracas. Lembrando que depois do pós-parto é proibido comer qualquer tipo de piranha, pois se comer, na mesma hora pode ter uma hemorragia, é como se elas estivessem te rasgando por dentro com seus dentes afiados. Quando estamos menstruadas, ou logo depois, também é proibido comer, precisamos fazer resguardo até nos recuperar da fase menstrual.

Ñapirikoli sempre soube de tudo e de como fazer para reverter a situação, sempre pensando no que vai acontecer e ficar para os seus filhos, tudo é feito pensando nos que virão. Quando sua esposa pediu para ele esperar para ver seus pais, ele já sabia que seus sogros e cunhados estavam prontos para devorá-lo.

Por isso ele benzeu cigarro nele mesmo, deixando para sua aparência uma andorinha, pois faria tsíu, tsíu. Assim ele subiria, bateria na água e, em seguida, subiria para cima novamente. No olhar do seu sogro, ele estava vendo apenas andorinhas e não uma canoa. Referindo-se a esse momento histórico, dentro do benzimento hoje se diz:

“littani midzawi Ñapirikoli”

Quando se diz isso é para lembrar que o tirípi (andorinha) era canoa de Ñapirikoli. Essas são as coisas que são lembradas no benzimento de criança recém-nascida e para mulher que está em resguardo que é a mãe da criança, e que também é lembrado para menina que está na primeira menstruação. O pajé ou benzedor deixar a canoa em aparência de tirípi quando se está indo navegar na canoa com essas pessoas que estão em resguardo. Pois o corpo da criança, da mãe e da menina em resguardo, estão cheirosos, atraindo os seres maléficis que querem a todo custo lhe estragar, fazer mal. Os benzedores faz com que essas pessoas em resguardo tenham a aparência de Tirípi, principalmente quando vão viajar de canoa, deixam para elas, em seu benzimento, a canoa de Ñapirikoli. A canoa passa a ser na visão dos seres invisíveis apenas uma andorinha. Assim era e continua assim hoje para nós.]

E finalmente Ñapirikoli e sua esposa chegaram ao destino. “É aqui. Primeiro o meu pai vem em forma de *maíwa (anaconda)*”, disse a esposa, “Está bem” disse Ñapirikoli. Eles chegaram e ficaram em pé. Ñapirikoli ficou esperando para ver de onde eles saíam. Quando viu um enorme sucurijú saindo da água, atrás dele vinha saindo também a sua esposa e os seus dois filhos. Eles vinham rastejando. Ele chegou, subiu no Ñapirikoli, rodeou o seu pescoço e ficou lambendo seu rosto e seu corpo todo. Depois veio sua esposa e seus cunhados, fizeram a mesma coisa. Ñapirikoli estava em pé, sem fazer nada. Em seguida, eles entraram na casa, tiraram suas roupas ou máscaras de anaconda, e cada um pendurou sua roupa em lugares apropriados dentro de casa.

Após isso, eles saíram como pessoas, se dirigindo para cumprimentar novamente seu genro. Ñapirikoli ficou conversando um bom tempo com seus sogros e cunhados que já estavam em forma de pessoas normais, como nós humanos. *Omaiferi* olhou para sua filha e lhe perguntou, “O que o meu genro come?”, “Nós”, respondeu ela. “Tudo bem”, disse o seu pai.

Em frente a sua casa havia um pé de pupunha e *Omaiferi* disse aos seus servos, vão lá raspar os espinhos de *pupunha*¹⁸¹. E assim foram. Quando

¹⁸¹ - É uma fruta muito deliciosa, de cor amarela, vermelho e meio alaranjado. A fruta deve ser fervida, comemos a fruta com café, fazemos caxiri. Com ela fazemos uma das melhores bebidas fermentadas, mas

começaram a raspar, os espinhos quando caíam no prato eram, na verdade, *mandíns* 182, eram tantos. Depois *Omaiferi* disse, “Minha filha, aqui está a comida, peça para o meu genro comer”. O prato estava cheio de mandíns, para todos os lados. “Olha aqui Ñapirikoli! Come! O meu pai ofereceu para a gente comer”, “Está bem”, respondeu Ñapirikoli. No entanto, havia pimenta pendurada no seu pescoço e outra na ponta da sua fecha, e outra no *liwapéri* 183.

Ñapirikoli olhou para seus companheiros e disse, “Ofereceram-nos comida e aqui está, podem comer!”, “Tudo bem”, disse socó e matraca e em seguida pularam para comer, “Espera?”, disse Ñapirikoli, mas já era tarde. O socó comeu e se engasgou, “Ah! Meu avô! Por que você fez isso?”, “Espera”, disse Ñapirikoli novamente. Ele tirou a pimenta que estava em seu pescoço, pegou, quebrou e colocou no prato, depois pegou a que estava na ponta da fecha e colocou no prato; depois pegou o último no *liwapéri* e jogou no prato. Todos os peixes arrebutaram, ficaram como se tivessem sido cozidos, então, Ñapirikoli comeu e pediu para o restante dos seus companheiros comerem. *Omaiferi* disse, então, “Ah, é verdade. Ele sabe mesmo, o meu genro é um sabedor”, desafiei e ele me matou.

[Quando o seu pai pediu a sua filha que oferecesse comida ao seu marido, na nossa cultura hoje, é a mesma coisa. Quando chegamos a uma comunidade, o dono da casa entrega a comida a pessoa responsável, dizendo, “Aqui está comida, podem comer para matar a fome”. A pessoa responsável olha para sua equipe e diz: “Companheiros, está aqui a comida, vamos comer”. E eles vão comer todos juntos. Assim é.

Segundo meu pai, o meu avô Luiz Manoel, ele sempre falava que os peixes mandín e kuyukuyú eram servo de Omaiferi, e também dizem que é o tronco de pupunha. Por isso esses peixes quando não são lembrados no kalidzamai, seja masculino ou feminino, corre-se um grande risco de um tumor ou furunculo sair na pessoa.

também pode ser tomada na forma de vinho, com açúcar. A pupunheira é uma palmeira, plantada nos quintais de casas e nas roças.

¹⁸² - Peixe que possui ferrão, ele é bem pequeno, existem vários tipos de mandim.

¹⁸³ - Com o que se protegeu quando foi engolido pelo *Koitiniferi*, trata-se de um escudo.

Os peixes mandíns são os espinhos da pupunheira, é por isso que eles têm ferrão, pois de fato eram espinhos. No momento em que o socó come os peixes, nessa hora ele se engasga e é nesse instante que se inicia o engasgo com osso de peixe. Isso acontece muito com as crianças pequenas que estão na fase de começar a comer sozinhos, mas isso também acontece com os mais velhos. É muito perigoso, pois tudo se deu início nesse mito. O socó engasgou e seu pescoço ficou inchado, depois ficou com pus, esse pus saiu e escorregou no seu pescoço. É por isso que a pena do socó tem uma mancha meio amarelada no pescoço. Assim aconteceu.

Para lembrar-se desse fato acontecido, dentro da linguagem usada no benzimento de kalidzamai cantado, que marca o ritual de iniciação, é preciso lembrar-se dessas pimentas do outro mundo que cozinharam a comida Omaiferi dada à Ñapirikoli, por isso é dito:

“liwaperi koakafedza dzawi Ñapirikoli”

“liwedafia, likaokafia, dzawi, Ñapirikoli”

“liwadza, nomakena, nakokana, oleyana”

Outro tipo de pimenta é Liwapere:

Liwapere, likoakafia, noferi, dzawi, Ñapirikoli

Assim tudo começou. Quando Omaiferi viu isso disse, “Ah! Esse meu genro sabe das coisas, desafiei e fui morto por ele”. Ñapirikoli havia matado os peixes com pimenta. Tudo começa por aqui e até hoje continua vivo em nossas vidas, seguindo e convivendo com isso, se fortalecendo cada vez mais.]

Pinaiwali

A concepção de juventude no mundo Baniwa é encontrada nesse mito de *Pinaiwali*. Nessa narrativa, *Pinaiwali* seria Ñapirikoli que, em viagens pelo mundo, assumiria diferentes identidades. Mas em outra narrativa, *Pinaiwali* pode ser outra pessoa que não viveu nesse mesmo período. Em comum, essas narrativas afirmam que *Pinaiwali* foi quem deixou para a humanidade os ensinamentos e os cuidados para as pessoas se manterem jovens. Contarei a história do *midzakattairi*¹⁸⁴. *Pinaiwali* era um rapaz solteiro, que nasceu e viveu no rio Aiari, no lugar chamado de pedra de *maapanai*, acima da comunidade de Ucuqui-Cachoeira. Nesse local havia uma pedra que parecia uma maloca indígena, ali morava o jovem *Pinaiwali*, ele era muito simpático e as mulheres amavam isso, mas ele não aceitava qualquer mulher para conversar com ele. Ele era um bom *itakiri*¹⁸⁵ e o era porque fez direito o *kalidzamai*¹⁸⁶. Assim para nós Baniwa, todos os homens e as mulheres precisam fazer *kalidzamai*.

[O homem que fez kalidzamai tem que ter cuidado com “khewikani”, que é sonho perigoso, no qual se sonha que está fazendo relação sexual. A mesma coisa acontece com as mulheres que passam por esse ritual, tem que ter bastante cuidado com o “kattaitakhakani”, que é o sonho em que as mulheres estão fazendo relação sexual. Quando temos esse tipo de sonho, se formos para a mata vamos ser atacados pelo os yoopinai.

Esse mito aborda a questão do preparo do corpo no kalidzamai, e nesse momento do benzimento se lembra os nomes de todos os animais que podem causar o bem, para que o itakiri fique com o corpo protegido. Se ele for feito direito os rapazes e as moças

¹⁸⁴ - Coisas feitas pelo criador do mundo.

¹⁸⁵ - Aquele que passou pelo ritual de iniciação.

¹⁸⁶ - É um ritual de passagem para vida adulta, a pessoa fica de uma a quatro semanas de dieta, sem comer nada, apenas tomando caribe, até o dia que o benzedor benze a comida e a pimenta, para poder volta a comer. É ritual de proteção que tem tempo certo para ser feito. Para as meninas é na menarca e para meninos na mudança de voz.

não pegam doenças graves, pois o klidazamai foi feito no tempo certo e bem protegido a doença não consegue matar.]

A mãe de *Pinaiwali* era filha do *Waliwa* (estrela), que era de clã *Waliperedakenai*, por isso que o pai dela recebeu o nome de *Waliwa*. Ela teve um filho e o pai do filho dela tinha um poder, ele deixou um pouco do seu poder para o filho. Quando o menino cresceu, o pai falou, “Você vai ser o dono do *padzoma* e vai se chamar *Pinaiwali*”. Desde que recebeu o nome *Pinaiwali*, ficou conhecido como aquele que é o verdadeiro dono do *padzoma*, é por isso que quando o *padzoma* floresce possui flores bonitas. O pai de *Pinaiwali* deixou mais três plantas de diferentes nomes: *ttiripada*¹⁸⁷, *kapoliro*¹⁸⁸ e *waliwapo*¹⁸⁹. *Pinaiwali* viu que as outras plantas estavam crescendo bem e suas folhas eram bonitas, mas o *waliwapo* crescia e com o tempo as suas folhas ficavam murchas e feias. O dono viu o que tinha acontecido e logo observou que a árvore não daria certo. Ele falou para a árvore que ela seria a responsável pelo envelhecimento da nova geração e naquele momento ordenou que ela se afastasse de outras plantas.

[Waliwapo foi afastado das outras plantas. A gente encontra essa árvore na floresta em grande quantidade, ela tem um cheiro ruim, na mitologia foi isso que provocou o envelhecimento. Até hoje em dia, nós da nova geração, não podemos tocar nessa árvore porque envelhece a pessoa. É que waliwapo dormia muito, ela esperava o sol aparecer para aí ir tomar banho, por isso que envelhecia. Ttipida e kapoliro não faziam desse jeito, obedeciam ao dono, e continuam crescendo saudavelmente, sem ter

¹⁸⁷ - É uma planta (remédio) que nunca murcha, sempre fica com as folhas bonitas, até hoje é assim, vemos que essa planta nunca fica com as folhas murchas ou feias.

¹⁸⁸ - Planta para dar o efeito da beleza, pois cresce muito também, não tem as folhas feias e murchas.

¹⁸⁹ - A planta responsável pelo estrago, para as plantas e para nós também. É por causa de waliwapo que nós humanos vivemos pouco tempo no mundo e envelhecemos rápido, foi essa árvore que fez assim, é o defeito da árvore.

folhas murchas. Isso já vinha acontecendo no princípio. Por isso que atualmente quando cai a fruta de waliwapo no chão, de longe já dá para sentir o cheiro ruim.]

O pai de *Pinaiwali* ordenou ao filho tomar banho todos os dias na madrugada e usar as suas plantas para se cuidar. Deveria passar as plantas (remédios) em todo corpo, toda vez que tomava banho de madrugada para não envelhecer rápido. É por isso que os nossos antepassados tomavam banho na madrugada com *padzoma*, pegavam as folhas novas, as que produzem belezas. *Pinaiwali* obedecia ao pai e ficava a madrugada no igarapé durante várias horas. Ele acordava de madrugada e usava corretamente as plantas, que eram remédios especiais. Hoje nós temos essas plantas, mas são diferentes e não fazem o mesmo efeito. Toda madrugada o *Pinaiwali* raspava a casca de *padzoma* e colocava em uma vasilha com água, daí se ensaboava e tomava uma pequena porção, para limpar a barriga e todo o organismo. Usava as plantas e obedecia a regra de só sair do porto depois que amanhecer.

[Hoje em dia envelhecemos rápido demais, porque não temos mais remédio específico, aquele que o Pinaiwali usava para manter a beleza. E, ainda, não cumprimos mais as regras que Pinaiwali cumpria. A gente costuma voltar para casa, tomar banho e deitar na rede e, por isso, envelhecemos mais rápido também. Além disso, somos pessoas que gostam de se aquecer no fogo, por isso nossa pele vai ficando pálida e feia. Muitas vezes consumimos muitas comidas frias, tudo isso faz mal para a beleza.

Os velhos nos ensinam os cuidados para manter a beleza através de conselho, mas parece que hoje em dia as palavras que são ditas nos conselhos são muito desafiadoras. Mas também muitas coisas mudaram no mundo em que vivemos, o mundo que se diz civilizado tem nos afetado no nosso dia a dia, no nosso modo de viver. Meu pai dizia que os antigos seguiam as regras ao pé da letra, seguiam os ensinamentos do Kowai. Outra coisa muito importante também é que os jovens não podiam sair debaixo do dia nublado, porque os cabelos ficariam brancos com rapidez, pois quando os sereno cai, fica branco. É por isso que devemos tomar banho na madrugada e sair antes do sereno cair. Toda manhã, na hora do banho, todos banhavam com alegria e depois contavam histórias relacionadas aos pajés.

Antigamente esse cuidado era seguido ao pé da letra, além de ter cuidado com o corpo, também tinha a questão do uso dos remédios. Por exemplo, se um jovem tem um remédio destinado a torná-lo kawinidali, em Baniwa, marupiara, em nheengatu, ou seja, um bom caçador, ele não pode comer qualquer comida. Este remédio é para a flecha, o anzol e a zarabatana. O seu preparo é destinado para atrair presas. Mas, para isso, o resguardo exigido é rígido, o jovem não pode tomar algo quente pela manhã, só pode ser comida fria, porque se for ingerido comida quente fará mal ao corpo, ou melhor, deixará a pessoa fraca.

Esse mito nos lembra da importância do preparo do corpo e, além disso, também ensina o passo a passo sobre os benzimentos para crianças e para as mulheres. Os jovens antigamente aprendiam e alguns continuam hoje aprendendo como benzer uma mulher que sofreu ataque de seres da natureza (os yóopinai). Porque se ele não soube benzer sua esposa que ficar doente, ele vai deixar a mulher envelhecer mais rapidamente.

Entres risos continuávamos conversando com meu pai sobre os cuidados com o corpo, isso foi uma das conversas que durou um dia só para falar sobre isso. Dizia meu pai que essa parte é a mais importante de passar para os jovens e as crianças hoje. Segundo o meu pai Francisco Fontes, os nossos bisavós e avós viviam por muitos anos e hoje aos 40 e 50 anos já ficamos velhos demais e feios. Ele reforçou que os segredos deles era seguir e obedecer as ordens dos pais, eles não ficavam em casa de madrugada, sempre tinha que pescar, caçar, aprender a tocar instrumento, ouvir história, aprender benzimento. Tudo isso continua vivo, pois meu irmão e filho, fazem isso, meu pai tem preparado eles para a vida.

Na mitologia, no tempo de Pinaiwali, as pessoas não ficavam velhas. Nós poderíamos ficar sempre jovens, com o uso das plantas, ficaríamos que nem a Ttiripida, sem ter folha murchas e jamais poderíamos morrer, que nem essa planta, que sempre continua crescendo e tendo as folhas bonitas. Acontece a mesma coisa com a gente também. Pinaiwali já sabia que isso provocaria o envelhecimento da futura geração e, por isso, nascemos, crescemos e envelhecemos. Caso contrário poderíamos viver entre 100 a 200 anos na terra com facilidade.

A velhice surgiu quando Pinaiwali plantou o waliwaapo, ao deixar essa planta no chão. Por este motivo que nós somos enterrados na terra, porque foi assim que o

Pinaiwali fez. Mas tudo foi estragado por waliwaapo e, por isso, começamos a envelhecer. As mulheres envelhecem mais rápido, por que o Pinaiwali pegou o waliwaapo com o braço esquerdo e por isso, elas envelhecem mais rápido. Com um filho, a mulher já fica velha. Enfim, com tudo isso, os que passaram a ganhar aparência bonita foram os animais, enquanto conosco o mesmo não aconteceu. Ficamos velhos a cada dia, todos os dias acontece o envelhecimento.

Considerando a centralidade da noção de pessoa e da construção do corpo. Falarei um pouco aqui sobre fases de vida. Nós, Baniwa, usamos a palavra ienipétti para nomear a criança, em termos genéricos, sem considerar gênero ou fase da infância. O período da infância é o de apropriação do panhee – padzeekata¹⁹⁰ (saber-fazer). Nós usamos a seguintes palavras para nos referir a uma divisão da terminologia, por gênero: usamos a palavra ienipettikatoani para menino e ienipettikatoano para menina. O crescimento é subdividido em fases que estão relacionadas às habilidades que as crianças vão adquirindo à medida que crescem. As crianças são kodapeta, isto é, de colo, que carregamos na cintura, quando eles estão nessa fase, podemos dividir em três momentos; Keramo¹⁹¹, Tarawadali¹⁹² e Hitsiakada¹⁹³.

Lembrando que após o parto, nós mães ficamos em resguardo, nas primeiras semanas, podendo ser um mês completo de resguardo, com a finalidade de fortalecer o corpo da criança, para que assim ela resista as inevitáveis agressões dos seres da natureza. Durante isso, ficamos em casa sem fazer nada, apenas em repouso total, pois tudo que fizer de ruim afeta o corpo da criança. Aqui há um duplo preparo, para o corpo da mãe e do filho.

Várias são as fases até chegar à Walhipali (ser jovem). Todas às vezes os velhos falam sobre a palavra walhipali, eles a relacionam com a palavra limatsiatakawa, pois

¹⁹⁰ - Palavra hifenizada, pois o sentido dado é que o aprendizado somente é comprovado se a pessoa executa o que aprendeu, se utiliza para seu benefício e/ou dos seus parentes. Caso a pessoa não demonstre na prática o que aprendeu, é equivalente a comprovar que não sabe.

¹⁹¹ - É o período em que a criança é recém – nascida e dependente muito da mãe. Nesse momento a criança “não sabe nem se mexer”.

¹⁹² - É quando o bebê ganha firmeza no corpo, nos referimos quando a criança fica bonita.

¹⁹³ - É quando a criança começa a engatinhar

o cuidar-se define um modo de ser jovem, o que, na língua Baniwa, é traduzido por limatsiatakaapani (modo de ser jovem). A juventude também está ligada à beleza, vinculada à produção da beleza. É o filho ou a filha que deve perguntar aos pais quais plantas devem usar, eles são ensinadas desde a infância, porém, quando começam a ser walhipali, eles próprios é que devem buscar entender as plantas. De tempo em tempo a pessoa deve limpar seu rosto com resina de seringa, com a finalidade de tirar os pelos. Logo após o uso da resina, o jovem deve ter em mãos as plantas molipi, padzoma ou wiito para lavar o rosto. Do wiito e do molipi são utilizadas as folhas maceradas, em quantidade suficiente para fazer espuma; do padzoma se usa o caule numa quantidade para lavar o estômago, ao fazer vomitar em seguida. Esses cuidados são entendidos como procedimentos de limpeza externa e interna do corpo, servindo para retardar a velhice.]

Ñapirikoli procura o fogo

Quem tinha fogo naquela época era o *Iawaliferí*. Ele foi até lá onde ele morava para pegar fogo. Depois de consegui-lo Ñapirikoli levou para a sua casa em *Warokoa*. Lá havia um jacaré chamado *manoliferí* que roubou o fogo colocando-o na sua boca, levando para dentro de sua casa, que fica debaixo da água. Ñapirikoli ficou sem o fogo e ficou na escuridão.

Então, Ñapirikoli pediu para uns sapos chamarem o jacaré para fora de sua casa. Eles chamaram, “Pai, pai nos dê a luz!”. O jacaré pôs um pedacinho do seu corpo para fora, mas não abriu a boca. Os sapos disseram novamente, “Pai, pai nos dê a luz”. O jacaré pôs mais um pouco do seu corpo para fora.

Os sapos falaram, “Mais! Mais!”, e ele, então, saiu. Nesse momento, Ñapirikoli fincou uma vara com forquilha em seu peito, engasgou *manoliferí* e o fez abrir a boca. Ñapirikoli pegou de volta o fogo e o levou para longe. É por isso que o jacaré não tem língua, pois o Ñapirikoli acabou puxando com força, arrebatando a língua dele. Assim, o fogo foi recuperado novamente.

Kophé ikehoawa

A origem do peixe começou há muito tempo. Essa história conta sobre os lugares de criações de peixe. Primeiro, os *Wadzolinai* (Urubu-tapuia), povo Baniwa do Baixo Içana, foram procurar a lagoa de peixe em um lugar chamado lago de *Koetani*¹⁹⁴, onde encontraram um matapi de peixe no fundo da lagoa. Eles vieram do igarapé *dzokoali* (que fica no *Waraná*), vieram descendo no rio Ayari, quando foram à procura do segundo matapi. Eles não sabiam onde ficava e, por isso, acabaram passando do lugar certo, depois, quando retornavam, passando perto dessa lagoa, ouviram sapos kamã cantando *kuã kuã kuã*. e então, resolveram entrar nesse lago, isso foi em *pooperiana* localizado no Rio Içana, onde moravam os *Koeiafeno* (avó dos *Kadapolithana*, clã *Baniwa*) e onde moravam as pessoas do clã *Dzawinai* (*yawareté* – *tapuia*). Lá eles encontram outro matapi, cheio de peixe. Colocaram *Dzawiriana*, um tipo de boia, para procurar onde era mais fundo. Colocaram-na bem no meio, pegaram um cabo de remo jogaram na terra, o que chamamos de *Kolinoro* (o remo), e foram até no meio da lagoa.

- “Eu vou ver mais para lá”, disse o dono do matapi e mergulhou. Ele mergulhou para o fundo, para o fundo do rio, já não se via mais o sol, não tinha mais nada além da escuridão e disse, “É aqui mesmo. *Kowianaliwape* (matapi dele)”. Eles afundaram. Uma semana depois, disseram, “Eu vou botar uma isca para ver como vai boiar”. A isca era a folha de açáí. Puxaram e saiu *puuutsóóóóó*, encostaram o matapi para tirar peixe de dentro. Logo em seguida colocaram a isca dentro do matapi, e o colocaram novamente no meio do lago.

Após isso, eles pegaram muito peixe para comer, dentro do matapi tinha: cabeçudo, irapúka, *doidali* (*anujá*), *sarabiana* (*tucunaré grande*), *jacundá*, *pacu*, *acará*, *piraíba*, *pirarara*, *Koliri* (*surubim*), *arraia*. Aqui surgiu todos os tipos de *ikoli* (*tartarugas*), vários tipos de *dzapa* (*tucunaré*), e todos os tipos de *pacu*.

¹⁹⁴ - Armadilha de peixe conhecido na região como “matapi”.

Havia um homem chamado *koeiafeno* que pegou *kadzali*¹⁹⁵ e fez o matapi dele. Os donos são os *Kadapolithana* (*clã caniço, vara de pescar*), em nheengatú os chamamos de *pindaiwa pixúna*, o avô deles é o *Koeiafeno*. Este povo se chamava de *koeno*. Então, *Koeiafeno* fez o matapi deles, muito bem feito, sem nenhum defeito, tudo bem trabalhado, bem moldado, pois era feito de molongó. E transformou os molongós em peixes. Tudo eles fizeram, era na praia dos *Dzawinai*. A traíra (*iniri*) e outros peixes são a carne de *Iniriferi*, e ele os jogou dizendo, “*Thommm... Vocês serão filhos de Iniriferi*”. Tudo isso aconteceu em *Pooperiana*, hoje conhecemos esse lugar como *lago tíwa*, nesse lugar tem muitos peixes, pois aqui começou a origem dos peixes.

Outro lugar foi em *Heeridawania* (*palena do sol*), na serra da comunidade de Tunuí–Cachoeira. Neste lugar outro ancestral encontrou também um matapi de peixe.

Um outro avô *koeiafeno* fez outros peixes, pegou e jogou na panela do sol. Dentro da panela do sol, transformou a vida dos peixes. De dentro da panela do sol, no topo da montanha, vieram saindo e correndo para todos os lugares. Em cada um desses lugares saiu vários tipos de peixes. Aqui surgiu outros peixes que encontramos hoje em dia, tudo teve transformações. Durante qualquer benzimento que for feito, é preciso lembrar-se desses acontecimentos, dos lugares, dos objetos e das transformações, pois todos são lugares sagrados.

¹⁹⁵ - É uma árvore apropriada para fazer escultura, é bem leve, dela fazendo bancos para sentar e vários tipos de artesanatos, chamamos de molongó.

CAPÍTULO 6

ORIGEM DA HUMANIDADE

Este último capítulo é sobre a nossa origem, nós, os Baniwa, neste mundo. A terra (Hekoapi) é de onde nós, indígenas Baniwa, temos conhecimentos e nos relacionamos com outras camadas ou céus do mundo. Estas camadas estão tanto acima de nós e quanto abaixo de nós, no subterrâneo, sabemos que é assim há milênios de anos, ou melhor, desde sempre.

Da terra os povos nascem. O povo Baniwa nasceu da terra, e até hoje existe esse lugar chamado de “*Hiipana*” que é *eeno hiepolekoa*, ou seja, o “umbigo do mundo”. Neste lugar, *Hipana* que é uma cachoeira, tem uma vagina de pedra, de onde surgiu (ou nasceu) a humanidade e, especificamente, o povo Baniwa, os seus clãs. É a partir deste lugar que ocorreu distribuição dos territórios Baniwa naquela região e foi também a partir dali que se espalhou a humanidade para lugares muito distantes e diferentes em diversas partes do mundo.

Por ser assim, nascer da terra, nós nos relacionamos com a terra como “mãe”. A mãe cuida dos filhos desde a concepção, desde o nascimento, cuida do crescimento, cuida na vida adulta, cuida até mesmo durante a velhice e após a velhice. Quando isso acontece, a terra cuida da pessoa quando chega ao final da vida, porque volta novamente para dentro da terra. Temos uma relação de muito respeito com a terra por causa disso. Os que não têm mais esse respeito com a terra é porque aprenderam com pessoas estranhas (estrangeiras) que chegaram aqui no Brasil, pois isto não é da nossa cultura e nem da nossa tradição milenar.

Na cultura Baniwa, existe algo que explica isso. Na criação do mundo havia uma disputa entre seres vivos sobre quem seriam os humanos e quem seriam os animais. O nosso herói *Ñapirikoli* conquistou o nosso direito de sermos “humanos”, *newikinai* em Baniwa, deixando para os outros o direito de serem “*iitsirinaï*”, animais. Mas eles, os animais, são como nós, pessoas em espíritos, ocorre que ambos não podem se enxergar entre si como humanos, quando isso acontece, provoca doenças e conflitos.

Na terra existem muitos viventes diferentes com diversas funções que equilibram e manejam os sistemas de vida, incluindo os humanos e os animais. Muitos destes sistemas, tanto os macros quanto os micros, ajudam a exemplificar claramente esse aspecto, por exemplo, uma serra, uma montanha, uma pedra, uma cachoeira, um morro, um lago etc. Especificamente, esses são lugares de viventes responsáveis pela reprodução das espécies de animais, peixes e outros seres fundamentais.

Wapuí-Cachoeira hoje é uma comunidade Baniwa, mas ela é conhecida pela grande cachoeira, *Hipana*, que fica no local, onde há pedras com desenhos (petroglifos). Esta cachoeira guarda a mais importante fase da história Baniwa, a “origem” e, por isso, o local que, como apontei acima, é conhecido como “*Hekoapi Hiepolekoa*” que significa o “Umbigo do Mundo”. Mas essa não é a única versão de origem da humanidade para os Walimanai que é como nós Baniwa nos autodenominamos, por isso é importante dizer que aqui estou escrevendo a partir da narrativa que me foi contada por meu pai Francisco Luiz Fontes, clã Waliperidakenai.

Foi na cachoeira de *Hipana* que os “chefes” dos clãs Baniwa, como Dzawinai, Waliperidakenai, Hohodeni e outros saíram, diante da fumaça do tabaco dos irmãos Ñapirikoli, Heeri e Dzooli. Depois que saíram do “buraco de origem”, cada grupo recebeu um território para ocupar. Os Hohodene ficaram com o território do alto Aiari, os Dzawinai com a região central do Içana (conhecido como médio Içana atualmente); e os Waliperidakenai ficaram com a região do médio-alto Içana, sobretudo, no igarapé Pamáali (onde fica a escola Pamáali atualmente). A seguir viajaremos nesta narrativa para melhor entendimento, desde o seu início:

Depois de todos os acontecimentos, das transformações, Ñapirikoli viu que já não havia nada para fazer, pois tudo já tinha sido feito por ele. Então, ele começa a pensar sobre nós seres humanos. Ñapirikoli chama o *Dzooli* (ele era curador das doenças, o dono do benzimento e dono do tabaco), e fez uma vara para colocar o seu cigarro em cima, em seguida comeu ipadú, já para nos chamar, então Dzooli disse:

- “Quero que meu filho saia e que seja do clã Hohodene (Clã Inambu)”, no mesmo instante começou a zoar os animais sagrados, vindo de debaixo da terra,

eles vieram até sair para esse mundo, passando pelo buraco da cachoeira de Hipana. Ñapirikoli estava apenas sentado, ouvindo as vozes dos animais sagrados (yurupari), e dizia: “*Madenhali, madenhali, madenhali, madenhali....* Ah! Você é Maoliene”. Ñapirikoli sabia que não era propriamente Hohodene, mesmo sendo da mesma coluna. Eles são os avós dos Hohodene, mas sendo servos. Em seguida, saíram outros, juntos aos animais sagrados que diziam: “*Molé, Molé, Molé, Molé*”. Então, Ñapirikoli disse: “Ah, você é Molédakenai”. Por fim, saiu o chefe, o Hohodene, pois os animais sagrados cantavam: *Hohohohohohohhhohohoho*. Quando Hohodene nasceu, tudo já estava pronto, pois os servos já haviam feito tudo antes de sua saída, ele apenas foi sentar no seu banco e fumar o seu cigarro, pois ele era o chefe. Esse clã dentro da linguagem de benzimento é conhecido como “*Herieni*”(filhos do sol).

Depois dele, saiu o Adzaneni (são Tatu-Tapuia), e depois disso ainda nasceu os Komadaminanai (Pato-Tapuia), ambos falantes de língua Coripaco do Alto Içana, que Baniwa e koripako são línguas diferentes, mas que é possível que seus falantes se entenderem sem problemas.

Os dois que nasceram depois do chefe são considerados os irmãos novos dos Hohodene. Lembrando que todos saíram com animais sagrados (yurupari). Os Hohodene são os primeiros filhos do sol, os filhos do sol, eles são considerados filhos do Heeri (o Sol). Enfim, Maoliene, Moledakenai, Hohodene, Adzaneni e os Komadaminanai são do mesmo pilar, sendo dividido em questão hierárquica.

[O nosso avô Dzooli tinha tabaco, mas além do nosso avô Dzooli, temos outros que são: Mahlena, Hipathayri, Hipaniri. Eles são os nossos primeiros antepassados, dos Waliperidakenai. Do mesmo modo que os Hohodene se consideram os filhos do sol, pois são filhos de Heeri, nós Waliperidakenai nos consideramos os filhos de Dzooli ou Dzoolíferi, o irmão de Ñapirikoli.]

Dzooli pegou cigarro e soprou no buraco e disse: - “Agora quero que saia Waliperidakenai”, na mesma hora ele veio vindo de debaixo da terra, junto com seus animais sagrados. Quando saiu o Ñapirikoli falou, pois ele reconhecia através do som dos animais sagrados que tipo de animais eram: - “Ah, você é *Koteroene*

(abelha)”, mas sendo coluna de Waliperidakenai, ele se tornou o irmão mais velho, “Você fará banco antes do seu chefe”.

Dzooli pegou o seu cigarro de novo, soprou e, na mesma hora, eles vieram saindo, junto com seus animais sagrados. Quando Ñapirikoli viu, disse: - “Ah! Você é *Awadzoronai*, será responsável de fazer cigarro e levar para seu chefe fumar”, assim foi feito.

[Todas as vezes que as pessoas saiam do buraco, o Dzooli soprava seu cigarro no corpo deles e na cabeça. Nós também fazemos isso quando uma criança nasce, porque nós indígenas Baniwa nascemos do cigarro e não pudemos deixar, porque isso veio desde a nossa origem e do nosso nascimento. Com esse gesto, o Dzooli já nos dava nome de benzimento para cada clã]

Por fim, veio o chefe. Dentro da linguagem de benzimento somos conhecidos por *Dzoliene* (filhos de *Dzooli*). Quando saímos Ñapirikoli disse: - “Você é *Waliperidakenai*”. Quando ele saiu para este mundo, tudo estava pronto, o seu banco e o seu cigarro, pois os servos já tinham feito tudo para receber seu chefe. Então o *Hohodene* e o *Waliperidakenai* sentaram no pátio e começaram a conversar, pois eles são cunhados. “Agora vou chamar seu irmão menor”, e saio o *Tokedakenai* (clã vagalume), “Agora vou chamar mais um que vai ser irmão menor”, e veio o *Tomieni* (clã *Ttóme*, em Baniwa esta é uma formiga não comestível), eles moram no rio Cuyari, estes são cunhados dos *Dzawinai*. Por fim, chamou mais um e dessa vez veio o *Talidza* (os *Tariano*). Da nossa coluna ainda vieram os *Cubeo* que chamamos de *Dzolemeni* (*Jiboia-Tapuia*).

*[Quando saíram todos os clãs Baniwa e Coripaco, além de outros povos existentes, a humanidade em geral já estava na terra, que somos nós. Nossos parentes Tukano e outros povos também nasceram desse buraco, o “Umbigo do Mundo”, assim como nós também entramos na canoa de transformação. Na verdade, todos saíram desse lugar, Hipana, mas a partir daí fizemos uma viagem toda até Onidiaka (Oceano) e depois retornamos para a nossa região, onde cada povo foi ficando no seu devido território. Com isso meu pai em breve relato citou que: O clã *Kotteeroeni* são nosso irmão maior, responsável de fazer nosso “banco”, o clã *Awadzoronai* são os que fazem o nosso*

“cigarro” e o *Wapipere-dakenai* é o “chefe”, e o clã *Tokedakenai* são nossos irmãos menores, e assim por diante, temos ainda irmãos menores que isso.]

Depois do nosso nascimento, Ñapirikoli nos deu banho no poço da cachoeira de Wapui (*Hipana*), que fica do outro lado do rio, no remanso, um lugar chamado *mapaali* (cana igarapé ou igarapé de cana). No mesmo instante, ele foi buscar os *yalanawi* (brancos), pois já sabiam da sua existência, ele trouxe duas larvas (*tapurus*), um branco e um moreno. Quando Ñapirikoli chegou em Wapui-Cachoeira ele os transformou em pessoas. Ñapirikoli deu banho primeiro nos brancos (por isso que os brancos tem essa cor), em seguida nos indígenas e por último na pessoa negra. No primeiro banho a água estava limpa, no segundo banho, nos indígenas, a água já estava suja, mas quando lavou o negro, a água estava muito suja. É por isso que somos assim. Cada um com sua cor.

Após isso, Ñapirikoli nos deixou em Wapui (*Hipana*), pois todos estavam num mesmo lugar, não tinha mais com que se preocupar, tudo estava feito. Então pensou em como fazer para distribuir o seus filhos para o mundo todo. Aqui começa a viagem na canoa de transformação rio abaixo, pois Ñapirikoli era sabedor do território de cada clã, a nossa casa de espírito para onde retornamos após a morte.

O clã *Hohodene* e seus descendentes, irmãos maiores e menores, ficaram para ocupar o território da cabeceira do Waraná, local chamado em Baniwa de *Pothópana*, em língua geral é *akutíwáya rúka*, quer significa “*casa de cutiaia*”. Então chamou o *maíwa* (*anaconda*), e disse: - “Você vai deixar os meus filhos em suas casas, onde vão dominar seus territórios sagrados”.

O clã *Waliperidakenai* e seus descendentes, irmãos maiores e irmãos menores, saíram da canoa na altura do igarapé Pamáali, quase no alto do rio Içana, Ñapirikoli nos disse: - “Você e seus descendentes, essa será a casa de vocês após a morte. Este será o seu território, esta terra é sua”. Abaixo do igarapé Pamáali existe um outro igarapé, cujo nome é *Waraná*, também dito *dzokoali*, e nos disse novamente, “Este é o seu território”.

Eles seguiram a viagem na canoa de transformação e foram sair em *Kalitarima*, conhecido por nós pelo nome de “*lago Tíwa*”, que fica nas proximidades da comunidade de Juivitera. Ñapirikoli disse para os *Dzawinai*, em língua geral é Yawaraté tapuia (clã Onça), “Este será o seu território e dos seus descendentes. Nesse lugar tem muito peixe”. Para os *Moliweni e Parrattana* que moram no Médio Içana (Tunuí a Nazaré), “Vocês vão dominar aquele território”, disse Ñapirikoli a eles.

Até aqui havíamos viajado na canoa de transformação que era uma anaconda, mas a partir deste ponto a canoa de transformação se transforma em um pássaro chamado de *Parra*. O Ñapirikoli já sabia onde seria o território deles, e foi embora esperar para ver e ouvir. Então, Ñapirikoli os ouviu vindo e o pássaro dizia *Parrá, parrá, parrá, parra...* assim dizia o maíwa, vindo por cima, voando em forma de pássaro, com aparência de uma garça. Ñapirikoli em pé estava ouvindo e disse: - “Esses que estão vindo serão Parrátana”, pois assim dizia o pássaro. Eles ficaram na serra de Cáapi, lá é a casa do espírito do clã Parrátana e seu território.

Ñapirikoli olhou e disse: “Agora vocês *Kowaidakenai (yurupari tapuia)*, ficarão na cabeceira do igarapé Kumã”, em Baniwa chamamos *Iwidzoliari*, abaixo da Comunidade Wanaliana, “Essa será a casa de vocês quando morrerem vão dominar este território, junto aos seus cunhados de clã Parrátana”.

Assim foi indo. “Vocês”, disse aos clãs Arara, mas em Baniwa chamamos de *Makerinai*, que também são ao mesmo tempo clã onça, “Vocês vão morar em *Amanali*, na serra do *Adaaro Dzapani (serra da Arara)*”, esse é um igarapé chamado de *pirayawára igarapé apíra (cabeceira do igarapé boto)*, na região do Médio Içana.

Outros foram sair em Ipanoré (rio Waupés). Outros foram sair com Makokó igarapé, um afluente do rio Tiquié. Outros foram sair em Turí Igarapé, afluente do rio Papurí. Outros foram sair em Aracapá, no rio Papurí. Assim, foi realizada toda a distribuição de todos os clãs e povos. Ñapirikoli fez isso em toda região, deixando cada um em seu território específico, para ser dominados por cada povo. Todas as vezes que houver um estrondo ao meio do dia ou ao

entardecer, é sinal que alguém de um determinado povo faleceu, a depender de onde o estrondo aconteceu, sabemos qual povo perdeu um parente, porque sabemos da existência das casas dos mortos de cada clã e onde fica.

[Nascemos em Wapui–Cachoeira (Hipana), assim como os demais povos. Quando Ñapirikoli trouxe os Brancos, Dzooli não foi soprar tabaco neles, porque eles eram feitos, eles nasceram do corpo podre do maíwa (anaconda) em forma de tapuru (larva), aquela chamada cobra mutum chamada Koittínawheri que ele mesmo matou em Onidiaka (oceano), quando foi engolido por ela (vimos isso no capítulo 5). Ñapirikoli foi buscar eles depois, quando já eram larvas, é por isso que os Brancos não têm alma e nem espírito, eles não tem cigarro, pois nasceram sem nada e sozinhos. Meu pai disse: - “Yawearãma iwasú kariwa ipitá saruwã”, que quer dizer, “é difícil ver um homem Branco passar mal quando come peixe cru ou quando come carne mal passada”. Ele disse também “Iwasú rema maíwa umundí aintá”, quer dizer, “É raro ver algo acontecer com elas e eles”, se referindo aos resguardos de pós-parto, menstruação para as mulheres, “Os seres invisíveis não lhes fazem mal, pois os Brancos tem o mesmo corpo que estes seres, são eles próprios, eles nasceram da anaconda. É por isso que tudo que fizerem em relação a estes seres, nada vai lhe fazer mal, pois são da mesma espécie que eles”. É por isso que nós indígenas nunca seremos Brancos, e nem fazer esse papel, pois nós nascemos com cigarro.]

Os brancos cresceram junto com os demais povos em Wapui, no “Umbigo do Mundo”, onde foram transformados em pessoa. Aos longos da convivência, os Brancos começaram a mandar os outros (indígenas) a pegar coisas para eles, quando precisavam de algo. Eles pediam para os nossos avós pegarem e trazerem as coisas para eles. Eles queriam ser os chefes dos demais, serem os donos (patrões). Assim era. Ñapirikoli ficou apenas os observando, quando viu que os Brancos queriam dominar os seus filhos, pensou: - “Ah! Eles não prestam, se ficarem aqui, daqui um dia explorariam os meus filhos”. Então, Ñapirikoli chamou e disse: - “Olha vocês não prestam, pois não sabem respeitar os seus irmãos, querem explorá-los em seu próprio território, a vocês apenas adotei como filho, mas vejo que vocês são muito ingratos com os seus irmãos”. Vocês querem saber apenas do seu bem e do seu interesse individual, os meus filhos, assim como

vocês, foram ensinados a pensar em coletividade, ensinei a vocês tudo isso, mas não aprenderam nada com os meus ensinamentos.

Agora, vocês vão voltar para o mesmo lugar de onde nasceram, agora vão crescer naquele lugar mesmo de onde vieram e vão dominar lá”. Assim fez. Ñapirikoli construiu para eles uma canoa e, terminando isso, colocou os dois na canoa e disse: - “Agora vão embora. Devolvo vocês daqui para local de onde nasceram e de onde vieram, mas um dia vocês retornarão para esse lugar, onde cresceram”, disse Ñapirikoli aos dois meninos Brancos.

[Nós nascemos da Cachoeira de Wapui, viajamos dentro de uma anaconda que era a nossa canoa de transformação, depois ela se transformou em um pássaro, no qual viajamos voando, fomos ficando cada um em seu território próprio e específico para cada clã e seus descendentes. Esse mito nos ajuda a entender por que somos frágeis em questão do corpo, pois nós nascemos com cigarro benzido, e hoje isso continua existindo. Mas com o cigarro nós nos protegemos dos seres visíveis e invisíveis, temos outras formas de proteção. Em relação ao parentesco, consideramo-nos conforme os nomes de consideração por parte de pai e por parte de mãe. Carregamos o clã do nosso pai, mas este clã para mim que sou mulher fica apenas comigo, pois quem leva adiante o nome do clã são os filhos homens, nós mulheres multiplicamos outros clãs.

Mas eu, só pelo fato de ser filha de um Waliperidakai me sinto honrada com isso, de saber das coisas que aprendi com os meus avós maternos. Estes são ensinamentos para vida toda. Meu finado avô materno era do clã Pacú, a minha finada avó materna é Komadaminanai (pato), minha mãe é de clã Pacú, meus dois irmãos são Waliperidakenai, meus filhos são Komadaminani (patos), meus bisavós e avós paternos eram Hohodene. Sou de uma linhagem de muitas histórias, carrego nas veias o sangue destes clãs, falo com propriedade sobre isso, pois nasci e cresci ouvindo isso.

Depois de muito tempo hoje temos vários antropólogos, geógrafos, historiadores, sociólogos, além de outros brancos, que há muito tempo já retornaram para a região onde eles cresceram junto com a gente, o “Umbigo do Mundo”. Aquela profecia feita por Ñapirikoli de fato se concretizou, a de que os brancos voltariam, já há muito tempo. Ele já sabia desde o início que isso aconteceria. Nesse mundo, nem todos os Brancos são ruins e individualistas, cada pessoa tem sua personalidade, alguns têm coração e alma

de um indígena e nós as reconhecemos de longe, pois são e sempre foram considerados irmãos, pois nos criamos juntos. Assim como eles dão a vida por nós em lutas, também damos a vidas por eles, eles podem ganhar nosso reconhecimento e respeito e, assim também, quando eles (Branços) morrem, nós os levamos para nossa casa de espírito. Assim é a nossa vida, com grandes mistérios, moramos em várias camadas com divindades existentes em nossos mundos.]

Aqui termina essa história da origem da Humanidade. Lembrando que Ñapirikoli simplesmente desapareceu de cena, não morreu na outra vida e nem nessa vida, ele apenas ficou invisível, mas temos a plena certeza que ele continua e está em nosso meio, nos protegendo. É um grande mistério. Dzooli ficou aqui mesmo, se transformando em uma grande pedra, na mesma posição, sentando benzendo e soprando cigarro enquanto cada pessoa saía da terra, chamando cada clã do “umbigo do mundo”.

Mas lembrando que quem nasceu primeiro neste lugar, da vagina de pedra, foi o Kowai que depois reencarnou e ficou com a aparência dos animais sagrados que temos hoje em dia. Assim, finalizo um pouco da narrativa sobre a minha ancestralidade e sobre o meu povo. Essas histórias para nós são reais, por isso não são histórias dos nossos antepassados, são as nossas histórias. Continuamos resistindo e praticando os nossos rituais e falando sobre tudo o que aconteceu, sempre respeitando o outro. Finalizo com um gráfico sobre as formas de consideração segundo a tradição Baniwa. E as formas corretas para chamar, não por nome mais por nome correto, segundo a nossa tradição: para meu irmão mais velho eu digo “*padzophé*”; para meu irmão menor eu digo “*Paithéna ou babá*”; para irmã do meu pai digo “*koikoi*”; para irmã da minha mãe digo “*ñañami*”; e para irmãos da minha mãe digo “*kiki*”, assim é que nós nos chamamos.

CONCLUSÃO

Com esse estudo eu procurei demonstrar a importância da compreensão de como se deu a formação do universo na perspectiva das mitologias Baniwa, explicando as criações e as transformações no mundo. Minha pesquisa buscou de forma colaborativa valorizar saberes milenares que servem para a compreensão do mundo atual. Quando registramos narrativas mitológicas, passamos a entender como tudo aconteceu na constituição do nosso mundo e sua relação com os *madzeros* (pajés e benzedores). Eu quis nesta pesquisa demonstrar a importância de conhecer, saber e reconhecer essas narrativas de origem, bem como valorizar esses saberes para que seu sentido seja realmente agregado aos valores sociais e culturais Baniwa.

Essas narrativas mitológicas são hoje muito importantes em nossas vidas, pois entendemos os seus significados e suas consequências. Antigamente a prática dos mitos era bastante forte, pois os mitos são os que regem a nossa vivência, seja ela no preparo do corpo, da mente e do bem-estar na vida. Para nossos antepassados, bem como nossos bisavôs e bisavós, avôs e avós, tios e tias, e assim por diante, as regras eram seguidas ao pé da letra, tudo tinha que ser como é. Por exemplo: tomar banho às 3 horas da manhã, depois vinham centenas de coisas que poderiam ser feitas e as que não poderiam ser feitas. Tudo isso ajudava a manter o cumprimento dessas práticas e de fato o resultado era inacreditável. Então, o significado das mitologias tem um papel fundamental, pois norteia e rege a nossa vida em nosso mundo indígena.

Se formos fazer uma análise do tempo, antes tudo era muito mais rígido na prática, mas hoje mudou com a presença religiosa, seja da igreja evangélica ou católica. A chegada da igreja teve um impacto muito grande, a ponto de destruir tudo que tínhamos em relação as práticas culturais. O estrago foi tão grande que não tem como não sentir remorso, por tudo o que fizeram com as grandes casas onde os nossos avôs faziam seus rituais, suas danças, suas cantorias, onde tinham adornos, colares de dente de onça, seus cocares feitos com pena de arara, onde guardavam os instrumentos musicais. Além de queimar tudo, os missionários tanto católicos como evangélicos proibiram as nossas práticas, eles roubaram os nossos adornos rituais e trouxeram com eles para seu mundo.

É por isso que hoje esta nossa riqueza está nos museus, como dizia meu pai, “estão no estrangeiro”.

Com todo o estrago que foi feito, eles ainda nos apresentaram a “bíblia”, dizendo que a nossa crença e os nossos rituais eram coisas do diabo e que a religião deles era de fato verdadeira. Diziam que o messias (Jesus) nos salvaria. Além das religiões que nos foi imposta, tivemos que conviver com a presença de escolas de brancos, obrigando a todos um processo de adaptação a realidades que até então não faziam parte do nosso mundo. Todos esses acontecimentos nos obrigaram a deixar de lado a nossa religião, os nossos deuses, os quais nos curam dos seres de outros mundos. Ocorreu uma morte inconsciente das perdas das nossas práticas culturais e ritualísticas, nossos filhos foram crescendo já em um outro momento. Continuamos sim, enquanto povo Baniwa, mas já não é a mesma coisa que havia há 300 anos atrás.

A importância dessa pesquisa é justamente ter escrito, transcrito e realizado comentários sobre o significado do mito para os jovens de hoje, servindo assim como material didático para as escolas, justamente para saber a importância e o entender do porquê todo ato tem consequências. Os Baniwa hoje são religiosos, mas praticantes de sua cultura, somos ricos em conhecimento, pois entendemos que estar nesses dois mundos nos ajuda a nos fortalecer culturalmente e politicamente. Com essas preocupações surgiu então o nosso interesse em levar o nosso conhecimento a outras instâncias, lugares ideais para debater e discutir com pessoas sobre nós mesmo. Precisamos ser os portadores de nossas próprias falas, sobre nós mesmo. É desafiador estar no mundo acadêmico, mas as inquietações sobre o meu povo me levaram a escrever. A partir desses desafios, o de falar sobre o nosso mundo, é que escrevo o que penso, em um processo que procura a construção de outra antropologia.

É, portanto, fundamental manter-se vivo, preservar o conhecimento tradicional, as narrativas mitológicas, para continuarmos explicando o porquê da existência do mundo e de todas as coisas, como o conhecimento técnico e científico. Estamos sempre em busca do “Bem Viver e Viver Bem” em nosso território, fundamentada na experiência de “poder-saber-fazer”.

A presença indígena nas universidades é um assunto que rende muitas discussões e estudos, suscitando “esperanças” em várias áreas de conhecimentos. A tradição

intelectual indígena de ver, pensar, organizar, enxergar o mundo, relacionar, perceber as mudanças do tempo e da sociedade, é o avesso da política do conhecimento na universidade, ela está ancorada numa outra epistemologia que não é aquela que aprendemos nas escolas e nas universidades convencionais. Da mesma forma como a ciência, os sistemas de conhecimentos indígenas são complexos, tendo como fios condutores a cosmologia e a cosmopolítica. Eles são transmitidos de maneira organizada como teorias de conhecimento no espaço e no tempo específico. Apesar da carga de conhecimentos aprendidos no seio de nossas sociedades, nós estudantes indígenas no universo da universidade somos tratados muitas vezes como sujeitos de “tábula rasa”, que estão sempre no polo dos aprendizes, carentes de conceitos e sem epistemologia própria.

O ponto de partida é: Existe a possibilidade de “transgressão” dos alunos indígenas para construção de um pensamento “nativo”, mesmo estando na estrutura de universidade? Será possível aprender a filosofia indígena, utilizando os métodos científicos como instrumentos de sistematização dos conhecimentos indígenas?

Para começar, nós indígenas temos que estar cientes de que a escola e a universidade não são espaços próprios de produção de pensamento e práticas indígenas. Sendo assim, não formará operadores do pensamento indígena, tais os como os pajés, estes especialistas são vitais para as sociedades indígenas, possuindo o papel de produzir, acumular, transmitir e disseminar conhecimentos para formar novos especialistas. Este é o caso na região do Alto Rio Negro. Por outro lado, a universidade pode oportunizar a pensar o pensamento indígena, na medida em que os mecanismos e métodos científicos podem servir como instrumentos para compreender as cosmologias e produzir os conceitos propriamente “nativos”, possibilitando um diálogo simétrico entre os modelos de conhecimento. Mas para isso acontecer é necessário que nós indígenas tenhamos bastante consciência de que o simples ingresso na universidade não assegura colocar nossa epistemologia e nossas ideias em pauta na sala de aula e nos Programas de Pós-Graduação.

A natureza da epistemologia indígena

Existe um interesse muito grande de especialistas indígenas (pajés) traduzirem os conhecimentos através de escrita, disto decorre um esforço enorme de tentar traduzir as cosmologias ou as ontologias indígenas. A coleção de *Narradores Indígenas do Rio Negro*, organizada pela FOIRN, e o livro *A Queda do Céu*, do pajé Yanomami Davi Kopenawa, são exemplos de obras que expõe o sistema de conhecimento indígena via a escrita. O desejo de seus autores parece ser destacar o pensamento e sua complexidade, isto é, as bases filosóficas e ontológicas dos conhecimentos indígenas. O fio condutor é considerar que o cosmo é habitado por humanos, onde eles estão conectados num sistema de relação de interdependência. Cada categoria de humanos tem seu tipo específico de conhecimento, de perceber o mundo, de intervir entre si, e atuar indistintamente. As relações entre os humanos e os humanos de diferentes domínios do cosmos se fundamenta no intercâmbio recíproco de vitalidade. Um dos ingredientes dessa relação é o conflito. Se o intercâmbio for violado, pode provocar vingança por uma das partes, causando mortes. Para isso, os especialistas (pajés) aparecem como os principais intermediadores de comunicação entre os diferentes humanos dos diferentes espaços e domínios/ambientes do cosmos. A construção de uma relação cosmopolítica é uma necessidade imprescindível do ponto de vista desses autores.

Na mesma linha de interesse, muitos estudantes e pesquisadores indígenas já desenvolveram estudos sobre suas cosmologias, tomando os seus pais ou membros do seu grupo social como informantes. Mesmo assim percebe-se que a produção destas dissertações ou teses estão ainda balizadas pelos conceitos de “sociedade”, “cultura”, “religião”, “identidade”, “magia”, “sistema de parentescos”, noções que são compartilhadas na academia, a partir dos estudos de pesquisadores não indígenas.

Reinventando os métodos científicos é possível fundamentar as análises das mitologias com conceitos e categorias indígenas, produzindo um pensamento com uma linguagem capaz de abrir um diálogo simétrico com a ciência. Mas para a universidade isso implica em repensar o modelo e suas estruturas, isto é, não somente pensar no sentido de “facilitar” a entrada de indígenas, mas de criar mecanismos que estimule melhor “explorar” no sentido de ouvir mais, ao pensamento indígena. Tal esforço significa formar

jovens estudantes indígenas capazes de refletir seus pensamentos, sobretudo os programas de Pós-graduação.

Os especialistas indígenas são eternos pensadores, sentados individual ou coletivamente, analisam as transformações sociais, os conflitos, as intrigas, as discussões, as desintegrações dos grupos, as saídas das famílias do lugar, as mudanças nos sistemas de casamentos. Analisam as influências externas, tais como músicas, educação, empregos, influência de bebida alcoólicas e seus efeitos. Desintegração de sistema de tratamentos pessoais e nominais. Apontam o desinteresse dos jovens indígenas em aprender seus próprios conhecimentos. Analisam as mudanças de tempo, do desequilíbrio dos bioindicadores do clima, do excesso de chuva, da cheia, do excesso da seca, da escassez de peixes e da caça. Analisam o excesso de raios e trovoadas, dos surtos de doenças, das picadas de cobras, dos acidentes fatais. Preocupados, entram em ação colocando em operação os seus conhecimentos de benzimentos para mitigar os problemas. Enfim, hoje as universidades, ou parte delas, estão dispostas a discutir e a nos ouvir mais, e assim pensar coletivamente o que nós queremos.

O resultado da interação entre pesquisadores e pesquisados, num exercício de reflexividade, mostrou que a natureza dos conhecimentos pertence a domínios distintos. Isto significa que para traduzir os conhecimentos indígenas é necessário buscar outros termos e descolonizar o pensamento para melhor mergulhar nos nossos conhecimentos, distanciando dos conceitos euro-americanos.

Enfim, temos que assumir que o que nós, estudantes indígenas, estamos fazendo dentro das universidades não é o mesmo que nos formar em especialistas de acordo com o nosso modelo tradicional. O que estamos fazendo é outra coisa, e não podemos cair nas armadilhas de traduzir nossos conhecimentos de forma simplória, cedendo ao reducionismo científico. Creio que traduzir as palavras, seja diferente de traduzir o pensamento.